

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ELIABE SIMPLICIO DA SILVA

**ENTRE O EVANGELHO E A CULTURA: PERCURSO INTELECTUAL DE JOSÉ
TOLENTINO MENDONÇA**

CAMPINAS

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ELIABE SIMPLICIO DA SILVA

**ENTRE O EVANGELHO E A CULTURA: PERCURSO INTELECTUAL DE JOSÉ
TOLENTINO MENDONÇA**

Dissertação apresentada como exigência
para obtenção do Título de Mestre em
Ciências da Religião, ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Religião
da Pontifícia Universidade Católica de
Campinas.

Orientador: Dr. Jefferson Zeferino

Linha de Pesquisa: “Religião:
Instituições e Discursos”

CAMPINAS

2025

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

	Simplício da Silva, Eliabe
S586e	Entre o Evangelho e a cultura : percurso intelectual de José Tolentino Mendonça / Eliabe Simplício da Silva. - Campinas: PUC-Campinas, 2025. 193 f. Orientador: Jefferson Zeferino . Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Capinas, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2025. Inclui bibliografia. 1. José Tolentino Mendonça . 2. Evangelho . 3. Cultura .

ELIABE SIMPLICIO DA SILVA

Entre o evangelho e a cultura: percurso intelectual de José Tolentino Mendonça

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 25 de fevereiro de 2025.

Assinado por: **Alex Vicentim Villas Boas**
Num. de Identificação: 18058026
Data: 2025.03.07 12:27:08 +0000

PROF. DR. ALEX VILLAS BOAS (UCP)



PROF. DR. MARCIO CAPPELLI ALO LOPES (PUC-CAMPINAS)



PROF. DR. JEFFERSON ZEFERINO – PRESIDENTE (PUC-CAMPINAS)

A meu estimado filho, Bento Félix
Simplicio, com todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, minha fonte eterna de inspiração. Agradeço também à minha esposa, Surama Félix Simplicio, por sua compreensão diante das minhas constantes ausências e deslocamentos, essenciais para a conclusão deste projeto. Agradeço ao meu filho, Bento, por trazer alegria e motivação a cada manhã. Aos meus pais, Luis Simplicio e Marina Paulino Simplicio, sou imensamente grato pela educação, pelo incentivo aos estudos e pela introdução ao mundo da arte. Agradeço aos meus irmãos, Maxmael Simplicio e Jafé Simplicio, por seu apoio constante à minha trajetória acadêmica.

Sou também grato à Universidade Pontifícia Católica de São Paulo (PUC-SP), onde concluí minha graduação, e especialmente por um evento promovido por essa instituição, no qual tive o privilégio de conhecer o Cardeal José Tolentino Mendonça em 2016. Seu discurso instigante despertou em mim o interesse por sua obra, que passou a influenciar profundamente meu modo de pensar. Agradeço-lhe imensamente por sua vida e seus escritos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), pelo acolhimento e pela aprovação no mestrado, em especial ao coordenador, Dr. Douglas Ferreira de Barros.

Minha sincera gratidão ao meu orientador, Prof. Dr. Jefferson Zeferino, por sua dedicação à minha pesquisa. Suas correções e sugestões foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, e cada contribuição se tornou indispensável para minha formação como pesquisador acadêmico. Agradeço ao Dr. Alex Villas-Boas pelas aulas ministradas durante minha graduação e pelas conversas que tivemos na PUCPR sobre uma possível pesquisa sobre Tolentino, o que foi crucial para a realização deste estudo. Agradeço ao Dr. Marcio Cappelli, com quem conversei sobre o projeto antes de iniciar o processo seletivo; suas sugestões me estimularam a seguir adiante e possibilitaram minha entrada na pós-graduação. Agradeço também ao meu psicanalista, Eduardo Nunes Teixeira, que além de ter sido meu professor de teologia quando entrei no seminário teológico Batista, sempre me incentivou a vida acadêmica e acreditou no meu potencial, o que foi crucial para que eu seguisse firme em minha trajetória.

Por fim, agradeço aos colegas e professores do mestrado pela interação e envolvimento nas discussões e pesquisas. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Não, não é fácil escrever.
É duro como quebrar rochas.
Mas voam faíscas e lascas
como aços espelhados.*

Clarice Lispector

RESUMO

A presente pesquisa dedica-se à análise da produção literária e intelectual de José Tolentino Mendonça, figura multifacetada que atua como poeta, ensaísta, teólogo, professor e sacerdote da Igreja Católica. Em 2023, foi designado Prefeito do Dicastério para a Cultura e Educação, e tem se destacado como relevante figura no pontificado de Francisco. O objetivo central desta pesquisa é investigar a sua obra, com a finalidade de identificar e analisar os principais temas que a atravessam, bem como as possíveis chaves de leitura que ele oferece. Para alcançar esse propósito, propõem-se os seguintes objetivos específicos: primeiramente, mapear a produção literária do autor, com especial atenção para as obras de caráter ensaístico. Em um segundo momento, realiza-se uma reflexão a partir da análise de suas pesquisas de mestrado e doutorado sobre o conceito de *indeterminação*, formulado por Roman Ingarden e retomado por teóricos das teorias da recepção, com ênfase no papel do leitor que é convocado a participar ativamente da interpretação do texto. Por fim, a pesquisa concentra-se na análise de temas recorrentes em sua obra, como espiritualidade, amizade, cotidiano, fragilidade humana, entre outros, a fim de proporcionar ao leitor possíveis chaves interpretativas que favoreçam uma compreensão ampliada da produção do autor. A metodologia adotada é de natureza bibliográfica. A pesquisa contribui com a reflexão crítica a respeito de um autor que se prova figura de relevo no catolicismo atual e com significativa contribuição no campo acadêmico e, sobretudo, alguém que dialoga com o humano na atualidade.

Palavras-chave: José Tolentino Mendonça. Indeterminações. Leitor. Mística do instante. Vulnerabilidade.

ABSTRACT

This research is dedicated to the analysis of the literary and intellectual production of José Tolentino Mendonça, a multifaceted figure who acts as a poet, essayist, theologian, professor, and priest of the Catholic Church. In 2023, he was appointed Prefect of the Dicastery for Culture and Education and has stood out as a significant figure in Pope Francis' pontificate. The main objective of this research is to investigate his work in order to identify and analyze the key themes that run through it, as well as the possible interpretative keys he offers. To achieve this purpose, the following specific objectives are proposed: first, to map the author's literary production, with special attention to his essays. In the second phase, a reflection will be made based on the analysis of his master's and doctoral research on the concept of indeterminacy, formulated by Roman Ingarden and revisited by reception theory theorists, with an emphasis on the role of the reader, who is called to actively participate in the interpretation of the text. Finally, the research focuses on analyzing recurring themes in his work, such as spirituality, friendship, daily life, human fragility, among others, in order to provide the reader with possible interpretative keys that foster a broader understanding of the author's production. The methodology adopted is bibliographical in nature. The research contributes to critical reflection on an author who proves to be a prominent figure in contemporary Catholicism and has made significant contributions in the academic field, and above all, someone who engages with the human experience in the present day.

Keywords: José Tolentino Mendonça, Indeterminacies, Reader, Mysticism of the Moment, Vulnerability.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A OBRA DE JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA: UM MAPEAMENTO.....	16
2.1 TOLENTINO NA UNIVERSIDADE	16
2.1.1. ARTIGOS EM PERIÓDICOS ACADÊMICOS	17
2.1.1.1. Interpretação bíblica	17
2.1.1.2. Paulo de Tarso.....	20
2.1.1.3. O Evangelho de Lucas	22
2.1.1.4. Religiosidade contemporânea.....	23
2.2 O JORNAL EXPRESSO	24
2.2.1. Está tudo interligado	26
2.2.2. O Natal é para alavancar, destapar e reconfigurar	26
2.2.3. Quaresma: um caminho	28
2.2.4. Advento: Deus veio e vem a cada momento.....	29
2.2.5. Educação para a Esperança.....	30
2.2.6. Síntese.....	31
2.3 OBRA POÉTICA	32
2.4 OUTRAS OBRAS	35
2.4.1. A construção de Jesus	36
2.4.2. A leitura infinita	37
2.4.3. As estratégias do desejo	39
2.4.4. O hipopótamo de Deus e outros textos.....	40
2.4.5. O tesouro escondido	41
2.4.6. Pai nosso que estais na terra	42
2.4.7. Nenhum caminho será longo	45
2.4.8. A mística do instante.....	46
2.4.9. Libertar o tempo	48
2.4.10. Elogio da sede.....	49
2.4.11. O que é amar um país	59
2.4.12. O pequeno caminho das grandes perguntas	61
2.4.13. Metamorfose necessária	63

2.4.14. Demais obras	65
2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	68
3 UMA INTRODUÇÃO LACUNAR AO PENSAMENTO DE JOSÉ TOLENTINO	
MENDONÇA.....	70
3.1 A TRAJETÓRIA ACADÊMICA ENTRE O OUTRO E JESUS	70
3.1.1. Notas sobre “o outro que me torna justo”	71
3.1.2. Notas sobre “A construção de Jesus”	74
3.1.3. Síntese.....	86
3.2 AS INDETERMINAÇÕES E O LEITOR	86
3.2.1. Indeterminações: A leitura infinita	87
3.2.2. Indeterminações: A construção de Jesus.....	89
3.2.3. Leitura e leitores	90
3.2.4. Ler Jesus	94
3.3 A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA.....	96
3.3.1. A Bíblia: um metatexto	96
3.3.2. Síntese.....	98
3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	99
4 SISTEMATIZAÇÃO DAS IDEIAS-CHAVE NA OBRA DE JOSÉ TOLENTINO	
MENDONÇA.....	100
4.1 A MÍSTICA DO INSTANTE.....	100
4.1.1. Tocar o que nos escapa	103
4.1.2. Buscar o infinito sabor.....	104
4.1.3. Colher o perfume do instante.....	105
4.1.4. Escutar a melodia do presente	107
4.1.5. Olhar a porta entreaberta do instante	108
4.1.6. Uma síntese: Mística do cotidiano.....	109
4.2 ESPIRITUALIDADE CONTEMPLATIVA.....	111
4.2.1. Espiritualidade	112
4.2.2. Oração	114
4.2.3. Silêncio	119
4.3 TEOLOGIA DA AMIZADE.....	122
4.3.1. Amizade	122
4.3.2. Amizade no texto bíblico	123

4.3.3. É possível descrever a amizade?	125
4.3.4. Amizade com Deus	126
4.3.5. Amizade ao redor da mesa	127
4.3.6. Amizade: outro valor ao tempo	128
4.3.7. Amizade espiritual	129
4.3.8. Amor à imperfeição	131
4.3.9. A amizade é uma fonte de alegria	132
4.3.10. A amizade é a verdadeira pátria	133
4.4 O TEMPO	134
4.4.1. Libertar o tempo	134
4.4.2. A arte da lentidão	137
4.5 VULNERABILIDADE E FRAGILIDADE	141
4.5.1. Sobre o uso do termo vulnerabilidade	141
4.5.2. A fragilidade de Deus	143
4.5.3. A fragilidade humana	146
4.5.4. Amar pela Fragilidade	151
4.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO	153
CONCLUSÃO	155
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICE	173
Inventário das obras de José Tolentino Mendonça	173
Artigos e capítulos de livro publicados sobre José Tolentino Mendonça	173
Artigos de José Tolentino Mendonça	175
Revista Expresso	176
Poesias	190
Outras obras	191

1 INTRODUÇÃO

Em 2012, a Revista *Expresso* de Portugal destacou José Tolentino Mendonça como um dos 100 portugueses mais influentes¹, reconhecendo sua vasta obra que facilita o diálogo entre teologia, religião, literatura e arte em geral. Nasceu em 1965, em Machico, na Ilha da Madeira, Portugal. Concluiu seu doutorado em teologia bíblica, com parte dos estudos no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, e exerceu a função de docente na Universidade Católica Portuguesa em Lisboa (Expresso, 2023)². Mendonça é poeta, ensaísta e especialista em estudos bíblicos. Foi criado Cardeal pelo Papa Francisco, em 5 de outubro de 2019 e, recentemente, foi anunciado “como prefeito do novo Dicastério para a Cultura e a Educação” (Ecclesia, 2022) da Santa Sé.

Em 1990, publicou seu primeiro livro, *Os Dias Contados*, uma obra poética que marcou o início de um prolífico acervo, que agora conta com mais de 50 livros. Sua produção literária é notável por sua diversidade estética, abrangendo estudos bíblicos, teológicos, ensaios, poesias e teatro. “A nível literário, a sua obra é considerada unanimemente como uma das mais rigorosas e originais da moderna poesia portuguesa, destacando-se também nos campos da espiritualidade, exegese e tradução bíblica” (Ecclesia, 2011). Durante sua passagem pela Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, lecionou *Cristianismo, Cultura e Hebraico*, além de exercer a função de “Capelão da Universidade até 2000” (CCA³, 2019), dirigiu o Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (CITER) na sua fase inicial de implementação (2017-2018), e foi investigador-integrado. Foi durante quase uma década diretor da Revista *Didaskalia* (2005-2013). E investigador convidado na Universidade New York University (Orcid)⁴.

Entre suas obras de destaque está *Elogio da Sede*, fruto de uma série de ensaios discursivos proferidos na semana de retiro do Papa Francisco, juntamente com a Cúria Romana, em 2018. No prefácio deste livro, o Papa Francisco elogia a contribuição de Tolentino, afirmando que todos os presentes foram novamente surpreendidos por sua sabedoria. O Papa expressa sua gratidão pelo serviço prestado, dizendo a Tolentino: “Recorrendo à sabedoria do Evangelho, bem como à sua preparação teológica, à inspiração poética e à sua experiência pastoral e pessoal, conduziu-nos a refletir sobre um dos desafios mais urgentes para a Igreja de hoje” (Mendonça, 2018, p. 9).

¹ <https://www.paulinas.pt/autor/jose-tolentino-mendonca/>

² <https://expresso.pt/50anos/100-personalidades/2023-02-25-span-style-coloire4bb81Jose-Tolentino-Mendonca-span-brAs-sandalias-de-um-pescador-portugues-60e14468>

³ Comunidade Cultura e Arte.

⁴ <https://orcid.org/0000-0001-7959-2739>

Mendonça continua a ser uma figura de destaque no panorama cultural e religioso contemporâneo, inspirando muitos com sua capacidade de integrar diferentes áreas do conhecimento e da experiência humana em sua obra multifacetada.

José Tolentino Mendonça demonstra em seus escritos “uma referência no diálogo com o mundo da cultura, muito além das fronteiras religiosas” (CNC⁵, 2019). Encontramos assim, uma identificação com os três públicos identificados por David Tracy (n. 1939) em uma das suas principais obras, *The Analogical Imagination Christian Theology and Culture of Pluralism*⁶, publicado originalmente em 1981. Tracy dá continuidade aos estudos de Teologia Pública, termo elaborado por Martin Marty em 1974, e apresenta a necessidade de uma comunicação com os públicos da teologia, sendo eles: academia, igreja e sociedade (Sinner; Zeferino, 2024). Tal perspectiva dialógica na obra do autor será demonstrada no decorrer dessa dissertação, destacando-se já no primeiro capítulo, onde é realizado um mapeamento da produção de Tolentino, percebe-se, assim, que este Cardeal, acadêmico, poeta e ensaísta abre frentes de interlocução com e a partir de variados espaços.

O estudo da obra de José Tolentino Mendonça revela uma vasta reflexão sobre a condição humana, a espiritualidade e a transcendência, notadamente por meio da sua poesia e da teologia. A crítica literária destaca a interconexão entre os tempos humano e eterno, na qual a poesia de Tolentino reflete uma busca pelo divino no cotidiano da existência. Tatiana Prevedello, ao analisar seus poemas, observa a fusão da vida com a eternidade, uma busca pela superação da morte pela ligação intrínseca entre os tempos e o infinito, onde o ser humano, ao se relacionar com o divino, adquire uma compreensão mais profunda do mundo (Prevedello, 2016).

Em paralelo, o pensamento teológico de Tolentino, como explorado por José Cândido de Oliveira Martins, oferece uma reflexão profunda sobre a amizade e sua relevância espiritual. A amizade, para Tolentino, é um ato humano imbuído de graça, que reflete os gestos de Deus em nossa relação com os outros. Martins sugere que, para o autor, a amizade vai além do vínculo social, sendo uma escola de relação com Deus, uma espécie de gramática que permite aos seres humanos a vivência da graça através do silêncio, da cumplicidade e da aceitação. Em sua obra, Tolentino transforma a amizade em uma vivência espiritual, pautada pela compreensão, presença e a capacidade de ver o outro na sua vulnerabilidade (Martins, 2018).

⁵ Centro Nacional de Cultura.

⁶ Publicado no Brasil pela Editora Unisinos em 2006, com o título: **A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo.**

Em termos poéticos, Alexandre Honrado destaca que a dimensão do humano na poesia de Tolentino é um caminho para a transcendência, onde o homem, ao procurar o divino dentro de si, entra em uma experiência estética que aproxima sua existência do sagrado. Para Tolentino, a poesia torna-se um veículo essencial para dar voz ao indizível, sendo uma forma de revelar as profundezas da experiência religiosa e da busca pelo divino. Em sua obra, a poesia se mostra um reflexo da alma humana que anseia pela compreensão do transcendente, unindo a arte com a espiritualidade de uma maneira profunda e essencial (Honrado, 2018).

Recentemente, Tolentino também tem sido analisado em diálogo com outros teólogos contemporâneos, como José María Castillo, cuja cristologia foca na humanidade de Jesus e na desumanização do ser humano. A conexão entre as teologias de Tolentino e Castillo está no foco dado à fragilidade humana, que, para Tolentino, é a chave para compreender a presença divina no mundo. O autor sublinha a importância do cotidiano, das relações humanas e da acolhida como manifestações da presença de Deus. Em sua leitura da Bíblia, Tolentino vê na narrativa da mulher samaritana, em João 4, um convite à renúncia à sede, uma metáfora da necessidade humana de transcender suas limitações e encontrar um sentido divino na vida comum. Assim, sua teologia oferece uma visão profundamente humanizada da fé, focando nas realidades concretas das pessoas e na maneira como Deus se revela por meio das fragilidades humanas (Simplicio; Zeferino, 2024).

O conjunto das reflexões sobre a obra de José Tolentino Mendonça apresenta sua contribuição como um ponto de convergência entre a literatura e a teologia, onde a poesia comunica modos de se pensar a relação entre o humano e aquilo que por muitas vezes é denominado como divino. Através de sua obra, Tolentino propõe uma espiritualidade que busca o sagrado no cotidiano, no cuidado com o outro e na acolhida das fragilidades humanas. Sua poesia e teologia se complementam, oferecendo uma visão do ser humano em sua totalidade — nas suas dimensões mais humanas e espirituais —, e buscando promover uma renovação da cultura teológica contemporânea ao colocar no centro da reflexão o cuidado e a compreensão das experiências humanas, especialmente as dos marginalizados (Simplicio; Zeferino, 2024).

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a obra de José Tolentino Mendonça, uma figura de destaque no interior do catolicismo romano, com relevante contribuição para a intersecção entre teologia e literatura e respeitado poeta na sociedade, abordando questões que são pertinentes à contemporaneidade. Nesse sentido, algumas questões centrais surgem, orientando a nossa análise.

Inicialmente, como a formação acadêmica de Tolentino influencia sua produção literária e teológica? Essa indagação possibilita uma investigação sobre as raízes intelectuais do autor, considerando de que forma sua educação moldou suas concepções e abordagens sobre o diálogo

entre fé e sociedade. Ademais, é relevante questionar de que maneira os temas recorrentes em sua obra dialogam com as crises existenciais e sociais contemporâneas. Tal análise se mostra fundamental para contextualizar o impacto de seu trabalho diante dos desafios que permeiam a sociedade atual.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel da literatura na exploração da espiritualidade e da condição humana, conforme apresentado por Tolentino. Como a literatura se configura como uma ferramenta de reflexão e resistência, permitindo uma compreensão mais aprofundada das experiências humanas e da busca por significado? Essa questão nos conduz a considerar a relação intrínseca entre criação literária e experiência espiritual, destacando como a arte pode servir como um meio de construção de sentido para o indivíduo.

Quais são as implicações de sua obra sobre a forma como a espiritualidade pode ser vinculada a práticas sociais concretas e como a fé pode informar a luta por justiça? Esta indagação nos motiva a investigar o potencial transformador da fé na ação social, enfatizando a consciência ética e o engajamento ativo na luta contra a injustiça. Por fim, a problematização se estende à função da obra de Tolentino na construção de uma identidade coletiva que respeite a diversidade em um mundo globalizado.

O objetivo central deste estudo consiste em realizar uma investigação a respeito do pensamento de um ator de destaque no atual pontificado, fornecendo um mapeamento da produção intelectual de José Tolentino Mendonça e identificando alguns aspectos centrais de sua obra. Os objetivos específicos são: 1) Analisar os principais temas abordados na produção literária e acadêmica de Tolentino, identificando padrões, recorrências e possíveis inovações em seus escritos; 2) Examinar as intersecções entre a espiritualidade presente na obra de Tolentino e as questões contemporâneas, destacando a importância da alteridade e da reflexão sobre o *outro* em sua produção; 3) Avaliar o papel fundamental da literatura na reflexão sobre a espiritualidade e a condição humana, observando como Tolentino utiliza a narrativa literária para discutir aspectos profundos da existência humana; 4) Explorar a relação entre a obra de Tolentino e questões sociais prementes na atualidade, como o consumismo, o vazio existencial e a busca por justiça social, buscando compreender como sua escrita dialoga com esses desafios contemporâneos.

A presente pesquisa adota a pesquisa bibliográfica como metodologia central para a produção científica, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a obra e a trajetória de José Tolentino Mendonça. Para isso, a investigação baseia-se em uma análise cuidadosa de livros e artigos do próprio autor, além de explorar as publicações acadêmicas e literárias que abordam suas produções e contribuições. A escolha dessa abordagem metodológica visa proporcionar uma

compreensão ampla e fundamentada sobre os diversos aspectos do pensamento de Tolentino, permitindo uma análise crítica de suas ideias e a contextualização de sua obra no cenário literário e cultural contemporâneo. A pesquisa bibliográfica, portanto, serve como a principal ferramenta para a construção teórica deste estudo, proporcionando uma base sólida para a reflexão e a interpretação dos temas tratados pelo autor.

Este trabalho acadêmico é organizado em três capítulos, cada um com um foco específico que visa proporcionar uma análise da obra de José Tolentino Mendonça e suas contribuições ao contexto teológico e literário contemporâneo. O primeiro capítulo, intitulado *A obra de José Tolentino Mendonça: um mapeamento*, tem como objetivo oferecer uma visão panorâmica da vastidão da produção literária e acadêmica de Mendonça. Neste capítulo, são discutidos os diversos temas que permeiam a obra, suas influências e os diálogos que ele estabelece com importantes pensadores de diferentes áreas do conhecimento. A intenção é situar o leitor dentro do contexto dessas produções, destacando a relevância de Mendonça tanto no âmbito da Teologia quanto na literatura e na cultura geral.

O segundo capítulo, *Uma introdução lacunar ao pensamento de José Tolentino Mendonça*, foca em uma análise inicial e fragmentada das principais ideias do autor. Aqui, busca-se identificar e explorar as lacunas e indeterminações, incentivando uma leitura crítica que promova o envolvimento do leitor com os textos. O uso da abordagem lacunar serve para estimular a reflexão sobre as contribuições de Mendonça, permitindo que os leitores preencham essas lacunas com suas próprias interpretações e experiências.

Finalmente, o terceiro capítulo, intitulado *Sistematização das Ideias-Chave na obra de José Tolentino Mendonça*, tem como objetivo organizar as ideias e conceitos principais presentes na obra de Tolentino em um modelo coeso e estruturado. Esse capítulo sintetiza as discussões anteriores, destacando os temas centrais que emergem de sua produção acadêmica e literária. A sistematização visa criar uma base sólida para a compreensão aprofundada do pensamento do autor, facilitando uma leitura crítica e relacionando suas reflexões às questões contemporâneas. Assim a estrutura do trabalho se apresenta como um fluxo lógico que leva o leitor desde um mapeamento inicial da obra até uma análise mais profunda e organizada das ideias de José Tolentino Mendonça, enfatizando sua relevância tanto no campo religioso e teológico quanto na cultura e na sociedade atual.

2 A OBRA DE JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA: UM MAPEAMENTO

José Tolentino Mendonça se destaca por sua significativa contribuição em diversas áreas do conhecimento. Reconhecido como grande escritor em Portugal e amplamente respeitado pela comunidade literária, sua produção é notável pela multiplicidade de enfoques. Em sua obra, encontramos referências a grandes nomes de diferentes campos, como: na literatura, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner Andresen e Umberto Eco; na espiritualidade, Thomas Merton, Etty Hillesum e Mestre Eckhart; na filosofia, Simone Weil, Theodor Adorno, Søren Kierkegaard e Paul Ricoeur; nas artes, Van Gogh, Cézanne e Michelangelo; no cinema, Luís Miguel Cintra e Andrei Tarkovsky; na teologia, Hans Urs von Balthasar e Luis Alonso Sckökel; na história, Michel de Certeau; na psicanálise, Françoise Dolto e Jacques Lacan; na sociologia, Émile Durkheim e Zygmunt Bauman; na antropologia, Marc Augé e Margaret Mead; e na arquitetura, Alejandro Aravena, entre outros pensadores e criadores de grande relevância, cujos nomes, por questões de espaço, não podem ser aqui totalmente elencados.

O objetivo do mapeamento da obra de José Tolentino Mendonça é situar o leitor no contexto da vasta extensão de sua produção literária e acadêmica, evidenciando sua relevância para os diferentes públicos da Teologia – Academia, Sociedade e Igreja, conforme categorizado por David Tracy. Busca-se, ainda, identificar os temas recorrentes em seus escritos e oferecer um panorama das suas obras mais significativas no universo acadêmico. Este mapeamento prepara o leitor para as abordagens que serão desenvolvidas no segundo capítulo, ao introduzir o pensamento de Tolentino, e no terceiro capítulo, que visa uma sistematização de sua obra.

Na sequência, apresenta-se de modo panorâmico e com comentários seletivos, a obra de Tolentino em sua dimensão acadêmica (2.1), no diálogo que assume com a sociedade (2.2) e em seu caráter poético e ensaístico (2.3). Por fim, apresentamos uma síntese (2.4) que visa delinear algumas linhas de força da obra de Tolentino e designar elementos a serem aprofundados nos capítulos seguintes.

2.1 TOLENTINO NA UNIVERSIDADE

José Tolentino Mendonça, entre os anos de 1985 e 1989, cursou a licenciatura em Teologia na Universidade Católica Portuguesa (UCP), onde iniciou sua sólida formação acadêmica. Em seguida, entre 1990 e 1992, realizou o mestrado em Ciências Bíblicas no prestigiado Instituto

Bíblico de Roma, consolidando ainda mais seu conhecimento nos estudos teológicos. Sua busca incessante pelo aprofundamento acadêmico o levou, entre os anos de 2000 e 2004, a realizar seu doutorado em Teologia Bíblica novamente na UCP. Durante este período, parte de sua formação foi realizada no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, uma instituição com amplo reconhecimento internacional.

A carreira acadêmica de Tolentino é destacada. Atuou como professor no Seminário do Funchal, e foi Reitor do Pontifício Colégio Português em Roma. Foi docente e vice-reitor na UCP, e atuou como professor visitante em diversas universidades no Brasil. Além de suas funções de gestão e de docência, ele também se dedicou à pesquisa, chegando a dirigir o Centro de Investigações em Teologia e Estudos de Religião (CITER).

O que se apresenta a seguir é um inventário das obras de perfil mais propriamente acadêmico desenvolvidas pelo autor no decorrer de sua formação e atuação universitária. Em cada parte, selecionam-se algumas obras para serem comentadas, de modo a construir, mesmo que de modo seletivo, um panorama de temas, conceitos e lógicas argumentativas que perpassam a obra de Tolentino. A análise toma por base seus artigos acadêmicos (2.1.1), destacando seus estudos bíblicos; seus textos teológicos de perfil monográfico e suas dissertações de mestrado e de doutorado (2.1.2).

2.1.1. ARTIGOS EM PERIÓDICOS ACADÊMICOS

O mapeamento disposto no apêndice reúne uma lista dos artigos publicados por José Tolentino Mendonça tomando como base seu próprio currículo acadêmico. Percebe-se, em linhas gerais, que, como acadêmico, o autor concentrou suas contribuições na área bíblica, mas entabulou diálogos para dentro e para fora da teologia. De um lado, destaca-se sua atenção para a questão cristológica, de outro, evidencia-se sua capacidade de interlocução com os estudos de textos, avançando na discussão, por exemplo, para os âmbitos da literatura e da teoria da recepção. Do arcabouço acima apresentado, elabora-se uma leitura de algumas de suas contribuições, em especial no interesse da compreensão da construção do pensamento de Tolentino, destacando sua abordagem acerca da interpretação bíblica, seguida por suas leituras de Paulo e do Evangelho de Lucas, e de sua compreensão sobre eclesiologia e religiosidade na contemporaneidade.

2.1.1.1. Interpretação bíblica

De uma fase relativamente inicial de seus estudos, ainda antes de seu doutoramento, Tolentino já demonstra seu interesse pela discussão a respeito da interpretação dos textos bíblicos. Em *O método pragmático de interpretação da Bíblia*, Tolentino discute a importância da pragmática linguística, ou seja, a relação entre os *sinais* - palavras, frases - e seus usuários - falante e ouvinte - na interpretação dos textos bíblicos. Ele considera essa abordagem “[...], um modo novo e rico de possibilidades para a leitura, em Igreja, do texto Bíblico” (MENDONÇA, 1997, p. 145). Mendonça argumenta que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um conjunto de práticas sociais e culturais que moldam a compreensão e a intenção por trás das palavras. Apoiado em filósofos como: Wittgenstein e Austin, ele afirma que o significado das palavras está relacionado ao seu uso.

Para Mendonça, em *A Palavra representada: Escritura e estética* existe uma relação intrínseca entre a palavra e sua representação, especialmente no contexto bíblico. O texto bíblico não é apenas um documento religioso, mas também uma obra literária, rica em estética e expressividade. Ele compartilha do pensamento do Cardeal italiano Gianfranco Ravasi, segundo o qual o que se delineia “[...] ao longo da história é que a verdade bíblica é solidária com seu suporte estético expressivo, já que fé e linguagem se reclamam intrinsecamente” (Mendonça, 2003, p. 42).

Mendonça apoia-se em diversos estudiosos, como M. Sternberg, Auerbach, Frye, Luis Alonso Schökel, entre outros, que contribuíram para a análise literária da Bíblia. Essas referências evidenciam que suas conclusões estão em consonância com pesquisas mais amplas no mundo acadêmico. Ele demonstra a importância da estética da linguagem bíblica ao citar passagens como Juízes 5,22 — *Então os cascos dos cavalos martelaram o chão: galopam, galopam os seus corcéis* — onde, segundo ele, “[...] a sonoridade da forma verbal (derôt, derôt) imita o próprio bater dos cascos dos animais nas estepes, também a palavra é presentificação atual de uma experiência, rumor de um interminado galope, e ao mesmo tempo é testemunho de uma experiência que está para além dela” (MENDONÇA, 2003, p. 41). Nota-se, assim, que, para o autor, a combinação entre abordagens exegéticas e literárias pode enriquecer a interpretação bíblica, pois tal conjunto textual deve ser compreendido em sua complexidade literária. Em um colóquio em Metz sobre *A Bíblia na literatura*, em diálogo entre exegetas e literatos, chegam a uma conclusão, o qual, Tolentino corrobora, de que a Bíblia “[...] é também Escritura sem perder a santidade” (BEAUDE, 1997, apud MENDONÇA, 2003, p. 47).

A estética está presente nas Escrituras de maneira integral; sua recepção envolve não apenas leitura, mas também visualização e contemplação, inspirando a arte e a cultura ocidental. A estética, portanto, não deve ser vista como mero ornamento, mas “[...] dotada de uma energia fulgurante que

testemunha o caráter estético da própria Revelação” (Mendonça, 2003, p. 50). A experiência do leitor também é central na recepção estética da Escritura, pois “o texto é um acontecimento vivido pelo leitor [...]” (Mendonça, 2003, p. 49), que é convidado a interagir com o texto além da compreensão intelectual.

Para Tolentino, em *Bíblia e Literatura: a reconstrução da evidência* há uma intersecção entre Bíblia e literatura, e o texto bíblico, além de sagrado para as comunidades cristãs, é também uma obra literária rica e complexa. As narrativas bíblicas abrangem uma diversidade de gêneros e mostram a pluralidade da experiência humana: “na Bíblia, o quadro social que se descobre é plural e amplo: reis destronados por pastores, pequenos proprietários que resistem à opressão de poderosos, cortesãos que caem ou ascendem, mulheres fortes, indagadores, pacíficos, sonhadores, oficiais” (Mendonça, 2010, p. 182). Isso revela tanto a profundidade humana quanto a relevância cultural da Bíblia ao longo dos séculos.

Segundo Tolentino, mesmo que os autores bíblicos não tivessem a intenção consciente de criar literatura, suas obras acabaram por contribuir para a literatura de maneira indireta. Apoiado em autores como Jean-Noël Aletti e Michel Foucault, Mendonça reforça que as relações entre Bíblia e literatura ocorrem por meio de procedimentos literários, já que os autores bíblicos empregam técnicas e formas literárias comuns à literatura, como narrativas e estruturas poéticas. A Bíblia não é apenas um texto religioso e teológico, mas também um documento cultural que moldou a linguagem e a imaginação ocidentais. Nesse sentido, “[...], assiste-se à confirmação do estatuto seminal que a Bíblia desempenha na cultura e no imaginário ocidentais [...]” (Mendonça, 2010, p. 172).

Vale destacar a natureza poética dos textos bíblicos, como em Salmos, Provérbios e nos livros proféticos. Northrop Frye, em uma obra⁷ relevante nos últimos tempos, “[...] afirma que a Bíblia deveria ser considerada uma espécie de microcosmo de toda a experiência poética literária do Ocidente” (Mendonça, 2010, p. 183).

Tolentino, em *O acto de ler como acto de justiça*, entende que a leitura e a narrativa são práticas que não apenas comunicam. “A partir do final da década de 70, a narratologia passa de simples enunciação dos fatos estruturais para um entendimento de si como fenômeno de comunicação” (Mendonça, 2011, p. 269). No entanto, a leitura e a narrativa também carregam profundas implicações éticas e sociais, ao vincular a teoria à prática como um ato de justiça. Elas permitem que os leitores ouçam e reconheçam vozes de diferentes narradores e personagens, muitas

⁷ The Bible and the Literature, 1981.

vezes representando experiências marginalizadas ou silenciadas. Trata-se de uma leitura que evoca “[...] a urgência de uma recuperação dos sentidos. Talvez devêssemos simplesmente aprender a ver melhor, a sentir melhor, a escutar melhor” (Mendonça, 2011, p. 259).

Em *Creio na nudez da minha vida - onde a mística e a literatura se encontram*, Mendonça desenvolve, uma profunda relação entre mística e literatura, destacando-as como duas experiências que buscam a nudez da verdade. Ambas se afastam dos ornamentos e das máscaras impostas pela sociedade. Como ele afirma, “tanto a mística como a literatura são [...] experiências nuas. [...] Tanto a mística como a literatura assentam na nua evidência do que somos, sem evanescências, nem escapismos” (Mendonça, 2020, p. 33). Para Mendonça, o que une essas duas práticas é a busca pela verdade desprovida de adornos, revelando a realidade do corpo e da alma. Ele faz essa conexão com a Carta aos Hebreus: *Não te agradaram orações, nem holocaustos, mas deste-me um corpo* (Hebreus 10,5). “Como quem diz, deste-me uma nudez. E o essencial reside aí, mais do que em qualquer outro lugar. Ou seja: é letra, é corpo, é tessitura, é texto, é exposição real” (Mendonça, 2020, p. 33).

Tanto a mística quanto a literatura têm o poder de nos levar a uma compreensão mais profunda da condição humana, permitindo que nos confrontemos com a nossa própria nudez existencial. Mendonça ressalta que “na nudez, de fato, experimentam-se a extrema dificuldade de ser, a completa arte de existir, o drama da liberdade que caberá a cada ser humano representar” (Mendonça, 2020, p. 26). Assim, essa relação entre mística e literatura revela-se como uma busca pela autenticidade e pela verdade, onde a nudez se torna um símbolo de revelação e de conexão com o divino e com a própria humanidade. Como conclui o autor, “a mística e a literatura não possuem o objeto que as fundam: elas são sempre *alter*, sempre outras. Acreditam encontrar a Deus se avançarem ao seu encontro, mas Ele não está lá” (Mendonça, 2020, p. 34).

2.1.1.2. Paulo de Tarso

Ao abordar a figura de Paulo, José Tolentino Mendonça busca restaurar as cartas paulinas ao status de textos fundamentais da tradição ocidental, relevantes não apenas no contexto religioso, mas também na filosofia e na cultura contemporânea. Segundo ele, “Paulo de Tarso é, sem dúvida, um dos autores fundamentais do patrimônio mental da humanidade, com uma posteridade complexa e transversalmente disseminada”⁸ (Mendonça, 2011, p. 53).

⁸ Paul of Tarsus is certainly one of the fundamental authors of humanity’s mental heritage, with a complex and transversally disseminated posterity.

Em seu artigo *¿Por qué el Nuevo Testamento habla de los poetas? Una lectura de Hechos 17,28*, Mendonça explora a relação entre fé e linguagem, afirmando que “Paulo encontra na literatura um verdadeiro lugar teológico que lhe permite concretizar sua vontade de diálogo missionário, descobrindo o potencial que ela lhe oferece para o conhecimento do homem e para a busca de Deus”⁹ (Mendonça, 2022, p. 45). Para ele, o texto bíblico não é apenas um conjunto de ideias, mas está intrinsecamente ligado ao seu suporte estético expressivo “[...], pois fé e linguagem se reclamam intrinsecamente como uma exigência da própria revelação”¹⁰ (Mendonça, 2022, p. 46).

A citação de poetas no Novo Testamento, como em Atos 17,28, não é meramente uma referência cultural, mas uma maneira pela qual Paulo se conecta com a busca humana por Deus e pela verdade. F. F. Bruce observa que “[...], na literatura pagã, na qual Paulo também é formado, ele vê a possibilidade de um certo reconhecimento de Deus”¹¹ (Bruce apud Mendonça, 2022, p. 50). O contexto cultural em que Paulo se insere torna a literatura um meio eficaz para comunicar verdades teológicas a um público diverso.

Em *Radicalidade da vocação cristã e comunhão eclesial: Interpolações das comunidades paulinas*, Tolentino argumenta que o pensamento de Paulo é essencial para a compreensão e reconfiguração do cristianismo contemporâneo, ecoando a ideia de Romano Penna de que “o ex-fariseu de Tarso nos ajuda a purificar o próprio conceito de cristianismo” (Penna apud Mendonça, 2015, p. 21). Segundo ele, a transformação contínua na vida cristã é essencial, e a comunhão eclesial deve responder aos desafios do tempo presente. Para Mendonça, “o epistolário paulino não deixa margem para dúvidas: essa transformação é mística. Não é [...], uma performance de piedade individual, mas o itinerário básico de todo crente” (Mendonça, 2015, p. 24).

Tolentino destaca quatro desafios fundamentais que emergem do pensamento de Paulo: o desafio de acolher a metamorfose como gramática da fé; o desafio de edificar uma Igreja centrada em Cristo, mais do que em si mesma; o desafio de levar a sério a natureza comunitária da fé; e o desafio de viver em estado de recomeço. Ele pergunta: “Haverá realmente, em Paulo, um conjunto de interpolações capazes de iluminar profeticamente a estação eclesial que estamos a viver?” (Mendonça, 2015, p. 31). Com isso, Tolentino convida o leitor a refletir sobre os desafios contemporâneos da Igreja.

⁹ Pablo encuentra en la literatura un verdadero lugar teológico que le permite concretar su voluntad de diálogo misionero, descubriendo la potencialidad que le ofrece para el conocimiento del hombre y para la búsqueda de Dios.

¹⁰ Pues fe y lenguaje se reclaman intrínsecamente como una exigencia de la propia revelación.

¹¹ La literatura pagana en la que Pablo también se formó, él ve la posibilidad de un cierto reconocimiento de Dios.

A vida e as cartas de Paulo refletem uma transformação radical na identidade e nas relações sociais. A missão do apóstolo desafia fronteiras étnicas, de gênero e sociais, promovendo uma nova compreensão da comunidade cristã. Em *O relato da experiência missionária nas cartas de Paulo*, segundo Mendonça, “a existência cristã, segundo Paulo, é uma existência metamórfica, que habita criativamente a transformação trazida por Cristo. Crer em Cristo significa participar do dinamismo de vida que está escondido e ao mesmo tempo revelado no acontecimento de sua ressurreição” (Mendonça, 2016, p. 214).

Quanto à missão de Paulo, Mendonça a descreve como uma experiência de deslocamento e transformação: “A experiência da missão define-se por uma extraterritorialidade geográfica e simbólica, sem cidade e sem morada, que permite a brecha, a abertura à revelação de um sentido maior” (Mendonça, 2016, p. 208). Essa missão transcende fronteiras tradicionais e promove uma nova configuração das relações sociais, refletida no esforço de Paulo para que “[...] a mesa seja um reflexo da convivialidade fraterna e igualitária” (Mendonça, 2016, p. 215). Fazendo menção a Aguirre (1994) aponta que: “a grande revolução cristã é transformar a mesa num lugar abrangente, num espaço de abertura, onde as nossas identidades se reinventam a partir da universalidade do encontro” (MENDONÇA, 2016, p. 215).

2.1.1.3. *O Evangelho de Lucas*

Em *O fascínio do contraste na narração lucana*, Tolentino apresenta, que o Evangelho de Lucas explora a tensão entre ignorância e conhecimento, especialmente no que diz respeito à identidade de Jesus. A narrativa lucana usa essa tensão para envolver o leitor, como observa Mendonça:

Construída numa duplicidade de planos, sobrenatural e natural, a própria narrativa tira partido da tensão que se gera entre o conhecimento que os personagens meta-terrenos detêm e a interrogação que os terrenos perseguem. As perguntas sobre a identidade de Jesus já estão respondidas, mas a busca pela resposta continua. O beneficiário desta situação é o leitor (Mendonça, 2005, p. 179).

Ao longo do texto, diferentes grupos se aproximam de Jesus — as multidões, os discípulos e personagens individuais —, contribuindo para a compreensão de seu ministério. “Enquanto as multidões se dirigem ao Mestre por seus próprios motivos, os discípulos são alvo de uma escolha por parte de Jesus” (Mendonça, 2005, p. 181). Observa-se que “as multidões assistem de fora ao desenvolvimento do fenômeno Jesus” (Mendonça, 2005, p. 181), enquanto que “os discípulos,

segundo a explícita vontade do Mestre, compartilham e auxiliam o seu caminho [...]” (Mendonça, 2005, p. 181). As multidões representam a curiosidade coletiva e a busca por respostas, enquanto os discípulos desfrutam de uma relação mais próxima e pessoal com Jesus. Já os fariseus e escribas funcionam como um contraste que realça a singularidade de Jesus. Cada grupo, com suas particularidades, enriquece a narrativa e contribui para a revelação progressiva da identidade de Jesus.

A narrativa lucana precisa ser apreciada em sua individualidade e complexidade, exigindo uma abordagem que vá além de uma leitura doutrinal simplista. Como Mendonça destaca:

Lucas não é apenas um grande teólogo: é também um autor vigoroso, literariamente culto, a gerir uma dupla proveniência, aquela do mundo de extração bíblica e a de matriz helênica, hábil na manipulação dos recursos narrativos (Mendonça, 2005, p. 282-283).

Assim, a compreensão plena do Evangelho de Lucas requer atenção aos seus mecanismos literários e à narrativa como um todo.

2.1.1.4. *Religiosidade contemporânea*

No artigo *O que resta de Deus*, José Tolentino Mendonça convida à reflexão sobre a persistência e transformação da experiência religiosa na contemporaneidade, particularmente em um cenário onde a religiosidade tradicional parece estar em declínio. “De fato, a religião [...] foi perdendo no decurso dos tempos o seu papel estruturante na organização das sociedades, seja no plano das mentalidades, seja naquele social e material” (Mendonça, 2013, p. 288). No entanto, apesar da erosão das práticas religiosas convencionais, ainda há vestígios de religiosidade que continuam a influenciar a vida pessoal e social.

A religiosidade, na modernidade, atravessa uma crise que exige o reexame da relação entre o religioso e o secular.

O que a contemporaneidade tem produzido em torno à religião, numa literatura que tem tanto de copiosa quanto de heterogênea, não deixa margem para dúvidas: a sua fisionomia histórica e as suas categorias mais reconhecíveis parecem atravessadas por notória turbulência. Relativizada a cerca confessional, a religião torna-se um apetecível baldio para a produção científica e cultural mais diversa, num fenómeno aparentemente inesgotável de mediatização, onde todos têm alguma coisa a dizer: sociólogo, antropólogos, pensadores de teoria política, filósofos, historiadores [...] (Mendonça, 2013, p. 285).

Assim, a religião perdeu seu papel estruturante nas sociedades ocidentais, tanto no plano das mentalidades quanto nas estruturas sociais e materiais, o que reduziu a influência das instituições religiosas na vida pública e política.

Ainda assim, em um contexto secular, a busca humana por sentido e significado permanece viva. “Somos uma pergunta que se sobrepõe às respostas que existencialmente (e historicamente) vamos encontrando” (Mendonça, 2013, p. 291), o que revela a complexidade da experiência religiosa contemporânea. Segundo Mendonça, “um resto de religião é, portanto, o que se observa nesta dor humana, nunca completamente expiada: a da paradoxal condição de ser” (Mendonça, 2013, p. 291). Tolentino afirma que: “no fundo, a grande crise da Modernidade coloca-nos, face ao religioso, perante uma crise de paradigmas” (Mendonça, 2013, p. 292).

2.2 O JORNAL EXPRESSO

Em 19 de junho de 2024, José Tolentino Mendonça foi agraciado com o Prêmio Pessoa 2023, em uma cerimônia realizada na Culturgest, em Lisboa. O Prêmio Pessoa, inspirado no nome do renomado poeta português Fernando Pessoa, é amplamente reconhecido como a mais importante distinção concedida em Portugal nas áreas cultural e científica. De acordo com o semanário Expresso e a Caixa Geral de Depósitos, o objetivo da premiação é “reconhecer a atividade de indivíduos portugueses com papel significativo na vida cultural e científica do país” (Ecclesia, 2024).

Este reconhecimento sublinha a relevância do Cardeal-poeta para a cultura e sociedade portuguesas. A cerimônia contou com a presença do Presidente da República de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, e de diversos ministros do governo. Em seu discurso, o Presidente Rebelo de Sousa descreveu Tolentino Mendonça como *um homem de diálogo, em contextos onde se poderia supor que a Igreja ou o clero não possuem jurisdição*. Destacou ainda a singularidade de seu trabalho, observando que ele carrega *um princípio poético, um certo propósito, um certo tom, afeto ou afeição, presentes tanto nas crônicas quanto nas homilias, nos diálogos como nos discursos*. O Presidente sublinhou, ainda, a presença de um *humanismo transfigurado, atento aos detalhes e à vida concreta de todos*. Ao final da cerimônia, Marcelo Rebelo de Sousa condecorou o Cardeal com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espanha (Expresso, 2024).

O Jornal Expresso, um dos mais lidos e influentes de Portugal, foi fundado em 6 de janeiro de 1973 por Francisco Pinto Balsemão, seu primeiro diretor. Ao longo dos anos, foi dirigido por

figuras notáveis como Marcelo Rebelo de Sousa, Augusto de Carvalho e José Antônio Saraiva, que assumiu a direção de 1984 a 2005, integrando o grupo empresarial Imprensa (Infopédia: Dicionário Porto)¹². Entre maio de 2014 e janeiro de 2023, José Tolentino Mendonça foi colunista do Jornal Expresso, abordando uma ampla gama de temas, como religiosidade, espiritualidade, cotidiano, poesia, filosofia, política, cultura, datas significativas e personalidades relevantes da literatura e da arte.

A coluna semanal de Tolentino no Jornal Expresso, intitulada *Que coisa são as nuvens*, é inspirada no curta-metragem do cineasta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini, chamado *Che cosa sono le nuvole?*. Esta obra é uma reflexão sobre o destino humano, evocando a peça *Otelo* de Shakespeare. Em 2015, Tolentino publicou um livro que reúne suas melhores crônicas do Expresso (Sulinformação, 2016)¹³, também intitulado *Que coisa são as nuvens?* O cronista ressalta: “era muito importante dar a estas crônicas como título uma pergunta. Uma pergunta que nos remetesse para um espanto, uma pergunta universal que todos os homens fazem a eles mesmos” (Expresso, 2016)¹⁴.

Ao longo de mais de oito anos, José Tolentino Mendonça publicou suas crônicas semanalmente no Jornal Expresso. Devido à extensão do material, uma análise exaustiva é inviável. Portanto, de modo seletivo, o texto a seguir apresenta uma reflexão sobre a interconexão entre os seres humanos, a natureza e a espiritualidade. Além disso, no apêndice, encontra-se uma tabela com os títulos das crônicas publicadas, acompanhados do número da edição e da data, facilitando a consulta futura.

Em sua obra, o autor provoca o reconhecimento da existência humana como entrelaçada em relações complexas, onde as crises ambientais e sociais demandam um olhar integral (2.2.1). Mendonça convida a repensar práticas e valores, especialmente em épocas marcadas pelo consumismo, como o Natal, propondo uma dádiva genuína que transcende a superficialidade (2.2.2). A quaresma (2.2.3) e o advento (2.2.4) surgem como períodos de introspecção e renovação espiritual, destacando questões existenciais e a questão da fragilidade da vida. A esperança, por sua vez, é apresentada como um processo de aprendizagem fundamental, uma força que deve ser cultivada para transformar a realidade, tendo o futuro como horizonte (2.2.5). O critério utilizado

¹² [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$expresso](https://www.infopedia.pt/artigos/$expresso).

¹³ <https://www.sulinformacao.pt/2016/05/obra-de-tolentino-mendonca-inspirada-em-pasolini-vence-lo-grande-premio-de-literatura-apecml/>.

¹⁴ Expresso, 16/04/2015.

para a escolha das crônicas analisadas foi a recorrência dos assuntos abordados na coluna do autor no jornal.

2.2.1. *Está tudo interligado*

José Tolentino Mendonça aborda a fundamental necessidade do ser humano reconhecer de que compartilha o planeta com uma vasta diversidade de seres e ambientes, ressaltando a urgência do conceito de *conexão*. Ele defende que é imprescindível adotarmos estilos de vida que promovam a interdependência, em vez de uma visão de exploração e posse. Como ele afirma, “a nossa missão é a de apascentar em vez de explorar e possuir a qualquer custo. Temos atuado como se estivéssemos sozinhos no planeta e esquecemos-nos de que partilhamos com as outras criaturas, ambientes, potencialidades e também... vírus” (Mendonça, 2020)¹⁵. A ideia de interconexão é uma realidade que deve orientar as ações e políticas, como forma de responsabilidade para com todas as formas de vida que habitam este planeta.

Esse apelo à interligação se estende não apenas às relações entre os seres vivos, mas também à conexão entre a Terra e o cosmos. Mendonça sugere que essa visão integrada da vida deve ser incorporada no âmbito do direito internacional, destacando a necessidade de um olhar mais holístico sobre as relações sociais e ambientais. Em seu texto intitulado *10 perguntas para o pós-covid-19*, ele levanta uma reflexão provocadora: “compreenderemos finalmente que está tudo interligado, como insistiu o Papa Francisco na encíclica ‘Laudato Si’: o grito da terra e o grito dos pobres, a situação sub-humana a que estão condenadas multidões de seres humanos e a fragilidade ignorada do planeta?” (Mendonça, 2020). A crise ambiental e as desigualdades sociais são facetas de um mesmo problema, que exige uma resposta coletiva e consciente.

2.2.2. *O Natal é para alavancar, destapar e reconfigurar*

Diante do consumismo exacerbado que caracteriza a época natalina, Tolentino explora a complexidade da dádiva e a busca por um ato genuíno de generosidade. Ao refletir sobre o Natal, ele levanta questionamentos como: “será que algum dia nos aproximaremos da dádiva genuína e desinteressada, da pura dádiva? E como é que isso se faz?” (Mendonça, 2016). Essa verdadeira dádiva, desprovida de expectativas de reciprocidade, ecoa o pensamento do filósofo Jacques

¹⁵ Essa reflexão de Tolentino, intitulada *Não é uma mentira a primavera*, foi escrita em 28 de março de 2020, durante um dos períodos mais críticos da pandemia de COVID-19.

Derrida, que argumenta que a dádiva idealizada é quase inalcançável, pois as ações humanas frequentemente carregam a expectativa de retorno, em um ciclo de *toma-lá-dá-cá*. “[...] Só há dádiva quando aquele que dá e aquele que recebe não percebem que houve dádiva” (Mendonça, 2016). Tolentino ressalta a relevância de aspirarmos a um amor genuíno, que vá além da superficialidade. A dádiva, quando feita de coração, deve ser algo profundo e significativo. Em vez de deixar-se levar pelo consumismo, ele sugere que o humano busque oferecer aquilo que realmente expressa cuidado e atenção.

Conforme Mendonça, a vida das pessoas pode estar condicionada a limitações e barreiras que dificultam a percepção do verdadeiro Natal. Apoiado no texto litúrgico de Isaías 40,3-5, que convida a preparar o caminho do Senhor, aplainando montes e elevando vales, ele enfatiza que “[...] o Natal não acontece para nos aprisionar no labirinto das frases feitas, na melopeia obsidante dos símbolos ou nos passos perdidos das galerias do comércio” (Mendonça, 2017). O Natal “[...] é para alavancar, destapar e reconfigurar” (Mendonça, 2017). O consumismo, ao contrário, limita-se a absorver e consumir. “Nossas sociedades que impõem o consumo como padrão de felicidade transforma o desejo numa armadilha. O desejo tem a dimensão de uma montra e promete uma satisfação imediata e plena que evidentemente não pode cumprir” (Mendonça, 2017).

Tolentino fala sobre a solidão que muitos sentem no Natal, “há uma desaceleração interior que, por desconfortável que possa ser, constitui uma oportunidade para entrar no próprio coração” (Mendonça, 2018). Embora seja uma época de celebrações e união, o Natal também pode ser um momento de reflexão, segundo Mendonça confronta com perguntas existenciais profundas. “[...] O Natal é atravessado por um dramatismo que nos abala, pois nos retira do feérico entretenimento das perguntas penúltimas e nos coloca perante as perguntas últimas (essas que nos encontram sempre sem defesa)” (Mendonça, 2019). Questões sobre o sentido da existência, sofrimento, origem e destino. “Talvez precisemos de abraçar a solidão que facilmente fugimos, pois nela, e de uma maneira carregada de prodígio, acontece o Natal” (Mendonça, 2018). Tolentino sugere que essa solidão seja vista como uma oportunidade para uma reflexão mais profunda sobre a espiritualidade, afirmando: “é preciso abraçar a escuridão extrema e o silêncio da condição humana para no fundo compreender o admirável sinal que emerge espantosamente vizinho a nós” (Mendonça, 2019).

A complexidade do Natal nos confronta com questões existenciais. Segundo José Tolentino Mendonça, “para crentes e não-crentes, o Natal é uma estação de confronto consigo mesmos. Por aquilo que os símbolos desta quadra dizem ou não a cada um, por aquilo que as palavras acordam, pela presença ou pela ausência de uma transcendência nos dias que se avizinham” (Mendonça, 2021). As tradições natalinas têm significados variados, evocando emoções, reflexões ou mesmo

indiferença. “Cada um vive o Natal à sua maneira ou como interiormente pode. Mas uma coisa inegável é observar este silencioso sobressalto, esta espécie de ‘sentimento oceânico’ que nos percorre em conjunto” (Mendonça, 2021) — uma experiência espiritual fundamental que ressoa com a busca humana por significado e transcendência.

Tolentino também revela que o Natal expressa a necessidade de um salvador. Por meio da imagem de um menino frágil, segundo ele, encontra-se significado e força. “Deus atua, de fato, de forma surpreendente e paradoxal. Conta com a fragilidade como força, explica-nos que não se vence a violência com a violência, nem a opressão com outra opressão” (Mendonça, 2022). Para o Cardeal, o Natal, nos convida a acreditar na potencialidade da fragilidade da vida, um desafio que também nos possibilita renascer. “O Natal deixa-nos com um presente nas mãos: confia-nos um verbo para todos os dias do ano. E esse verbo é nascer” (Mendonça, 2022).

2.2.3. *Quaresma: um caminho*

Um outro tema recorrente nos textos apresentados por José Tolentino Mendonça, a quaresma, em sua perspectiva, é um período de transformação espiritual e autoconhecimento para os cristãos. Um período de reflexão, oração, jejum e esmola, que visa promover um reencontro com a fé e renovação interior, “[...], um tempo, austero na forma, mas impressionantemente audaz no propósito: ligar de forma mais objetiva, e por certo também mais autêntica, aquilo que creem ser a meta a um exercício concreto e cotidiano, isto é, a um caminho” (Mendonça, 2015). É um período de oportunidade para os indivíduos discernirem suas vidas, buscando conexão com Deus, e com os outros. Essa relação com o outro, Tolentino recorda uma fala do Papa Francisco: “A quaresma é um tempo propício para mostrar este interesse pelo outro, através de um sinal — mesmo pequeno, mas concreto — da nossa participação na humanidade que temos em comum” (Mendonça, 2015).

Como transformação interior através de práticas espirituais, a quaresma é vista como um período de discernimento e viragem, por meio do jejum, a oração e a esmola. Tolentino diz que o Papa Francisco na mensagem da quaresma de 2015, aponta o jejum como “[...] uma experiência de privação voluntária [...], adotando um estilo assumidamente frugal que ajuda a devolver-nos a liberdade” (Mendonça, 2021), conforme apresentado por Tolentino, a oração ajuda-nos também a voltar “[...] o nosso olhar para Deus, para as coisas grandes e amplia a nossa respiração. A esmola retira-nos do conforto autorreferencial. Torna objetivos a compaixão, a solidariedade e o cuidado que nos permitem passar da indiferença à responsabilidade pelos outros, sobretudo os mais

vulneráveis” (Mendonça, 2021). É um período para se reconhecer a necessidade de uma vida plena e autêntica, escutando as perguntas fundamentais sobre a liberdade e amor.

Para Tolentino os temas abordados na Semana Santa, não são assuntos restritos ao campo religioso somente, mas “um debate necessário sobre o significado do humano e sobre aquilo que nos salva” (Mendonça, 2022). A crucificação de Jesus, período subsequente da quaresma, é apresentada como um ato que dissolve o sistema de substituição e a lógica da violência, “Cristo oferece-se a si mesmo, oferece a outra face, faz triunfar o perdão em vez da vingança” (Mendonça, 2022), em vez de retaliar ou buscar vingança quando se é ofendido, o ser humano deve responder com amor e compaixão.

2.2.4. Advento: Deus veio e vem a cada momento

O advento é entendido como a vinda de Deus à humanidade, celebrando a encarnação de Jesus. Este período não representa apenas um ponto de encontro entre Deus e a história humana, mas uma confirmação contínua e irrevogável de sua presença: “Deus veio e vem a cada momento” (Mendonça, 2021). Essa presença constante convida a humanidade a estar atento e receptivo à Sua ação. O advento propõe uma nova compreensão do tempo, não como uma sequência linear, mas como um espaço onde cada instante pode ser uma oportunidade para a manifestação do divino. “Existe uma história invisível que emerge do seu fundo subterrâneo e nos faz compreender que, na sua intensidade descontínua, cada fração de tempo tem uma natureza messiânica” (Mendonça, 2021), ressaltando a relevância de viver o presente com uma visão voltada para o futuro.

Para Tolentino, o advento não é uma espera passiva, mas uma maneira ativa de vivenciar o tempo, reconhecendo que Aquele que há de vir já se fez presente. Essa percepção transforma nossa relação com o tempo e a vida. Para os cristãos “[...], não é a forma de uma espera sem termo, mas o assumir progressivo de uma forma messiânica de viver o tempo. Isto é, de torná-lo mais decididamente o tempo real [...]” (Mendonça, 2016). O advento é, portanto, um convite para interromper as rotinas diárias, refletindo sobre a vida e a condição de seres em constante transformação.

O advento, é assim, um tempo para suspender as nossas soturnas trocas de razões, os nossos longos percursos fechados, a nossa interminável inquirição. E para deixarmo-nos antes ficar diante do espetáculo da vida, da vida que incessantemente se faz nova, mesmo quando não nos apercebemos, mesmo quando julgamos qualquer saída impossível. A vida encarrega-se de fazer-nos sentir desarmados, repentinos e inocentes diante do parto de Deus (Mendonça, 2018).

Essa interrupção permite reavaliar prioridades e se conectar com o essencial.

Tolentino também aborda a experiência da espera, mostrando como ela se entrelaça com a vida cotidiana: “só quem tem a faculdade de se abandonar ao aberto experimenta o que seja a espera. De pequenas esperas os nossos dias transbordam e, não raro, parece que aí tudo se esgota” (Mendonça, 2020). Essas pequenas esperas são oportunidades de reflexão e crescimento pessoal. Mendonça destaca a pobreza de coração como elemento fundamental da espera: “[...] a verdadeira espera é uma arte da desposseção. Em vez de nos apoderarmos do tempo, como se fossemos os seus senhores, colocamo-nos à escuta, trabalhando o esvaziamento, tanto externo como interior” (Mendonça, 2020). A pobreza de coração é uma forma de se despojar de certezas e seguranças, permitindo estar aberto ao que a vida oferece.

2.2.5. *Educação para a Esperança*

José Tolentino Mendonça vê a esperança como um processo de aprendizagem que conecta o ser humano ao futuro, essencial para a existência e desenvolvimento pessoal. Ele argumenta que “a nossa existência, do princípio ao fim, é o resultado de uma aprendizagem da esperança, e só ela é capaz de dialogar com o futuro e de o aproximar” (Mendonça, 2017). Segundo Tolentino, a esperança perdeu espaço no discurso público e no pensamento contemporâneo, refletindo um desencanto com as promessas não cumpridas e a dificuldade de acreditar em um futuro melhor. Ele afirma que “a esperança permanece e ela é profunda como as pancadas do coração. Mas vivemos tempos, porventura, com maior dificuldade em ouvi-la. A hodierna é também uma crise da esperança” (Mendonça, 2017).

Em tempos de crise, a esperança é vista como uma possibilidade infinita para a humanidade. Não deve ser encarada como um escapismo, mas como uma força que integra a desesperança em seu processo. Tolentino afirma que:

Se um reencontro com a esperança tem hoje cabimento é com uma esperança que aceite a prova de fogo da desesperança e que de alguma maneira a integre no seu próprio processo. O elogio possível é o de uma esperança que não ignore o enigma e o absurdo de tantas situações da história nem se pretenda ainda triunfalista ou autorreferencial, mas se mostre como uma esperança humilde, silenciosa amadurecida, depurada (Mendonça, 2018).

Embora a esperança possa ser subestimada ou esquecida em momentos de crise, redescobri-la é essencial: “este pode ser o momento para irmos ao encontro daquilo que perdemos; daquilo que

deixamos sistematicamente por dizer; daquele amor para o qual nunca encontramos nem voz nem vez; daquela gratuidade reprimida que podemos agora saborear e exercer” (Mendonça, 2020).

Em vez de uma abstração idealizada, Tolentino defende uma educação que promova a esperança como um compromisso ativo e um dinamismo concreto. Ele diz: “a esperança não é um adiamento, mas um compromisso. Não é uma abstração idealizada, mas um dinamismo concreto, uma laboriosidade, um fazer. Precisamos de uma educação para a esperança” (Mendonça, 2019). Essa educação envolve um compromisso que motiva a ação e a transformação da realidade, aprofundando-se na paciência e na capacidade de resistir ao mal e ao absurdo. Assim como “[...], o mal-estar é um sintoma que é preciso colher, que não se pode de modo algum negligenciar sob risco de ameaçar o conjunto da vida, assim a esperança. Ela não é uma exalação imaginária, uma ficção que nos separa do curso da existência” (Mendonça, 2017).

Sobre o futuro da ética, Tolentino propõe uma reflexão acerca dos desafios éticos contemporâneos e como superá-los, abrindo caminho para uma visão mais esperançosa do futuro. Ele apresenta a esperança como um dinamismo que motiva transformações éticas e sociais: “a esperança não é um lenitivo que adormece a dor até que ganhemos coragem para tratar a sério da vida, mas uma força que já hoje nos motiva para a transformação da história” (Mendonça, 2019). A esperança deve ser compreendida em um contexto mais amplo, reconhecendo a interconexão de todas as coisas. “O futuro obriga-nos a ter uma visão integral da realidade e a compreender que tudo está interligado, pois a aventura da pessoa humana acontece a par do destino de toda a criação” (Mendonça, 2020).

A perspectiva humanista de Tolentino destaca a centralidade do outro, “isso passa por sedimentar práticas políticas e civilizacionais onde o outro não seja tomado como um obstáculo nem como um objeto que se pode desfrutar e, em seguida, descartar” (Mendonça, 2020). Ele enfatiza que “a nossa vida não depende apenas de nós e das nossas escolhas: todos estamos nas mãos uns dos outros, todos experimentamos como é vital esta interdependência, esta trama feita de reconhecimento e de dom, de respeito e solidariedade, de autonomia e relação” (Mendonça, 2020).

2.2.6. Síntese

Como escritor consagrado na sociedade Tolentino faz uso da tradição cristã e de temas teológicos para pensar o humano hodierno. Nesse sentido, seu diálogo com a sociedade não negligencia sua formação religiosa, pelo contrário, ela é revisitada em sua força de sentido para se

pensar o consumismo, o vazio existencial, a desesperança, entre outras questões de apelo na atualidade.

2.3 OBRA POÉTICA

A Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia foi o cenário do III Colóquio Interfaces, realizado entre os dias 8 e 9 de agosto de 2019. Em 2022, Geraldo de Mori organizou o livro intitulado *Esses corpos que me habitam no sagrado do existir*, que reúne algumas contribuições do referido colóquio, estruturadas a partir dos seguintes eixos temáticos: *Mística cristã*, *Mística e cotidiano*, e *Mística e militância*. Paulo Antônio Couto Faria contribui com o artigo intitulado *A mística do desencanto em José Tolentino Mendonça*, na qual destaca que “[...] em Portugal, o sacerdote é mais conhecido como poeta, enquanto no Brasil é predominantemente visto como teólogo, cuja forma inspiradora de fazer teologia é alimentada por sua sensibilidade poética” (Faria, 2022, p. 125).

Em uma entrevista concedida a Gerard O’Connell, publicada na America Magazine em 7 de julho de 2024, Tolentino relata sua entrada precoce no seminário menor em Funchal, aos 10 ou 11 anos. A partir dessa experiência, ele compartilha sua vivência com a poesia, afirmando:

Comecei a escrever, como muitos adolescentes fazem. [...] Acho que todo adolescente no mundo escreveu nessa idade um poema ou tentou. Mas no caso dos poetas, isso se torna cada vez mais sério e se transforma em uma questão de vida, não apenas uma antena para interceptar o mundo. Também se torna uma linguagem, decisiva para a expressão vivida de nossa visão de mundo (IHU, 2024)¹⁶.

Ao ser questionado sobre como começou a escrever poesia, ele relaciona a história da arte poética à trajetória dos poetas, observando que ninguém sabe ao certo como a poesia começou. Depois de explorar algumas possibilidades, afirma: “não se sabe historicamente como a poesia começou como arte, como forma de conhecimento. Mesmo na vida de uma pessoa, você não sabe, não sabe como um poeta é feito” (IHU, 2024)¹⁷. Conclui sua reflexão com uma declaração que revela uma faceta de sua profundidade intelectual: “certamente, há condições de vida, sensibilidade e cultura que conduzem a um tipo específico de relacionamento com a linguagem, tornando-a uma

¹⁶ <https://ihu.unisinos.br/categorias/641628-conheca-o-poeta-do-papa-francisco-no-vaticano-cardeal-jose-tolentino-de-mendonca>

¹⁷ *ibidem*.

forma de atenção, de hospitalidade, de experiência humana, de reflexão sobre si mesmo” (IHU, 2024)¹⁸. Ao conceder-lhe o barrete vermelho, o Papa Francisco, em uma cerimônia no Colégio Cardinalício, afirmou: “Tu és a poesia” (Expresso, 2019)¹⁹.

Outro aspecto igualmente relevante da obra de Tolentino é sua vertente ensaística, presente em obras consagradas como *A mística do instante*, *O hipopótamo de Deus* (livro recomendado pelo Plano Nacional de Leitura), e *Elogio da Sede* (livro resultante do encontro de retiro quaresmal do Papa Francisco com a Cúria Romana), entre outros. O português José Cândido de Oliveira Martins, em um artigo intitulado *Antropologia literária de José Tolentino Mendonça: para uma poética da amizade na cultura pós-moderna*, afirma que, “genericamente, a obra de Tolentino transita da poesia ao ensaio, configurando-se como uma escrita de natureza meditativa e filosófica, que pensa, interroga, provoca e gera esperança” (Martins, 2018, p. 160).

Em 1990, no mesmo ano de sua ordenação sacerdotal, José Tolentino Mendonça publicou seu primeiro livro de poesia, *Os dias contados*. O autor revelou ao Jornal de Letras de Portugal que o tema central da obra “[...] tinha um claro endereço bíblico”²⁰. De acordo com Tatiana Prevedello, doutora em Letras, Tolentino “[...] revisita as mais expressivas vertentes clássicas, no âmbito da história, teologia, filosofia e literatura, desenvolvendo, em seus versos, uma visão de unidade entre o ser e o cosmos” (Prevedello, 2016, p. 18).

Após *Os dias contados*, Tolentino publicou mais doze livros de poesia. Ana Claudia dos Santos afirma que “embora Mendonça seja também prolífico ensaísta, a poesia é, sem dúvida, o centro de sua produção” (Santos, 2022, p. 63). Em julho de 2006, foi publicada a primeira edição de sua poesia reunida, intitulada *A noite abre meus olhos*. Essa edição reúne os poemas de *Os dias contados* (1990), *Longe não sabia* (1997), *A que distância deixaste o coração* (1998), *Baldios* (1999), *De igual para igual* (2001), *A estrada branca* (2005) e *Tábuas de pedra* (2005) (Teixeira, 2020, p. 228). Em 2010, foi lançada a segunda edição, que acrescentou os poemas de *O viajante sem sono* (2009) (Teixeira, 2020, p. 229). A terceira edição, de 2014, incluiu os poemas de *Estação central* (2012) e *A papoila e o monge* (2013), com posfácio de Jerónimo Pizarro (Teixeira, 2020, p. 229). Em 2021, foi publicada a quarta edição, com a inclusão de *Teoria da fronteira* (2017), e posfácio de Teresa Bartolomei, investigadora integrada do Centro de Investigação em Teologia e

¹⁸ *ibidem*.

¹⁹ <https://expresso.pt/sociedade/2019-10-05-Tolentino-Santo-Padre-o-que-e-que-me-fez--O-Papa-ri-se-e-diz-Tu-es-a-poesia>

²⁰ Secretariado nacional da pastoral da cultura, 2015.

Estudos da Religião (CITER) e professora convidada da Faculdade de Teologia da UCP, onde Tolentino atuou. A quinta edição, lançada em 2024, incorporou *Introdução à pintura rupestre* (2021) e um texto adicional intitulado *A origem da alegria ou uma insubmissão neolítica*, de João Maria Carvalho.

Em 2006, *A Noite Abre Meus Olhos* foi traduzido para o francês²¹ e para o italiano²². Em 2008, uma antologia²³ de poetas europeus que publicaram após 1970 incluiu oito poemas de José Tolentino Mendonça. Em 2016, em Bogotá, Colômbia, foi publicado um livro²⁴ com uma seleção de poemas do autor, traduzidos por Nicolás Barbosa López.

Em outubro de 2024, Tolentino lançou seu mais recente livro de poesia, *O centro da terra*, dedicado à sua mãe, Maria de Fátima Calaça (1934-2023), falecida recentemente. Na sinopse do livro, divulgada pela editora Assírio & Alvim, é afirmado que o autor “[...] procura capturar o informe irrecuperável da infância, o tempo transitório do presente que sempre se adianta para fazer nascer ou morrer uma história, uma flor, desabitatar uma casa até à ruína ou fazer esquecer um nome [...]”.

Em *A poesia de José Tolentino Mendonça como exercício espiritual: elementos para uma aproximação conceitual em sua obra*, Alex Villas Boas e Márcio Cappelli afirmam que a obra poética de José Tolentino Mendonça “[...] pode ser entendida como um exercício espiritual, no sentido de que o trabalho literário do autor se desenvolve num movimento de apropriação da tradição espiritual cristã” (Villas Boas; Cappelli, 2024, p. 119). No entanto, deixam claro que “[...] ao se aproximar da semântica de seus poemas, o leitor perceberá que não se trata [de] um mero exercício estético de versificação simplista do discurso religioso” (Villas Boas; Cappelli, 2024, p. 120), uma vez que, em muitas de suas obras, a temática religiosa não é explicitamente mencionada.

No posfácio da terceira edição de 2014, Jerónimo Pizarro recorda o convite feito por Tolentino para que ele escrevesse o texto introdutório, referindo-se a sua “insensatez de aceitar” (Pizarro, 2014)²⁵. Pizarro destaca que o convite era irrecusável, embora, tradicionalmente, os livros de Tolentino não apresentem prefácio ou posfácio. O autor de *A noite abre meus olhos* é descrito

²¹ La nuit ouvre mes yeux, 2006.

²² La notte apre i miei Occhi, 2006.

²³ New European Poets, 2008.

²⁴ Escuela del Silencio, 2016.

²⁵ A terceira edição de *A noite abre meus olhos* tenho disponível no formato e-book, o qual não possui paginação. Por isso, não incluo a numeração de páginas no texto.

como “[...] defensor da abertura da Igreja às artes” (Pizarro, 2014), e em seus escritos é possível reconhecer influências de poetas como São João da Cruz, Herberto Helder, Rainer Maria Rilke e Adília Lopes, sendo que em seus textos coexistem “[...] transcendência e imanência, misticismo e materialismo, lirismo e prosaísmo” (Pizarro, 2014). Pizarro intitula seu posfácio de *O patrimônio da sede*, refletindo sobre a relação entre a sede espiritual do poeta e sua criação poética, que “[...] constrói uma imagem que depois se desvanece” (Pizarro, 2014), sugerindo que “todo poema condensa uma experiência, e, se quisermos, uma vida” (Pizarro, 2014).

José da Cunha Rodrigues, em *A Mística do Instante de José Tolentino Mendonça: uma leitura infinita em tempos pós-modernos*, sua dissertação de mestrado sobre a obra de José Tolentino Mendonça, afirma que, “[...] através de sua poesia, o autor nos coloca em várias linhas de reflexão, utilizando o silêncio como um meio de captar e capturar o contraste entre o movimento das coisas e a fixação da beleza” (Rodrigues, 2017, p. 21).

No final de *Estrada Branca*, incluído em *A noite abre meus olhos*, Tolentino aborda a natureza do poema e sua relação com a verdade, a realidade e a experiência humana. O poema é visto como uma ruptura com o convencional, uma dissidência em relação ao visível e ao estável. Tolentino afirma que “O poema é um exercício de dissidência, uma profissão de incredulidade na onipotência do visível, do estável, do apreendido” (Mendonça, 2024, p. 200), destacando que o poema desafia e questiona a realidade aparente. Ele associa o poema à apostasia, sugerindo que “não há poema verdadeiro que não torne o sujeito um foragido” (Mendonça, 2024, p. 200), uma vez que o sujeito se afasta da norma. A criação poética é vista como uma prática solitária, exigindo isolamento, como evidenciado pela afirmação: “O poema obriga a pernoitar na solidão dos bosques, em campos nevados, por orlas intactas” (Mendonça, 2024, p. 200). Para Tolentino, “o poema não alcança aquela pureza que fascina o mundo. O poema abraça precisamente aquela impureza que o mundo repudia” (Mendonça, 2024, p. 200), evidenciando que a poesia se volta para aquilo que a sociedade marginaliza e rejeita.

2.4 OUTRAS OBRAS

Destacam-se, neste contexto, duas obras de José Tolentino Mendonça: *A construção de Jesus: uma leitura narrativa de Lc 7,36-50* e *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*. Ambas são fundamentais para a compreensão do pensamento do autor. Em *A construção de Jesus*, será possível analisar a aplicação da abordagem narrativa às Escrituras, destacando o papel do leitor

e a utilização das *indeterminações* presentes no texto. Já em *A leitura infinita*, a obra oferece uma abordagem teórica mais profunda sobre o conceito de *indeterminação*, com base em exemplos retirados do Evangelho de João. Nessa mesma obra, Tolentino explora o conceito de *viragens hermenêuticas*, essencial para entender seu posicionamento hermenêutico, particularmente no que diz respeito à interpretação dos textos bíblicos. A seguir, apresenta-se um panorama às referidas obras.

O objetivo desta etapa é oferecer uma análise panorâmica dos principais ensaios de José Tolentino Mendonça. Para tal, selecionamos as obras mais reconhecidas entre os leitores, com o intuito de identificar os temas recorrentes em sua produção. Esta etapa reveste-se de importância crucial, pois possibilita a localização das reflexões que serão desenvolvidas nos capítulos subsequentes, sendo estas resultantes da compreensão aprofundada de seus ensaios. No caso das obras que receberão menor destaque, apresentaremos informações essenciais, com o intuito de proporcionar um panorama geral ao leitor.

2.4.1. *A construção de Jesus*

O livro *A construção de Jesus: Uma leitura narrativa de Lc 7,36-50*, publicado pela Editora Assírio & Alvim em 2004, resulta da elaboração da tese de doutorado do autor, realizada entre os anos de 2000 e 2004. Em 2015, a obra foi republicada pela Editora Paulinas, com o novo título *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*. Em 2016, foi traduzido para o italiano²⁶ pela Editora San Paolo, em 2017 para o espanhol²⁷ pela Editora Editorial Sal Terrae e para o inglês²⁸ pela Editora Paulist Press. Em 2018, foi novamente publicado no Brasil pela Editora Paulinas, em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco, sendo o reitor Pedro Rubens Ferreira Oliveira responsável pelo prefácio. Em sua introdução, Pedro Rubens, em agradecimento ao autor, afirma que o “[...] autor que singra mares para vir ao nosso encontro, abre portas de sentidos e nos convida a participar de uma ceia, de cardápio não revelado” (Oliveira, 2018, p. 12). Uma análise mais detalhada da obra será apresentada no próximo capítulo.

²⁶ Gesù: La sorpresa di un ritratto, 2016.

²⁷ La Construcción de Jesus, 2017.

²⁸ Jesus and the Woman: Revealing God's Mercy, 2017.

2.4.2. *A leitura infinita*

O livro *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*, de José Tolentino Mendonça, foi publicado em Portugal pela editora Paulinas em 2014, e encontra-se atualmente em sua segunda edição. No Brasil, a obra foi lançada em 2015 pela mesma editora, em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco, com prefácio do Reitor Pedro Rubens Ferreira Oliveira, que, na apresentação à edição brasileira, afirma: “somos contemplados, neste livro, com uma pedagogia da leitura e, ao mesmo tempo, com uma mistagogia da interpretação bíblica: a leitura é infinita; o mistério, inesgotável; a experiência de leitor, apaixonante” (Oliveira, 2015, p. 9). Em 2017, o livro foi traduzido para o italiano²⁹ editora San Paolo.

A obra está dividida em seis partes principais. A primeira, intitulada *O Elogio da Leitura*, aborda as viragens hermenêuticas, com ênfase em questões contemporâneas relacionadas ao papel do leitor, tópico que será detalhado no próximo capítulo desta dissertação. Nessa seção, Tolentino explora a relação da Bíblia com a poesia e os principais materiais sobre o tema. Ele resgata o conceito de *indeterminação*, proposto por Wolfgang Iser, teórico da Estética da Recepção, que se refere às *diversas categorias de que se reveste a indeterminação*, como o enigma, o mal-entendido e a ironia (Mendonça, 2015, p. 52).

Ainda nesta primeira parte, Tolentino examina a estética da Escritura, argumentando que “a Revelação é um acontecimento estético, mas não pode ser compreendida unicamente sob a categoria do belo: o da revelação é um belo *sub contrario*, a beleza daquele que ‘não tinha aparência nem beleza para atrair os nossos olhares’” (Dianich, 2001, p. 51, apud Mendonça, 2015, p. 62-63). O Jesuíta Francys Silvestrini Adão adverte que “a transmissão de uma habilidade literária não é a finalidade do trabalho teológico de Tolentino, porque o texto bíblico não existe em função de si mesmo” (Adão, 2024, p. 38), posição corroborada pelo próprio autor, que, ao refletir sobre a frase *A Bíblia e a legibilidade do mundo*, afirma que “o texto bíblico participa na construção do mundo, ao mesmo tempo que viabiliza a sua legibilidade” (Mendonça, 2015, p. 58). A seção termina com uma discussão sobre *As imagens como lugar da interrogação de Deus*, onde Tolentino sugere que a arte não tem como objetivo reproduzir o eterno, mas, ao contrário, “toda arte é chamada atualmente a trabalhar com os meios da sua própria impotência. Não com a onipotência, mas com o abaixamento, com a quenose. Não com a presença, mas com a ausência e o silêncio” (Mendonça, 2015, p. 74).

²⁹ La lettura infinita. La Bibbia e la sua interpretazione, 2017.

A segunda parte, intitulada *Escondimento e Revelação*, inicia com uma reflexão sobre *Uma biografia do paraíso*, que é precedida por uma pergunta provocativa: “é verdade que todos os paraísos são irremediáveis?” (Mendonça, 2015, p. 77). Tolentino explora o relato do Gênesis, sugerindo que o ser humano é expulso do paraíso não como uma perda, mas como um caminho para a concretização de uma promessa. O autor desenvolve uma dinâmica associada ao título da seção, que passa por quatro pontos principais: a narrativa do Paraíso em correlação com a esperança; a paternidade de Deus entre providência e história; uma pista de teologia do Espírito; e, finalmente, uma reflexão sobre os anjos (Oliveira, 2015, p. 9). A seção é concluída com uma reflexão sobre o Patriarca Abraão, afirmando que “o homem é esse ser a caminho, que no espelho da incompletude e do inacabado se mira e se reconhece” (Mendonça, 2015, p. 121).

A terceira parte, *Ars Amatoria* (A Arte de Amar), oferece uma leitura do livro bíblico Cântico dos Cânticos, através da qual Tolentino reflete sobre “o encontro interminável do amor” (Mendonça, 2015, p. 127). O Cântico dos Cânticos é interpretado como um epitalâmio, um canto trocado entre dois enamorados, com destaque para a mulher como uma figura protagonista, um fenômeno raro nas Escrituras, pois “nenhum outro texto bíblico dá a palavra à mulher em tal proporção” (Mendonça, 2015, p. 131). O amor é compreendido como um “território de uma reciprocidade e paridade fundamentais” (Mendonça, 2015, p. 131). Tolentino, influenciado por Paul Beauchamp, entende que “o amor é uma nova criação” (Mendonça, 2015, p. 132), e sugere que o texto aponta para um *regresso ao território maternal*, com um significado simbólico de criação (Mendonça, 2015, p. 132-133). O autor também reflete sobre a dinâmica do amor como um processo contínuo, exemplificado pela busca do amante por seu amado, e a descrição do amor como algo em constante construção: “todo o diálogo de amor é uma conversa entre mendigos: não entre gente que sabe, mas entre quem não sabe; não entre gente que tem, mas entre quem nada retém” (Mendonça, 2015, p. 133).

A quarta parte, intitulada *A Cozinha e a Mesa*, aborda a cozinha como um espaço social e espiritual. Tolentino inicia a reflexão com a provocação *Deus anda pela cozinha*. A mesa é apresentada como “uma espécie de fronteira simbólica que testemunha, para lá das diferenças, uma possibilidade radical de comunhão” (Mendonça, 2015, p. 172), sendo um “instrumento de reciprocidade” (Mendonça, 2015, p. 172). O autor observa que, em sua prática, Jesus utilizava as refeições como atos performáticos para divulgar seu projeto, reunindo os marginalizados e colocando todos à volta da mesma mesa (Mendonça, 2015, p. 173). Tolentino remete à tradição judaica da comensalidade, que, embora servisse para reforçar identidades, também era um espaço de exclusão, como no caso dos fariseus, que se viam *separados* dos pecadores e pagãos (Mendonça,

2015, p. 182). A postura de Jesus, no entanto, contrariava essa prática, pois ele compartilhava refeições com os moralmente inconvenientes (Mendonça, 2015, p. 183). A seção é concluída com a afirmação de que “o Cristianismo constrói-se do lado da hospitalidade” (Mendonça, 2015, p. 197), pois sua mensagem acolhe a diversidade.

A quinta parte, *No Meio de Vós Está o Que Não Conheceis*, aborda a crise da palavra na consciência moderna. Tolentino argumenta que, enquanto em tempos anteriores houve uma “sobreabundância dos signos verbais” (Mendonça, 2015, p. 203), hoje as palavras “não salvam: adiam ou simulam redensões” (Mendonça, 2015, p. 203). Usando como exemplo o centurião que confia na palavra de Jesus para curar seu servo (Lucas 7,7), Tolentino questiona: “Que caminhos outros teremos para nos reaproximarmos da confiada prece do centurião?” (Mendonça, 2015, p. 203). Ele propõe um significado interno para o Evangelho, compreendido como “Jesus, Evangelho da Vida” (Mendonça, 2015, p. 236), e, conseqüentemente, o Reino de Deus como “a vida de Deus anunciada” (Mendonça, 2015, p. 239). A seção também reflete sobre a parábola do fariseu e do publicano (Lucas 18,9-14), analisada no segundo capítulo da dissertação.

O livro é concluído com três entrevistas, cada uma abordando temas distintos e significativos. A primeira, intitulada “A Bíblia ama esconder-se” (Mendonça, 2015, p. 291-299), foi conduzida por António Marujo, da Revista Ler, em 1999 (Mendonça, 2015, p. 299). Nela, o autor reflete de forma sucinta sobre o valor histórico da Bíblia e sobre as diversas possibilidades de interpretação de seus textos. A segunda entrevista, “Jesus é um mistério fascinante, ainda em aberto” (Mendonça, 2015, p. 301-308), também conduzida por António Marujo, foi realizada em 26 de fevereiro de 2005 (Mendonça, 2015, p. 308). Nesta conversa, abordam-se temas como a tese de doutorado de Tolentino, o papel da mulher no evangelho de Lucas, o impacto do livro *O Código Da Vinci*, a clandestinidade da teologia em Portugal e a relevância do método narrativo em contraste com o método histórico-crítico na leitura bíblica. Por fim, a terceira entrevista, “Explorando o grande código” (Mendonça, 2015, p. 309-315), foi conduzida por Ana Marques Gastão para o Diário de Notícias em 13 de outubro de 2006. Ela trata da publicação da Bíblia Ilustrada, traduzida por João Ferreira Annes d'Almeida e acompanhada de ilustrações de Ilda David, lançada em oito volumes sob a responsabilidade de José Tolentino Mendonça.

2.4.3. As estratégias do desejo

O livro *As estratégias do desejo: um discurso bíblico sobre a sexualidade* foi publicado pela primeira vez em junho de 1994, contendo dois ensaios. Na segunda edição, de 2003, foi acrescentado um terceiro ensaio, intitulado *O corpo de Deus*. Além disso, o autor alterou o subtítulo para *Corpo e identidades: um discurso bíblico*, em razão da inclusão dos novos textos. As reflexões presentes na obra abordam a relação entre corpo e sexualidade a partir da perspectiva bíblica.

O primeiro ensaio foi originalmente apresentado como “uma comunicação realizada em Coimbra, numas Jornadas do Movimento Católico de Estudantes” (Mendonça, 2003, p. 12). O segundo ensaio foi escrito “a pedido de António Mega Ferreira [...], para o número sobre Deus da revista ‘Egoísta’” (Mendonça, 2003, p. 12). O terceiro ensaio foi publicado na revista de teologia *Communio* (Mendonça, 2003, p. 12).

No livro, Tolentino investiga a intersecção entre corpo, identidade e a narrativa bíblica, refletindo sobre como esses elementos se relacionam com a experiência humana. Para o autor, o ser humano não é apenas um objeto de estudo ou uma criação de Deus, mas um espaço onde a teologia se manifesta e se desenvolve. Como afirma, “esta ‘definição de lugar’ é também uma obrigação para a Teologia que, na senda do Concílio Vaticano II, elegeu o Ser Humano como instância privilegiada para sua elaboração” (Mendonça, 2003, p. 15). A experiência e a condição humana são vistas como fundamentais para a compreensão de Deus e da espiritualidade.

Nesse contexto, o ser humano é aceito e valorizado em todas as suas dimensões, incluindo a sexualidade. Tolentino defende que “nada de pejorativo surge ligado à definição sexual do ser humano. Ela pertence ao número das coisas que Deus considerou ‘muito boas’, ao concluir Sua obra criadora” (Mendonça, 2003, p. 28).

2.4.4. *O hipopótamo de Deus e outros textos*

O livro *O hipopótamo de Deus e outros textos* foi publicado pela editora Assírio & Alvim em julho de 2010. Em novembro do mesmo ano, foi lançada uma segunda edição, revista e ampliada. Em 2015, a obra foi traduzida para o italiano³⁰ pela editora Vaticana. Em 2013, a editora Paulinas, de Portugal, lançou a quarta edição, com novos textos e sob o título *O hipopótamo de Deus: quando as perguntas que trazemos valem mais do que as respostas provisórias que encontramos*. O título do livro remete a um dos textos presentes na obra, *O hipopótamo de Deus*, no qual Tolentino afirma que “um dos passos mais intrigantes da Bíblia tem a ver com um

³⁰ L’ippopotamo di Dio. Farsi domande vale più che darsi rapide risposte, 2015.

hipopótamo” (Mendonça, 2010, p. 15). Este trecho aborda o drama presente no livro de Jó, diante da devastadora experiência do mal. Enquanto o olhar de Jó se volta para suas vicissitudes, “Deus, porém, desafia-o a olhar de frente para... um hipopótamo” (Mendonça, 2010, p. 15). Diante dessa cena inusitada, Tolentino observa: “O método de Deus neste singular encontro com Jó é trabalhar a medida do olhar humano, rasgá-lo imensamente para que ele vislumbre o incomensurável, tudo o que não tem resposta, mostrando-lhe que se o Mal é um enigma que nos cala, o Bem é um mistério ainda maior” (Mendonça, 2010, p. 16).

O livro apresenta diversas crônicas que exploram a relação entre cristianismo e cultura. Em um determinado momento, Tolentino propõe uma reflexão com o título “A Igreja precisa de um virar de página” (Mendonça, 2010, p. 61). Citando o Papa Bento XVI, que segue a linha de seus predecessores, o autor declara: “[...] que a Igreja precisa de celebrar um novo pacto criativo com o mundo das Artes” (Mendonça, 2010, p. 61). Além disso, Tolentino afirma que “um catolicismo que descure a expressão da Beleza é seguramente um catolicismo diminuído” (Mendonça, 2010, p. 61). O autor faz ainda um alerta à Igreja de Portugal, que, neste campo, realmente precisa “virar a página”, unindo o evangelho com a estética, e aponta: “urge uma estação de exigência e o celebrar de um compromisso capaz de dar à nossa Evangelização uma estética consistente, coerente e contemporânea” (Mendonça, 2010, p. 62).

2.4.5. *O tesouro escondido*

O livro *O tesouro escondido: para uma arte da procura interior*, foi publicado pela editora Paulinas de Portugal em fevereiro de 2010, no momento encontra-se na décima edição. Publicado também na Itália³¹ em 2011 pela editora Paoline, na Espanha³² em 2011 por Paulinas Editorial, na República Checa³³ em 2012 pela editora Paulínsky, na Alemanha³⁴ em 2012 pela editora Herder, no Brasil em 2012 pela editora Paulinas e países de língua inglesa³⁵ em 2014 pela editora Alba House. No site da editora Paulinas de Portugal, o livro é apresentado pelo político e jurista português, Guilherme d’Oliveira Martins, o qual descreve o livro como: *Experiência de amor, silêncio,*

³¹ Il tesoro nascosto. Per un’arte della ricerca interiore, 2011.

³² Encontrar y poseer el tesoro escondido. El arte de la búsqueda, 2011.

³³ Ukryty poklad. Umení duchovního hledání, 2012.

³⁴ Die Kunst, zur eigenen Mitte zu finden. Glaube und Persönlichkeit, 2012.

³⁵ The Hidden Treasure: The Art of Searching Within, 2014.

procura e descoberta, segredo, paradoxo, incindibilidade entre razão e fé, dignidade das pessoas, universalismo do respeito, eis a multiplicidade de temas e de apelos que o escritor nos traz com este Tesouro Escondido.

O livro está dividido em treze capítulos, nos quais, Tolentino cria uma relação a partir de textos bíblicos com a realidade do mundo contemporâneo. O terceiro capítulo é uma reflexão de onde Tolentino tira o título do seu livro. Parte da passagem de Mateus 13,44-46, que fala de um tesouro escondido em um campo e, que é encontrado por um homem, que vende tudo o que tem para comprar o campo. Tolentino voltando-se para o seu leitor e diz: “como o homem da parábola de Jesus, nós encontramos um tesouro: o próprio amor de Deus” (Mendonça, 2012, p. 21). Esse tesouro encontrado, ou seja, o *amor de Deus*, segundo Tolentino, é o início da caminhada de fé, a vida espiritual é uma “busca longa, demorada, paciente e comprometida daquilo ou daquele que já encontramos” (Mendonça, 2012, p. 22-23).

As reflexões têm como proposta *uma busca interior*. Longo no início do livro Tolentino propõe uma pergunta: “[...] o nosso mundo interior é uma cebola ou uma batata?” (Mendonça, 2012, p. 7). Mesmo apresentando-se como uma pergunta incomum, Tolentino afirma que ela pode conter uma certa profundidade, podendo ser refletida por filósofos e mestres da espiritualidade. Um vida apresentada como uma cebola indica que: “[...] tudo são cascas de cebola, modos de ver, perspectivas, interpretações. Para lá disso não há mais nada” (Mendonça, 2012, p. 80), porém a batata indica que “[...], *mesmo escondida por uma crosta ou por um véu, está uma realidade que é substancial e vital*” (Mendonça, 2012, p. 8, *italico no original*). Essa realidade interior trabalhada no interior do ser humano, sendo moldado pelo amor de Deus, *o tesouro escondido* encontrado, vai transformando o ser humano. Tolentino afirma que “a nossa vida é uma paisagem onde Deus se vê” (Mendonça, 2012, p. 45).

2.4.6. *Pai nosso que estais na terra*

O livro *Pai Nosso que estais na terra: o Pai-Nosso aberto a crentes e não crentes*, publicado em fevereiro de 2011 pela editora Paulinas de Portugal, encontra-se atualmente em sua nona edição, revista e ampliada. A obra foi traduzida para o espanhol³⁶ em 2012 pela Paulinas Editorial, para o

³⁶ Padre Nuestro que estás na la tierra. El Padre nuestro para creyentes y no creyentes, 2012.

italiano³⁷ em 2013 pela editora Qiqajon, para o inglês³⁸ em 2013 pela Paulist Press, para o francês³⁹ em 2013 pela editora Novalis-Cerf, para o alemão⁴⁰ em 2013 pela editora Herder e para o tcheco⁴¹ em 2013 pela editora Karmelitánské Nakladatelství.

A obra está dividida em treze capítulos e foi apresentada por Enzo Bianchi, “monge e teólogo italiano [...] prior e fundador da Comunidade de Bose” (IHU, 2024). Ao refletir sobre o subtítulo do livro, Bianchi destaca o desafio proposto por Tolentino, que se dirige tanto a *crentes como a não crentes* por meio da oração do Pai-Nosso, apontando que “a oração exprime de tal modo a humanidade do homem que cada ser humano pode encontrar-se representado no Pai-Nosso” (Bianchi, 2013, p. 5). Nesse sentido, Tolentino ultrapassa qualquer tentativa de categorização do ser humano, reconhecendo-o em sua humanidade essencial. Para ele, a oração adquire uma dimensão universal. Bianchi afirma que Tolentino, ao perceber essa universalidade na oração do Pai-Nosso, entende que “cada homem é um filho [...], tem uma interioridade [...], é um ser de desejo [...], precisa de pão e de perdão [...], luta com o mal [...], habita aquela terra que, na ótica da encarnação, já não é o lugar que separa de Deus, mas o único lugar do encontro possível entre o homem e Deus” (Bianchi, 2013, p. 5-6).

Desde o início de sua reflexão, Tolentino orienta seus leitores sobre como fazer bom uso das crises. Ele reconhece que no percurso da vida surgem *grandes ciclos de interrogação e experiências de crises*, que ocorrem com o intuito de evitar o pior. “E o que é o pior? Explica-o Jesus de Nazaré: o pior é ter olhado sem ver, ter ouvido sem escutar, ter captado de alguma maneira, mas não ter efetivamente acolhido” (Mendonça, 2013, p. 14). O autor conclui seu raciocínio com base no texto do Evangelho de Lucas 7,32 — *Tocamos flauta para vós, e não dançastes! Entoamos lamentações, e não chorastes* —, entendendo que “o pior é nos reconhecermos na ‘oportunidade perdida’ que o Evangelho lamenta” (Mendonça, 2013, p. 14).

Tolentino propõe ao leitor uma reflexão a partir da oração do Pai-Nosso e lança um questionamento que orienta a compreensão de toda a oração cristã: *O que é um pai?*. Ele sugere que o pai é simultaneamente um ser externo, com uma história e um estilo próprio, e também uma figura interna, que habita o interior do ser humano. A figura do pai “está diante dos nossos olhos,

³⁷ Padre Nostro che sei in terra, 2013.

³⁸ Our Father, Who Art on Earth: The Lord’s Prayer for Believers and Unbelievers, 2013.

³⁹ Notre Père qui es sur la terre, 2013.

⁴⁰ Vater unser auf Erden. Das Gebet Jesus für Glaubende und Zweifler, 2013.

⁴¹ Otce náš, jenž jsi na zemi, 2013.

mas ganha existência interna. Essa ‘gestação’ permite que a criança se estruture interiormente e avance nessa que será a arte de uma vida, a confiança” (Mendonça, 2013, p. 23). Nesse sentido, Tolentino afirma que “para rezar o Pai-Nosso temos de acolher Deus não apenas pontualmente, mas como modelo interior, imagem permanente, presença com a qual estamos em contínuo diálogo” (Mendonça, 2013, p. 27).

Ao longo do livro, Tolentino analisa distintas partes da oração do Pai-Nosso, oferecendo reflexões que destacam a dignificação do outro e a importância da convivência humana. No capítulo em que reflete sobre a frase *O pão nosso de cada dia nos dai hoje*, o título escolhido é: “É de vida partilhada que as nossas vidas se alimentam” (Mendonça, 2013, p. 89). Em uma continuidade de sua reflexão, Tolentino afirma: “alimentamo-nos uns dos outros. Somos uns para os outros, na escuta e na palavra, no silêncio e no riso, no dom e no afeto, um alimento necessário, pois é de vida [...] que as nossas vidas se alimentam” (Mendonça, 2013, p. 97). Ele rememora a sacralidade do pão para as gerações passadas, ressaltando que “o pão é sinal do que é essencial à vida, de tudo aquilo que a nossa sobrevivência depende, e sem o qual não conseguiríamos existir” (Mendonça, 2013, p. 90). No entanto, Tolentino vai além ao afirmar que “o pão também traduz convivência, a comunhão, a fraternidade...” (Mendonça, 2013, p. 90). Ele recorda que “o pão não é só pão. Ele é também o testemunho visível da arte da fraternidade. Na raiz de palavras que nos são tão caras, como ‘companhia’, ‘companheiro’, ‘acompanhamento’, está o pão, o *com-panis*, o comer o mesmo pão” (Mendonça, 2013, p. 90).

Tolentino observa que a humanidade frequentemente se debruça em pedir a Deus aquilo que é secundário, esquecendo-se do essencial. Ele propõe a reflexão: por que pedir pão, se o ser humano é capaz de obtê-lo com suas próprias forças? No entanto, Tolentino insiste que o ser humano deve pedir a Deus aquilo que realmente é necessário, ou seja, “pedir que ele dê um sentido outro àquilo que nós vamos conseguindo e o torne genuinamente essencial” (Mendonça, 2013, p. 91). O pão essencial, para Tolentino, é aquele que simboliza a *fraternidade*. “É rogar não apenas pela minha seara, mas por todas as searas. E é comprometer-se em amassar um único pão, capaz de saciar os outros” (Mendonça, 2013, p. 92).

Ao concluir sua reflexão, Tolentino analisa a última sentença da oração — *mas livra-nos do mal* — e destaca as palavras iniciais e finais, *Pai* e *Mal*, conclui que “o próprio desenho retórico da oração diz-nos alguma coisa sobre o Mal. Se ele é o que surge no extremo da distância do Pai, na frase mais remota, então o Mal, de certa forma, é o anti-Pai” (Mendonça, 2013, p. 128). Com base na história de Jó, que não encontra uma explicação para o *Mal*, Tolentino observa que Deus redireciona seu olhar para o *Bem*, que também é inexplicável. Diante do *Mal*, Tolentino afirma que

“não podemos esquecer que Jesus iniciou-nos a uma confiança no Pai, que é, sobretudo, um caminho” (Mendonça, 2013, p. 136).

2.4.7. *Nenhum caminho será longo*

O livro *Nenhum caminho será longo: para uma teologia da amizade*, publicado em outubro de 2012 em Portugal pela editora Paulinas e atualmente em sua décima edição, foi traduzido para diversos idiomas. Em 2012, foi traduzido para o espanhol⁴² pela editora San Pablo; em 2013 para o italiano⁴³ pela editora Paoline; em 2013, para o Checo⁴⁴ pela editora Pórtal; em 2013, foi publicado no Brasil pela editora Paulinas; em 2014, foi publicado no México⁴⁵ pela editora Dabar; em 2014, traduzido para o francês⁴⁶ pela editora Salvator; e, em 2015 traduzido para o inglês⁴⁷ pela editora Paulist Press.

O livro é precedido por duas breves apresentações. O atual presidente de Portugal, Marcelo Nuno Duarte Rebelo de Sousa, ao comentar sobre o autor, afirma que Tolentino “é sempre culto, de uma cultura natural, interiorizada, respirada, que só não esmaga a sua riqueza e variedade temática porque não é artificial, não é superficial, nem exibida [...]” (Sousa, 2013, p. 7). Referindo-se ao livro, ele acrescenta: “[...] é um apelo a redescobriremos Deus nos outros, redescobrimo-nos a nós próprios. Não é para ser lido a eito, com pressa, com a pressa de querer chegar. É para ser lido parte a parte, parágrafo a parágrafo, com vagar, com o vagar de quem ousa construir fraternidade [...]” (Sousa, p. 8). A obra também conta com a apresentação do frade dominicano Timothy Radcliffe, ex-mestre geral da Ordem dos Pregadores. Radcliffe, autor de diversos livros sobre espiritualidade, observa que “este é um livro que revela um profundo respeito pelo outro, um livro para ser saboreado” (Radcliffe, 2013, p. 9).

Distribuído em vinte e um capítulos, o livro traça um percurso sobre a relevância da amizade. O autor apresenta figuras bíblicas que exemplificam momentos de amizade, além de explorar a amizade construída com Deus, uma amizade espiritual, a qual, inspirada na ideia de

⁴² Ningún camino sera largo, 2012.

⁴³ Nessun cammino sarà lungo. Per una dell’amicizia, 2013.

⁴⁴ Přátelství je víc než láska. Na cestě k teologii přátelství, 2013.

⁴⁵ Ningún camino será largo. Para una teología de la amistad, 2014.

⁴⁶ Petit traité de l’amitié, 2014.

⁴⁷ No journey will be too long. Friendship in Christian life, 2015.

Evágrio, é descrita como “a amizade espiritual é a ciência de Deus, na qual os santos recebem o título de amigos de Deus” (Mendonça, 2013, p. 110). O livro se encerra com uma reflexão sobre a amizade como herança, indicando que “alguns amigos tornam-nos herdeiros de um lugar, outros de uma morada, outros de uma razão pela qual viver” (Mendonça, 2013, p. 216). No terceiro capítulo, será apresentado um panorama sobre o livro, focando na teologia da amizade nele presente.

2.4.8. *A mística do instante*

O livro *A mística do instante: o tempo e a promessa*, publicado em setembro de 2014 pela editora Paulinas de Portugal, encontra-se atualmente em sua segunda edição. A obra foi traduzida para o italiano⁴⁸ em 2015 pela editora Vita e Pensiero; para o brasileiro em 2016 pela editora Paulinas, para o francês⁴⁹ em 2016 pela editora Béatitudes, para o espanhol⁵⁰ em 2016 pela editora Fragmenta Editorial, e também foi publicada em catalão⁵¹ pela mesma editora Fragmenta Editorial.

Neste livro, José Tolentino Mendonça propõe uma reflexão sobre a mística do instante, estruturada em duas partes. Na primeira, sob o tema *Para uma espiritualidade do tempo presente*, ele discute a relação entre espiritualidade, mística e a experiência que se realiza no instante. Na segunda parte, intitulada *Para uma teologia dos sentidos*, a obra se subdivide em cinco capítulos, nos quais o autor analisa os cinco sentidos como canais para abordar a mística do corpo. Segundo o teólogo Paulo Antônio Couto Faria, Tolentino “[...] faz uma redação mais insinuativa do que conceitual. Arrecada daqui e dali as marcas de várias leituras e as experiências que elas lhe provocaram ou invocaram” (Faria, 2022, p. 128). O livro é descrito por Faria como “uma reunião de ensaios, sob forma de proposta de como podemos e devemos perceber a vida através — e para além — dos cinco sentidos, numa espiritualidade presente ou do ‘tempo presente’ [...]” (Rodrigues, 2017, p. 17).

Tolentino explora a espiritualidade que se manifesta no toque, tanto no ato de tocarmos quanto de sermos tocados, como uma experiência simultânea. Ele destaca que “com o toque que permitimos sermos tocados, tocaremos o mundo desencantado para que ele seja, simplesmente, um

⁴⁸ La mística dell’istante, 2015.

⁴⁹ Le temps et la promesse: pour une spiritualité de l’instant presente, 2016.

⁵⁰ Hacia una espiritualidad de los sentidos, 2016.

⁵¹ Vers una espiritualitat dels sentits, 2016.

mundo humano” (Faria, 2022, p. 130-131). Em sua perspectiva, o tato transforma os simples esbarros em encontros significativos.

No capítulo dedicado ao paladar, o autor realiza uma imersão em textos bíblicos, sugerindo que, por meio dos sabores descritos, também podemos *saborear a Deus*. O padre jesuíta Francys Silvestrini Adão, ao comentar o sentido do paladar no livro de Tolentino, observa que “esse sentido, ao nos dar acesso a um juízo gustativo do bom e do ruim, parece provocar em nós o desejo de provar outras coisas, de ampliar nossa apreciação do mundo” (Adão, 2024, p. 73).

O autor também investiga o olfato, ressaltando o gesto de *colher o perfume do instante* e afirmando que “o odor vence a limitação espacial. Temos a qualidade da ubiquidade, que é negada à determinação espacial. Num único instante podemos ocupar um lugar amplo, daí a importância do olfato para a mística do instante” (Faria, 2022, p. 138). Nesse contexto, é importante recordar que “[...] os cheiros nos colocam em contato com uma presença oculta aos outros sentidos. Tolentino nos lembra que muitas vezes somos protegidos pelo olfato, quando ele nos previne que um prato foi esquecido no forno ou uma comida está estragada” (Adão, 2024, p. 75).

Na audição, o autor apresenta o sentido como aquele que “melhor designa o seguimento de um som, ou voz, ou pessoa, ou ainda à obediência a Deus” (Faria, 2022, p. 131). Tolentino propõe a escuta como uma forma de acolhimento, referindo-se à necessidade de *escutar a melodia do presente* e até mesmo ao “[...] inclinar-se para ouvir o outro [...]” (Mendonça, 2014, p. 143), o que se configura como um ato de hospitalidade. Em relação a esse sentido, Adão (2024, p. 78) observa que “a atenção ao sentido da audição também nos faz reconhecer que precisamos ser ouvidos. A escuta de outra pessoa nos ajuda a nos expressarmos de forma diferente e a voltarmos a nós mesmos, enriquecidos pela partilha”.

Por fim, na visão, Tolentino sublinha a necessidade de uma atenção intensificada, citando que “muito se enxerga e pouco se vê [...]” (Faria, 2022, p. 132). Em um trecho intitulado *A cor do que não chegamos a ver*, o autor aborda a cor azul no céu, que, segundo ele, “[...] permaneceu por longo tempo, no Ocidente, uma cor invisível” (Mendonça, 2014, p. 208). Ele afirma que grandes pensadores ocidentais, como Aristóteles, Lucrécio e Sêneca, descreveram o céu com outras cores, como vermelho, amarelo, violeta, verde e laranja, sem mencionar o azul. Diante disso, Tolentino reflete: “o azul que esteve diante dos olhos de Aristóteles, e que ele não contemplou, faz-nos pensar naquilo que está hoje patente e acessível a nosso lado sem que nos demos conta. Pela vida fora há, por isso, uma humilde dúvida que temos de conservar: que cor tem o céu que não chegamos a ver?” (Mendonça, 2014, p. 210).

No terceiro capítulo, retornaremos a este livro, abordando a mística do instante como um dos temas centrais de sua teologia.

2.4.9. *Libertar o tempo*

Em 2016, foi publicado na Itália⁵², pela editora EMI, o livro *Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente*, cuja versão brasileira foi lançada em 2017 pela editora Paulinas. A obra foi prefaciada pela doutora Maria Clara Lucchetti Bingemer, que destaca que “o personagem central do livro é o tempo” (Bingemer, 2017, p. 10). Segundo a autora, o tempo, na contemporaneidade, vivencia um processo de desumanização. Diante desse cenário, Tolentino, de forma crítica, escreve “a favor de uma arte espiritual: a de libertar o tempo da tirania ‘cronológica’ para convertê-lo em *kairos* suave, profundo, pleno” (Bingemer, 2017, p. 10). Em maio de 2017, a editora espanhola Fragmenta Editorial publica o livro, com o título *Pequeña teología de la lentitud, actualmente en su cuarta edición*.

Na introdução, Tolentino apresenta um título instigante: *Resgatar o Tempo*, no qual formula diversas questões aparentemente sem resposta. Em seguida, o autor reflete: “há um momento em que percebemos que as perguntas nos deixam mais perto do sentido, do aberto do sentido, do que as respostas” (Mendonça, 2017, p. 13). O Cardeal, poeta e teólogo, ainda dentro dessa esfera interrogativa, complementa: “a teologia mais útil é aquela tecida por perguntas. Uma teologia sobressaltada, revirada, esvaziada, ampliada, qualificada, iluminada pela força das perguntas que acolhe” (Mendonça, 2017, p. 14). Tolentino afirma que a teologia deve estar atenta às perguntas que surgem em cada tempo e em cada ser humano.

Para Tolentino, libertar o tempo significa resgatar a lentidão, a qual é abordada na primeira parte da obra sob o título de *A arte da lentidão*. O autor tece uma crítica à sociedade contemporânea, afirmando que, embora a lentidão tenha perdido seu status nas sociedades modernas e ocidentais, ela ainda se mantém como um antídoto contra a *rasura normalizadora* (Mendonça, 2017, p. 21). A contracapa do livro define libertar o tempo como *a atitude de descobrir o essencial, de ver o invisível e de saciar-se somente do necessário*.

A obra⁵³ ressignifica a compreensão do tempo. Na primeira parte, o autor explora diversos conceitos por meio da expressão *Arte*, abordando temas como a arte da lentidão, do inacabado, de

⁵² Liberiamo il tempo. Piccolo manuale sull'arte di vivere, 2016.

⁵³ No terceiro capítulo, retornaremos a este livro, abordando o tema do tempo.

agradecer o que não nos é dado, do perdão, de esperar, de cuidar, de habitar, de olhar para a vida, da perseverança, da compaixão, da alegria, de ir ao encontro do que se perde, da felicidade, da gratidão, de escutar, de morrer e de não saber.

Na segunda parte, Tolentino sobe à montanha para proclamar novas bem-aventuranças. Seu principal destinatário é a família, que, embora enfrente diversas crises, continua sendo o espaço primordial onde a vida se gestiona e se configura (Bingemer, 2017, p. 12). O autor declara: “bem-aventuradas as famílias que entendem a sua missão como uma arte de hospitalidade” (Mendonça, 2017, p. 82), ressaltando que elas se deparam com “o analfabetismo dos afetos” (Mendonça, 2017, p. 84). Tolentino observa que, em uma sociedade utilitarista, essas famílias “compreendem a importância do inútil” (Mendonça, 2017, p. 85), desaceleram seus estilos de vida e “cultivam uma arte da lentidão” (Mendonça, 2017, p. 86), sendo capazes, mesmo diante das adversidades, de “arriscar fazer um bom uso das crises” (Mendonça, 2017, p. 90).

2.4.10. *Elogio da sede*

Entre as obras de destaque de José Tolentino Mendonça, encontra-se *Elogio da Sede*, resultante de uma série de ensaios discursivos proferidos durante a semana de retiro do Papa Francisco, em 2018, com a participação da Cúria Romana.

Desde 1929, com a publicação da Encíclica ‘*Mens nostra: Sobre os Exercícios Espirituais*’, o Papa Pio XI tomou a decisão de estabelecer anualmente um retiro da Quaresma a ser conduzido pelo próprio Papa, juntamente com os membros da Cúria Romana, tendo por base a prática dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola (Cappelli; Villas Boas, 2024, p. 133).

Elogio da Sede, publicado em Portugal em 2018, foi traduzido para o italiano⁵⁴ no mesmo ano, para o espanhol⁵⁵ em 2019 e para o Catalão⁵⁶ no mesmo período. Trata-se de uma reflexão teológica que tem como ponto de partida a análise da passagem do Evangelho de São João (João 4,1-42), na qual se narra o encontro de Jesus com a mulher samaritana junto ao poço de Jacó.

No primeiro texto apresentado no livro, é ressaltada a dimensão da sede de Jesus e seu significado na relação entre a divindade e a humanidade. A obra explora as interações humanas com

⁵⁴ *Elogio della sete*, 2018.

⁵⁵ *Elogio de la Sed*, 2019.

⁵⁶ *Elogi de la Set*, 2019.

Deus, destacando a importância da abertura do coração e da oração como meios essenciais para esse encontro (Mendonça, 2018, p. 13-26).

O texto enfatiza repetidamente a *sede* de Jesus, não apenas por água, mas por um encontro, essa repetição cria um significado central que destaca a busca como uma parte essencial da experiência religiosa. A interação de Jesus com a mulher samaritana desafia a lógica das relações comerciais, representando que a relação com o divino não pode ser reduzida a uma troca de bens ou serviços, mas está baseada na abertura do coração. Os elementos no texto como o poço de Jacó e a hora sexta (o meio-dia) são elementos simbólicos que contribuem para a construção de uma narrativa profunda, uma vez que o primeiro é empregado como um símbolo da busca espiritual, e o segundo representa um momento de transição na jornada espiritual (Mendonça, 2018, p. 13-26).

A abordagem de Tolentino ressalta como o texto do Evangelho representa Jesus como alguém cansado e necessitado, o que contrasta com a imagem tradicional de sua divindade, sugerindo que a divindade pode ser encontrada na fragilidade humana e desafiando a visão de uma divindade inatingível. Encontramos no texto uma ênfase na importância da misericórdia ao se retratar Jesus como alguém que busca os pecadores e os compreende. No encontro com a samaritana Jesus não pede água, mas de *beber*, o autor, identifica nessa expressão uma sede que “[...], não se materializa na água, porque não é de água a sua sede. É uma sede maior. É a sede de tocar as nossas sedes, de contatar com os nossos desertos, com as nossas feridas” (Mendonça, 2018, p. 20).

O segundo texto apresentado no livro faz referência ao livro bíblico do Apocalipse, especificamente ao capítulo 22 em seu versículo 17, onde são convidados, por Jesus, aqueles que têm sede a se aproximarem e beberem da *água da vida*. A *ciência da sede*, refere-se à compreensão profunda da natureza da sede, seja ela física ou espiritual. É a ideia de que a sede não é apenas uma sensação física de necessidade de água, mas também uma metáfora para o desejo humano, anseios e carências na vida espiritual. Envolvendo uma reflexão sobre como o ser humano lida com suas sedes, como são reconhecidas, como são satisfeitas e como isso afeta sua jornada espiritual e existencial. É um convite para explorar a profundidade dessas sedes e buscar uma compreensão mais profunda de si e da relação do humano com o divino (Mendonça, 2018, p. 27-40).

O texto oferece uma reflexão sobre a busca de significado e propósito na vida, usando a sede como uma metáfora para o desejo da humanidade e anseios mais profundos. É um lembrete de que a espiritualidade e a busca de Deus podem saciar de maneiras que as coisas materiais não podem, com isso, destaca a importância da memória, do tempo gasto para apreciar as coisas e do compartilhamento de refeições como elementos que vão além das necessidades físicas, conectando-

nos com os outros de maneira profunda, o simples gesto, como oferecer um copo de água a alguém, conectam uns com os outros, trazendo a importância da comunidade (Mendonça, 2018, p. 27-40).

O desejo é destacado sendo relacionado a busca da transcendência, sugerindo que a sede espiritual impulsiona a procurar algo além de nós mesmos. Isso é ilustrado com a referência à palavra *sidera*, que significa *estrelas* em latim, e a ideia de que o humano olha para o céu em busca de algo inatingível. Reconhecer a sede, tanto física quanto espiritual, pode ser doloroso. O autor compara a sede a uma dor antiga que muitas vezes se tenta evitar. A sede espiritual pode expor a vulnerabilidade humana e trazer uma sensação de fraqueza. O que leva a fugir para o consumismo e o escapismo espiritual, nos quais, por vezes, a humanidade tenta saciar suas necessidades com coisas materiais ou soluções rápidas, em detrimento, segundo Mendonça, da busca do verdadeiro significado da vida (Mendonça, 2018, p. 27-40).

O segundo discurso conclui destacando que a verdadeira conversão não reside apenas em teorias, mas em tomar consciência das necessidades e, aceitar a sede e buscar uma jornada espiritual mais profunda, a resposta para essa sede está ao alcance de todos, basta ter coragem para buscar.

A análise do terceiro texto revela um enfoque profundo na temática da sede espiritual e do desejo de Deus, abrangendo diversas dimensões conceituais. A narrativa inicial enfatiza a importância do reconhecimento da sede espiritual, argumentando que esse ato é fundamental para a ancoragem do percurso espiritual na realidade individual e histórica. O texto faz uso da metáfora da chuva e da seca para ilustrar a transformação espiritual, destacando que a seca do terreno espiritual pode dificultar a penetração da chuva revitalizadora (Mendonça, 2018, p. 41-53).

Um ponto de crítica destacado no texto está associado à intelectualização excessiva da fé e à construção de um *castelo de abstrações* no campo teológico. O autor sugere que frequentemente se prioriza a credibilidade racional da fé em detrimento de sua credibilidade existencial, antropológica e afetiva, resultando na perda da riqueza do mundo emocional e da complexidade da experiência espiritual (Mendonça, 2018, p. 41-53).

A literatura é apresentada como uma ferramenta de grande valor na exploração da sede espiritual, capaz de gerar metáforas que descrevem a vida em sua totalidade e diversidade. A literatura fornece um conhecimento concreto e não conceitual, aproximando-se da existência em sua totalidade. Essa abordagem reconhece a singularidade, liberdade e tragicidade da vida espiritual. O texto também explora a distinção entre desejo e necessidade, destacando que o desejo é uma falta nunca completamente satisfeita, uma tensão e uma exposição à alteridade. O desejo humano é caracterizado como um desejo de reconhecimento, o qual se diferencia das necessidades, pois não

se limita à satisfação de objetos. O desejo é descrito como uma busca contínua de verdade, beleza e bondade que o indivíduo percebe como faltando (Mendonça, 2018, p. 41-53).

Uma crítica contundente é dirigida à sociedade de consumo, que promete satisfazer desejos, mas frequentemente leva à extinção da sede espiritual e à perda de horizontes. O texto questiona se as comunidades, incluindo as religiosas, possuem uma *sede* de justiça e se estão verdadeiramente prontas para acolher o desejo como uma condição de mendicância em direção a Deus. A exploração da sede de Deus, representada na metáfora do veado que anseia pela corrente das águas. Mesmo em um contexto de exílio e silêncio divino, a sede age como uma prece ininterrupta, mantendo viva a conexão espiritual. O desejo é caracterizado como uma bússola que orienta o indivíduo em direção a Deus (Mendonça, 2018, p. 41-53).

Por fim, o texto destaca a importância de reconciliar-se com a vulnerabilidade e a autorreferencialidade, reconhecendo que o desejo é uma condição de mendicância, e que os crentes são mendigos da misericórdia. Essa reconciliação com a vulnerabilidade permite que o dom de Deus flua em suas vidas, transcendendo o eu e redimensionando-o diante da alteridade e da busca por Deus. Em síntese, o texto oferece uma reflexão profunda sobre a busca espiritual, a sede de Deus e a relevância do desejo como uma força direcionadora na jornada espiritual. Ele questiona a intelectualização excessiva da fé e encoraja a valorização da espiritualidade da sede, reconhecendo-a como uma condição essencial para uma relação genuína com o divino (Mendonça, 2018, p. 41-53).

O quarto texto oferece uma abordagem sobre a acédia, explorando suas manifestações na vida individual e institucional. Através de exemplos literários e filosóficos, como o Diário de Kierkegaard e os escritos de Evágrio de Pântico, o autor delinea os sintomas desse estado de apatia, desinteresse e perda do gosto pela vida. Destaca-se a noção de que, paradoxalmente, é a sede que ensina a arte de buscar, colaborar e servir, enquanto a renúncia a ela conduz à morte espiritual (Mendonça, 2018, p. 55-66).

A análise das consequências da acédia na vida monástica, conforme descrito por Cassiano, ilustra como essa condição pode se manifestar em diferentes aspectos da existência, desde a insatisfação profunda até a perda de sentido de humor. A conexão entre acédia e a sensação de prostração, desligamento e inutilidade é explorada, ressaltando sua influência negativa nas relações interpessoais e no contributo para a comunidade (Mendonça, 2018, p. 55-66).

A contextualização histórica apresentada através das obras de filósofos como Evágrio de Pântico e Cassiano, fornece uma perspectiva sobre como a acédia foi abordada ao longo do tempo, destacando sua relevância na espiritualidade. A comparação com a contemporaneidade, onde a

acedia é secularizada e medicalizada, acrescenta uma dimensão à discussão que evidencia a complexidade desse estado emocional (Mendonça, 2018, p. 55-66).

A transição para a temática do *burnout* amplia a análise para o contexto moderno, destacando a pesquisa sobre padres em risco, revelando correlações entre faixas etárias e duração do ministério. As causas identificadas, como o peso das expectativas, desqualificação espiritual e falta de solidariedade entre pares, contribuem para uma compreensão abrangente do fenômeno (Mendonça, 2018, p. 55-66).

A abordagem do Livro de Jonas adiciona uma dimensão bíblica à discussão, ressaltando a importância da terapia do desejo — uma forma de tratamento que é melhor realizada com bom humor — e evidenciando a diferença entre Jonas e Jacó em relação ao enfrentamento das tribulações. A análise detalhada da narrativa de Jonas, incluindo o episódio do rícino, oferece uma interpretação rica sobre o estado emocional do protagonista e suas relações com o divino (Mendonça, 2018, p. 55-66).

A exploração da tristeza como sinônimo de acédia e a conexão com a incapacidade de seguir a chamada de Jesus, como ilustrado pelo jovem rico, ampliam o escopo da análise para a experiência humana mais ampla. O destaque para a importância do desejo como expectativa de vida e a citação do Papa Francisco acrescentam uma perspectiva contemporânea e eclesial ao argumento (Mendonça, 2018, p. 55-66).

Referindo-se à citação de Simone Weil e à urgência do grito por *vem!*, fecha o texto enfatizando a necessidade espiritual profunda e a busca por Deus em meio às dificuldades. Em resumo, o texto oferece uma análise abrangente e multifacetada da acédia, incorporando elementos filosóficos, literários e espirituais para proporcionar uma compreensão dessa condição emocional complexa (Mendonça, 2018, p. 55-66).

O quinto texto aborda a narrativa da sede de Jesus na cruz, especialmente em João 19,28-30, examinando interpretações teológicas e hermenêuticas ao longo do Evangelho de João. O autor destaca a ênfase dada à sede como elemento físico e psicológico, evidenciando-a como prova da encarnação de Jesus e do realismo de sua morte. Nota-se uma predominância, entre os Padres da Igreja, da interpretação literal da sede como expressão dos sofrimentos corporais de Jesus. O autor identifica uma exceção notável em Santo Agostinho, que, de maneira tímida, sugere um sentido não apenas literal à declaração da sede de Jesus. Contudo, ressalta que será na exegese monástica medieval e em autores contemporâneos que emergirá uma valorização do significado simbólico e espiritual da sede de Jesus (Mendonça, 2018, p. 67-78).

A análise hermenêutica aprofunda-se na ocorrência do verbo *dipsan* ao longo do Evangelho de João, notando a presença em João 4,13-15, onde Jesus se encontra com a mulher samaritana. O autor destaca uma correspondência semântica entre essa cena e a narrativa da sede na cruz, indicando uma espécie de *hermenêutica da sede*. A interpretação de São Bernardo sobre a sede de Jesus como anseio de entregar o espírito é mencionada, relacionando-a ao Pentecostes descrito por São João (Mendonça, 2018, p. 67-78).

O texto prossegue com uma comparação entre a sede de Jesus na cruz e a sede dos crentes em João 7,37-39. Destaca-se o chamado de Jesus para que aqueles que têm sede venham a ele e bebam da água viva. O autor enfatiza a centralidade cristológica na vida da Igreja, indicando que a sede de Jesus não é apenas física, mas também espiritual, representando o desejo de comunicar o dom do Espírito (Mendonça, 2018, p. 67-78).

A conexão entre a sede de Jesus e a sede humana é explorada, sugerindo que a sede de Jesus ilumina e responde à sede de Deus, à carência de sentido e de verdade presentes no coração humano. O texto destaca a influência do Espírito Santo, apontando-o como o protagonista da história da Igreja no século XXI (Mendonça, 2018, p. 67-78).

O autor finaliza resumindo a importância da sede de Jesus como reveladora da sede humana, citando Jean Vanier para evidenciar como a sede de Jesus é uma busca pelo amor às pessoas em sua integralidade, com suas feridas e máscaras. Em última análise, a sede de Jesus é apresentada como um imperativo para a Igreja atender à carência espiritual da humanidade e como um convite para acolher o dom contínuo do Espírito Santo (Mendonça, 2018, p. 67-78).

O sexto texto analisa a riqueza textual que aborda a presença e a contribuição das mulheres nos Evangelhos, com especial ênfase no Evangelho de São Lucas. O autor destaca a narrativa de diversas mulheres ao longo dos Evangelhos, ressaltando a importância de não ignorar a significativa presença feminina na mensagem evangélica. A reflexão destaca que as mulheres apresentam uma abordagem distinta no que diz respeito à fé e ao discipulado, expressando-se predominantemente por meio de gestos e lágrimas (Mendonça, 2018, p. 79-91).

O autor destaca a presença recorrente de mulheres, mencionando figuras como Isabel, Maria, Ana, a viúva de Naim, Maria Madalena, Joana, Susana, Marta, Maria, a mulher encurvada, a mulher que procura a moeda perdida, a viúva insistente e as mulheres de Jerusalém que choram atrás da cruz. A análise ressalta a diversidade dessas figuras em termos de idade, condições existenciais, econômicas e morais, sugerindo que essa multiplicidade de personagens femininas proporciona uma abordagem singular à busca por Jesus e ao discipulado autêntico (Mendonça, 2018, p. 79-91).

Tolentino enfatiza as lágrimas como uma constante nas narrativas femininas dos Evangelhos. O autor observa que as lágrimas dessas mulheres representam um transbordar de emoções, destacando conflitos, alegrias, solidão e feridas. A associação das lágrimas ao choro de Jesus no Evangelho é explorada como uma manifestação da encarnação de Deus nas vidas humanas, destacando a solidariedade de Cristo ao assumir as lágrimas do mundo (Mendonça, 2018, p. 79-91).

A análise aprofunda-se na abordagem peculiar das mulheres, salientando que expressam sua fé por meio de gestos e serviço dedicado, evitando a disputa por liderança. A comparação entre as ações das mulheres e a falta de gestos mínimos de hospitalidade por parte de Simão, o fariseu, no episódio específico de Lucas 7,36-50, é utilizada para ilustrar a singularidade da abordagem feminina (Mendonça, 2018, p. 79-91).

Em síntese, o autor destaca a importância de reconhecer e valorizar a linguagem única das mulheres nos Evangelhos, especialmente por meio de gestos e lágrimas. A abordagem ressoa com uma fé encarnada na vida diária, evidenciando a profundidade das emoções humanas como um meio de expressar a sede espiritual. Essa análise contribui para a compreensão da narrativa evangélica, destacando a significativa participação feminina e sua influência na transmissão da mensagem religiosa (Mendonça, 2018, p. 79-91).

O sétimo texto analisa a metáfora da sede como um elemento central no discurso sobre a fé e a busca espiritual. A analogia da sede é apresentada como uma poderosa ferramenta para compreender as dinâmicas da vida espiritual e os desafios enfrentados na jornada de fé. O autor destaca a importância de ouvir as vozes dos não crentes na reflexão sobre Deus e a espiritualidade, reconhecendo que uma perspectiva externa pode oferecer frescor e desarmar as rotinas da fé. A comparação da igreja a uma estrada, em oposição a um pódio, destaca a natureza dinâmica e desafiadora da fé cristã, enfatizando a necessidade de constante renovação (Mendonça, 2018, p. 93-107).

A metáfora da sede é então introduzida como um elemento crucial na reflexão espiritual. O autor destaca a preocupação de que o sedentarismo espiritual possa resultar em uma atrofia interior, comparando-a à doença física do século XXI. A analogia entre a inatividade física e espiritual ressalta a importância da atividade espiritual para a saúde da fé (Mendonça, 2018, p. 93-107).

A alusão ao livro *Beber no Próprio Poço* de Gustavo Gutiérrez adiciona profundidade à análise, enfocando a espiritualidade como uma aventura comunitária em constante construção, especialmente em meio a dificuldades e limitações. A ideia de *beber da própria sede* é apresentada

como um convite para valorizar espiritualmente as limitações e desafios da vida, reconhecendo a sede como um caminho de oração (Mendonça, 2018, p. 93-107).

A reflexão sobre as tentações de Jesus destaca o papel da sede na busca espiritual. A primeira tentação, envolvendo a transformação de pedras em pão, é analisada como uma indagação sobre o que verdadeiramente sacia a sede humana para além das necessidades materiais. A resposta de Jesus, citando *Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*, destaca a necessidade de uma dimensão espiritual para saciar a sede existencial (Mendonça, 2018, p. 93-107).

A segunda tentação é interpretada como uma advertência contra a tentativa de manipular Deus para atender às necessidades imediatas, destacando a importância de aceitar o silêncio de Deus como uma forma de oração. A conexão com a rebelião de Massa ressalta a recorrência da tentação de testar Deus com base em necessidades imediatas (Mendonça, 2018, p. 93-107).

A terceira tentação, relacionada ao poder, enfoca o perigo de idolatrar o poder e a autorreferencialidade, destacando a importância de servir aos outros em vez de buscar a autoafirmação. A analogia entre a recusa de Jesus em adorar Satanás e sua posterior aceitação do serviço ao lavar os pés dos discípulos destaca a verdadeira natureza do poder cristão. A metáfora da sede emerge como uma ferramenta rica para explorar as nuances da fé e da jornada espiritual. A análise das tentações de Jesus oferece insights valiosos sobre a busca por significado e a relação entre as necessidades materiais e espirituais na caminhada da fé cristã (Mendonça, 2018, p. 93-107).

O oitavo texto em questão oferece uma análise profunda da parábola do filho pródigo, explorando suas dimensões simbólicas e psicológicas. O autor destaca a natureza reflexiva da parábola, apresentando-a como um espelho que reflete a relação intrínseca entre os seres humanos e Deus, bem como as complexidades das relações familiares. A narrativa é interpretada como uma oportunidade de autoexame, permitindo que os leitores identifiquem-se nas experiências e escolhas dos personagens (Mendonça, 2018, p. 109-125).

A análise desdobrada pelo autor destaca as características contrastantes dos dois filhos, enfocando as nuances de seus desejos, erros e relacionamentos. O filho mais novo é apresentado como símbolo da busca pela autonomia, destacando os perigos do desejo narcisista e do consumo desenfreado na sociedade contemporânea. Por outro lado, o filho mais velho representa a inveja e a dificuldade de vivenciar a fraternidade, evidenciando as complexidades emocionais presentes nas relações humanas (Mendonça, 2018, p. 109-125).

A figura do pai na parábola é enfatizada como um ícone da misericórdia. Sua atitude em relação aos dois filhos é interpretada como um exemplo do amor divino que transcende as

expectativas sociais e compreende as fraquezas humanas. O autor destaca a misericórdia como um ato de excesso de amor, capaz de transformar vidas e oferecer uma nova perspectiva, indo além das medidas convencionais (Mendonça, 2018, p. 109-125).

A análise propõe uma reflexão sobre a misericórdia como uma arte necessária para a preservação da vida e a superação das limitações humanas. A misericórdia é apresentada como um caminho que demanda um entendimento profundo do Evangelho, indo além da justiça e incorporando o conceito de dar ao outro aquilo que ele não merece. O autor destaca a importância da gratidão como antítese da inveja, promovendo a construção e reconstrução de relacionamentos, tanto internos quanto externos (Mendonça, 2018, p. 109-125).

Em síntese, o texto oferece uma análise abrangente e perspicaz da parábola do filho pródigo, explorando suas implicações éticas, psicológicas e espirituais. A interpretação proposta destaca a relevância contínua dessa narrativa para a compreensão da natureza humana e a busca pela misericórdia como um elemento transformador nas relações interpessoais (Mendonça, 2018, p. 109-125).

O nono texto em análise aborda de maneira abrangente e profunda a interseção entre espiritualidade, justiça social e a responsabilidade cristã diante das periferias, sejam elas geográficas, sociais ou existenciais. A narrativa, que se inicia com a reflexão sobre a sede literal e espiritual, destaca a importância de não permitir que a espiritualidade se torne uma *bolha de conforto ou uma forma de escapismo*. O autor enfatiza a relevância de olhar criticamente para a realidade ao redor, confrontando-se com a pergunta fundamental: *Onde está o nosso irmão?* Essa abordagem ressoa com a preocupação contemporânea, evidenciada por dados da Organização Mundial de Saúde, indicando que bilhões de pessoas ainda enfrentam desafios fundamentais, como a falta de acesso à água potável (Mendonça, 2018, p. 127-139).

A encíclica *Laudato Si'* é referida como um diagnóstico claro das consciências contemporâneas, alertando para a “grave dívida social para com os pobres que não têm acesso à água potável” (*Laudato Si'*, n.30). Destaca a necessidade de uma *verdadeira conversão de estilos de vida e de coração*, instando a superar a cultura do desperdício e da desigualdade social (Mendonça, 2018, p. 127-139).

A analogia entre o Cristianismo e a Lua, onde a Igreja reflete a luz de Cristo nas periferias noturnas da vida, ressalta a importância da presença ativa da Igreja nas situações de vulnerabilidade e exclusão. A análise da periferia como uma realidade não apenas geográfica, mas também interna da alma humana, amplia a compreensão do compromisso cristão com as diversas dimensões das necessidades humanas (Mendonça, 2018, p. 127-139).

A referência à frase de São João Crisóstomo destaca a preocupação de que a Igreja não dissocie o *sacramento do altar do sacramento do irmão*, sublinhando a necessidade de uma abordagem integral e encarnada da fé cristã. A conclusão, baseada na exortação de Dom Hélder Câmara, ressalta a importância de a Igreja não apenas oferecer ajuda assistencial, mas também questionar as causas subjacentes da pobreza. O texto proporciona uma reflexão profunda sobre a interligação entre espiritualidade e ação social, destacando a importância de a Igreja se posicionar ativamente nas periferias, sejam elas físicas, sociais ou existenciais, para cumprir sua missão de forma integral (Mendonça, 2018, p. 127-139).

O décimo e último texto explora profundamente as bem-aventuranças à luz do discurso da montanha no evangelho de São Mateus. Destaca-se a intenção do evangelista de criar um paralelo entre Jesus e Moisés, representando as bem-aventuranças como mais do que meras normas codificadas, mas como um marcador audacioso de identidades. A reflexão propõe uma leitura das bem-aventuranças como uma configuração da vida, um chamamento existencial. Ao descrever Jesus através dessas bem-aventuranças, o texto sugere que elas não são apenas uma proclamação por palavras, mas a chave para interpretar toda a vida de Jesus. Cada bem-aventurança é apresentada como um traço do rosto de Jesus, proporcionando uma visão holística de sua personalidade e missão (Mendonça, 2018, p. 141-154).

A autenticidade e a transparência de Jesus são ressaltadas, contrastando com o cinismo e as defesas da autossuficiência. Sua compaixão, acolhimento aos marginalizados e busca pelos perdidos são destacados como elementos centrais das bem-aventuranças. O texto expande a análise ao abordar a relação entre as bem-aventuranças e a vida espiritual dos crentes. Destaca-se a ideia de que o que nos salva não é uma negociação, mas um excesso de amor, uma dádiva que vai além de todas as medidas. A sede de Deus é apresentada como uma busca constante pela experiência de um amor incondicional (Mendonça, 2018, p. 141-154).

A segunda parte do texto explora a aplicação prática das bem-aventuranças na vida da Igreja. Enfatiza-se a vitalidade da Igreja quando ela se torna uma *Igreja em saída*, comprometida em encontrar e cuidar da humanidade vulnerável. O apelo é para uma comunidade que não se contente com a manutenção, mas busque constantemente a alegria da procura e descoberta. A análise se estende à figura de Maria como um modelo para a Igreja. Destacam-se suas características de escuta, honestidade e serviço ao projetar sua vida a serviço de um propósito maior. Maria é apresentada como uma fonte de compaixão, ternura e cuidado, e sua importância na contemporaneidade é ressaltada (Mendonça, 2018, p. 141-154).

O texto encerra com uma oração da sede, ampliando o conceito de sede para além de uma simples busca de Deus, transformando-a em um ato de compartilhamento e serviço aos outros. A referência à sede como algo que amplia a experiência humana e espiritual (Mendonça, 2018, p. 153-154)

2.4.11. *O que é amar um país*

Em 2020, foi publicado em Portugal, pela editora Quetzal, o livro *O que é amar um país: o poder da esperança*. O livro é composto por um discurso e por dois ensaios que ajudam a contextualizá-lo. O primeiro ensaio, intitulado *O Poder da Esperança* (Mendonça, 2020, p. 29-54), destaca a falta de preparo das sociedades diante da pandemia e a oportunidade de compreender melhor o significado de comunidade, tema central do discurso do Dia de Portugal. O ensaio também discute a concepção grega do tempo, distinguindo entre chrónos, tempo quantitativo, e kairós, tempo qualitativo, e destaca a necessidade de transformar o tempo presente de chrónos para kairós. Enfatiza a importância de mãos humanas para sustentar *a alma do mundo* neste momento desafiador, para que “mostrem que a redescoberta do poder da esperança é a primeira oração global do século XXI” (Mendonça, 2020, p. 53).

No segundo ensaio, intitulado *Do tempo da calamidade ao tempo da graça* (Mendonça, 2020, p. 55-123), o autor destaca a oportunidade de aprender novamente, incluindo o respeito pela casa comum. Isso ecoa a mensagem da *Laudato Si'* do Papa Francisco, que exorta seus leitores a compartilharem este planeta com outras criaturas, enfatizando a importância da conexão, “onde o presente e o futuro da nossa humanidade se pensem a par do presente e do futuro da grande casa comum. Está tudo conectado” (Mendonça, 2020, p. 26). O autor levanta questões importantes sobre o impacto da COVID-19 e questiona se essa crise apenas ampliará as desigualdades e egoísmos do mundo anterior à pandemia, ou se nos motivará a perceber que estamos juntos nesse barco e que só se torna possível avançar como sociedade através da cooperação e da adoção de novos modelos de convivência. Ele termina o ensaio sugerindo que se pode encontrar nesse momento de crise pandêmica “a beleza do cuidado e da compaixão” (Mendonça, 2020, p. 123).

No discurso *O que é amar um país* (p. 7-28), presente na primeira parte do livro, Mendonça, agradece ao Presidente da República a honra do convite para presidir a celebração do *Dia de Portugal*, menciona que o evento estava para acontecer em outra localização e com outra configuração. Para introduzir sua reflexão, recorre às palavras do poeta Herberto Helder: “como pesa na água [...] a raiz de uma ilha” (p. 9), indicando que o discurso será “uma reflexão sobre as

raízes” (Mendonça, 2020, p. 9). Além disso, elogia a República Portuguesa por sua prática de convidar sempre um cidadão para representar a Comunidade Portuguesa de diferentes partes do mundo. Destaca a responsabilidade de cada indivíduo, mesmo que, aparentemente, o foco seja em suas próprias preocupações, cada cidadão, na vasta diáspora Portuguesa, contribui para a edificação do todo, fortalecendo esse laço (Mendonça, 2020, p. 9-11).

Camões e a arte do desconfinamento: Tolentino reflete sobre o legado de Camões não apenas como um poeta, mas como um mestre que conduz ao discernimento pessoal e da nação Portuguesa. *Os Lusíadas*, é uma obra reconhecida e admirada pelo seu valor literário, porém opera também como guia de *navegação interior*, como um mapa mental da vida. Camões expandiu os horizontes de Portugal no século XVI e continua a inspirar a desconfinar. Desconfinar é transcender *os limites da linguagem, das ideias, dos modelos e do próprio tempo*, sua obra, entende Tolentino, serve como fonte de inspiração para enfrentar os desafios com determinação (Mendonça, 2020, p. 11-13).

Que a crise nos encontre unidos: nesse trecho do seu discurso, Tolentino reflete sobre a passagem do Canto Sexto d’*Os Lusíadas*, de Camões, sublinhando a tempestade enfrentada pelos marinheiros com a chegada da expedição portuguesa à Índia. A ideia partilhada no discurso é que: alcançar grandes feitos muitas vezes exige superar crises e adversidades, ou seja, “não há viagem sem tempestades”. Destaca que diante dessa realidade o importante, *como comunidade*, é que, “nos encontremos unidos” (p. 15). Destaca-se, aqui, a ideia das *raízes* como símbolo da vulnerabilidade humana diante das forças da natureza, “As raízes, que julgamos inabaláveis, são também frágeis, sofrem os efeitos da turbulência da máquina do mundo. Não há superpaíses, como não há superhomens” (Mendonça, 2020, p. 16). Um convite a refletir sobre a fragilidade e a resistência do ser humano diante dos desafios da existência (Mendonça, 2020, p. 14-16).

O que é amar um país: Mendonça faz uso do pensamento de Simone Weil, onde fala sobre duas formas distintas de se amar um país: uma mais idealizada e a outra de forma mais realista, respectivamente “amar pela força ou amar pela fragilidade” (Mendonça, 2020, p. 17). O amor por meio da fragilidade é descrito como uma forma de amor mais puro a um país. Palavras como *compaixão* e *fraternidade* são destacadas como fundamentos para a construção de uma comunidade nacional, apesar da enorme crise mundial pandêmica, para promover os valores de solidariedade e resiliência (Mendonça, 2020, p. 16-19).

Reabilitar o pacto comunitário: a construção comunitária descrita é exemplificada através de uma história atribuída a antropóloga Margaret Mead, onde “um fêmur quebrado e cicatrizado” (p. 19) representa o primeiro sinal de civilização, evidenciando que em algum momento da história

uma pessoa não foi deixada para trás. Tolentino conclui que a raiz da civilização é a *comunidade*, unida por um dever comum de *cuidar da vida*. Celebrar o Dia de Portugal ganha um significado mais profundo, destacando a importância da comunidade e do cuidado mútuo como pilares essenciais da civilização e da convivência social, especialmente em tempos desafiadores como a pandemia de COVID-19 (Mendonça, 2020, p. 19-22).

Fortalecer o pacto intergeracional: como medida essencial para a vida social e o progresso sustentável, o texto propõe o fortalecimento do pacto intergeracional, destacando a importância de reconhecer a interdependência entre as diferentes faixas etárias, para que a sociedade não fique fragmentada. Todas as gerações podem contribuir, os jovens com seu potencial e os idosos com sua sabedoria. Os jovens enfrentam diversos desafios, especialmente diante das crises econômicas, que precisam de oportunidades para que possam realizar seus sonhos e contribuir para a sociedade (Mendonça, 2020, p. 22-25).

Implementar um novo pacto ambiental: Mendonça destaca a encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, como um dos textos centrais do século XXI, que exorta à reflexão sobre a ecologia global, promovendo o que descreve como uma ética da criação. Ele critica o conceito de *progresso* que ignora as consequências ambientais (Mendonça, 2020, p. 25-26).

Uma viagem que fazemos juntos: por fim, conclui seu discurso afirmando que “Portugal é uma viagem que fazemos juntos” (p. 27), uma jornada coletiva em direção a uma comunidade justa, dando significado e sentido à vida em comum. Para o poeta Cardeal, esse caminho é um processo contínuo (Mendonça, 2020, p. 26-27).

O que é amar um país é um discurso do Cardeal José Tolentino Mendonça diante da pandemia de COVID-19, que gerou múltiplas consequências na saúde, na economia e na sociedade. O discurso reflete o significado de amar um país, destacando a importância de reconhecer sua história, fragilidades e potenciais. Inicia saudando a raiz da identidade portuguesa e discute o papel da poesia de Camões na compreensão da nação. A crise é vista como parte integrante do percurso histórico. O autor destaca a necessidade de solidariedade e inclusão, especialmente em tempos difíceis. Reforça, ainda, a importância do pacto comunitário, incluindo a valorização das diferentes gerações e o cuidado com a casa comum. Mendonça finaliza o discurso comparando a jornada de Portugal a um amor duradouro, uma busca constante por um futuro compartilhado.

2.4.12. O pequeno caminho das grandes perguntas

Em setembro de 2017, foi publicado pela editora portuguesa Quetzal o livro *O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas*, uma obra de espiritualidade composta por reflexões breves sobre temas como fê, Deus, cultura, cotidiano, espiritualidade, sabedoria, tempo, desejo, compaixão, solidão, silêncio, questões existenciais e a própria vida. Em 5 de outubro do mesmo ano, Tolentino apresentou sua obra à Casa das Artes em Portugal, e durante a entrevista, afirmou: “A minha proposta é voltarmos a escutar as perguntas fundamentais, são perguntas que nós herdamos, que estão dentro de nós, no nosso ser — quem sou eu? Quem és tu? Donde venho? Para onde vou? O que me é dado a esperar? —, e que muitas vezes não as escutamos” (Mendonça, 2017). A razão para não escutarmos tais perguntas, segundo o autor, reside no excesso de questionamentos cotidianos que acabam por sobrepor-se, ou, ainda, na tendência humana de se esquivar de si mesma. Tolentino prossegue: “A proposta que faço é desta espécie de regresso, para uma escuta necessária do nosso próprio ser” (Mendonça, 2017).

O autor explica que seu livro busca estabelecer uma conexão com o processo de construção do próprio ser, e, embora seja uma obra de espiritualidade, reconhece que “não se pode fazer um discurso de espiritualidade sem que o ser humano se reencontre consigo mesmo” (Mendonça, 2017). Sem esse reencontro, o ser humano se tornaria “apenas uma representação e não a verdade, em carne e osso, da própria pessoa” (Mendonça, 2017).

Em uma das reflexões do livro, intitulada *Eu Sou Uma Pergunta*, Tolentino levanta diversas questões, como *Quem fez a primeira pergunta?* e *Quem proferiu a primeira palavra?*. Ao refletir sobre essas indagações, chega à seguinte conclusão: “Há um momento em que percebemos que as perguntas nos deixam mais perto do sentido, da abertura do sentido, do que as respostas” (Mendonça, 2017, p. 12). O autor entende que a vida se revela na própria grafia da pergunta, e embora reconheça a utilidade das respostas — que são necessárias para a continuidade da vida —, afirma que a própria vida transforma as respostas em novas perguntas (Mendonça, 2017, p. 12).

Tolentino enfatiza a relevância de *habitar a pergunta*, concedendo-lhe o tempo e o espaço necessários para seu desenvolvimento antes de buscar uma resposta. Cita Plutarco, que “uma das coisas que ele recomenda é que não nos precipitemos a responder a uma pergunta assim que ela vem formulada” (Mendonça, 2017, p. 16). O autor sugere que, ao nos depararmos com uma pergunta, devemos fazer uma pausa, refletir sobre ela e permitir que ela nos habite, facilitando a compreensão da vida ao nosso redor. De acordo com Tolentino, essa prática implica “fazer um caminho interior com uma pergunta, ouvir ainda numa estação o que nos foi perguntado noutra, retardar a tentação de soterrar a pergunta na avalanche equívoca de sucessivas respostas que não são respostas, constitui uma aprendizagem paciente” (Mendonça, 2017, p. 16). Ele menciona que essa

atitude está presente em várias literaturas, onde os autores, ao se depararem com uma pergunta, não registram imediatamente a resposta, mas optam por uma pausa que permita a respiração, um silêncio necessário para a decifração do que foi questionado, “[...] viver o espanto e o desconcerto que tantas vezes são os nossos perante a vida que se avizinha” (Mendonça, 2017, p. 86).

Ao estabelecer a conexão entre fé e as perguntas que carregamos, Tolentino afirma que “o encontro de fé não é igual para todos, nem acontece ao mesmo tempo. Há estações diferentes, percursos demorados e perguntas para as quais não temos respostas” (Mendonça, 2017, p. 17). Para ele, a fé é uma “travessia que se faz a tatear, como se víssemos o invisível, mas sem o reter ou possuir” (Mendonça, 2017, p. 93). Nas reflexões finais do livro, utilizando como exemplo a figura de Jó, que rejeitou as respostas de seu tempo devido à necessidade de encontrar um sentido para a vida, Tolentino conclui que “o seu protesto diz-nos que a fé não é uma zona de conforto, mas um livro de desassossego sempre a ser refeito” (Mendonça, 2017, p. 157).

2.4.13. *Metamorfose necessária*

Em novembro de 2022, foi publicado pela editora Quetzal o livro *Metamorfose necessária: reler São Paulo*. A obra é estruturada em onze capítulos, que traçam uma trajetória sobre a vida do Apóstolo São Paulo e sua contribuição para os tempos contemporâneos. O livro inicia com uma citação do Papa Francisco, na qual comenta sobre a conversão de São Paulo: “Que paradoxo! Precisamente quando uma pessoa reconhece estar cega, começa a ver” (Mendonça, 2022, p. 9). No prólogo, Tolentino justifica a elaboração do ensaio sobre São Paulo, afirmando: “[...] escrevi-o igualmente para as cristãs e os cristãos que se interrogam, que sentem a necessidade de aprofundar a sua própria experiência, numa época de encruzilhada particularmente instigadora para o cristianismo [...]” (Mendonça, 2022, p. 12).

O primeiro capítulo, intitulado *Paulo perto de nós*, introduz a discussão sobre uma sociedade helenístico-romana à procura de um caminho. Nesse contexto, Paulo, por meio de seus escritos, apresenta uma trajetória baseada no amor: “[...] aceita tornar-se um amar por amar, aceita ocupar o lugar da fraqueza e esvaziar-se diante do outro. É verdade: se atendermos bem, Paulo está mais perto de nós do que pensamos” (Mendonça, 2022, p. 29).

Tolentino expõe as fontes para o conhecimento de Paulo, destacando as cartas paulinas e os Atos dos Apóstolos como fontes diretas. Além disso, salienta a importância de se considerar o contexto histórico, social, religioso e cultural em que Paulo esteve inserido, o que pode sustentar ou, por vezes, questionar a plausibilidade histórica das várias representações construídas sobre o

apóstolo. Nesse sentido, Tolentino afirma: “as cartas servem a Paulo para inaugurar ou manter um diálogo à distância com as comunidades cristãs, oferecendo-lhe a oportunidade de realizar algumas explicações teológicas [...]” (Mendonça, 2022, p. 35). Observando a missão de Paulo e sua maneira de apresentá-la nas cartas, Tolentino as interpreta como “uma espécie de ‘romance de si’” (Mendonça, 2022, p. 35-36).

A figura de Paulo é, para Tolentino, comparável à de certos pintores que deixam seu autorretrato oculto entre os figurantes de uma cena ou em um ângulo específico de suas telas: “como fazem certos pintores, que deixam o seu autorretrato escondido entre os figurantes de uma cena ou num ângulo claro-escuro da suas telas [...]” (Mendonça, 2022, p. 39). Paulo, segundo Tolentino, transmite uma imagem de si mesmo, relatando sua origem: *circuncidado ao oitavo dia*, pertencente à *raça de Israel* e à *tribo de Benjamim*, sendo ele hebreu e *filho de hebreus*, além de desempenhar a função de *fariseu e perseguidor da Igreja*. Esse percurso é descrito como “um retrato feito de perguntas” (Mendonça, 2022, p. 39).

Ao final do livro, Tolentino, em consonância com o título *Metamorfose necessária*, apresenta três metamorfoses inspiradas pela vida de Jesus Cristo. A primeira é a metamorfose em vista da fraternidade (Mendonça, 2022, p. 111), onde, segundo Tolentino, Paulo vê Cristo como aquele que “[...] reconfigura radicalmente as relações e instaura uma fraternidade onde esta se diria impossível. Jesus é para Paulo o referente da metamorfose do mundo” (Mendonça, 2022, p. 128). Em seguida, o autor aborda a metamorfose em vista da esperança (Mendonça, 2022, p. 129), uma realidade que, embora ausente no espaço público, encontra em Paulo uma expressão teológica única: “[...] tem um idioma que serviu amplamente para escrever a sua teologia” (Mendonça, 2022, p. 130). A esperança, para Tolentino, é “[...] um dos elementos chave da existência humana e cristã” (Mendonça, 2022, p. 130). Ele recorre à passagem bíblica de Gênesis 15:5, na qual Deus convida Abraão a levantar os olhos e contar as estrelas, para afirmar que “a esperança conduz-nos para fora dos círculos fechados das nossas evidências” (Mendonça, 2022, p. 141).

Por fim, no último capítulo — Em estado de recomeço —, Tolentino apresenta a metamorfose como gramática do crer (Mendonça, 2022, p. 147). Para ele, o Cristianismo se origina da reconfiguração da pessoa crente. A lição que Paulo nos transmite é a de que “[...] não somos cristãos, mas tornamo-nos cristãos, o que nos obriga a romper com o conformismo teológico de um cristianismo como dado adquirido, que se dá quase por automatismo [...]” (Mendonça, 2022, p. 148). Tolentino reflete sobre o que significaria ser cristão para Paulo, respondendo que “é um sujeito crente em construção; é uma escolha de viver, em estado de processo, ao mesmo tempo a plenitude e o inacabamento, o tesouro e o barro, a esperança e a experiência” (Mendonça, 2022, p.

150). O autor conclui sua reflexão ao enfatizar “a natureza comunitária da fé” (Mendonça, 2022, p. 152), que implica viver “em estado de recomeço” (Mendonça, 2022, p. 157), entendendo que a criação humana não está completa, mas continua sendo realizada por Deus. Em suas palavras: “[...] estamos sempre em estado de ser criados e de criar [...]. Cada pessoa é chamada a ser, e é já, um documento do futuro” (Mendonça, 2022, p. 158).

2.4.14. Demais obras

Em janeiro de 2001, foi publicado o livreto *Retiro aberto: para uma mística do cotidiano. A Sabedoria e o Tempo: a Arte da Esperança*, referente ao retiro realizado no Mosteiro de Santa Maria das Monjas Dominicanas.

José Tolentino Mendonça foi responsável pela adaptação para o português contemporâneo da Bíblia publicada em oito volumes pela editora Assírio & Alvim, com tradução de João Ferreira Annes d’Almeida e mais de 600 ilustrações da pintora Ilda David. O primeiro volume, que abrange do Gênesis a Levítico, e o segundo, de Números a Juizes, foram publicados em novembro de 2006. O terceiro volume, de Rute a 2º Reis, e o quarto, de 1º Crônicas a Jó, saíram em janeiro de 2007. O quinto volume, de Salmos a Isaías, e o sexto, de Jeremias a Malaquias, foram lançados em dezembro de 2007. O sétimo volume, de Mateus a Atos dos Apóstolos, e o oitavo, de Romanos ao Apocalipse, foram publicados em maio de 2007.

Em abril de 2005, José Tolentino Mendonça lançou a peça *Perdoar Helena*, publicada pela Assírio & Alvim. A obra consiste em um diálogo entre duas personagens sem nome, intercalado por monólogos analépticos que esclarecem acontecimentos passados. Conforme o professor Martinho Soares, o texto de Tolentino “não explicita, mas sugere, em uma prosa impregnada de poesia, o que dificulta respostas claras e precisas. Por vezes, ‘não há um sentido: apenas palavras que vibram na luminosidade do ar’” (Soares, 2005, p. 181)⁵⁷.

Em setembro de 2007, a Assírio & Alvim publicou o livro *Pentateuco*, de Tolentino, em coautoria com Ilda David e com a tradução de João Ferreira Annes d’Almeida. Em novembro de 2009, a editora lançou *Histórias escolhidas da Bíblia*, com a seleção de 41 passagens bíblicas feitas por Tolentino, acompanhadas de ilustrações de Ilda David para episódios como a criação do mundo, a torre de Babel e a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus (Snpcultura, 2009)⁵⁸. O autor expressou

⁵⁷ Soares, Martinho. Boletim de estudos clássicos - 45. Lisboa, Assírio & Alvim, 2005, p. 179-181.

⁵⁸ https://www.snpcultura.org/vol_historias_escolhidas_biblia.html.

sua admiração pelas ilustrações de Ilda, afirmando: “é maravilhoso o modo como Ilda interpreta a Bíblia, criando uma espécie de teologia que acompanha o texto e que, muitas vezes, revela o mistério da palavra, como a própria tradução tenta fazer” (Ecclesia, 2010)⁵⁹.

Em janeiro de 2013, Tolentino lançou a peça *O estado do Bosque*, produzida no âmbito de um projeto do Teatro Oficina de Guimarães. A obra é composta por cinco personagens e sete cenas: Cena I – O diálogo da orla; Cena II – O diálogo da casa; Cena III – O diálogo do poço; Cena IV – O diálogo do limiar; Cena V – O diálogo da clareira; Cena VI – O diálogo do sonho; e Cena VII – O diálogo do bosque (Mendonça, 2013, p. 7).

No mesmo mês de janeiro de 2013, foi publicado pela editora Temas & Debates o livro *Os rostos de Jesus: uma Revelação*, de Tolentino, em coautoria com Duarte Belo, arquiteto e fotógrafo. O livro reúne mais de 100 fotografias de Belo, com imagens de Jesus Crucificado, seguidas por ensaios de Tolentino. Segundo o autor, a diversidade de representações do rosto de Jesus na arte reflete tanto a incerteza quanto a impossibilidade de uma imagem que capture completamente a verdade sobre Cristo (Wook, 2013)⁶⁰.

Em abril de 2015, a editora Imprensa Publishing lançou *Que coisa são as nuvens*, coletânea das melhores crônicas de Tolentino publicadas na Revista do Jornal Expresso. O livro é dividido em três partes, cada uma com o título de um filme de Pier Paolo Pasolini: *Comícios de Amor*, que aborda questões do presente; *Teorema*, que discute a crença e a espiritualidade no espaço público; e *A terra Vista da Lua*, que reflete sobre o futuro (Expresso, 2015)⁶¹.

Em junho de 2015, a editora da Universidade Católica Portuguesa publicou o ensaio *Esperar contra toda Esperança*, que resulta da 36ª Jornada de Estudos Teológicos da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, realizada em fevereiro de 2015. O evento, centrado no texto bíblico da carta de São Paulo a Timóteo, “Cristo é a nossa esperança” (Snpcultura, 2015)⁶², contou com uma conferência de abertura proferida por um Cardeal, cujas reflexões foram registradas no livro.

Em março de 2016, a editora Afrontamento lançou *Desporto, Ética e Transcendência*, coordenado por José Tolentino Mendonça e o doutor em Antropologia Alfredo Teixeira. O livro

⁵⁹ <https://agencia.ecclesia.pt/portal/famalicao-ilda-david-e-tolentino-mendonca-apresentam-historias-escolhidas-da-biblia/>.

⁶⁰ <https://www.wook.pt/livro/os-rostos-de-jesus-duarte-belo/15249699?srsId=AfmBOortXTssv7kIpTtoyUC15R4HNMOPGVm14DTzGmaU8jvZ6LYfuN5o>.

⁶¹ <https://expresso.pt/cultura/que-coisa-sao-as-nuvens-jose-tolentino-mendonca-responde=f920266>.

⁶² https://www.snpcultura.org/esperar_contra_toda_a_esperanca.html

reúne conferências de um colóquio internacional realizado em 2015 na Universidade Católica Portuguesa, abordando temas como a ética do silêncio, a fenomenologia do corpo atlético, e as dimensões sacramentais do esporte (Snpcultura, 2016)⁶³.

Ainda em 2016, a editora Paulinas de Portugal publicou *Corrigir os que erram*, que, no mesmo ano, foi traduzido para o italiano⁶⁴ pela editora EMI e para o espanhol⁶⁵ pela editora San Pablo. A obra oferece uma reflexão sobre a prática da correção daqueles que erram.

Em outubro de 2016, Tolentino lançou *Chiamate in attesa* em italiano, publicado pela editora Vita e Pensiero, que descreve o livro como “[...] uma verdadeira mina de ideias para viver com gosto a normalidade de cada dia, a graça do instante acolhido pelo que ele é” (VP, 2016)⁶⁶.

Em 2018, Tolentino publicou *Requiem pela autora de amanhã*, uma obra criada para marcar o centésimo aniversário do fim da I Guerra Mundial. A composição, apresentada por João Madureira em julho de 2018 no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos, foi narrada por Tolentino, cujo poema estrutura-se em três partes: primeiro, uma evocação do Universo; depois, uma descida à Terra marcada pela guerra; e finalmente, uma busca por um encontro transcendental com a paz (Público, 2018)⁶⁷.

Em 2019, a editora Documenta publicou *Nos passos de Etty Hillesum*, coautoria de José Tolentino Mendonça e Filipe Condado, com fotografias de Condado feitas durante uma peregrinação à Holanda, complementadas por trechos dos escritos de Etty Hillesum. O livro inclui também os Exercícios espirituais de Tolentino, que reflete sobre a experiência espiritual como exposição ao olhar e ao amor de Deus (Snpcultura, 2023)⁶⁸.

Em janeiro de 2022, a editora da Universidade Católica de Portugal lançou *As coisas podem mudar*, de José Tolentino Mendonça, em coautoria com o Cardeal Luis Antonio Tagle. O livro reúne as conferências de abertura e encerramento da encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco.

Em março de 2022, a editora Letras e Coisas publicou o livro *A questão sobre Deus é o não saber explicar*, de José Tolentino Mendonça, em colaboração com o arquiteto português Álvaro Siza. Tolentino foi convidado pelo editor Nuno Higinio a elaborar uma obra que, a partir dos

⁶³ https://www.snpcultura.org/desporto_etica_e_transcendencia.html.

⁶⁴ Ammonire i peccatori, 2016.

⁶⁵ Ser misericordiosos con los pecadores, 2016.

⁶⁶ <https://www.vitaepensiero.it/scheda-libro/jose-tolentino-mendonca/chiamate-in-attesa-9788834331880-334034.html>.

⁶⁷ <https://www.publico.pt/2018/07/28/culturaipsilon/noticia/a-guerra-e-a-paz-em-novas-criacoes-musicais-1839334>.

⁶⁸ https://www.snpcultura.org/nos_passos_de_etty_hillesum.html.

desenhos de Siza, abordasse o universo religioso. Em resposta ao convite, Tolentino propôs uma reflexão que buscasse “[...] promover uma conversa com Siza sobre arte, arquitetura e espiritualidade” (Mendonça, 2022, p. 9). O título da obra é inspirado por uma frase de Álvaro Siza, e a expressão *não saber* é elucidada por Tolentino, que a define como “[...] o reservatório inesgotável da dúvida, da curiosidade e da pergunta. E enquanto formos capazes de colocar perguntas — não só aquelas pequenas e imediatas, mas também as grandes e irresolúveis — o nosso caminho sobre a terra projetar-nos-á sempre mais longe” (Mendonça, 2022, p. 9).

O livro inicia com um breve texto introdutório de Tolentino, seguido de várias páginas dedicadas aos desenhos de Álvaro Siza sobre a paixão de Cristo. Em um terceiro momento, Tolentino passa a interrogar Siza, cujas respostas são cuidadosamente apresentadas. Em um dado momento da obra, Tolentino questiona Siza: “Lembra-se como chegou à representação de Cristo?” (Mendonça, 2022, p. 69). A resposta de Siza é a seguinte: “Desde menino frequentei a catequese e aí tive contato com a figura de Jesus, ainda que a pedagogia não tenha sido, talvez, a melhor. Depois, tive o contato permanente com Ele através da arte: da pintura, da escultura, do desenho, da música, da literatura” (Siza, 2022, p. 69).

Em novembro de 2024, foi lançado pela editora Quetzal o mais recente livro de Tolentino Mendonça, *A vida em nós*. A obra reúne fragmentos e aforismos de suas últimas publicações, com uma reflexão sobre a beleza e a inquietação como componentes essenciais da experiência cristã (Quetzal, 2024).

2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

José Tolentino Mendonça é um escritor de destaque no cenário português, cujas contribuições abrangem uma vasta gama de áreas do saber, incluindo teologia, literatura, filosofia e arte em geral. A análise de sua produção intelectual é essencial para situar o leitor diante de sua significativa contribuição acadêmica e literária, evidenciando sua relevância tanto para o campo teológico quanto para a interseção entre sociedade, cultura e Igreja.

Em sua produção literária, Tolentino destaca-se por sua versatilidade, transitando com maestria entre a poesia e os ensaios. Sua obra poética, aliada aos ensaios, revela uma profunda sensibilidade artística e uma aguda capacidade de reflexão sobre a condição humana. Suas publicações também incluem crônicas no Jornal Expresso, nas quais aborda temas como a

interconexão entre a humanidade, a natureza e as crises sociais e espirituais que marcam a contemporaneidade.

A escrita de Tolentino reflete questões existenciais e a busca por significado, explorando como a espiritualidade pode fornecer respostas para os desafios do mundo moderno. Sua interpretação bíblica é caracterizada por uma preocupação com a aplicação prática de suas leituras, especialmente em relação às vidas contemporâneas, com destaque para narrativas que discutem temas como misericórdia e relações humanas. Além de seu enfoque teológico, Tolentino se opõe à intelectualização excessiva da fé, propondo uma aproximação mais profunda com as emoções e as experiências vividas.

Ademais, Tolentino dedica-se à análise da responsabilidade social do cristão, ligando a espiritualidade a questões sociais urgentes e contemporâneas. A síntese de sua obra revela uma exploração rica e multifacetada da relação entre fé, literatura e problemáticas sociais atuais. Com seu estilo de escrita meditativo e provocador, Tolentino não apenas enriquece o debate teológico, mas também incita reflexões essenciais sobre a condição humana e as crises globais.

3 UMA INTRODUÇÃO LACUNAR AO PENSAMENTO DE JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

*O perfume precioso
(Lc 7,36-50)*

*Havia um vaso de perfume
em barro branco
e a mulher que se colocou de gatas
radiante por poder exhibir a farta cabeleira
Mas ao quebrá-lo daquele modo aos pés do hóspede
misturou o nardo imprevisivelmente
com o cheiro de uma mulher que chora*

*O anfitrião especado observava, sem pronunciar um som
o mestre, porém, olhou-a com os seus olhos de cão meigo
a vagabundagem e a pobreza
eram direitos de quem entrou e saiu das trevas
para fazer da infelicidade um uso*

*Recordarei sempre aquele momento
perfeito fio de prumo
que indica o centro da vida*

(José Tolentino Mendonça)

Este capítulo está dividido em três seções, na primeira concentra atenção nas dissertações de mestrado e de doutorado elaboradas por Tolentino, de modo a compreender seu caminho reflexivo e suas pertencas teóricas (3.1). Na sequência, o capítulo aborda dois aspectos fundamentais para a compreensão do pensamento do cardeal poeta, a saber, as indeterminações e a figura do leitor como elementos constituintes da vida do texto (3.2). Por fim, indica aspectos constituintes de sua interpretação bíblica (3.3). Tais seções se retroalimentam, sendo tal divisão mais didática do que propriamente cortes do pensamento do autor. Considerando os limites desse tipo de apresentação e o próprio recurso literário das indeterminações e dos espaços vazios que convidam o leitor a confrontar-se com o texto, o presente panorama não visa uma análise exaustiva, mas acolhe as lacunas como constituintes de um pensamento em construção.

3.1 A TRAJETÓRIA ACADÊMICA ENTRE O OUTRO E JESUS

Na dissertação de mestrado, Tolentino realiza uma análise da parábola do fariseu e do publicano, presente no Evangelho de Lucas 18, 9-14. Já a tese de doutorado investiga a perícopes do fariseu e da pecadora, contida no Evangelho de Lucas 7,36-50. Em ambas as obras, Tolentino adota a narratologia como metodologia de análise. A dissertação de mestrado utiliza como material

primário de análise um artigo publicado na revista *Didaskalia* e um texto revisado presente no final do livro *A leitura infinita* (3.1.1). A tese de doutorado (3.1.2) está disponível em duas versões: a versão portuguesa, publicada pela Universidade Católica Portuguesa em 2004, e a versão brasileira, que é uma versão atualizada, mas reduzida. Na versão portuguesa, Tolentino emprega um texto mais abrangente, incluindo questões técnicas, como o objetivo textual e a análise narrativa, além de apresentar um panorama sobre a história da abordagem narrativa, seus limites e modos de operação. Já na versão brasileira, Tolentino expõe as motivações que o levaram a investigar o tema. Este trabalho abordará essas questões e as maneiras pelas quais as duas pesquisas foram desenvolvidas por Tolentino.

3.1.1. Notas sobre “o outro que me torna justo”

*O outro é sempre mais
vizinho a Deus do que eu*
(Maurice Blanchot, apud Mendonça, 1994, p.49)

Em 1994, a revista *Didaskalia* publicou, na forma de artigo, a Dissertação de Licenciatura em Sagrada Escritura de José Tolentino Mendonça. Sob a orientação do professor Fritzleo Lentzen-Deis S.J., o qual, conforme a revista, testemunhou “[...] o intenso e profético serviço à Palavra de Deus, o brilho de raro mestre que foi, e a generosidade dos amigos verdadeiros” (Mendonça, 1994, p. 49), a dissertação recebeu o título *O Outro que me torna Justo: Uma leitura pragmático-linguística da parábola do fariseu*. O texto foi posteriormente revisado e publicado no livro *A leitura infinita*⁶⁹.

Tolentino inicia sua reflexão mencionando o filósofo francês Jean-Paul Sartre, que associa o *inferno* aos *outros*, sugerindo que essa ideia ressoa com as experiências *dramáticas*. Tolentino argumenta que:

Por detrás das grandes feridas da consciência moderna — desde as repressões totalitárias aos crimes perpetrados contra determinados grupos humanos, desde a criação e manutenção de uma ordem económica internacional que não abarca, com igual justiça, todas as partes do planeta até os problemas, sempre crescentes, da gestão pacífica das diversidades — está, sem dúvida, a dificuldade de um posicionamento justo diante do horizonte do outro (Mendonça, 1994, p. 49).

⁶⁹ MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 243-270.

O autor destaca que a relação com o outro é central para a compreensão da justiça e da moralidade. Nesse sentido, Tolentino sugere que “[...] a parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14), na sua lapidar singeleza, constitui um vibrante desafio ao tipo de valores que sustentam as relações entre os homens” (Mendonça, 1994, p. 50). A introdução do artigo estabelece, assim, a premissa de que a maneira como tratamos o outro é fundamental para nossa própria compreensão. Tolentino afirma que “a parábola, como todas as parábolas evangélicas, pede do leitor, para que possa ser verdadeiramente ‘lida’ [...]” (Mendonça, 1994, p. 50).

O texto está estruturado em quatro partes. A primeira, *Em redor da Parábola*, trata da relevância das parábolas, afirmando que “[...] as parábolas de Jesus se constituem em autêntica e singular *linguagem de mudança*” (Mendonça, 1994, p. 52). Nessa seção, Tolentino discute as diferenças entre *linguagem de reforço* e *linguagem de mudança*, e, posteriormente, no tópico dedicado *As Indeterminações e o Leitor*, aprofundarei as razões pelas quais considera as parábolas como linguagem de mudança.

Outro aspecto da transformação promovida pela parábola é a operação de “[...] uma *mudança de contexto*” (Mendonça, 1994, p. 52), na qual duas histórias, uma ordinária e outra extraordinária, são interligadas de forma que a narrativa extraordinária reorganiza a percepção da realidade cotidiana. Tolentino exemplifica com a parábola do tesouro escondido (Mt 13,44), a qual ilustra como a descoberta de uma nova realidade pode levar a uma reavaliação completa da vida. Esse reenquadramento da realidade gera um “[...] *questionamento da imagem habitual do mundo* (dimensão crítica da parábola)” (Mendonça, 1994, p. 52), como é exemplificado pela parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32), na qual a celebração do pai contradiz a resposta habitual a tais situações, anunciando novas possibilidades e reintroduzindo a esperança.

Na segunda parte, *A Estrutura Sintática da Parábola*, Tolentino examina a estrutura da parábola, ressaltando que “[...] a sintática não é um bloco desligado nem da semântica, nem da pragmática” (Mendonça, 1994, p. 55). Ele descreve a *estrutura de superfície* do texto como essencial para a compreensão da mensagem, e propõe uma leitura atenta aos *jogos de linguagem* presentes no uso lucano, destacando a importância de se evidenciar a estrutura sintática para uma interpretação mais rica do texto.

Tolentino introduz três tipos de correlações entre a ordem sintática e o papel discursivo: *O elemento familiar*, *A anteposição* e *A inversão*. No primeiro tipo, ele observa que “normalmente, o primeiro sintagma num enunciado tende a denotar um elemento familiar, enquanto que o sintagma posterior se refere a um elemento novo” (Mendonça, 1994, p. 58). Esse arranjo permite uma comunicação mais clara, conectando o conhecido ao novo. No segundo tipo, *A anteposição*, os

elementos antepostos são ligados a contextos previamente mencionados, enquanto no terceiro tipo, *A inversão*, o sintagma nominal/sujeito aparece após o verbo principal, gerando surpresa ou mistério.

Na terceira parte, *A Semântica da Parábola*, Tolentino, a partir de uma definição de Morris, propõe que a semântica é “[...] a relação entre os sinais e os objetos aos quais eles são aplicáveis. Trata-se portanto de usar o significado, o ‘querer dizer’ escondido na pluralidade de referentes e matizes que o tecido narrativo ostenta” (Mendonça, 1994, p. 61). Ele defende que reduzir o *sentido* de uma obra a explicações simples e diretas é uma abordagem limitada, que não alcança a profundidade do significado genuíno.

Tolentino então analisa as identidades dos personagens da parábola, o fariseu e o publicano, e as respectivas orações proferidas. A oração do fariseu é qualificada como uma *Oração de exclusão*, que se insere em uma lógica religiosa que excluía os *pecadores*, como exigência de fidelidade. Em contraste, a oração do publicano, mais humilde, é vista como uma expressão de *inclusão*, onde todos, sem distinção, necessitam do perdão de Deus (Mendonça, 1994, p. 70-74). Tolentino conclui que ser *justo* aos olhos de Deus não é um cumprimento formal de regras, mas o reconhecimento da própria limitação e a sinceridade ao confessar o pecado (Mendonça, 1994, p. 78).

Na quarta parte, *Que Pragmática?*, Tolentino aborda a pragmática como o campo que se situa entre o *sinal* e o *intérprete*, afirmando que o texto não se limita a formalidades sintáticas ou semânticas, mas estabelece uma relação profunda com o leitor. O texto, enquanto *ação* e *modelo de ação*, dirige-se ao leitor e é interpretado em um contexto específico. Nesse sentido, Tolentino descreve a parábola como um convite à *procura do outro*, comparando a busca da amada do Cântico dos Cânticos ao encontro do leitor com o texto, contra a “grande noite do mundo” (Mendonça, 1994, p. 79).

O autor propõe que a pragmática da parábola ocorre em três etapas: *Identificação*, *Consciencialização* e *Ação*. Na etapa da “*identificação*”, o leitor é convidado a se identificar com os personagens, o que é crucial para compreender a dinâmica moral da parábola. A *consciencialização* envolve uma reflexão sobre a complexidade da situação, e a etapa final, a *Ação*, refere-se à resposta do leitor à parábola, que é modelada pela justiça divina, caracterizada pela bondade incondicional de Deus (Mendonça, 1994, p. 84).

O texto conclui com a seção *Ser o leitor da parábola*, na qual Tolentino faz uma crítica à desigualdade social e política, afirmando que o discurso sobre justiça e igualdade ainda está longe de ser concretizado. Nesse contexto, a parábola do fariseu e do publicano desafia o leitor a adotar

uma postura de inclusão e hospitalidade, contribuindo para a construção de um novo humanismo fundamentado na misericórdia (Mendonça, 1994, p. 86).

Em resumo, a dissertação de Tolentino propõe uma análise pragmático-linguística da parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14). Tolentino reflete sobre a importância da relação com o outro para a compreensão da justiça e da moralidade, destacando a relevância das parábolas de Jesus como *linguagem de mudança*, que desafiam as percepções habituais e promovem uma reavaliação profunda da realidade. A dissertação é estruturada em quatro partes: (1) a relevância das parábolas como agentes de mudança; (2) a análise da estrutura sintática da parábola; (3) a semântica da parábola, com ênfase na dinâmica entre os personagens e suas orações; e (4) a pragmática, que envolve o impacto do texto sobre o leitor, convidando-o à reflexão e à ação. O autor conclui que a parábola desafia o leitor a adotar posturas de inclusão e misericórdia, essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e humana.

3.1.2. Notas sobre “A construção de Jesus”

Orientado pelo jesuíta Jean-Noel Aletti (1942-), José Tolentino Mendonça apresentou sua tese de doutorado em 6 de julho de 2004, na Universidade Católica Portuguesa (UCP). Intitulada *A construção de Jesus: Uma narrativa de Lc 7,36-50*, a pesquisa oferece um estudo aprofundado da referida perícopes lucana, abordando a figura de uma mulher descrita como “[...] pecadora que se arrisca por um território hostil apenas para tocar em Jesus” (Mendonça, 2018, p. 13). A tese foi publicada no Brasil em 2018, pela editora Paulinas em colaboração com a Universidade Católica de Pernambuco, sob o título *A construção de Jesus. A dinâmica narrativa de Lucas*.

Na edição brasileira, a tese é precedida por uma seção intitulada *Como cheguei aqui*, na qual Tolentino expõe os motivos que o levaram a escolher a narrativa de Lucas 7,36-50 como objeto de estudo. Ele destaca a influência da leitura da obra *Uma vida de Jesus*, do romancista japonês Shusaku Endo (1923-1996), que considera esse trecho do Evangelho de Lucas como “[...] um momento central, mais eficaz na transmissão de Jesus do que muitos outros, inclusive as histórias de milagres [...]” (Mendonça, 2018, p. 14). Endo se refere ao conceito de *efeito de realidade*, proposto por Roland Barthes (1915-1980) em seu ensaio *O efeito do real* (1968), que identifica detalhes aparentemente sem função, mas que criam um realismo convincente na narrativa de ficção.

Em Portugal, a tese foi publicada na coleção de teses da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e pela editora Assírio & Alvim. A obra foi premiada em 2005 pelo Pen Clube, uma instituição fundada em 1978 e uma das primeiras a distribuir prêmios literários

de destaque, a partir de 1980, nas áreas de ficção, poesia e ensaio. No início da obra, Tolentino justifica o título *A construção de Jesus*, afirmando que sua intenção é mais do que oferecer uma simples afirmação dogmática sobre Jesus; ao contrário, ele propõe uma análise da dinâmica narrativa do evangelista, por meio da qual Jesus é progressivamente compreendido “[...] através de traços, palavras e meias-palavras, encontros e desencontros, entusiasmos e resistências, esclarecimentos e enigmas sempre maiores” (Mendonça, 2018, p. 17).

A tese começa com uma introdução que define o objeto textual e o motivo de análise. Tolentino recorre à citação do biblista Joseph Fitzmyer (1920-2016), que descreve “o episódio de Lucas 7,36-50 [como] um dos mais árduos e importantes do terceiro Evangelho” (Mendonça, 2004, p. 130). O autor destaca que a narrativa confere uma *indeterminação* que convida à interação do leitor e propõe compreender a *revelação de Jesus*, um processo com um “caráter implícito e indeterminado” (Mendonça, 2004, p. 14). Desde o início, Tolentino deixa claro que sua análise não se propõe a discutir a prioridade do Jesus histórico sobre o relato que o retrata como protagonista, mas sim a explorar como o narrador lucano revela Jesus através da *arte refinada* da narração, que Lucas domina de forma quase *instintiva* (Mendonça, 2004, p. 14).

Tolentino discute a interpretação do caráter difícil e irresolúvel da narrativa, que se evidencia na discrepância entre o relato principal e a parábola, em que a mulher é perdoada por seu amor, enquanto a parábola sugere que o perdão antecede o amor (Mendonça, 2004, p. 15). Na sequência, o autor traça um panorama histórico da abordagem narrativa, observando que o estudo mais profundo da narrativa começou no início do século XX, com o escritor Henry James (1843-1916), que “reclamava a necessidade de um aprofundamento teórico dos aspectos da arte de narrar” (Mendonça, 2004, p. 17). A verdadeira teoria da narratividade, entretanto, emergiu com o Formalismo russo, que visava analisar a literatura de maneira mais objetiva. No final da década de 1960, a narratologia se consolidou com teóricos como Émile Beneviste (1972-1976), Michel Foucault (1926-1984), Gérard Genette (1930-2018), Algirdas Julius Greimas (1917-1992) e Jacques Lacan (1901-1981), e, a partir de 1970, passou a ser compreendida como “fenômeno de comunicação” (Mendonça, 2004, p. 19).

Nas ciências bíblicas, o interesse pela exegese narrativa também cresceu, sendo sistematizado por estudiosos como Eric Auerbach (1892-1957), Northrop Frye (1912-1991) e Robert Alter (1935-). A obra *The Great Code* de Frye, por exemplo, explora o sistema das imagens e das estruturas narrativas bíblicas (Mendonça, 2004, p. 21). Na década de 1980, a narratologia aplicada ao Novo Testamento começou com estudiosos como Kelber, Peterson e Kermode, cujos trabalhos ajudaram a desenvolver uma análise narrativa do Evangelho de Lucas, com contribuições

significativas de Charles Talbert (1934-2021) e Robert Tannehill (1934-), além do próprio orientador de Tolentino, Jean-Noel Aletti (1942-), cuja obra *L'art de raconter Jésus Christ* (1989) é citada como um marco por seu foco nas técnicas narrativas de Lucas (Mendonça, 2004, p. 24).

No que se refere à metodologia, Tolentino adota a narratologia para uma leitura sincrônica, ou seja, privilegia o estado final do texto. Em vez de buscar o sentido original do autor, a análise narra a obra literária como uma dinâmica autônoma, capaz de gerar novos sentidos em diferentes contextos (Mendonça, 2004, p. 25). A narratologia, portanto, não se limita à interpretação do autor, mas também considera a interação entre autor e leitor, compreendendo que ambos “[...] se encontram intrinsecamente presentes no escrito” (Mendonça, 2004, p. 26).

Tolentino também reconhece os limites da exegese narrativa, citando o teólogo Daniel Marguerat (1943-), que alerta sobre o risco de um *positivismo textual*, onde a descrição literária substitui a interpretação (Mendonça, 2004, p. 27). No entanto, ele afirma que, ao adotar a abordagem narrativa, é possível compreender como o texto programa a leitura e constrói, por meio dessa interação, a própria concepção de leitor (Mendonça, 2004, p. 27).

Na quarta parte da introdução, Tolentino detalha os elementos da narrativa, começando pela análise do *narrador*, que é a voz que conta a história e organiza os eventos. Ele segue com a análise da *intriga*⁷⁰, que se refere à maneira como os eventos são apresentados, e da *gestão dos personagens*, especialmente sua relação com o protagonista, Jesus. A *focalização* trata do fluxo de informações atribuído ao ponto de vista de determinado personagem, enquanto a *temporalidade* examina a relação entre o tempo da história e o tempo do discurso. Finalmente, o *espaço* é analisado em suas dimensões físicas, psicológicas e sociais (Mendonça, 2004, p. 29).

A tese está organizada em quatro capítulos, sendo que a edição brasileira apresenta uma divisão em onze capítulos, seguimos aqui a estrutura da edição portuguesa. No primeiro capítulo, *O território textual de Lc 7,36-50*, Tolentino começa a análise propondo uma tradução do trecho de Lucas, seguida por uma justificativa das escolhas feitas para reconstruir o texto original. Ele também realiza uma análise hermenêutica do trecho, buscando delimitar a perícopes como uma unidade de sentido coesa, caracterizada por uma temporalidade e espacialidade bem definidas, além de um desenvolvimento narrativo claro (Mendonça, 2004, p. 51). Abaixo a tradução que Tolentino propõe para a perícopes:

36 Tinha-o convidado um dos fariseus para que comesse com ele.
Entrando em casa do fariseu reclinou-se à mesa.

⁷⁰ Tolentino dezenove essa ideia a partir das reflexões de Paul Ricoeur, em *Du texto à l'action* (p. 13-14).

- 37 E eis uma mulher, que na cidade era uma pecadora,
sabendo que ele está à mesa em casa do fariseu,
trouxe um alabastro de perfume
- 38 e, estando por detrás, aos seus pés, chorando
começou a banhar-lhe os pés e ungiu-os com perfume.
- 39 Vendo isso, o fariseu que o tinha convidado disse para consigo:
se este fosse profeta, saberia quem e de que espécie é a mulher que o toca,
pois é uma pecadora.
- 40 Tomando a palavra, Jesus disse-lhe:
Simão tenho uma coisa a dizer-te.
E ele responde: Fala, mestre.
- 41 Dois devedores tinham um credor:
um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta.
- 42 Quando não tinham com que pagar, ambos perdoou.
Qual deles, então, o amará mais?
- 43 E Simão respondeu:
Suponho que aquele a quem mais perdoou.
E ele disse-lhe: julgaste bem.
- 44 E, voltando-se para a mulher, disse a Simão:
“vês esta mulher?”
Entrei em tua casa, e água sobre os pés não me oferecestes:
ela porém, com as lágrimas banhou-me os pés e com os seus cabelos mos [enxugou.
- 45 Um beijo não me deste:
ela, porém, desde que eu entrei não cessou de me estar beijando os pés.
- 46 Com óleo minha cabeça não ungiste:
ela, porém, ungiu com perfume os meus pés.
- 47 Por isso te digo:
“são perdoados os pecados dela, os muitos, porque amou muito:
mas aquele a quem pouco é perdoado, pouco ama”.
- 48 E disse a ela: “estão perdoados os teus pecados”.
- 49 Os comensais começaram a dizer entre si: “quem é este que até perdoa [pecados?]”.
- 50 Ele, porém, disse à mulher: “A tua fé te salvou; vai em paz”.

No segundo capítulo, Tolentino propõe o título em forma de questionamento: *Lc 7,36-50: repetição ou invenção?* Inicia sua reflexão ao estabelecer um paralelo com outros textos presentes nos Evangelhos — Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Jo 12,1-8 —, que, embora compartilhem semelhanças, apresentam diferenças significativas. Em sua análise, Tolentino aponta que “os quatro textos revelam um enquadramento interno idêntico: ocorrem todos enquanto Jesus está à mesa, com o estatuto de convidado, no âmbito restrito de uma casa” (Mendonça, 2004, p. 54). Contudo, ao comparar as passagens, conclui que “[...] cada um desenvolve matizes próprias” (Mendonça, 2004, p. 56).

Tolentino também reflete sobre o significado de partilhar uma refeição, tema de grande relevância tanto na literatura quanto na antropologia e outras ciências sociais. Citando Massimo Montanari (1949-), ele argumenta que a alimentação em companhia vai além do simples ato de saciar a fome, constituindo-se, sobretudo, em uma oportunidade de socialização, representando um gesto de forte conteúdo social e comunicativo (Mendonça, 2004, p. 68). O espaço, a companhia, o alimento e a forma de se alimentar exercem um impacto profundo, sendo que “a mesa era o lugar preferencial para estender a pureza ritual fora do templo” (Mendonça, 2004, p. 69).

Tolentino reconhece o esforço dos exegetas anteriores, que estabeleceram muitos paralelos entre as narrativas, mas esclarece que seu objetivo é realizar uma análise narrativa. Ele conclui que, “por semelhante que seja, o episódio lucano é irreduzível na sua individualidade. Está, portanto, mais próximo da invenção que da repetição” (Mendonça, 2004, p. 79).

No terceiro capítulo, intitulado *A mecânica narrativa de Lc 7,36-50*, Tolentino analisa o texto lucano, identificando três personagens principais: um fariseu, Jesus e uma mulher pecadora. Os personagens secundários incluem um credor, um devedor de quinhentos denários, um devedor de cinquenta denários e os comensais. Segundo Tolentino, “os dois elementos fundamentais de uma narração são a existência de um narrador e de uma intriga” (Mendonça, 2004, p. 81). O narrador, como a voz que conduz a história, narra os acontecimentos, enquanto a intriga corresponde à configuração lógico-intelectual da história (Mendonça, 2004, p. 81). O espaço, por sua vez, constitui o cenário onde a ação se desenrola, sendo que Tolentino sugere que o conceito de espaço pode englobar tanto as atmosferas psicológicas quanto as sociais (Mendonça, 2004, p. 81).

Tolentino apresenta o Evangelista Lucas como o criador de *uma entidade fictícia*, responsável por conduzir a narrativa, a qual ele denomina de *narrador*. O episódio de Lucas 7,36-50 concentra-se especialmente em três personagens: o fariseu Simão, Jesus e a mulher inominada. O narrador, de acordo com Tolentino, “[...] apresenta-se num registro heterodiegético, utiliza uma linguagem isenta e coloquial, composta de frases descritivas, despojadas, sem juízos ou comentários, demonstrando mais interesse em mostrar do que em intervir ou explicar” (Mendonça, 2004, p. 84-85). Tolentino destaca que o narrador se apaga, deixando o foco na palavra revelatória de Jesus (Mendonça, 2004, p. 85).

O fariseu é mencionado no singular, o que, segundo Tolentino, “[...] inscreve o personagem num determinado horizonte de significação” (Mendonça, 2004, p. 86). No Evangelho de Lucas, os fariseus frequentemente se opõem a Jesus, mas, nesta narrativa, “é a primeira vez que Jesus come com fariseus” (Mendonça, 2004, p. 87). Embora a oposição entre Jesus e os fariseus seja uma característica presente ao longo do Evangelho (Lc 11,37-54; 14,1-24), a narrativa não apresenta um confronto imediato. Tolentino observa que “um convite é um elemento positivo, uma abertura à alteridade ou o encenar dessa possibilidade” (Mendonça, 2004, p. 88).

No centro da narrativa está Jesus, o hóspede que, “[...] direta ou indiretamente, atravessa todos os momentos do episódio” (Mendonça, 2004, p. 90). Jesus é retratado como “[...] um personagem onisciente” (Mendonça, 2004, p. 90), capaz de conhecer o silêncio dos presentes. Sua presença provoca um questionamento sobre sua identidade, especialmente devido ao fato de perdoar pecados (v. 49). O mistério em torno de sua inter-relação com Deus e sua identidade como hóspede

é central para a narrativa. Tolentino sugere que “[...] ele é, de fato, o protagonista do episódio, e a luz que o texto transporta é para que o possamos ver melhor” (Mendonça, 2004, p. 91).

A mulher inominada, identificada no relato como *pecadora*, destaca uma das características do Evangelho de Lucas, que é particularmente voltado para relatos sobre mulheres (Mendonça, 2004, p. 91). O texto não especifica quais são os pecados da mulher, um elemento que a torna singular na narrativa, visto que “[...] Lucas não caracteriza moralmente outros personagens” (Mendonça, 2004, p. 92). Ela se apresenta em silêncio, usando um gesto simbólico de ungir os pés de Jesus com suas lágrimas, o que é interpretado por Jesus como um acolhimento na fé. Assim, “[...] de pecadora, a mulher passará a perdoada, e a transformação de seu status derrama um perfume novo não só na perícopes, mas no próprio Evangelho” (Mendonça, 2004, p. 94). Os comensais, por sua vez, “[...] acompanham a ação, mas sem intervir” (Mendonça, 2004, p. 94).

O encontro de Jesus com a pecadora e o fariseu ocorre na casa deste último, que convida Jesus para uma refeição. Tolentino observa que Jesus aceita ser alvo do desejo e das manifestações de atenção de ambos os personagens: “Ele aceita a refeição do fariseu e o alabastro de perfume da pecadora” (Mendonça, 2004, p. 96). A postura de Simão é de quem está confortável em seu próprio espaço, mantendo o controle da situação, enquanto a mulher, sentindo-se intrusa, se expõe humildemente, reconhecendo sua condição de pecadora. Tolentino descreve que, ao longo da narrativa, o fariseu e a mulher alternam entre passividade e atividade, enquanto Jesus permanece, em grande parte, ativo (Mendonça, 2004, p. 97).

Tolentino destaca ainda o papel crucial dos olhares na narrativa, considerando-os como uma das ferramentas mais relevantes da estratégia narrativa (Mendonça, 2004, p. 98). Ele questiona de quem seria o olhar que vemos e, inicialmente, parece ser o do fariseu. Contudo, Tolentino esclarece que:

O anfitrião só a prazo detém a focalização. A engenhosa construção narrativa de Lucas, progressivamente, nos revela um segredo. À primeira vista podemos até pensar que estamos apenas perante uma história que nos é contada. Depois percebemos que nós vimos o que o dono da casa viu, mas não temos ainda razões para questionar o seu ponto de vista. Com a intervenção de Jesus chega uma nova perspectiva narrativa. Ele demonstra que a visão do fariseu era, afinal, um ângulo visual escolhido e que dessa maneira ele exprima o seu modo de receber os acontecimentos e de os julgar, modo que a vinda de Jesus tornava inaceitável (Mendonça, 2004, p. 100).

Na terceira parte do terceiro capítulo, intitulada *A sequência dos quadros narrativos*, Tolentino recorre a uma ideia de Marguerat (1943-) e Bourquin, que compara um episódio narrativo a uma montagem cinematográfica composta por quadros. A narrativa é estruturada em três quadros

principais, conforme se observa na análise de Tolentino. No primeiro quadro, “Jesus é objeto de uma dupla ação, com o fariseu como sujeito da ação do convite e a mulher como sujeito da ação da unção (Mendonça, 2004, p. 101). No segundo quadro, “Jesus é o sujeito de uma ação verbal, tendo como objeto Simão, o fariseu, e, indiretamente, a mulher pecadora” (Mendonça, 2004, p. 101). Por fim, “[...] no terceiro quadro, o objeto da ação verbal de Jesus (uma ação de caráter performático) é a mulher inominada, tendo como contraponto os comensais” (Mendonça, 2004, p. 101).

No primeiro quadro (vv. 36-38), Jesus é convidado pelo fariseu e aceita o convite. A mulher entra na narrativa como uma intrusa, sendo identificada pelo narrador, pelo fariseu e pelos comensais como pecadora. De acordo com Tolentino, com base nas observações de Neale Donald (1943-), os fariseus, dentro da tradição judaica, viam como essencial “[...] manter a pureza ritual em torno à mesa e à refeição, evitando qualquer contato que pudesse contaminá-los [...]” (Mendonça, 2004, p. 103). Esse contexto cria um desconforto nos leitores que se identificavam com os fariseus. A mulher chora e lava os pés de Jesus com suas lágrimas, enxugando-os com os cabelos.

Na parte intitulada *O modo contrastado como o fariseu e Jesus lêem os acontecimentos*, Tolentino analisa o segundo quadro (vv. 39-47). O cenário descrito neste trecho desperta, no fariseu, rejeição e perplexidade (Mendonça, 2004, p. 106). Baseado na Lei, Tolentino aponta o texto de Isaías 52,11, que diz *coisa impura não toqueis*, para ilustrar a posição do fariseu, que condena a mulher e conclui que “[...] o homem que ele convidou para a sua mesa não é um profeta!” (Mendonça, 2018, p. 46). O fariseu não questiona a presença da mulher, considerando-a pecadora, mas, em relação a Jesus, ele se encontra em dúvida. O olhar do fariseu, ao considerar Jesus, é ambíguo: ele ouvia coisas sobre Jesus e agora, confrontando-se com a realidade, observava outras (Mendonça, 2005, p. 108).

O fariseu não interfere no episódio. Inicialmente, ele falha em cumprir os ritos de hospitalidade para com seu convidado, e, em segundo lugar, não impede a entrada da mulher em sua casa. A narrativa revela que ele queria ver como Jesus se sairia daquela situação desconfortável (Mendonça, 2004, p. 108). A partir da parábola que Jesus conta sobre dois devedores que têm suas dívidas perdoadas, um devendo pouco e o outro muito, surge o questionamento sobre qual dos dois demonstraria maior amor pelo credor. O episódio foca na questão do perdão, centrando-se principalmente na dimensão vertical do perdão, aquele concedido por Deus ao pecador (Mendonça, 2004, p. 116). Ambos os devedores têm uma dívida impagável, mas o destaque recai sobre a *proporção* do perdão, ou seja, quem amará *mais* (Mendonça, 2004, p. 120).

Jesus convida Simão a ver a mulher de maneira diferente, questionando: *Vês esta mulher?*. Ele o incita a perceber que seus gestos são “[...] uma demonstração de amor” (Mendonça, 2004, p. 134). Tolentino destaca a importância de analisar como as perspectivas do fariseu e de Jesus divergem, sendo as de Jesus corretivas em relação às do fariseu (Mendonça, 2004, p. 140). Inicialmente, o olhar do fariseu é fixado na acusação de que ela é uma *pecadora*, mas, no versículo 39, ele se concentra em julgar a identidade de Jesus, em vez de questionar a presença da mulher. O olhar proposto por Jesus, no entanto, não é uma simples repetição do olhar do fariseu, mas uma oportunidade de redefinir a compreensão da realidade a partir de uma nova perspectiva (Mendonça, 2004, p. 140).

O terceiro quadro (vv. 48-50), intitulado *A mulher e os comensais perante Jesus*, conclui o episódio. Ao levar a situação ao seu desfecho, Jesus se apresenta não apenas como anunciador do perdão, mas como aquele que tem o poder de declarar a absolvição dos pecados (Mendonça, 2004, p. 143). A dúvida sobre a legitimidade de Jesus para perdoar pecados é levantada pelos comensais, destacando a tensão em torno de sua identidade. A narrativa se encerra com a declaração de Jesus à mulher: *A tua fé te salvou; vai em paz*. Embora o conceito de fé não seja claramente explicado, sabe-se que ela está inextricavelmente ligada aos atos de amor da mulher na casa do fariseu. A fé, portanto, não é uma abstração, mas uma narrativa concreta (Mendonça, 2004, p. 148)⁷¹. A fé da mulher é expressa por seu modo de estar presente diante de Jesus, o que Tolentino define como “estar inteiramente presente a Jesus” (Mendonça, 2004, p. 149).

Em relação ao espaço narrativo, Tolentino adota uma abordagem que transcende o simples cenário físico, buscando compreender como os espaços simbolizam as atmosferas sociais e os estados psicológicos dos personagens. Os lugares, objetos e decorações traduzem sentimentos, tensões subterrâneas ou mudanças que ocorrem no contexto (Mendonça, 2004, p. 151). O espaço da narrativa, assim, não se limita a uma representação geográfica, mas reflete os valores ideológicos e as dinâmicas entre os personagens.

Tolentino analisa o espaço narrativo a partir das preposições e da distância entre os personagens. No primeiro versículo, a expressão *a fim de que comesse com ele* indica “um desejo de relação intensa” (Mendonça, 2004, p. 153). As preposições que situam a mulher como pecadora *na* cidade e Jesus *em* casa do fariseu sugerem uma *distância objetiva*, mediada por um conhecimento que explica o motivo da deslocação (Mendonça, 2004, p. 153). Essa distância é

⁷¹ Para um arrazoado teológico que aprofunda o entendimento do amor cristão em sua dimensão de concretude, ver *A Theology of Love*, de Werner Jeanrond (2010).

progressivamente superada ao longo da narrativa, conforme as interações entre Jesus e os outros personagens.

Por fim, o tema do tempo na narrativa é explorado, especialmente a tensão entre o tempo cronológico e o tempo da revelação. O tempo de Jesus não se limita ao cronológico, mas ao tempo da salvação. Embora as ações sigam uma linha temporal, o perdão de Jesus e o foco na revelação da identidade de Jesus deslocam o centro da narrativa do tempo histórico para o tempo da revelação divina (Mendonça, 2004, p. 166-167). O tempo da salvação introduz uma nova gramática que redefine as relações entre aqueles que são considerados justos e pecadores.

No quarto e último capítulo, intitulado *A construção de Jesus no horizonte de Lc 7*, Tolentino apresenta a figura de Jesus em um processo gradual de construção. O autor destaca que a pesquisa não busca a análise da existência histórica de Jesus, mas sim sua *revelação narrativa*, conforme afirma a citação de Mendonça: “não é a existência histórica de Jesus que se pretende observar, mas a sua revelação narrativa, urdida por alguém que, mais do que uma simples biografia, pretendeu avizinhar o leitor da misteriosa e inalienável singularidade da sua pessoa” (Mendonça, 2004, p. 173). Tolentino começa o capítulo lembrando a autoridade de Jesus, expressa em suas palavras e ações, “e, ao longo da narrativa, Poder, Autoridade e Espírito assomam indissociáveis no retrato que Lucas vai traçando dele, explicando a ‘autoridade absoluta e pessoalíssima’ com que realiza o seu programa” (Mendonça, 2004, p. 175).

A seção intitulada *Um grande profeta surgiu entre nós* analisa o paradigma profético de Jesus no capítulo 7 do evangelho de Lucas. Tolentino compara passagens de Lucas 7 com narrativas do profeta Elias, ressaltando que “é claro que estamos sempre perante uma composição lucana — as formas verbais [...] e proposicionais [...], as exclamações [...] e os adjetivos [...] refletem amplamente a mão de Lucas” (Mendonça, 2004, p. 181). Porém, Tolentino acrescenta que “[...] há uma consciente pretensão de avizinhar essa ação de Jesus do paradigma de Elias” (Mendonça, 2004, p. 181). No capítulo 4 de Lucas, o narrador menciona que “todos se haviam enfurecido contra a autoproclamação profética de Jesus” (Mendonça, 2004, p. 181), mas no capítulo 7, com a ressurreição do filho da viúva de Naim, Jesus é reconhecido como profeta.

A perícopes anterior ao trecho analisado levanta a questão sobre a identidade de Jesus. João Batista envia seus discípulos para perguntar se Jesus é aquele que havia de vir. “[...] O narrador lucano busca, por um lado, a comparação com Elias, por outro sabe que essa comparação não esclarece por inteiro a identidade de Jesus. Jesus é mais do que Elias” (Mendonça, 2004, p. 185-186). João Batista desempenha um papel importante na construção da imagem de Jesus, sendo associado, conforme o narrador, à questão da percepção da identidade de Jesus: “o narrador lucano

associa assim João ao grande motivo da percepção da identidade de Jesus” (Mendonça, 2004, p. 189).

No Evangelho Sinótico, a passagem que destaca o caráter profético de Jesus é Lucas 7,36-50. Para Simão, o fariseu, o título de profeta não se aplica a Jesus. Embora, de certa forma, o fariseu esteja correto, “Jesus não é um profeta, e não por ser menos qualificado que as figuras da tradição de Israel. Não é um profeta porque, em face de sua identidade, essa categoria revela-se insuficiente, ultrapassada” (Mendonça, 2004, p. 194). Ao longo do episódio, Jesus se revela conhecedor tanto da mulher como de Simão.

No capítulo 7 de Lucas, há uma série de personagens que ajudam a entender a identidade de Jesus: o pobre, o cego, o estropiado e o oprimido. “[...] São personagens que a tradição da LXX fixara como objeto tipificado da ação benfeitora de Deus” (Mendonça, 2004, p. 198). O ministério de Jesus ultrapassa a ideia de um grande profeta, “Jesus põe em crise, pela sua palavra e ação, o entendimento que dele se fazia como profeta. O seu ministério, pouco a pouco, revelado como cumprimento proléptico dos tempos escatológicos, pede outra designação” (Mendonça, 2004, p. 198).

A seção intitulada *A resposta de Jesus: uma retórica de persuasão*, com o subtítulo *Que significa para Jesus acolher os pecadores*, retrata uma mulher sem nome, socialmente desqualificada, que, sem proferir uma palavra, se aproxima de Jesus. Como escreveu Étienne Charpentier (1970, apud Mendonça, 2004, p. 200), “Jesus não veio para uma classe social, mas para uma categoria de homens: os pecadores”. Esse grupo era alvo de certa antipatia por parte dos religiosos da época. O perdão dos pecados é uma inovação no ministério de Jesus, e “a relação de Jesus com os pecadores assume, portanto, a maior importância cristológica no Evangelho de Lucas [...]” (Mendonça, 2004, p. 202). Em várias passagens de Lucas, há um apelo ao arrependimento, reconhecendo a missão de Jesus como salvífica.

Para os judeus, o termo pecador se referia a um grupo específico, mas em Jesus essa designação passa a abranger todos os homens. No contexto de Lucas 7,36-50, o pecado deixa de ser uma categoria social ou religiosa (5,29; 7,36-50) para se tornar um símbolo do homem necessitado de Deus. A mulher sem nome é colocada como paradigma do crente (Mendonça, 2004, p. 203). O arrependimento torna-se uma necessidade universal, e a pecadora é colocada no centro da narrativa, recebendo o perdão. “Se é verdade que o perdão dos pecados desempenha já um papel na perspectivação do ministério de João Batista (1,77; 3,3), ele torna-se, contudo, um dos eixos centrais quanto à definição da figura de Jesus” (Mendonça, 2004, p. 205). O foco da narrativa não está no pecado em si, mas na legitimidade de Jesus para perdoar pecados. “Se ele tem legitimidade

para perdoar pecados, como o raconto nos pretende mostrar, então é mesmo o caso para perguntar ‘quem é este Jesus?’” (Mendonça, 2004, p. 208). Ou seja, a questão central é a identidade de Jesus. Após ser tocado pela pecadora, Jesus proclama: *a tua fé te salvou*; isso sublinha o caráter salvífico de seu ministério.

A seção *Jesus desempenha um ministério de salvação* explora o conceito de salvação, central no Evangelho de Lucas. Desde o início, no capítulo 1, versículo 47, Maria se refere a Deus como seu salvador, indicando a importância do tema. A salvação é um fio condutor que permeia tanto as palavras de Maria quanto o cântico de Zacarias (Lc 1,67-79), que menciona a paz. “Mas essa paz não é simplesmente tranquilidade: implica perfeição e felicidade. É uma proposição messiânica vinculada à remissão dos pecados (Mt 2,5-6) e à justiça” (Mendonça, 2004, p. 215). O cântico de Simeão (Lc 2,29-32) continua essa linha de pensamento, apresentando Jesus como *a salvação de Deus*, uma salvação que se manifesta de forma tangível e concreta no ministério de Jesus. Lucas enfatiza que a atividade de Jesus não é apenas uma promessa futura, mas uma realidade presente, como expressa a frase *procurar e salvar o que estava perdido*. “Estar perdido sintomatiza um estado precário, uma espécie de morte simbólica; ser salvo significa entrar na plenitude da vida; o encontrar e o salvar acontecem no presente protagonizado pelo Filho do Homem” (Mendonça, 2004, p. 220).

Na última parte do capítulo, intitulada *A arte de construir Jesus*, Tolentino destaca que, no Evangelho de Lucas, “desde o princípio, a construção de Jesus emerge como o tema maior do Evangelho. A revelação que Jesus faz de si mesmo e a manifestação da sua competência, tal como a forma contrastada e parcial como ele vai sendo reconhecido, tornam-se o conteúdo da própria intriga” (Mendonça, 2004, p. 222). Quando sua identidade e autoridade são questionadas, “Jesus afirma que o Filho do Homem tem na terra o poder de perdoar os pecados (5,24), e ele próprio apresenta-se como enviado a trazer os pecadores à conversão (5,32)” (Mendonça, 2004, p. 222-223). No episódio de Lc 7,36-50, uma mulher pecadora se coloca aos pés de Jesus, gerando desconforto entre os presentes. “Mas torna-se sobretudo oportunidade para Jesus se revelar como o grande conhecedor do coração humano, e para que, narrativamente, se juntassem dois títulos que, antes, apareciam isoladamente: o de profeta e o de perdoador de pecados” (Mendonça, 2004, p. 223). Ao longo do Evangelho, Jesus é comparado com figuras como Elias, Eliseu e Moisés, mas os transcende, pois “a intriga do Evangelho gira em torno deste exercício de definição que se desenvolve progressivamente. Jesus vai resistindo às categorizações de que é alvo e define-se a si mesmo através de sua história” (Mendonça, 2004, p. 224).

Tolentino cita John Darr, que afirma que “o processo de construção de um personagem não é neutro, nem unidirecional” (Darr, 1992, apud Mendonça, 2004, p. 226), complementando que “a identidade de Jesus é uma identidade narrativa, que se colhe através de momentos vários e do nexo do relato” (Mendonça, 2004, p. 224). A construção de Jesus, segundo o texto, é subversiva: “Jesus aparece como um crítico declarado da situação do Templo [...] o seu ministério afirma uma autonomia inédita em relação ao papel que o Templo desempenhava na religiosidade de Israel” (Mendonça, 2004, p. 226). Jesus também é acusado de violar a observância do sábado (6,1-5.6-11; 13,10-17) e é criticado por não observar os dias de jejum (Mendonça, 2004, p. 226). Além disso, ele toca em pessoas impuras, como o filho morto da viúva de Naim e a filha de Jairo, “Jesus colocava as pessoas em relação com Deus, relativizando ou dando um sentido novo às normas de pureza. Tudo se liga à percepção que Jesus tem de Deus e da sua identidade pessoal” (Mendonça, 2004, p. 227). A figura de Jesus é construída a partir das *incompreensões e ambiguidades* deixadas no texto, criando uma tensão que mantém a identidade de Jesus em suspense até o fim (Mendonça, 2018, p. 176). O Evangelho de Lucas revela uma ambiguidade na recepção de Jesus: enquanto alguns o reconhecem como grande profeta, outros o consideram blasfemo.

Na última seção, Tolentino explora a ideia de que o Evangelho constrói o leitor, e o leitor, por sua vez, constrói o Evangelho. Ele argumenta que a estrutura do texto, com suas informações dispersas, ambiguidades e silêncios, convida o leitor a participar ativamente dessa construção. “Mas a construção do raconto supõe também a construção que o texto faz do leitor” (Mendonça, 2004, p. 230). À medida que a narrativa se desenrola, o leitor é transformado e desafiado a interrogar a si mesmo. Para Tolentino, a função do Evangelho não é apenas evidenciar a identidade de Jesus, mas, a partir dessa identidade, mostrar “[...] quem Jesus se torna na vida daqueles e daquelas que cruzam o seu caminho” (Mendonça, 2004, p. 230). Ao final, Tolentino sugere que o Evangelho não oferece respostas definitivas, mas provoca perguntas, concluindo com as seguintes indagações:

Por que existem as histórias? Por que resistem elas ao inelutável manto do esquecimento? Que poder é o seu? Por que nos atraem, por que tornamos a elas, mesmo quando séculos se somaram a outros séculos, e o mundo que as gerou nos aparece enigmático, secreto, distante? Que trânsito nos traz assim suspensos: apenas um comércio de artifício, que as frágeis histórias encenam, ou a circulação impalpável mas presente da própria verdade? Por que contou Jesus histórias? Por que as contamos nós para dizer Jesus? (Mendonça, 2004, p. 235).

Tolentino enfatiza a literatura como lugar de encontro, em suas palavras: “há dois mil anos que Lc 7,36-50 vem testemunhando que as histórias são contadas para que um encontro aconteça” (Mendonça, 2004, p. 243).

Em resumo, a obra destaca a importância do relato lucano, que é considerado um momento central desse Evangelho, sendo descrito como mais eficaz na transmissão da figura de Jesus do que outras narrativas, incluindo as de milagres. Mendonça se inspira na obra *Uma vida de Jesus* do romancista japonês Shusaku Endo (1923-1996), que enfatiza o *efeito de realidade* proposto por Roland Barthes, onde detalhes aparentemente irrelevantes na narrativa criam um realismo convincente. A pesquisa revela a complexidade do episódio, que é caracterizado por um clima de irresolução e opiniões contraditórias, sugerindo uma atenção cuidadosa aos elementos narrativos. O autor observa a dinâmica entre os personagens, onde a mulher e o fariseu alternam entre papéis ativos e passivos, enquanto Jesus permanece como uma figura central de ação e perdão.

A tese aborda temas como a fé, a proclamação de Jesus como profeta, e a relação entre justos e pecadores. Mendonça argumenta que a estrutura do Evangelho convida o leitor a participar ativamente na construção do significado do texto, desafiando-o a interrogar a si mesmo e a refletir sobre a identidade de Jesus e seu impacto na vida das pessoas que cruzam seu caminho. Ao final, a obra propõe questões sobre a natureza das histórias e seu poder de ressoar ao longo do tempo, sugerindo que elas são contadas para facilitar encontros significativos.

3.1.3. Síntese

A dissertação de mestrado defendida por José Tolentino Mendonça destaca a importância da relação com o outro, a qual se revela fundamental para a compreensão da justiça. A parábola do fariseu e do publicano é interpretada como um convite à busca pelo outro. A relevância do outro torna-se um fator essencial na avaliação da realidade.

Por sua vez, a tese de doutorado de Tolentino apresenta a figura de uma mulher pecadora que, ao se arriscar para tocar em Jesus, manifesta uma profunda expressão de fé. O autor, em sua pesquisa, também aborda a temática da alteridade. A narrativa é construída sob a perspectiva de Jesus, que reconstrói a imagem de uma mulher inominada, cuja identidade é distorcida pelo fariseu. O interesse de Tolentino não reside em apresentar um Jesus histórico, mas em explorar sua revelação narrativa. Desde o início da narrativa, Tolentino mostra a construção gradual de Jesus, sendo essa a temática central do Evangelho e, mais especificamente, da passagem de Lucas 7,36-50.

3.2 AS INDETERMINAÇÕES E O LEITOR

Antes de apresentar uma tentativa de sistematização do pensamento de Tolentino no próximo capítulo, compreende-se como pertinente revistar obras já tratadas anteriormente, destacando a figura do leitor e da leitura (3.2.5, 3.2.6) e analisando um recurso literário bastante utilizado pelo autor – as indeterminações. Tal leitura complementa aspectos apresentados anteriormente, e já lança bases para uma sistematização temática da obra de Tolentino.

3.2.1. Indeterminações: A leitura infinita

Tolentino, trata de um dos dispositivos técnicos da literatura e, mais especificamente, no seu texto na Escritura, o da indeterminação. Sublinha esse elemento recorrendo a ideia de que o texto prepara o encontro com o leitor. Aponta sobre o texto Bíblico que “o Evangelho apresenta-se assim como uma escritura destinada a provocar a fé” (Mendonça, 2015, p. 51). O texto por meio de suas lacunas convida o leitor, “espera-se do que lê que sinta não apenas a sedução ou o prazer da leitura, mas que de alguma maneira se deixe impregnar do segredo que o texto guarda. O leitor previsto pelo texto acolhe a fé exposta e proposta no Evangelho” (Mendonça, 2015, p. 51).

Escolhendo como narrativa de sua análise, aponta para o Evangelho de João, e, na tentativa de responder o questionamento: como o texto prepara o encontro com o leitor? Sugere, “dentre os meios da arte expressiva de João, um dos mais admiravelmente desconcertantes é o recurso da indeterminação” (Mendonça, 2015, p. 52). Explicando que a narrativa evangélica se configura como uma história em constante desenvolvimento, conforme dito sobre a Bíblia: “o texto permanece em aberto não por insuficiência, mas por excesso” (Mendonça, 2015, p. 25). A indeterminação é um dispositivo literário que “[...] instaura entre o texto e o leitor uma espécie de espaço em branco, um patamar vazio, um tempo que ainda não começou” (Mendonça, 2015, p. 52), ou seja, um espaço em suspenso, criando um intervalo vazio.

Tolentino, recorre a algumas categorias de indeterminação presentes no Evangelho de João. A primeira indeterminação *O enigma*, logo no início do Evangelho dois discípulos perguntam a Jesus: “Mestre, onde moras?” A constituição do enigma se dá pela clareza e ao mesmo tempo enigmática pergunta. “Por um lado, afirma-se a acessibilidade ao território existencial e simbólico de Jesus; por outro, se mantém o segredo. Os discípulos permanecem com Jesus; o leitor sabe, por isso, que é possível permanecer na sua companhia” (Mendonça, 2015, p. 52). Porém, o endereço de onde o encontro acontecerá é indeterminado.

A segunda indeterminação *O mal-entendido*, sendo uma declaração que contém ambiguidade, deixando o sentido no campo da indeterminação. A declaração, normalmente,

apresentada por Jesus, fornece certa equívocidade, causando uma indefinição, “aqueles que o escutam interpretam-no literalmente e insurgem-se contra a sua declaração. Na maior parte dos casos, a explicação correta é a seguir fornecida por Jesus ou algumas vezes pelo narrador” (Mendonça, 2015, p. 53). Como exemplo do *mal-entendido*, Tolentino apresenta o texto de João 7,33-36, onde Jesus oferece aos judeus a liberdade se esses permanecessem nele, causando um certo embaraço, pois questionavam o fato de nunca terem sido escravos.

A terceira indeterminação *A ironia*, “[...] é um modo de discurso que diz o falso para fazer compreender o verdadeiro, sem, no entanto, procurar um efeito cômico” (Mendonça, 2015, p. 53). O exemplo apresentado por Tolentino, encontra-se no capítulo 9 do Evangelho de João, a narrativa apresenta um cego de nascença, “[...], estamos perante uma dupla ironia: ironia de situação e verbal” (Mendonça, 2015, p. 53). Os judeus insistiam em dizer que Jesus era pecador, porém curar um cego não podia ser um sinal de pecado. Questionando Jesus se eles, os fariseus, eram cegos, surge também a ironia, pois eram cegos se rejeitassem aquele que curou. A ironia verbal surge “quando os judeus fazem um interrogatório cerrado ao homem curado, ele responde ironicamente: ‘Já vos disse e não ouvistes. Por que quereis ouvir novamente? Por acaso quereis também tornar-vos seus discípulos?’ (v. 27)” (Mendonça, 2015, p. 54). A indeterminação mantém a relação entre o texto e o leitor.

Ao falar da indeterminação presente no Evangelho de João, Tolentino descreve que o espaço em branco instaurado entre o texto e o leitor, de certa forma insinua “[...] que o mistério que rodeia Jesus está e não está resolvido, para que precisamente esse interstício se revele como possibilidade de ulteriores procuras” (Mendonça, 2015, p. 92), ou seja, “a indeterminação funciona, portanto, como a construção retórica de um encontro” (Mendonça, 2015, p. 92).

No contexto do versículo de João 3,8 — “O vento sopra onde quer e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem e nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito” —, Tolentino analisa os substantivos *vento* e *Espírito*, que, no original grego (*pneuma*), provêm da mesma palavra. O autor destaca que “o ideal seria manter a ambiguidade e, com essa, também a tensão significativa. Mas, não podendo, tudo depende da interpretação” (Mendonça, 2015, p. 91). A escolha da expressão para a tradução influencia diretamente a interpretação do texto. A esse respeito, Tolentino afirma que a “narrativa evangélica se apresenta como história aberta” (Mendonça, 2015, p. 92) e que, no Evangelho de João, “a indeterminação é onipresente” (Mendonça, 2015, p. 92).

3.2.2. Indeterminações: A construção de Jesus

Na análise realizada por José Tolentino Mendonça em sua tese de doutorado, observa-se a presença de pontos de indeterminação e espaços em branco deixados pelo autor de Lucas. Nos primeiros versículos, há a menção de um fariseu em sua casa e a entrada de uma mulher, mas, em ambos os casos, percebe-se “o primeiro elemento que ressalta, logo aí, é a ausência de nomes próprios” (Mendonça, 2004, p. 82). No início do texto, há uma certa ênfase na expressão fariseu, algo que o autor do texto bíblico poderia ter evitado. Os motivos do encontro dessas personagens não são especificados, e “o narrador guarda um silêncio sobre as motivações que regem os personagens, motivações que, não sendo propriamente óbvias, reclamariam por uma chave” (Mendonça, 2004, p. 83). O texto não apresenta as motivações do convite do fariseu, “nem o que leva Jesus a aceitar de imediato aquele convite que, face à polêmica com os fariseus que se vinha desenhando, se torna se não desconcertante, pelo menos imprevisível” (Mendonça, 2004, p. 84).

Quanto à mulher, “o narrador permite que fiquemos no desconhecimento dos sentimentos que a levaram àquele espaço hostil” (Mendonça, 2004, p. 84). O perfume que ela traz consigo sugere que sua intenção era ungir Jesus, mas o desenrolar da história “[...], abri-lo-á a sentidos que nada têm [de] unívoco” (Mendonça, 2004, p. 84). Provavelmente, haviam outras pessoas presentes na refeição, conforme atestado pelo versículo 49: *Os comensais começaram a dizer: “Quem é este que até perdoa pecados?”*. Além disso “é estranho considerarmos ausentes os discípulos, sobretudo se tivermos em conta aquilo que se diz logo a seguir, em Lucas 8,1: ‘os Doze estavam com ele’” (Mendonça, 2004, p. 84). A presença de outras pessoas, como o fariseu e a mulher, também constitui um silêncio narrativo, surpreendendo o leitor “[...] pela presença de outros comensais” (Mendonça, 2004, p. 143).

A mulher tem seus pecados perdoados, mas permanece um silêncio em relação à dívida que ela possuía. Diante dos espaços em branco que surgem ao longo da narrativa, Tolentino sugere que “[...], a indeterminação, é um requisito da própria parábola” (Mendonça, 2004, p. 137). O perfume que a mulher traz consigo relembra a ausência do óleo que o fariseu não ofereceu a Jesus. Tolentino afirma que:

O raconto está costurado em silêncios que, pouco a pouco, vão sendo revelados. E um dos ‘silêncios’, relativamente ao fariseu, prende-se com o perfume. E do mesmo modo que o perfume é um artifício revelador dos espaços dos sentimentos, a sua ausência é um sintoma caracterizador (Mendonça, 2004, p. 163).

Por fim, Tolentino analisa a construção da identidade de Jesus no texto, sugerindo que “todo o elemento de indeterminação joga a favor da complexa construção que o raconto faz da identidade

de Jesus” (Mendonça, 2004, p. 205). Jesus recebe dois títulos na narrativa: o de *profeta* e *aquele que perdoa pecados*. Segundo Tolentino, ambas as expressões apresentam uma *condicional negativa* e uma *negação implícita*; “contudo, o fato de essas negativas não serem diretas, e guardarem em si uma espécie de hesitação, como que instaura a possibilidade de outros sentidos” (Mendonça, 2004, p. 205). A narrativa deixa uma pergunta no ar: *Quem é este que até perdoa pecados?*. Diante dos múltiplos silêncios e pontos de indeterminação apresentados, Tolentino conclui que “o leitor é chamado para, de alguma maneira, completar os pontos de indeterminação, supondo características e objetos não mencionados” (Mendonça, 2004, p. 151).

3.2.3. *Leitura e leitores*

José Tolentino Mendonça, em seu livro *A Leitura Infinita: A Bíblia e a sua interpretação*, afirma não haver “[...] melhor iniciação ao infinito do que a experiência da leitura, [...]” (Mendonça, 2015, p. 17), destacando que a leitura bíblica é um exemplo privilegiado dessa experiência. O autor enfatiza o número quarenta e nove — resultado da multiplicação de sete por sete — como um símbolo do infinito, refletindo a crença dos rabinos na infinidade de possibilidades interpretativas. Conforme sugere o termo grego, *Bíblia* se refere a uma coleção de livros, os quais requerem “[...], uma arte da interpretação” (Mendonça, 2015, p. 22). Antes de ser compilada como livro, a Bíblia era utilizada em espaços públicos para leituras comunitárias, sendo, portanto, “leitura antes de ser livro” (Mendonça, 2015, p. 24).

Tolentino descreve três momentos de “[...] viragens hermenêuticas fundamentais” (Mendonça, 2015, p. 35) na exegese bíblica para explicar sua postura hermenêutica em relação ao texto. A primeira é a hermenêutica que coloca o autor no centro, o autor, tentando responder à pergunta: qual é o objetivo dessa abordagem? “Uma resposta possível é: alcançar a experiência do autor, a sua intenção que estaria objetivada pelo texto” (Mendonça, 2015, p. 35). Essa perspectiva está presente na Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, *Dei Verbum*. No terceiro capítulo, que trata da inspiração divina e a interpretação da Sagrada Escritura:

Deus na Sagrada Escritura falou por meio dos homens e à maneira humana, o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que ele quis comunicar-nos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e que aprouve a Deus manifestar por meio das suas palavras (DV 12).

Friederich Schleiermacher (1768-1834), filósofo e teólogo protestante, é “considerado o fundador da hermenêutica moderna” (Gibellini, 2012, p. 58). Ele compreendia a hermenêutica

como a arte de entender, propondo que “quem compreende [...] ultrapassa o texto, as objetivações linguísticas do pensamento do autor e alcança o próprio pensamento do autor” (Gibellini, 2012, p. 58). Essa abordagem busca, portanto, acessar a intenção do autor no processo de criação do texto. Wilhelm Dilthey (1833-1911), filósofo e historiador, seguiu essa linha de pensamento, entendendo a “[...] interpretação como uma entrada na mente do autor” (Mendonça, 2015, p. 35).

Esse modelo de leitura, baseado na hermenêutica centrada no autor, apresenta certos riscos. No livro *Apuntes de Hermenéutica*, os biblistas Luis Alonso Schökel e José María Bravo discutem, no terceiro capítulo, a transição *da hermenêutica do autor para a hermenêutica do texto*. Eles enfatizam que a intenção do autor é vista como o principal fator para a compreensão do significado de um texto: “o leitor para compreender o texto, deve encontrar nele essa intenção. Para compreender o texto devo compreender o que o autor quer dizer, porque a chave para a interpretação é a intenção do autor” (Schökel; Bravo, 1992, p. 28).

Schökel e Bravo fazem três críticas a essa abordagem hermenêutica. A primeira é a neutralidade, que pode levar “[...] a uma exegese tão asséptica, tão clínica, que no final nada importa” (Schökel; Bravo, 1992, p. 31), resultando em consequências indesejadas. A segunda é o distanciamento, que segundo Mendonça (2015, p. 36), “[...] este estudo científico corre o risco de fixar-se num plano estático, supra-histórico, que o afasta irremediavelmente da vida corrente e das suas instâncias práticas, como se fossem campos separados” (Mendonça, 2015, p. 36). Por fim, o minimalismo e maximalismo representam extremos na interpretação textual: “o autor pode ter pensado num aspecto. Mas não posso afirmar isso categoricamente [...]” (Schökel; Bravo, 1992, p. 32). É relevante reconhecer que o texto também reflete o subconsciente do autor, e nem sempre suas posições são totalmente conscientes, pois “o poder de significação do texto é uma surpresa para o próprio autor” (Mendonça, 2015, p. 37).

A segunda viragem hermenêutica se concentra no texto como uma entidade autônoma e significativa por si só. As metodologias associadas a essa abordagem são sincrônicas, focando na análise dos textos em seu estado final, em contraste com as metodologias diacrônicas, que buscam compreender o desenvolvimento histórico dos textos. Conforme Mendonça (2015, p. 37), o texto “nasce de um autor, claro, mas é também uma realidade autônoma, com uma consistência própria, à maneira de um sistema orgânico de formas significativas [...]. Pode-se dizer que tudo no texto é semântico, significativo”. Essa abordagem, conhecida como *princípio de imanência*, propõe que a compreensão de um texto deve ser buscada exclusivamente dentro do próprio texto, sem a necessidade de recorrer a elementos externos. Como afirma Ska (1994, apud Mendonça, 2015, p. 38), “é no interior do texto que construiremos o ‘como’ do sentido”.

Na terceira virada hermenêutica, Tolentino denomina esse momento como *A hora do leitor*, destacando que “o leitor é requerido, suposto e esperado pelo próprio texto” (Mendonça, 2015, p. 39). Nessa abordagem, o leitor assume o papel central. Há diversos elementos que permanecem implícitos na construção de um texto, deixando lacunas e silêncios. Como aponta Umberto Eco, “todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho” (ECO, 1994, p. 9). Diante dessas lacunas, Eco (1994, p.12) afirma que, “num texto narrativo, o leitor é obrigado a optar o tempo todo”. Márcio Cappelli, em um artigo que explora as contribuições da estética da recepção para a interpretação da Bíblia, afirma: “as experiências dos leitores são fatores que devem ser levados em conta na construção de sentido de um texto. Ou seja, um texto está vulnerável a ressignificações múltiplas em horizontes diversos” (Cappelli, 2019, p. 376).

Tolentino, ao adotar essa perspectiva hermenêutica, dialoga com o pensamento de Paul Ricoeur, para quem “compreender é compreender-se diante do texto. Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber um si mais amplo” (Ricoeur, 2013, p. 68). A reflexão, portanto, não se limita ao texto, mas se estende ao intérprete, conduzindo a uma auto-interpretação que permeia todo o processo hermenêutico. Nesse sentido, “postos diante do texto que os interpela, o leitor, a leitora veem se desdobrar, por intermédio da narrativa, possibilidades de si mesmos” (Marguerat; Bourquin, 2009, p. 176).

Em certo ponto de sua reflexão, Tolentino discorre sobre a complexidade da leitura, especialmente no que diz respeito ao texto bíblico. Ele observa que “o estatuto do texto sagrado confirma-o como geneticamente plural: ele junta o elemento histórico com a intencionalidade ampla e descontínua que é necessário perscrutar” (Mendonça, 2015, p. 69). No encontro entre o texto e o leitor, é essencial manter duas realidades em vista: a origem cultural do texto e o desejo do leitor. Ignorar essas dimensões, segundo Mendonça, “[...] é uma ingenuidade, quando não uma perversão” (Mendonça, 2015, p. 69). Para se engajar verdadeiramente com o texto, o leitor precisa ter competência, sendo “[...] chamado a explorar com auxílio de instrumentos diversificados e complementares. Ele não pode ignorar a proveniência, a cultura, a linguagem, a composição ou a finalidade do texto” (Mendonça, 2015, p. 69).

O leitor desempenha um papel essencial como colaborador na construção do significado do texto. Considerado como intérprete, ele navega pela narrativa, analisando suas ações, reações e estrutura, instaurando, assim, uma correspondência entre o texto e o leitor. Nesse sentido, a maneira como a narrativa é apresentada e estruturada “[...] supõe também a construção que o texto faz do leitor. As técnicas narrativas são, ao mesmo tempo, uma forma de solicitar a colaboração do leitor

na construção do texto e uma maneira de construí-lo” (Mendonça, 2005, p. 286). O sentido da narrativa, portanto, resulta de um processo de leitura.

O texto é um acontecimento vivido pelo leitor, mas o ‘drama da leitura’ não é um ato arbitrário, nem ingênuo. Deve, por um lado, respeitar as convenções que o próprio texto fornece. E, por outro, enquanto leitura narrativa, não elimina, mas convoca o auxílio de outros métodos, sinfônicos e diacrônicos (Mendonça, 2003, p. 49).

Por meio das narrativas, os autores abordam questões éticas, políticas e sociais, funcionando, em certo sentido, como um convite para que os leitores reflitam sobre suas próprias realidades, atribuindo significados pessoais à história. “O narrador toma aquilo que narra da experiência — seja a sua própria ou alguma que lhe tenha sido referida — e a transforma em experiência para aqueles que escutam a sua história” (Mendonça, 2011, p. 258). Assim, a narrativa cria um espaço onde experiências humanas são compartilhadas.

Tolentino apresenta a leitura como um ato de justiça, como reconhecimento da voz do outro. Através da leitura, torna-se possível reconhecer as vozes de diferentes narradores e personagens, muitas vezes representando experiências marginalizadas ou silenciadas, sugerindo-nos “aprender a ver melhor, a sentir melhor, a escutar melhor” (Mendonça, 2011, p. 259). Nesse contexto, o ato de leitura se transforma em um espaço para dar visibilidade a essas histórias. Além disso, a leitura propõe o desenvolvimento da empatia, promovendo a capacidade de compreender e sentir as experiências dos outros, sendo assim uma forma de justiça social. “O texto é um conjunto de instruções que o leitor, individualmente ou o público, cumpre de maneira passiva ou criativa. Mas o texto só se torna obra na interação entre texto e destinatário” (Ricoeur, 2006 apud Mendonça, 2011, p. 261).

Na quinta parte do livro *A leitura infinita*, Tolentino realiza uma análise da parábola contida em Lucas 18,9-14, que narra a história de um fariseu e um publicano. Antes de se aprofundar na análise da parábola, ele estabelece uma distinção importante entre *linguagem de mudança* e *linguagem de reforço*. A *linguagem de reforço* refere-se a uma abordagem didática com a finalidade de explicitar, esclarecer e tornar mais compreensível um determinado conteúdo (Mendonça, 2015, p. 243). Já a *linguagem de mudança* possui uma perspectiva diferente, pois “[...] tem por objetivo não apenas explicitar ou aprofundar uma questão, mas, sobretudo, ‘abalar e modificar a concepção que o destinatário potencial tem da realidade’” (Mendonça, 2015, p. 243).

Em seguida, Tolentino analisa a semântica e o auditório da parábola, destacando a identidade dos personagens: um pecador e um bom praticante da religião, os quais “[...] representam grupos opostos no Judaísmo da época e estarão em confronto diante dos olhos do leitor

[...]” (Mendonça, 2015, p. 248). Ele explora o que significava *ser fariseu* e *ser publicano*, além de analisar a oração presente na narrativa. Ao concluir a oração do fariseu, Tolentino observa que “a distância entre este personagem e o publicano está, portanto, nitidamente traçada” (Mendonça, 2015, p. 257). Para criticar a oração do fariseu, o autor realiza uma comparação com a oração de Jesus, que precede a parábola no Evangelho de Lucas. Além disso, Tolentino examina a oração do publicano, destacando sua postura, a distância em relação ao altar, o gesto de bater no peito e a ausência de olhar para o céu. Ele percebe, nesse comportamento, que “[...] da sua ‘não oração’ é que a sua ‘oração’ nasce. Do silêncio que percorre e dobra o seu corpo é que nasce a palavra, o grito” (Mendonça, 2015, p. 262).

Ainda sobre a parábola, Tolentino introduz a ideia de “Ser o leitor da parábola” (Mendonça, 2015, p. 269). Nesse ponto, ele propõe uma nova abordagem, afastando-se da visão tradicional que organiza a parábola em dois polos, fariseu e publicano. Ele sugere a inserção de *necessariamente um terceiro referente, o leitor*. Assim, ao narrar a parábola, quem a contar deverá dizer: “Três homens subiram ao templo para rezar. Um era fariseu, outro publicano e o outro era o leitor” (Mendonça, 2015, p. 269). Com essa proposta hermenêutica, Tolentino sugere uma dinâmica na qual o leitor é chamado a se identificar com ambos os personagens. Se ele se identificar apenas com o fariseu e rejeitar o publicano, estará, de fato, reproduzindo o drama da parábola. Se, por outro lado, se identificar com o publicano e rejeitar o fariseu, estará, paradoxalmente, tornando-se fariseu (Mendonça, 2015, p. 269).

No final de *A leitura infinita*, encontram-se três entrevistas, sendo que a primeira, intitulada *A Bíblia ama esconder-se*, aborda a questão da atualidade da Bíblia, escrita há muitos séculos. Ao ser questionado sobre se a Bíblia ainda seria uma *caixa de surpresas*, Tolentino faz referência ao número infinito — quarenta e nove — utilizado pelos exegetas judeus, e afirma que: “as interpretações que os textos sugerem são infinitas. Por isso, o texto é sempre surpreendente. O processo de revelação ainda não terminou, continua em cada leitor” (Mendonça, 2015, p. 291). O autor compara o processo de comunicação da Bíblia ao da literatura, ressaltando que esse processo “[...] só fica concluído quando o leitor atual é capaz de ler, de interpretar, de compreender, de praticar a Palavra, de realizar a intencionalidade da Palavra” (Mendonça, 2015, p. 291).

3.2.4. Ler Jesus

A figura do leitor é ressaltada, também, na tese de doutorado de Tolentino. Ao abordar a entrada da mulher inominada em cena, o autor destaca o narrador, que omite o nome da personagem

e as motivações que a levaram a estar ali. O narrador a apresenta como pecadora, e Tolentino questiona as intenções por trás dessa informação, conforme afirmação de Mendonça: “a revelação do narrador tem consequências extradiegéticas, isto é, dota o leitor de uma competência semelhante à dos atores da narrativa” (Mendonça, 2004, p. 103).

O narrador, ao desenvolver a trama, cria uma ambiguidade, suspendendo o texto em uma dualidade: “os gestos da inominada honram Jesus ou lançam sobre ele um incômodo descrédito? Ela derrama lágrimas de arrependimento ou de gratidão? A sua comoção é autêntica ou simulação trivial de adúladora?” (Mendonça, 2004, p. 104). A leitura da narrativa bíblica evidencia uma ambiguidade que o narrador parece querer alimentar, de modo que, como Mendonça observa, “multiplicam-se as leituras e o enigma adensa-se!” (Mendonça, 2018, p. 105).

Após apresentar a mulher como pecadora, o narrador transita de um *relato externo* para um “[...] monólogo interior do fariseu” (Mendonça, 2004, p. 106). Ele abandona a estratégia dos fatos para adotar a dos juízos:

Juízo do fariseu e juízo do leitor, pois o narrador foi semeando alguns sinais no texto para que a reação do fariseu fosse inquestionavelmente natural. Por exemplo, o modo inesperado como a mulher é moralmente apresentada no v.37, e que parece até contrariar a delicadeza de Lucas para com os pecadores, faz o leitor participar da perplexidade e do escândalo sentidos pelo fariseu. Bem como a ocultação da fala de cortesia do anfitrião para com Jesus, impede o leitor de fazer, por contraste, uma leitura imediatamente positiva da atitude da mulher (Mendonça, 2004, p. 106-107).

O pensamento do fariseu poderia ter sido ocultado, mas o narrador “[...] decide colocar o leitor numa posição privilegiada sobre os outros atores, utilizando a técnica da ‘focalização zero’ dotando-o de um saber que os restantes personagens não detêm” (Mendonça, 2004, p. 109).

Mais adiante, Jesus toma a palavra sobre a situação da mulher, e Tolentino, em diálogo com o texto, questiona o objetivo de Jesus, afirmando que “o leitor é deixado, mais uma vez como o fariseu, na ambiguidade da cena, não sendo guiado por indícios do narrador” (Mendonça, 2004, p. 121). Diante do questionamento feito por Jesus ao fariseu, o leitor “terá também ele de esperar o esclarecimento de Jesus” (Mendonça, 2004, p. 121). Quando Jesus se volta para a mulher e pergunta ao fariseu: *Vês esta mulher?*, Tolentino observa que, embora seja uma afirmação óbvia que o fariseu vê a mulher, o olhar de Jesus desafia tanto o fariseu quanto o leitor, convidando-os a ver de um modo novo o que se havia olhado “[...] e por um caminho desconcertantemente inusitado” (Mendonça, 2004, p. 124).

Na parte final de sua tese, intitulado *A arte de construir Jesus*, Tolentino reflete sobre a ambiguidade, afirmando que “o leitor constrói o Evangelho. O Evangelho constrói o leitor”

(Mendonça, 2004, p. 230). Como já discutido, essa é uma das teses centrais do autor. O Evangelho, enquanto texto, interage com o leitor, que, ao se engajar com a narrativa, participa ativamente de sua construção. Conforme Tolentino propõe, o Evangelho não é um relato fechado, mas um convite para que o leitor contribua para sua interpretação. À medida que o leitor interage com a narrativa, é desafiado a refletir sobre sua própria vida, identidade e as relações que mantém com o mundo. Assim, o leitor é moldado durante o processo de leitura.

Sendo assim, conclui-se que o leitor é visto como um participante ativo na construção da narrativa. Ele é desafiado pela ambiguidade presente no texto e pela falta de clareza das motivações das personagens, principalmente a mulher inominada e o fariseu. O narrador cria um espaço de incerteza, que obriga o leitor a questionar e interpretar os gestos e as intenções das personagens, sem ser guiado de maneira explícita pelo narrador. A experiência de leitura é caracterizada pela participação do leitor no processo de interpretação, que não é passiva, mas dinâmica. Ele interage com o Evangelho, questiona o que é apresentado, e reflete sobre as implicações dessa narrativa em sua própria vida e identidade. Dessa forma, o leitor não é apenas receptáculo da história, mas um coautor, envolvido na construção do significado do texto. Tolentino entende que “a aposta de Lucas não foi chegar a uma definição de Jesus, mas devolver ao leitor uma identidade narrada, para que o leitor sentisse o desafio de também ele se colocar à escuta” (Mendonça, 2004, p. 230).

3.3 A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Apesar do volume díspar da presente seção em relação às anteriores, seu espaço se justifica ao auxiliar a visibilizar as áreas com as quais Tolentino dialoga ao construir seu pensamento. Após indicar seu caminho acadêmico, que é bíblico, e atentar para o modo como trabalha as indeterminações e a figura do leitor na leitura bíblica, destaca-se um tópico próprio para pensar aspectos complementares que compõem o pensamento do biblista poeta.

3.3.1. A Bíblia: um metatexto

José Tolentino Mendonça, referindo-se a Babo (1993, apud Mendonça, 2015, p. 57), afirma que “[...], a Bíblia constitui hoje um metatexto, [...]”, ou seja, uma chave essencial para interpretar a realidade. A Bíblia profundamente enraizada no pensamento, na imaginação e no cotidiano, desempenhando um papel ativo na construção do e na viabilização de sua legibilidade (Mendonça,

2015, p. 58). Dessa forma, Mendonça destaca que “a Bíblia representa uma espécie de ‘atlas iconográfico’, um ‘estaleiro de símbolos’. É um reservatório de histórias, um armário cheio de personagens, um teatro do natural e do sobrenatural, um fascinante laboratório de linguagens” (Mendonça, 2015, p. 58), e o desconhecimento da Bíblia não é apenas uma carência religiosa, mas também uma forma de “[...] iliteracia cultural, pois significa perder de vista uma parte decisiva do horizonte onde historicamente nos inscrevemos” (Mendonça, 2015, p. 58). Ele afirma:

Um dos dados que hoje temos por adquirido no estudo das Escrituras é que elas constituem um ponto de diálogo e confluência de tradições mais vastas que as fronteiras de Israel ou da Igreja. Há uma espécie de patrimônio comum que circula, um lato repertório de mitos, metáforas e crenças, que encontramos assimilados, com as nuances respectivas, em tradições religiosas e culturais diversas. As grandes narrativas não têm autores, têm contadores. A carga de originalidade é fornecida por quem conta, onde conta e com que finalidade. Não podemos espantar por reconhecer que há um tráfico de iconografias, narrações e construções plásticas entre crenças (Mendonça, 2015, p. 104).

O texto bíblico permeia os clássicos da literatura, em autores como Oscar Wilde e Clarice Lispector, e está presente em poemas, no “[...] cinema, por exemplo, recorre continuamente ao paradigma Jesus, Servo Sofredor, para falar do incontável sofrimento do mundo” (Mendonça, 2015, p. 61), e em obras de arte de grandes mestres como Chagall, Rouault e Kiefer. Considerando as possíveis definições do que é um clássico, pode-se argumentar, a partir da definição de Ítalo Calvino (2002, apud Mendonça, 2015, p. 59), que “um clássico é um livro que nunca acabou de dizer o que se tem a dizer [...]”, o que nos leva a considerar a Bíblia como um grande clássico.

O texto bíblico também nos leva a refletir sobre a sexualidade a partir de uma ética que vai além das prescrições relacionadas à pureza, como a separação entre homem e mulher em casos de menstruação. Paul Beauchamp, citado por Mendonça, observa que “[...] a sexualidade é ‘o movimento na figura’, é ‘promessa e desejo’, é forma de escrita onde ‘o corpo ganha realidade’” (apud Mendonça, 2015, p. 140). Trabalhando com os textos do Cântico dos Cânticos, Tolentino destaca que “a primeiríssima acepção da ética sexual bíblica é [...] o investimento do sujeito na sua singularidade” (Mendonça, 2015, 140). Outro aspecto dessa ética “[...] é o da igualdade sexual ou da paridade de gêneros” (Mendonça, 2015, p. 142). Mendonça chega a considerar a sexualidade humana como uma metáfora de Deus, ao afirmar que “de forma descomplexada, mas evitando ao mesmo tempo ambiguidades simplistas, a Bíblia relata o amor de Deus pelo seu povo também como um amor sexual” (Mendonça, 2015, p. 143), exemplificado por imagens como a chuva que fecunda a terra e a experiência do profeta Oséias, que ama uma prostituta, representando o amor de Deus por Israel.

Tolentino nos conduz a uma jornada bíblica pelos seus sabores. Ao citar Apocalipse 10,9, onde lemos: *Aproximei-me do anjo e pedi-lhe que me desse o livro. Ele disse-me: Toma-o e devora-o*, ele afirma que “entre o ler e o comer, a Bíblia sugere uma afinidade que não se fixa pela metáfora. Literalmente, a Bíblia é para comer. É odorosa, recôndita, vasta como a mesa celeste, íntima como a mesa materna, grata ao paladar, engenhosa, profusa, profícua” (Mendonça, 2015, p. 161). A partir daí, somos convidados a participar de diversos banquetes, ofertas e pastos cevados, onde se propõe “a leitura devorante” (Mendonça, 2015, p. 161). Tolentino nos apresenta uma verdadeira cozinha da Bíblia, onde apreendemos a revelação também pelo ato de comer: “e a sua leitura constitui uma minuciosa iniciação aos sabores: ao recôndito sabor do leite e do mel, ao sabor do trigo tostado, ao motivo trânsfuga dos ázimos, ao riso iluminado que o manjar pascal desperta” (Mendonça, 2015, p. 163).

No Evangelho de Lucas, Jesus é descrito como comilão, o que leva Tolentino a levantar uma questão instigante: Jesus foi crucificado pela maneira como comia? Embora não ofereça uma resposta, direta, ele ressalta que, nesse Evangelho, Jesus é convidado três vezes para refeições na casa de fariseus, onde se permite ser tocado por uma pecadora, denuncia a hipocrisia e cura um hidrópico em pleno sábado. “[...] a realidade é que a comensalidade servia para reforçar e impermeabilizar identidades e posturas, enfatizando linhas de divisão, consolidando mecanismos de ruptura no tecido social e religioso” (Mendonça, 2015, p. 181). O problema não era o fato de Jesus comer, mas sim que Jesus comia de qualquer jeito “[...] e com toda espécie de pessoas, fazendo da cozinha e da mesa um encontro para lá das fronteiras que a Lei estabelecia” (Mendonça, 2015, p. 171).

Em Lucas 5,30, Jesus é questionado sobre o motivo de comer com pecadores. “A resposta que Jesus lhes dá representa uma espécie de chave de leitura da originalidade do seu ministério” (Mendonça, 2015, p. 171): ele explica que são os doentes, e não os sãos, que precisam de médico. Ao se sentar à mesa com pecadores, Jesus se arriscava a fim de abraçar os marginalizados. Para seus opositores, “[...] os fariseus e escribas, Jesus levava longe demais a sua convivência, ao sentar-se à mesa com pecadores, já que a comunidade da mesa une os comensais entre si” (MENDONÇA, 2015, p. 171). Para Tolentino, a espiritualidade da mesa é carregada de simbolismos e significados: “a mesa é uma espécie de fronteira simbólica que testemunha, para lá das diferenças, uma possibilidade radical de comunhão” (Mendonça, 2015, p. 172).

3.3.2. Síntese

Tolentino concebe a Bíblia como um grande clássico, o que, para ele, implica que o texto sagrado nunca esgota seu significado. As diversas possibilidades de interpretação oferecidas pelo texto bíblico possibilitam uma leitura plural e dinâmica. Ao analisar as passagens bíblicas de Lc 18,9-14 e Lc 7,36-50, é possível observar que o leitor desempenha um papel fundamental, sendo uma presença imprescindível aguardada pelo próprio texto, ideia corroborada por Umberto Eco, a qual Tolentino adota. O texto bíblico não apenas se interpreta, mas também é interpretado de acordo com a contribuição do leitor. A partir do conceito apresentado na conclusão de sua tese doutoral, em que defende que *o texto constrói o leitor e o leitor constrói o texto*, a Bíblia se configura, assim, como uma obra que, simultaneamente, realiza a leitura de seus leitores.

3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

O segundo capítulo é iniciado com a análise da dissertação de mestrado e da tese de doutorado de José Tolentino Mendonça, um especialista renomado em estudos bíblicos. Nesse contexto, Tolentino opta por investigar duas passagens do Evangelho de Lucas, abordando-as sob uma perspectiva literária. Seu trabalho se distingue da exegese tradicional, pois, em vez de se limitar à interpretação teológica ou histórica, ele aplica uma abordagem própria da área da literatura, a narratologia.

Sob a influência da estética da recepção, proposta por Wolfgang Iser, Tolentino reconhece que os espaços em branco deixados pelo texto — ou, como Iser os denomina, as *Indeterminações* — são elementos fundamentais para a construção da interpretação. Nesse sentido, o leitor é convidado a participar ativamente do processo interpretativo, preenchendo essas lacunas a partir de suas próprias experiências e percepções. As indeterminações no texto manifestam-se de diferentes formas: por meio de ironias, questões não respondidas, detalhes ocultos, palavras ambíguas ou conceitos que apresentam dualidades, entre outras.

Tolentino adota, ainda, uma abordagem sincrônica na análise do texto, examinando-o em seu estado final, sem se deter em suas versões anteriores ou condições de produção. Influenciado também pelo filósofo Paul Ricoeur o autor compreende que o texto não se limita a ser um objeto passivo de interpretação, mas, ao contrário, ele exerce uma “leitura” sobre o leitor. O processo interpretativo é, portanto, dinâmico e recíproco, em que o texto, ao ser lido, também molda e transforma o próprio leitor, à medida que este se expõe ao conteúdo e à estrutura da obra.

4 SISTEMATIZAÇÃO DAS IDEIAS-CHAVE NA OBRA DE JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

Neste capítulo, busca-se sistematizar as principais ideias de José Tolentino Mendonça, especialmente presentes em sua obra ensaística. A análise realizada permitiu a identificação de temas recorrentes, aos quais o autor constantemente retorna ao longo de sua produção. O objetivo é reunir esses textos, dispersos em sua obra, e construir um raciocínio coeso que indique algumas chaves de leitura diante da obra de Tolentino. Serão abordados, neste contexto, temas como a teologia dos sentidos e sua inserção no pensamento do autor; a teologia da amizade, com a abordagem de Tolentino sobre este tema na literatura e nos textos sagrados; a interpretação do tempo, considerando a reflexão do autor sobre um mundo que demanda desaceleração; a compreensão da vida contemplativa e a relação entre literatura e espiritualidade; e, por fim, a análise do conceito de vulnerabilidade, com a proposta de associá-lo tanto a Deus quanto aos seres humanos.

4.1 A MÍSTICA DO INSTANTE

*O corpo tem degraus, todos eles inclinados
milhares de lembranças do que lhe aconteceu
tem filiação, geometria
um desabamento que começa do avesso
e formas que ninguém ouve*

*O corpo una é o mesmo
ainda quando se repete:
de onde vem este braço que toca no outro
de onde vêm estas pernas entrelaçadas
como alcanço este pé que coloco adiante?*

*Não aprendo com o corpo a levantar-me
aprendo a cair e a perguntar
(José Tolentino Mendonça)*

José Tolentino Mendonça inicia seu livro *A mística do instante: o tempo e a promessa*, com uma citação do filósofo e historiador francês Michel de Certeau: *É místico aquele ou aquela que não pode deixar de caminhar*. A respeito dessa frase, Tolentino observa: “[...] Identifico à partida uma extraordinária qualidade: não exclui ninguém, testemunha como a mística é uma experiência aberta a todos, é literalmente universal” (Mendonça, 2024, p. 40).

A mística não deve ser vista como algo distante ou meramente histórico, mas como um conceito que nos diz respeito. Segundo Mendonça:

Mística há de sempre ser sinônimo de liberdade. Essa liberdade imensa, de tudo, de todos e de si, requer a compreensão da interdependência que nos custa tanto ver: entre micro e macro, próximo e distante, dentro e fora, nosso e dos outros, atividade e repouso, silêncio e palavra, quietude e gesto, imobilidade e viagem, primavera e inverno, fome e pão, agora e depois (Mendonça, 2014, p. 42).

Para Tolentino, as expressões espiritualidade, interioridade e mística são sinônimas. Sua concepção de mística é influenciada pela experiência de segunda conversão do monge trapista Thomas Merton. Inicialmente, Merton buscou a espiritualidade na *fuga do mundo*, isolando-se do convívio humano. No entanto, ao caminhar pelas ruas de Louisville, “teve a intuição de que afinal não existia diferença alguma ou separação entre ele e aquele povo desencontrado e sedento. Sentiu-se simplesmente membro da família humana, da qual o próprio Filho de Deus quis fazer parte” (Mendonça, 2014, p. 10-11). Thomas Merton diante dessa conversão, “[...] percebia que a mística só pode ser uma experiência quotidiana, solidária e integrativa” (Mendonça, 2014, p. 11).

Esse contraste delineia duas abordagens à mística: uma que se afasta do mundo e outra que abraça uma espiritualidade encarnada. A partir do relato bíblico da criação, é evidente a união entre o divino e o terrestre, onde o corpo se torna o lugar do sopro de Deus. Adaptando uma frase de Nietzsche — *Há mais razões no teu corpo que na tua melhor sabedoria* — Mendonça propõe: “Há mais espiritualidade no nosso corpo que na nossa melhor teologia” (Mendonça, 2014, p. 13).

O corpo é o espaço da relação com o divino, uma espiritualidade enraizada na realidade da vida, sem escapismos. Segundo Mendonça, “o corpo que somos é uma gramática de Deus” (Mendonça, 2014, p. 13). O desafio humano consiste em enfrentar a degeneração dos sentidos, numa sociedade contemporânea marcada pelo cansaço e excessos. Segundo Tolentino, vive-se em um mundo cada vez mais dominado pelo mito do controle, onde se impõe a ideia de que a receita para uma vida realizada é a capacidade de controlá-la em todos os aspectos (Mendonça, 2014, p. 18). Entretanto, o sofrimento, o luto e a perda são dores incontornáveis. A rotina transforma-se de uma habitação confiante no tempo para uma vida desprovida de surpresas. O verdadeiro “[...] desafio é, em cada dia, voltar a olhar tudo pela primeira vez, deslumbrado-se com a surpresa dos dias” (Mendonça, 2014, p. 21).

Tolentino explora a espiritualidade do cotidiano usando a metáfora dos cinco sentidos humanos. Através do tato, o humano percebe sua conexão “[...] com o tempo e a memória: através das impressões do tato fazemos intermináveis viagens sem as quais não seríamos quem somos”

(Mendonça, 2014, p. 24). Ao tocar e ser tocado, criam-se encontros significativos. O saber e o sabor compartilham a mesma raiz etimológica, revelando “[...] que a sabedoria, tal como o paladar, é a arte do desejo” (Mendonça, 2014, p. 28). O olfato conecta não apenas as pessoas com o mundo exterior, mas também de forma íntima: “ele atua em nós despertando-nos para um contato *fusional* com o mundo, um contato ao mesmo tempo imediato, flagrante e íntimo” (Mendonça, 2014, p. 28). O humano é capaz de ouvir os sons ao seu redor, mas há uma escuta que transcende os ouvidos. Escutar com o coração significa uma escuta profunda, onde todos os sentidos se tornam valiosos (Mendonça, 2014, p. 30-31). A visão, por sua vez, revela o magnífico funcionamento dos olhos, permitindo perceber a “intensidade luminosa, das cores, da profundidade e distância... É um infinito e deslumbrante debate” (Mendonça, 2014, p. 31).

No discurso sobre a mística do instante, José Tolentino Mendonça instiga a valorização da própria humanidade, sugerindo que essa perspectiva é uma narrativa de Deus. Ele afirma:

Faltam-nos hoje não apenas mestres da vida interior, mas simplesmente da vida, de uma vida total, de uma existência digna de ser vivida. Faltam cartógrafos e testemunhas do coração humano, dos seus infinhos e árduos caminhos, mas também dos nossos quotidianos, onde tudo não é e é extraordinariamente simples. Faltam-nos uma nova gramática que concilie no concreto os termos que a nossa cultura tem por inconciliáveis: razão e sensibilidade, eficácia e afetos, individualidade e compromisso social, gestão e compaixão, espiritualidade e sentidos, eternidade e instante (Mendonça, 2014, p. 34).

Essa compreensão pode ser aprimorada por meio de uma transformação na relação que os humanos têm com o tempo, permitindo a contemplação “para deliciar-nos com a audição e o sabor, sentir o perfume daquilo que passa, para tocar, ou quase tocar, aquilo que permanece” (Mendonça, 2014, p. 36).

O místico, em sua jornada, percebe que não pode se deter; “seguro daquilo que lhe falta, percebe que cada lugar por onde passa é ainda provisório e que a demanda continua” (Mendonça, 2014, p. 42). Michel de Certeau, uma das influências de Tolentino, afirma que o místico “não habita em parte alguma, ele é habitado” (Certeau apud Mendonça, 2014, p. 42).

Historicamente, a mística tem sido vista como uma fuga do mundo ou algo efêmero, gerando certa resistência. Contudo, Mendonça afirma que “a mística tem peso. É corpo, experiência, letra, lugar, tessitura de vivido” (Mendonça, 2014, p. 45). O instante, então, torna-se um espaço comum entre a história divina e a humana: “não um instante idealizado ou tornado abstrato, mas este instante concreto. Este preciso minuto onde nos situamos, esta hora concreta das nossas vidas, estes dias que o nosso coração afronta com maior ou menor esperança” (Mendonça, 2014, p. 46). Esse instante revela a eternidade no presente.

Com a mística do instante, Tolentino desenvolve uma teologia dos sentidos que se distingue marcadamente da abordagem apresentada por Orígenes de Alexandria no século III, a qual se concentra em uma dimensão essencialmente espiritual. Tolentino argumenta que “Deus vem ao nosso encontro pelo mais cotidiano, mais banal e próximo dos portais: os cinco sentidos. Eles são grandes entradas e saídas da nossa humanidade vivida” (Mendonça, 2014, p. 53). Essa perspectiva inovadora sugere que os sentidos não são apenas mecanismos físicos, mas sim *lugares teológicos*, espaços sagrados onde o humano pode estabelecer um contato profundo e direto com o divino.

4.1.1. *Tocar o que nos escapa*

Segundo Tolentino, o tato é o sentido mais visceral e primário, representando uma conexão concreta, de onde os demais sentidos podem ser vistos como prolongamentos. Ao refletir sobre a obra de Eugène Delacroix, que retrata o encontro de Jacó com o anjo, a fé é apresentada como um jogo em que o humano expõe seu corpo, assim como Deus expõe o seu, toca-se e se é tocado, em um encontro desprovido de armaduras e artifícios (Mendonça, 2014, p. 56). O texto de Hebreus 11, 27 — que menciona a visão do invisível — sugere uma fé *às apalpadelas*, não baseada em evidências, mas demonstrando que “[...] a tensão da fé se resolve numa promessa, num abraço, numa dança. Não apenas como realidade projetada num além, mas já no aqui e agora saboreada” (Mendonça, 2014, p. 56), revelando assim uma relação tátil.

No Evangelho de Lucas, encontra-se a história de um leproso que, na sociedade da época, era forçado a manter distância para evitar a contaminação, regido por rígidas leis de pureza. Diante dessa cena, Jesus “[...] prefere incorrer no risco da contaminação, desejando tocar a ferida do outro; querendo compartilhar, como só o toque compartilha, aquele sofrimento; ajudando a vencer o ostracismo interiorizado por aquela separação forçada” (Mendonça, 2014, p. 61). Em uma entrevista à *Agência Ecclesia*, sobre a importância do toque, Tolentino observa que, embora Jesus pudesse curar os enfermos com apenas a palavra, Ele também toca, pois “o toque significa assumir o outro, assumir o risco daquela vizinhança, daquela aliança que celebramos com o próximo” (Mendonça, 2014)⁷².

Uma cena do filme de Ingmar Bergman é especialmente marcante: uma jovem com anorexia recebe do médico a instrução de que o único remédio para ela é deixar-se “[...] tocar por alguém ou por alguma coisa todos os dias” (Mendonça, 2014, p. 68). Essa cena ressalta a capacidade do toque

⁷² https://www.youtube.com/watch?v=gS_V23X-YaY&t=846s.

de curar e ressignificar, mostrando que “o tato é o que nos permite sentir o outro e informá-lo, mesmo sem palavras, acerca de nós próprios. [...] O tato é uma prova sensível que desmente nossos medos mais terríveis: o do isolamento radical e da solidão absoluta” (Mendonça, 2021). Assim, a necessidade humana de expressar-se passa necessariamente pelo contato.

Tolentino também aborda o tato em outros contextos, como na narrativa do encontro de Jesus com Tomé, que gera um silêncio em torno da dúvida se Tomé realmente o tocou. No encontro com Maria após a ressurreição, Jesus diz: *não me toques, não me detenhas*, sugerindo que tocar o amor é, de fato, aceitar do outro aquilo que nos escapa (Mendonça, 2014, p. 74). O humano pode tocar e ser tocado pelo mistério da misericórdia e, no simples ato de um abraço, descobrir um novo espaço. Vale mencionar a reflexão sobre o que é um abraço:

O que é um abraço? Se calhar, a primeira forma do primeiro abraço que demos era apenas um agarrar-se para não cair. Porém, pouco a pouco, num processo paciente onde os corpos fazem a aprendizagem de si (e do amor), o abraço deixa de ser uma coisa que tu me dás ou que eu te dou, e surge como um lugar novo, um lugar que ainda não existia no mundo e que juntos encontramos (MENDONÇA, 2014, p. 82).

4.1.2. *Buscar o infinito sabor*

José Tolentino Mendonça, ao explorar a dimensão teológica do paladar, recorre à Bíblia, o texto sagrado da fé cristã. Ele propõe uma reflexão sobre a cozinha presente nas escrituras, afirmando que “[...] a revelação bíblica também se aprende comendo. E a sua leitura constitui uma minuciosa iniciação aos sabores: ao recôndito gosto do leite e do mel, ao trigo tostado, ao motivo transfuga dos ázimos e ao riso iluminado que o manjar pascal desperta” (Mendonça, 2014, p. 85). Esse conceito fundamenta o subtítulo do trecho *A Bíblia contada pelos sabores*, título também dado ao livro do fotógrafo português Valter Vinagre, e, prefaciado por José Tolentino. Mendonça também menciona o maná, alimento enviado a Israel no deserto, que, segundo a tradição veterotestamentária, possuía *mil sabores*. Diante dessa rica tradição, ele afirma: “Deus saboreia-se, Deus é sabor” (Mendonça, 2014, p. 86).

No Salmo 27, o salmista expressa seu desejo de habitar na casa do Senhor todos os dias, para saborear seu encanto. Tolentino provoca uma reflexão: *Quando é que saboreamos?* e responde que isso acontece:

Quando detemos o mero exercício de devoração do mundo, quando se introduz uma lentidão interior; quando completamos com as papilas gustativas; quando o nosso corpo contempla; quando, todo concentrado, ele observa, surpreende-se, avizinha, entreabre o segredo, deixa essa espécie de epifania revelar-se (Mendonça, 2014, p. 87).

O sabor implica uma intimidade que envolve uma relação total, sendo também uma oportunidade para experimentar momentos místicos: “quanto mais precioso é o manjar ao nosso palato, mais o repartimos em minúsculas medidas para estender aquele instante. Na mínima porção percebemos o máximo do sabor, naquela migalha minúscula colhemos o máximo da doçura” (Mendonça, 2014, p. 88). A tradição bíblica sugere que podemos nos tornar esse sabor, ao sermos o sal da terra.

Saborear exige lentidão, uma prática quase esquecida em nossos dias apressados. Mendonça destaca que “[...] necessitamos de uma lentidão que nos proteja das precipitações mecânicas, do gesto cegamente compulsivo, da palavra repetida e banal” (Mendonça, 2014, p. 106). Ele recorda uma passagem de *O Pequeno Príncipe*, em que o protagonista encontra um comerciante de pílulas que prometem saciar a sede sem a necessidade de beber. O pequeno príncipe questiona o valor dessa economia de tempo, respondendo que, se tivesse cinquenta e três minutos, preferiria caminhar devagar à procura de uma fonte. Assim, Mendonça nos convida a redescobrir “[...] o prazer de caminhar devagarinho à procura de uma fonte” (Mendonça, 2018, p. 37).

Tolentino nos ensina que a experiência com Deus está ligada ao ato de saborear. Ele sugere que o paladar “[...] é um meio de conhecimento muito especial, pois permite-nos consciencializar das ressonâncias que um objeto ou um acontecimento exteriores têm quando transitam para o interior. O paladar não fala senão desta passagem” (Mendonça, 2014, p. 110). Essa passagem é o processo pelo qual percebemos os sabores do mundo e como as experiências externas se transformam em sensações internas, fazendo do paladar uma ferramenta para entender a realidade ao nosso redor.

4.1.3. Colher o perfume do instante

O olfato nos conecta a uma linguagem invisível; como destaca Tolentino, “é um fantástico centro de interpretação da vida” (Mendonça, 2014, p. 115). Cada momento da nossa existência possui um odor único. Embora as expressões que usamos para descrever o olfato sejam muitas vezes metafóricas, sua essência transcende o abstrato.

Encontramos na literatura grega sobre os banquetes a referência ao perfume como um dos elementos essenciais. E, como seria de esperar, o perfume não é simplesmente um perfume. Ele pode ter um caráter consolador, como nos deixa supor um verso de Alceu (‘Sobre esta cabeça que sofreu/ derrama perfume’); um uso convivial associado ao comer e ao beber, como atesta Plutarco; uma via terapêutica para atenuar o desgosto e o luto (num dos passos

da *Odisseia*, por exemplo, a despenseira Eurínoma exorta Penélope a que se perfume, para recobrar da dor da ausência de Ulisses), ou pode até ilustrar, simbolicamente, o ideal de vida de um homem, revelando-o assim moralmente. No *Banquete*, de Xenofonte, por exemplo, quando Lincon interroga Sócrates sobre qual deve ser o perfume de um homem, ele não hesita: ‘O da virtude’. O perfume ganha assim uma densidade existencial e moral: pelo perfume chega-se ao âmago da vida (Mendonça, 2014, p. 116-117).

Costumamos dizer que a Bíblia é lida pela visão, mas o odor também permeia suas palavras. Ao lermos sobre os sacrifícios no altar, encontramos a instrução de que perfumes deveriam ser queimados de manhã e ao entardecer, como expressão da aliança divina. “O odor é a primeira oração. Pela combustão, os animais imolados ou os cereais queimados passam a ser apenas o seu cheiro, prece invisível que ascende ao seu destinatário invisível” (Mendonça, 2014, p. 118). O Cântico dos Cânticos revela sua riqueza olfativa, com menções a romãs, mandrágoras, figos, maçãs, canteiros de bálsamo, lírios, incenso, mirra, aloés e nardo. Tolentino afirma:

Quem pode dizer que leu e compreendeu o Cântico dos Cânticos, esse texto absolutamente central para a tradição mística judaica e cristã, sem ter metido o nariz no mosto e nas romãs; nos canteiros de bálsamos e de lírios que gotejam; no incenso, na mirra, no aloés, no nardo, no açafraão, no cálamou ou na canela? Ler não é apenas cartografar com os olhos. Há uma memória olfativa indispensável para sentir até que ponto é inebriante a aventura que este texto sagrado propõe (MENDONÇA, 2014, p. 120).

Para Deus, somos também um perfume; além do aroma do rebanho e do orvalho nos campos, “o odor agradável a Deus é o cheiro do seu próprio povo, esse marcador de presença, essa biografia que se escreve intensamente sem uma única palavra” (Mendonça, 2014, p. 119). Na segunda carta aos Coríntios, o Apóstolo Paulo descreve o humano como o bom perfume de Cristo.

No olfato, há uma forma de escuta, não com os ouvidos, mas por meio de uma linguagem silenciosa: a linguagem da fé. José de Arimateia perfuma o corpo de Jesus, seguindo o costume da época, mas a quantidade de perfume é exagerada. “Este apego ao corpo de Jesus, este cuidado, este excesso, são a sua oração. O perfume da sua própria fé” (Mendonça, 2014, p. 131).

Tolentino sugere que a descoberta do odor do momento exige paciência. Em meio à ansiedade que nos persegue nas esperas cotidianas, ele afirma que “[...] o exercício da paciência começa pela aceitação esperançosa da vida. Ela coloca-nos face a face com a vulnerabilidade, aquela própria e a dos outros” (Mendonça, 2014, p. 139). O tempo que o relógio oferece é uniforme e inodoro, regulado por uma máquina, e esse tempo não reflete a experiência humana; aqui, a paciência se confunde com indecisão. A paciência que nos leva ao odor do instante é a:

[...] atenção à singularidade e à oportunidade de cada tempo, plenamente conscientes de que a existência se constrói com materiais muito diversos: peças de proveniência diversa, memórias heterogêneas, fragmentos disto e daquilo, caligrafias inequívocas, pegadas, e por

aí a fora. A nossa unidade pessoal e a nossa comunhão com os outros só se realiza no encontro inesperado do diverso. Por uma via demorada de escrita, de disponibilidade, de afetivo reconhecimento, de negociação e, por fim, de encontro. A maior parte do tempo, habitamos o inacabado. A paciência é a arte de acolher isso e partir daí para um trabalho incessante de ressignificação [...] (Mendonça, 2014, p. 140-141).

4.1.4. *Escutar a melodia do presente*

Entre os sentidos, a audição, segundo Tolentino, é o mais adequado para acolher a complexidade da vida. “A escuta não é apenas a recolha do discurso sonoro. Antes de tudo, é atitude, é inclinar-se para o outro, é disponibilidade para acolher o dito e o não dito, o entusiasmo da história ou o seu avesso, a sua dor” (Mendonça, 2014, p. 143). A sabedoria que adquirimos vem da escuta, e não do acúmulo de informações, sejam teológicas ou históricas. “Há um instante da vida em que compreendemos: o conhecimento decisivo provém da escuta e esta é a forma de hospitalidade de que mais precisamos” (Mendonça, 2014, p. 145).

Na tradição bíblica, a escuta está intimamente ligada à fé. Quando o elemento da escuta é desvinculado da fé, “a fé arrisca a tornar-se um conjunto mais ou menos irrelevante de palavras e gestos, ou um código de boas intenções [...]” (Mendonça, 2014, p. 149). A escuta da fé transforma-se em prática, uma prática que sustenta o ser humano. Nas cartas endereçadas às igrejas da Ásia no Apocalipse, o refrão é repetido: *Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas*. Essa ênfase destaca a importância de um ouvido atento ao Espírito diante da vida. “A escuta é um sentido de realidade e, por vezes, essa falta à nossa fé. Sem ele não há densidade, corpo, encarnação, vida comprometida, cotidiano” (Mendonça, 2014, p. 153).

O instante místico também se revela na escuta atenta do cotidiano, que exige um tipo de surdez — um paradoxo da escuta. “Nossa escuta é permanentemente interrompida por urgências que se impõe, sobretudo falsas urgências, ficções que nos povoam e barram o abraçar do instante” (Mendonça, 2014, p. 153). Essa escuta paradoxal, que requer uma surdez para poder escutar, implica o abandono das falsas urgências. A escuta é uma arte que se transforma em um exercício espiritual. Em uma “[...] cultura de avalanche como a nossa, a verdadeira escuta só pode configurar-se como um recuo crítico perante o frenesim das palavras e das mensagens que a todo o minuto pretendem aprisionar-nos” (Mendonça, 2014, p. 156).

O silêncio, então, não é apenas exterior; ele também precisa habitar o interior do ser humano. Em um de seus artigos para o Jornal Expresso, intitulado *Somos analfabetos do Silêncio*, Tolentino afirma: “Creio que é absolutamente urgente revisitarmos com outro apreço os territórios dos nossos silêncios e fazermos deles lugares de troca, de diálogos, de encontros. O silêncio é um instrumento

de construção, é uma lente, uma alavanca” (Mendonça, 2015). O título sugere que devemos refletir sobre uma sociedade que prioriza a ordem das palavras, onde a formação do indivíduo gira em torno de como ser mais eficaz com a linguagem. Tolentino aponta a necessidade de “[...] uma iniciação ao silêncio, que é o mesmo que dizer uma iniciação à arte de escutar” (Mendonça, 2015).

4.1.5. Olhar a porta entreaberta do instante

*É por dentro das coisas que as coisas
são. O mergulhador abre os olhos
dentro do mar. O alpinista abre
os olhos não além da montanha,
mas dentro dela, partindo dela. Os
viajantes modernos atravessam o
interior das nuvens. É por dentro
que as coisas se revelam.
O orante abre os olhos dentro de Deus.
(José Tolentino Mendonça)*

José Tolentino Mendonça inicia a discussão sobre a visão ao evocar uma cena do Gênesis 15,5, onde Deus convida Abraão a sair de sua tenda e contemplar o céu estrelado. Essa experiência é um convite a “[...] abrir as janelas que dão para o vasto, erguer os nossos olhos além do chão, contemplar a imensidão tatuada no universo e em nós” (Mendonça, 2014, p. 169).

Tolentino orienta os leitores a evitar o desvio do olhar, baseando-se na transgressão de Adão e Eva em Gênesis 3,1-13. O olhar de Eva para o fruto é problemático porque busca finalidades que a colocam no centro. “E este é o grande engano da visão: deixamos de olhar a criação em si, e aplicamos-lhes finalidades das quais nós próprios somos o centro. E nem nos damos conta até que ponto a pretensão de nos constituirmos como medida de todas as coisas nos bloqueia o olhar” (Mendonça, 2014, p. 171). Essa inversão do olhar impede a apreciação da inteireza das coisas. Ao se referir à história da Cinderela, Tolentino destaca a visão reducionista da madrasta, que, ao se olhar no espelho, busca apenas reafirmar sua beleza, ignorando “[...] que os espelhos refletem imagens planas, sem aquela profundidade que provém apenas do mergulho na inteireza” (Mendonça, 2014, p. 198).

Os textos bíblicos nos ensinam a valorizar o olhar descrito. A libertação do povo hebreu da escravidão no Egito começa com Deus afirmando: *Eu vi o sofrimento do meu povo*. Tolentino sugere que “precisamos de ganhar confiança neste olhar de Deus” (Mendonça, 2014, p. 174). Ele menciona um homem cego curado por Jesus, que é levado para fora da aldeia sem saber o que acontecerá, demonstrando confiança no olhar de Jesus. Tolentino enfatiza que “o importante não é ver ou saber, mas confiar” (Mendonça, 2014, p. 180). O homem, ao ser curado, inicialmente vê as

pessoas como árvores, reconhecendo sua visão comprometida. Isso nos ensina a “[...] aceitar a nossa história como ela é, aceitar a vida sem moralizar, sem encobrir, sem pôr debaixo do tapete, expondo a nossa pobreza na confiança de que Ele pode transformar-nos” (Mendonça, 2014, p. 180).

Na aprendizagem do olhar, Tolentino nos aconselha a redescobrir tudo como se fosse a primeira vez. Citando Jacques Lacarrière, ele reflete sobre a experiência do viajante que deve renascer em cada novo lugar, pois, afirma o Cardeal:

Creio firmemente que o que está em jogo na viagem é esta tentativa, mais consciente ou implícita, de reconstrução de si, mesmo se as viagens nas sociedades de consumo se tornaram avulsas, formatadas, previsíveis e mais próximas da evasão eufórica que da interrogação (Mendonça, 2014, p. 205).

A paisagem ao nosso redor passa a ser compreendida de maneira metafórica, e ao caminharmos pelo mundo, podemos perceber, talvez com alegria, talvez com dor, que estamos, sobretudo, caminhando dentro de nós mesmos (Mendonça, 2014, p. 205).

4.1.6. *Uma síntese: Mística do cotidiano*

Nos tópicos anteriores, foi realizada uma análise da obra *A Mística do Instante*, seguindo a sequência lógica proposta pelo autor. Neste tópico, opta-se por integrar textos provenientes de diferentes obras, tais como algumas crônicas publicadas no jornal Expresso, *A Leitura Infinita* e *O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas*. Em vez de manter o título original da obra, prefere-se denominar este conceito como *Mística do Cotidiano*, considerando que tal denominação poderia também ser um tema pertinente para a abordagem de Tolentino. O autor propõe uma reflexão sobre a espiritualidade que se manifesta no trivial da vida cotidiana, nas ações simples e nos momentos que compõem o nosso dia a dia.

José Tolentino Mendonça observa que a vida cotidiana muitas vezes é desvalorizada e encarada apenas como uma luta pela sobrevivência. Segundo ele:

Sentimo-nos aprisionados pelas rotinas, num rame-rame monocórdico capaz de nos fazer hibernar a nós e ao universo. Ou vemo-nos então num vórtice ofegante de tarefas para as quais só temos esforço, aceleração e cansaço, e não respostas. O cotidiano muitas vezes se parece a um campo fechado, a uma arena baça onde travamos, a custo, a luta pela sobrevivência (e apenas era), no meio dos obstáculos e contrastes que o tempo (esse lutador mais exímio do que nós) nos vai lançando (Mendonça, 2019).

A rotina se torna repetitiva e monótona, uniforme, sem variação. No entanto, ao olharmos com mais atenção, podemos descobrir uma riqueza de experiências que nos conectam ao divino e ao sentido da vida. “[...] Precisamos de nos reconciliar com o cotidiano. Pois, na sua forma vulnerável e até contraditória, ele é o lugar das aprendizagens mais amplas, dos encontros mais decisivos, das experiências mais profundas e iluminantes” (Mendonça, 2019).

A cozinha, um espaço de preparação de alimentos e um ambiente cotidiano, é apresentada por Tolentino como um local onde a espiritualidade pode se manifestar. O texto bíblico contém diversos elementos culinários, “a cozinha e a mesa eram entendidas como lugares preferenciais para estender a pureza ritual fora do templo (Mendonça, 2015, p. 167). É possível transformar uma tarefa rotineira em uma experiência espiritual, que não se limita a momentos grandiosos, mas se revela nas pequenas ações do dia a dia, como cozinhar.

A cozinha é metáfora da própria existência, pois distingue-nos uma certa capacidade de viver na transformação, numa mobilidade que não é só geográfica, mas total. Em cada uma das nossas cozinhas dão-se tantas transformações que elas se tornam quase invisíveis. A cozinha é o lugar da instabilidade, da procura, da incerteza, das misturas inesperadas, das soluções criativas mais imprevistas. Por isso está desarrumada tantas vezes, porque vive nessa latência de recomposição. Na cozinha torna-se claro que a transformação que damos às coisas reflete aquela que acontece no interior de nós (Mendonça, 2015, p. 175).

A refeição, por sua vez, é um momento repleto de significados. “À volta da mesa celebram-se os eventos fundadores, os nascimentos, os ritos de passagem, os triunfos, mas também o luto, as crises ou a prova” (Mendonça, 2015, p. 177).

Tolentino se debruça sobre um relato do cotidiano, tomando como exemplo um conto de Sophia de Mello Breyner Andresen, que descreve detalhadamente o processo de lavar a louça. A narrativa enfatiza que, embora a tarefa pareça simples, ela pode ser vista como um ritual que promove uma grande limpeza, não apenas dos utensílios, mas também da alma. Tolentino comenta: “O conto chama-se ‘O Silêncio’ e penso que é de tudo isto que fala: do que a vida cotidiana nos pede e nos dá, do que ela leva de nós e daquilo que deixa como legado. E legado não só à superfície, mas no âmago do próprio viver” (Mendonça, 2019). Assim, as atividades na cozinha podem se transformar em momentos de contemplação e purificação.

Tolentino também nos faz refletir sobre aspectos aparentemente insignificantes do nosso dia a dia. Em um de seus textos, ele menciona um banco de jardim, fazendo referência aos bancos pintados por Van Gogh, que exibem beleza como se fossem extensões da natureza. Esses objetos servem como espaços de descanso e contemplação, permitindo-nos reencontrar o tempo. Ele afirma: “A paisagem do nosso cotidiano está cheia de coisas assim, coisas que não nos damos conta

no ritmo ofegante em que circulamos, mas para com as quais, quando caímos em nós, compreendemos que temos uma dívida” (Mendonça, 2017, p. 11).

O cotidiano revela-se de maneira mais íntima, como propõe Michel de Certeau. Gestos simples se desvelam com profundidade ao longo da vida. Tolentino menciona uma expressão corriqueira dos Evangelhos, sugerida por Jesus aos seus discípulos: *passemos para a outra margem*. Ele argumenta que não se trata apenas de um deslocamento físico, porém, afirma ele:

Às vezes tudo o que nos falta é habitar a nossa vida de outro modo. É simplesmente caminhar com outro passo pelos caminhos que já fazemos todos os dias. É abrir a quotidiana janela, mas devagar, tendo consciência de que a abrimos. É reaprender outra qualidade para um cotidiano talvez demasiado abandonado às rotinas e aos seus automatismos (Mendonça, 2017, p. 159).

Assim, um cotidiano automatizado pode ser vivido de maneira mais consciente. As experiências diárias nos levam a formar algo significativo. O cotidiano é um espaço ambivalente, onde a rotina pode ser tanto um fardo quanto um terreno fértil para crescimento e reflexão. “O cotidiano é o barco e a viagem. É o barro e a obra a construir. É o espelho turvo, de que São Paulo fala no célebre hino da Carta aos Coríntios, mas é também o lugar onde a promessa da visão nítida se tateia” (Mendonça, 2019). As experiências cotidianas são o espaço onde aprendemos a reconciliar essa ambivalência.

4.2 ESPIRITUALIDADE CONTEMPLATIVA

Apresenta-se a seguir uma análise sobre a espiritualidade contemplativa em José Tolentino Mendonça, estruturada em três eixos centrais de reflexão. Primeiramente, aborda-se o conceito de espiritualidade, explorando a forma como o autor vincula esse termo à literatura e como essa relação é elaborada ao longo de seus textos. A segunda parte da análise concentra-se na oração, investigando a natureza da relação dialógica entre o ser humano e o divino, conforme expressa a obra de Tolentino. Por fim, será discutido um conceito fundamental na teologia mística, o silêncio, que possui uma relevância especial na produção intelectual de Tolentino, especialmente em seus ensaios, reflexões teológicas e na sua poesia. Cada um desses elementos contribui para uma compreensão profunda da espiritualidade contemplativa que permeia a obra do autor.

4.2.1. Espiritualidade

Em *A Mística do Instante*, Tolentino, ao tratar da espiritualidade, propõe um itinerário que se inicia a partir das realidades cotidianas, simples, presentes no dia a dia, como: “acender uma luz, transformar um encontro, associar a oração a um passeio sem tempo, parar repentinamente para aspirar o perfume do instante” (Mendonça, 2014, p. 138). Tais momentos são descritos pelo autor como *pequenas epifanias da graça*, que funcionam como mediadoras da vida. Ao refletir sobre a necessidade da espiritualidade, Tolentino observa que “as espiritualidades precisam de janelas abertas, pois rapidamente tendem a se desenvolver em casulos, distantes da brisa livre do Espírito” (Mendonça, 2014, p. 138), acrescentando, ainda, que as espiritualidades “necessitam de sopros de espanto que nos façam ouvir: ‘Agradece a dança luminosa do mundo ao teu redor’; ‘da matéria inacabada do tempo, faz uma promessa’; ‘quando dás a vida, é que ela se torna tua’; ‘não desistas da luz’” (Mendonça, 2014, p. 138).

Para Tolentino, em *Nenhum caminho será longo*, o espanto é uma experiência que coloca o ser humano na condição de *bem-aventurado*, já que, em sua visão, “bem-aventurados são aqueles que vivem uma história e têm a capacidade de narrá-la” (Mendonça, 2013, p. 139). Mesmo diante das atividades mais simples do cotidiano, como a ação de colocar flores em um vaso, o ser humano deve ser capaz de parar, extasiado, para contemplar. Sem esse espanto, Tolentino adverte que a humanidade vivencia o que há de pior, como afirma: “o pior que nos pode acontecer é ter uma vida em que realizamos tarefas, que podem ser boas e necessárias, mas nas quais se perde a capacidade de espanto, de contemplação, da delícia” (Mendonça, 2013, p. 139).

Na visão de Tolentino, espiritualidade, interioridade e mística são realidades interligadas, sendo que a relação de amizade com Deus configura uma experiência espiritual essencial ao ser humano, a qual precede quaisquer preceitos. Ele afirma que “a experiência de Deus, antes de ser normativa, é uma experiência mística” (Mendonça, 2013, p. 29), e que a experiência normativa deve “[...] expressar e servir a esse acontecimento maior que é a amizade; traduzida em aliança; e no permanecer, sem tempo, frente a frente, ‘como um homem fala com seu amigo’” (Mendonça, 2013, p. 29).

Tolentino, ao comparar a espiritualidade com a medição da seca, evoca o conceito do *índice de Palmer*, utilizado pela meteorologia para avaliar a intensidade da seca, e questiona como o ser humano pode medir sua própria sede espiritual. Para verificar essa falta, o autor propõe como primeiro elemento a *literatura*, a qual seria de grande utilidade no processo de *maturação*. Baseando-se no teólogo Elmar Salmann, Tolentino apresenta três razões fundamentais: “Primeiro, a

literatura é capaz de se configurar como metáfora integral da vida em seus diversos aspectos (seu objetivo é descrever a totalidade e não apenas uma dimensão específica)” (Mendonça, 2018, p. 43), indicando que o processo espiritual só ocorre quando se observa a existência como um todo, em sua diversidade. “Segundo, a literatura proporciona um conhecimento concreto, e não apenas conceitual (por exemplo, não demonstra, mas mostra, num claro esforço de desapropriação ideológica, em fidelidade à existência em si mesma)” (Mendonça, 2018, p. 44), alertando para o risco de confundir a vida espiritual com ideologias ou idealizações, em vez de vê-la como uma realidade concreta. E, por fim, “terceiro, a literatura é um instrumento de precisão, como poucos, pois está à altura da singularidade, liberdade e tragicidade da vida (na verdade, ela consegue relatar o eu e o nós, o profundamente pessoal e a aventura coletiva, mas também a graça e o pecado, o encontro e a solidão, a dor e a redenção)” (Mendonça, 2018, p. 44). Tolentino, em sua terceira razão, acrescenta: “A vida espiritual não é pré-fabricada: ela está implicada na radical singularidade de cada sujeito. Para ganhar corpo, deve possuir um rosto e um nome” (Mendonça, 2018, p. 44).

Tolentino reflete sobre uma espiritualidade que transcende as preocupações diárias. Ele destaca o texto de Lucas 12,22 — *não vos preocupeis com a vida* — e aponta que, em certa medida, as preocupações se tornam “[...] o grande motivo de nossa existência” (Mendonça, 2020, p. 77). Com base nesse texto lucano, Tolentino aconselha que a vida vai além das preocupações relacionadas com alimentação e vestuário. Ele reza, pedindo para aprender essa espiritualidade, afirmando: “ensina-nos, Senhor, que a verdadeira espiritualidade não é apenas mais uma preocupação entre outras. A verdadeira espiritualidade é aquela que se experimenta no abandono, e é somente aí que ela se realiza” (Mendonça, 2020, p. 77).

Durante sua visita à Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), no dia 7 de março de 2024, o Cardeal José Tolentino Mendonça, em entrevista concedida à revista *Reflexão* e mediada pelo Dr. Márcio Cappelli, discute temas como o papel da educação, das ciências, o valor das humanidades, a espiritualidade e a relevância do diálogo.

Tolentino, conhecido por seu diálogo constante com a cultura e a arte, é questionado sobre a importância do diálogo em sua obra. Em resposta, afirma: “Penso que é, verdadeiramente, a matriz da minha visão” (Cappelli, 2024, p. 4). Referindo-se a uma expressão de Adília Lopes, o Cardeal acrescenta: *muitas vezes, eu sou uma obra dos outros*. Para ele, o sentido da vida reside no horizonte relacional, no qual o ser humano se constrói a partir da relação. Tolentino confessa que, ao longo de sua trajetória como sacerdote, poeta e intelectual público, o diálogo sempre foi o principal fator que despertou seu interesse.

Ao aprofundar a reflexão sobre o diálogo, o Dr. Márcio Cappelli indaga sobre a conexão entre espiritualidade e arte, ao que Tolentino responde: “O gesto artístico é um gesto sempre espiritual. Sempre espiritual” (Cappelli, 2024, p. 4). Apoiando-se na expressão de Emmanuel Lévinas, que considera o poema como um *ato espiritual*, Tolentino compartilha dessa visão, acreditando que todo gesto artístico carrega essa dimensão espiritual. Ele exemplifica, mencionando os pintores, que ao moverem algo entre *a ordem do visível* e *a ordem do invisível*, nos ensinam que a arte transcende o visível e se constitui como uma *pedagogia do invisível*. Nesse sentido, a música seria uma *pedagogia do silêncio*, e a poesia, uma *pedagogia da palavra*, na qual o que se ouve é tanto as palavras quanto os espaços em branco entre elas. Para Tolentino, a relação entre espiritualidade e arte é uma *passagem obrigatória*, um vínculo essencial para que a arte possa existir plenamente (Cappelli, 2024, p. 4).

A partir disso, Tolentino vê a contribuição potencial da religião e da espiritualidade no mundo das artes. Ele compreende que o discurso espiritual não se limita à experiência estética, pois esta não esgota seu significado. Como afirma, “a espiritualidade é apenas uma das facetas, é um dos endereços. É um dos lugares da experiência religiosa, da interrogação do sentido, mas não o esgota” (Cappelli, 2024, p. 5). Ao ser questionado sobre uma coletânea que organizou junto a Pedro Mexia, intitulada *Sobre Deus como interrogação na poesia portuguesa*, Tolentino reflete sobre o que a espiritualidade e a arte têm em comum em suas particularidades, respondendo: “É serem ambas uma forma de auscultação. Colocam-se como uma pergunta, como um lugar de espera. E, no fundo, a arte é uma intensidade de espera, de expectativa de Deus [...]” (Cappelli, 2024, p. 5). Ele conclui: “Isso é a espiritualidade, essa espera ativa da revelação” (Cappelli, 2024, p. 5).

4.2.2. Oração

*Reservaste este tempo para o
encontro com Deus.
A oração faz do tempo um templo.
Qualquer que seja o tempo que
estejas vivendo, sente-o,
neste momento, como tempo favorável.
(José Tolentino Mendonça).*

José Tolentino Mendonça lançou, em 2020, o livro intitulado *Rezar de olhos abertos*. Desde o início de sua reflexão, o autor destaca que a história humana está intrinsicamente ligada à sua

religiosidade, manifestada por meio da oração. Ao abordar a crise da oração em nossos tempos, ele a considera uma crise antropológica. “O desejo do ser humano é, de fato, sede e uma sede específica: é o desejo de ser amado, olhado, cuidado, desejado e reconhecido” (Mendonça, 2018), e continua, “e a nossa oração é a nossa sede” (Mendonça, 2018). Conforme o próprio autor explica, o livro não se propõe a ser um tratado sobre oração, mas sim um retrato de algumas práticas baseadas em sua rotina pastoral.

Mendonça analisa a diversidade das formas de orar. Enquanto alguns fecham os olhos como um sinal de introspecção, outros “[...] abrem forçosamente os olhos ao rezar, [...] numa tentativa de olhar a vida no seu flagrante espanto, no seu rasgão dilacerante e no seu prazer vivo” (Mendonça, 2020, p. 18). Para ele, a afirmação “abrir os olhos é já rezar” (Mendonça, 2014, p. 39) não deve surpreender. A tradição cristã é rica em representações de pessoas em oração, frequentemente retratadas com a cabeça erguida, braços abertos e olhos atentos. O Salmo 139 nos lembra que não podemos escapar da presença de Deus, que é próximo, e não distante: “a mística de olhos abertos não se dirige a um Deus distante: ela vive na consciência de estar continuamente diante dele” (Mendonça, 2014, p. 39). Essa espiritualidade que nos convida a abrir os olhos como um sinal de oração busca um futuro melhor, levando em consideração a preocupação ecológica e cósmica.

Para Tolentino, a oração não é uma mera prática litúrgica. Ele afirma: “a oração é um assunto ‘das nossas entranhas’, é uma gestualidade intrínseca ao que somos, uma expressão do ser. A nossa capacidade de rezar amplia-se quando compreendemos que nós próprios somos uma oração” (Mendonça, 2020, p. 17). Assim, a oração transcende palavras; somos, em nosso ser, a própria prece. “A arte de rezar é a arte de ser, apenas isso. O essencial é que a oração não seja um mero dizer, mas um dizer-se, e um dizer-se confiado” (Mendonça, 2020, p. 18).

Embora a oração possa parecer simples, sua essência reside em uma dinâmica relacional. Ao orar, nos dirigimos a um ser superior: “[...] a oração é relação, abandono do eu a um tu [...], a oração coloca-nos na soleira do infinito [...]” (Mendonça, 2020, p. 17). A experiência que Tolentino descreve é uma vivência cristã que vai além do interior; é um encontro com Deus. Mesmo que em alguns momentos experimentemos o silêncio e a aparente ausência divina, isso não diminui a vitalidade da oração:

A maior parte da nossa oração é vazio e silêncio, não nos iludamos. [...] Pode parecer um paradoxo, mas a oração não se torna menos vital quando tocamos o silêncio de Deus, quando os nossos pés como que tocam a orla da sua ausência. Muitas vezes é nesse paradoxal momento que a vida espiritual se intensifica ou relança” (Mendonça, 2020, p. 20).

Tolentino recorda, em seu texto *As linhas de fogo da oração*, uma conversa com o ator Luís Miguel Cintra, que propôs: “Olha, no final da missa, quando dizes ‘ide em paz e que o Senhor vos acompanhe’, devias antes dizer ‘ide em paz mesmo que ninguém vos acompanhe’” (Mendonça, 2017, p. 117). Na liturgia católica, a sexta-feira da Paixão é um momento de silêncio, onde se reflete sobre a morte de Cristo. Sobre o silêncio, Tolentino afirma: “talvez só o radical silêncio seja a oração possível. Talvez esse extremo, ardente e radical silêncio seja o hífen que avizinha os seres humanos entre si, para lá de todas as barreiras, e os coloca misteriosamente no espaço de Deus” (Mendonça, 2017).

A oração é, portanto, tanto uma expressão externa quanto um processo interior. Em seus escritos, Tolentino retoma o poema de Matsuo Bashô:

Silêncio
uma rã mergulha
dentro de si
(Bashô apud Mendonça, 2017).

Nesta imagem, Tolentino vê que “a oração é uma pedra que se afunda não dentro do lago, mas no interior vasto de si” (Mendonça, 2017). Essa ideia representa uma oração introspectiva, um momento de quietude e tranquilidade dentro de nós. Ele cita Orhan Pamuk, que, ao receber o prêmio Nobel de Literatura em 2006, disse: “para se tornar um escritor, paciência e fadiga não bastam: deve-se antes de tudo ouvir o impulso irresistível a fugir da multidão, da companhia, da rotina cotidiana e a fechar-se num quarto” (Orhan, 2006 apud, Mendonça, 2017, p. 63). Isso ressoa com o conselho de Jesus em Mateus 6,6: “Entra no teu quarto e fecha a tua porta”, um espaço de solidão e autoconhecimento.

Na experiência de Deus, a figura de Jesus é fundamental para aprender a orar, pois Ele vive a experiência filial e nos apresenta um modelo de oração: “[...] quando não temos nada nem ninguém a não ser o Pai” (Mendonça, 2020, p. 21). O Pai-Nosso, que Jesus ensinou aos seus discípulos, é centrado na figura do Pai e em Sua vontade. “Mais do que pedir por esta ou aquela necessidade, no Pai-Nosso rogamos ao Pai que seja Pai” (Mendonça, 2017, p. 134). Nessa oração, o ser humano descobre a relação entre paternidade e filiação em relação a Deus.

A oração se revela na experiência de transformação, criando uma disposição para o relacionamento que se manifesta em práticas concretas: “é uma ponte lançada com confiança, muitas vezes no meio da completa escuridão, entre o eu e o Tu, entre o tangível e o Transcendente,

entre o homem e Deus” (Mendonça, 2015). Em seu primeiro livro, *Os dias contados*, Tolentino escreve:

Às vezes rezo
sou um cego e vejo
as palavras o reunir
das sombras
(Mendonça, 2024, p. 27).

Mesmo sendo cego, o eu lírico encontra na oração *às vezes* uma luz que traz clareza à escuridão da vida, fazendo dela “[...] um lugar sagrado que mesmo a oração mais simples revela, exprime e confirma” (Mendonça, 2021).

Luís Miguel Cintra, no prefácio de *Um Deus que dança*, de José Tolentino Mendonça, afirma que não se choca com práticas extremas como as peregrinações de joelhos, jejuns ou autoflagelações, mas entende que essas ofertas podem ser estéreis. Ele acredita que orar vai além das palavras, sendo essencialmente estar com Deus. Tolentino reforça essa ideia: “a oração não se constrói de palavras, mas de relação. Não são as palavras o mais importante, mas a celebração de um encontro” (Mendonça, 2016, p. 18). Este encontro não representa uma busca humana por Deus, mas sim um momento em que o ser humano é encontrado por Deus. O primeiro passo no itinerário da oração, segundo Tolentino, é:

Deixa que a respiração profunda do
teu ser aconteça. Só isso.
Não interrogues nem busques.
Deixa que seja Deus a procurar-te.
Não caminhaes.
Deus virá ao teu encontro.
Não procures contemplar.
Permite, antes, que Deus te contemple.
Não rezes. Deixa que, em silêncio,
ele reze o que tu és.
(Mendonça, 2016, p. 21).

Tolentino afirma que, na oração, o ser humano realiza uma descoberta fundamental: o Espírito Santo foi concedido em abundância, apesar da sensação de vazio que possa prevalecer. Ele destaca: “é preciso não temer o deserto. Se permanecemos fiéis à oração, ela torna-se progressivamente uma estrada para a esperança, pois caminha-nos para a fonte de esperança que é a

presença de Deus na nossa vida” (Mendonça, 2020, p. 90). A oração, segundo Tolentino, orienta o ser humano à verdade, levando-o à compreensão de que ele será o que Deus deseja que seja.

Tolentino compreende que a verdadeira oração se caracteriza pela entrega total do ser humano, em que sua vida se encontra plenamente comprometida. Ele descreve: “ela é a respiração, o grito, a interrogação, a súplica, o gesto sem palavras, a estação dilemática, o atraso, o imprevisto, as mãos cheias, as mãos vazias” (Mendonça, 2020, p. 95). Na perspectiva cristã, Jesus é o mestre da oração, e o cristianismo sustenta que sua vida está inteiramente dependente de Deus. A carência é vista como um instrumento de aprendizado da oração, pois “aprendemos o que é a oração quando não temos nada nem ninguém a não ser o pai. Assim, na oração, a nossa vida inteira se joga e se abre” (Mendonça, 2020, p. 95).

Tolentino reflete sobre as transformações na natureza que ocorrem com a chegada da primavera, momento em que tudo entra em movimento. Ele estabelece um paralelo com a vida humana, que também necessita dessa estação para vivenciar suas próprias transformações. Segundo Tolentino, essas rupturas podem ser propiciadas pela oração, visto que “a oração é chamada a ser muitas vezes um sobressalto, um gesto disruptivo, uma chamada à mobilização existencial para acolher a viragem que Deus se dispõe a realizar em nós” (Mendonça, 2020, p. 131). A oração, para Tolentino, representa a descoberta de uma relação vital, sendo que “na oração, Deus passa da terceira para a segunda pessoa: deixa de ser um ‘ele’ ou um ‘esse’ para se apresentar a nós como um ‘tu’. Deixa de ser indefinido e adquire a possibilidade, a proximidade de um rosto” (Mendonça, 2020, p. 167), um rosto que, na visão do Cardeal, ama a humanidade até o fim.

O poeta confessa rezar o Hino Cristológico presente na Carta aos Filipenses, o qual apresenta Cristo que se esvazia. Tolentino observa que esse esvaziamento torna-se a característica permanente do caminho de Jesus, ao ponto de se afirmar que “todo o seu itinerário entre os homens foi uma prática de despojamento, expressa na radical oblação de si” (Mendonça, 2020, p. 180). Com base nessa realidade, e inspirando-se no Hino Cristológico, Tolentino afirma: “não admira que também na oração seja tantas vezes a experiência de esvaziamento a via de acesso à intimidade com Cristo” (Mendonça, 2020, p. 180).

Tolentino concebe a oração como uma realidade interconectada a todas as dimensões da vida. O ser humano, em sua visão, tende a separar as coisas e a perder vínculos. Ele observa: “a oração altera o silêncio e a luz da nossa casa; o nosso jardim; as nossas palavras; o modo como atravessamos as ruas; a forma como consolamos os dóceis animais que se inclinam para o nosso afeto” (Mendonça, 2020, p. 183).

Para Tolentino, a oração não depende de lugares específicos; ela é uma experiência vivida, uma experiência em que o ser humano sente que faz parte de Deus e está Nele. Sobre essa experiência, Tolentino declara:

É por dentro das coisas que as coisas são. O mergulhador abre os olhos dentro do mar. O alpinista abre os olhos não além da montanha, mas dentro dela, partindo dela. Os viajantes modernos atravessam o interior das nuvens. É por dentro que as coisas se revelam. O orante abre os olhos dentro de Deus (Mendonça, 2016, p. 45).

4.2.3. Silêncio

*A história relata o que aconteceu
o silêncio narra
o que acontece
(José Tolentino Mendonça)*

O tema do silêncio atravessa toda a obra de José Tolentino Mendonça, estando presente desde seu primeiro livro, *Os Dias Contados* (1990). No poema inaugural, intitulado *A Infância de Herberto Helder*, o autor faz referência ao silêncio de maneira intimista e reflexiva, ao afirmar: *Eu era quase um anjo / e escrevia relatórios / precisos / acerca do silêncio*. Essa temática também é abordada de forma significativa em seus ensaios. Em 2013, no livro de poesias *A Papoila e o Monge*, a primeira parte é dedicada ao silêncio, sob o título de *Escola do Silêncio*.

A espiritualidade de Tolentino é igualmente marcada por essa dimensão silenciosa, característica da teologia mística, a qual se reflete em sua obra *A Mística do Instante*. Ao refletir sobre o texto da primeira carta de João (4,12) — *a Deus nunca ninguém o viu* —, o autor aborda a relação do crente com o divino, afirmando que “a maior parte das vezes, experimentamos apenas o desencontro de Deus, o seu extenso silêncio. Buscamos a Deus sem o ver, acreditamos nele sem o experimentar, escutamos a sua voz sem verdadeiramente ouvir” (Mendonça, 2014, p. 58). Para Tolentino, a relação do humano com o divino é estabelecida a partir dessa realidade paradoxal: “tateamos o seu rosto na ausência e no silêncio. E contudo, ausência e silêncio são lugares que misteriosamente insinuam uma presença” (Mendonça, 2014, p. 58).

O silêncio, para o autor, carrega consigo a dificuldade de reconciliar a realidade do infinito com a do finito. Tolentino não denomina esse silêncio de Deus, mas sim como um “lugar de luta, de procura e espera” (Mendonça, 2014, p. 58). A vida cristã, para ele, é uma experiência inacabada, um processo contínuo de reconfiguração. Ao refletir sobre o silêncio, o autor evoca uma oração de Sophia de Mello Breyer Andresen, que em seu conto, proferida por um dos sábios que visitou Jesus em seu nascimento, diz:

Senhor, como estás longe e oculto e presente! Ouço apenas o ressoar do teu silêncio que avança para mim e a minha vida apenas toca a franja límpida da tua ausência. Fito em meu redor a solenidade das coisas como quem tenta decifrar uma escrita difícil. Mas és Tu que me lêes e me conheces. Faz que nada do meu ser se esconda. Chama à tua claridade a totalidade do meu ser para que o meu pensamento se torne transparente e possa escutar a palavra que desde sempre me dizes (Andresen, 1962 apud Mendonça, 2014, p. 14).

Tolentino, ao refletir sobre os relatos da paixão de Cristo e as palavras de Jesus direcionadas a Deus, observa que “Jesus afronta, não apenas o silêncio dos homens, mas também o aparente e inexpugnável silêncio de Deus” (Mendonça, 2010, p. 30). A cruz, nesse contexto, é compreendida como uma aporia intransigente. O autor considera que “[...] somos chamados a contemplar o mistério de Deus e o do Homem no mais devastador dos silêncios que o mundo conheceu” (Mendonça, 2010, p. 30). Em sua oração intitulada *O que nasce do teu silêncio*, Tolentino expressa: “É isso que hoje te peço, Senhor. Que eu guarde o teu silêncio com confiança e que ele abra, pouco a pouco, o meu coração à escuta não só do presente, das necessidades do presente, mas também daquilo que há de vir” (Mendonça, 2016, p. 100).

Tolentino também menciona a prática dos Padres do Deserto, que, ao se encontrarem com alguém pela primeira vez, não proferiam palavras, pois compreendiam que o silêncio poderia ensiná-los mais do que suas palavras. Pensando nisso, o autor aconselha: “Ama o silêncio acima de tudo, ele transporta um fruto que a língua é incapaz de descrever. No nosso silêncio nasce alguma coisa que nos atrai ao silêncio” (Mendonça, 2016, p. 100).

No livro *O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas*, Tolentino inicia com uma citação de Ivan Illich, em *Libertar o Futuro: Para compreender os outros, precisamos mais de aprender os seus silêncios do que as suas palavras*. Em determinado momento, no texto intitulado *O que fica por escutar*, o autor narra a história de um homem que, ao fugir de sua casa em chamas acompanhado de seus três cães, percebe que um dos cães ficou para trás. Ao voltar para resgatá-lo, ele encontra cerca de trinta cães em silêncio. Tolentino reflete sobre essa cena e descreve o silêncio de maneira profunda:

De fato, o mundo, este mundo que nos habituamos a identificar como estridente caixa sonora que nunca dorme, é atravessado por um fio de silêncios à espera de serem escutados. Há uma malha delicadíssima que segura silêncios milenares e recentes, silêncios indefinidos das profundezas e silêncios cuja morfologia se detecta na pele, silêncios siderais que abrem para o enigma dos grandes espaços e silêncios que costuram o mistério e a biografia do pequeno, do parcelar, do íntimo. O que ouvimos não esgota a extensão de tudo aquilo que neste momento nos está a ser dito. E pode mesmo acontecer que a parte mais significativa da conversa que cada um de nós mantém com a vida seja, neste momento, aquela que fica por escutar (Mendonça, 2017, p. 67).

Tolentino faz uma crítica à sociedade contemporânea, que investe na ordem da palavra de forma a torná-la eficaz nas relações humanas, enquanto dedica pouca atenção ao silêncio. O autor fala da urgência de visitar os *territórios dos nossos silêncios*, transformando-os em espaços de diálogo, trocas e encontros, pois “o silêncio é um instrumento de construção, é uma lente, uma alavanca” (Mendonça, 2017, p. 95). O silêncio, tão pouco explorado pela humanidade, é, para Tolentino, um campo inexplorado, que ele próprio também reconhece: “somos analfabetos do silêncio e esse é um dos motivos por que não encontramos paz” (Mendonça, 2017, p. 95). O autor propõe uma iniciação ao silêncio, mas ressalta a necessidade da *arte de escutar*. Em meio a uma cultura de frenesim, Tolentino argumenta que “[...] a verdadeira escuta só pode configurar-se como uma re-significação do silêncio, um recuo crítico perante o frenesim das palavras e das mensagens que a todo minuto pretendem aprisionar-nos” (Mendonça, 2017, p. 95).

Tolentino interpreta a vida e morte de Jesus Cristo como um abraço a todos os silêncios da humanidade, mesmo os mais distantes e profundos. Ele afirma: “Ele abraçou o silêncio dos nossos impasses, daquilo que em nós ou de nós vem omitido; o silêncio onde as nossas forças colapsam e nos deixam à mercê do medo e da sobrecarga que nos sitiam [...]” (Mendonça, 2020, p. 188). Jesus assumiu sobre si os silêncios que, na perspectiva humana, são irresolúveis, marcados pelo sofrimento e pela esperança. “Ele abraçou o silêncio da vida nua, vulnerável, desamparada ou ferida [...]” (Mendonça, 2020, p. 188), uma vida atravessada pelo abandono e pelo descarte.

Ele abraçou o silêncio de todas as vítimas da história, o silêncio aterrador da injustiça, a lâmina cega da violência, o grito sem voz dos excluídos, o silenciamento imposto aos pobres, o último olhar imenso e silencioso que lançam sobre a terra dos justos (Mendonça, 2020, p. 188).

Para Tolentino, Jesus abraçou toda a realidade e cada ser humano.

Ainda sobre o mesmo tema, Tolentino publica um texto intitulado *Breve Introdução à Arte do Abraço*, na coluna do jornal Expresso, no qual descreve o corpo humano como tendo o formato de um abraço. Ele acredita que, por essa razão, o abraço é algo simples e natural. O autor apresenta múltiplos significados do abraço, considerando-o uma *arquitetura íntima da vida*. Nesse contexto, Tolentino afirma: “o abraço é uma longa conversa que acontece sem palavras. Tudo o que tem de ser dito soletra-se no silêncio, e ocorre isto que é tão precioso e afinal tão raro: sem defesas, um coração coloca-se à escuta de outro coração” (Mendonça, 2016).

Por fim, Tolentino destaca a relevância do silêncio como uma prática interna, que transcende a simples cessação da fala. Ele sugere que o silêncio deve ser cultivado de maneira consciente e profunda, afirmando: “o silêncio é uma disciplina do coração: calar os pensamentos, as imagens, as

maledicências, as superficialidades. Como recomenda o apotegma famoso do padre do deserto: 'Cala e foge'. É um conselho importante, que ajuda a aplanar declives e barreiras” (Mendonça, 2017, p. 52).

4.3 TEOLOGIA DA AMIZADE

Tolentino dedica um de seus ensaios à reflexão sobre a teologia da amizade, instigando o leitor a considerar a possibilidade de substituir a ênfase no conceito de amor pela ideia de amizade. Ao longo de sua obra, o autor propõe uma análise profunda sobre o significado e as implicações desse termo, explorando as relações humanas cotidianas, especialmente aquelas estabelecidas ao redor da mesa, que funciona como um símbolo dos encontros diários. A partir de uma leitura dos textos canônicos, Tolentino examina como a amizade pode ser compreendida no contexto da espiritualidade cristã, sugerindo que essa amizade com Deus não apenas reflete a experiência de proximidade divina, mas também representa um aspecto fundamental da alegria e do sentido profundo da vida. Assim, a amizade é apresentada como um princípio que transcende o plano das relações interpessoais, sendo uma fonte de reflexão teológica e espiritual.

4.3.1. Amizade

Em *Nenhum caminho será longo*, José Tolentino Mendonça aborda o tema da amizade como uma realidade que atravessa a experiência humana universal. Inspirado por um provérbio japonês, ele descreve que, na presença de um amigo, nenhum caminho será longo. Ao refletir sobre esse tema, Tolentino propõe, entre outras coisas, a observação da diferença entre amor e amizade. Ele começa afirmando que não podemos conhecer tudo sobre o outro. Enquanto no amor a revelação exige total transparência, “na amizade aceitamos de forma mais natural a diferença, uma certa distância que não é considerada obstáculo à confiança, mas, ao contrário, é condição da revelação de si” (Mendonça, 2013, p. 16).

Outra maneira de entender essa diferença pode ser o amor, com frequência, encontra dificuldades em lidar com os segredos; já na amizade não, conforme apresenta Tolentino:

A amizade não apresenta reivindicação posse que, muitas vezes, é a de uma amor demasiado egoísta, exageradamente narcísico. Mais do que na experiência de amor, a relação de amizade é fecundada pela aceitação dos limites. Talvez a grande diferença entre

amor e amizade resida no fato de o amor tender sempre para o ilimitado, suspeitando de contornos e fronteiras. Quando se esconde alguma coisa, na relação amorosa, cedo ou tarde isso ganha um peso insuportável; enquanto, na amizade, lidamos de maneira leve com os constrangimentos, aceitamos que exista uma vida sem nós e além de nós. Não é que no amor também não se torne necessária a aceitação de tudo isso, mas não é esse o seu idioma, a sua singularidade. O amigo é que faz parte da nossa vida afetiva sem deixar de ser o outro (Mendonça, 2013, p. 16).

Tolentino insiste na ideia de que o amigo é aquele que aceita positivamente os limites da amizade. Ele recorda a relação de Deus com Moisés, que a tradição bíblica descreve como uma amizade. Em uma passagem, Deus avisa que passará diante de Moisés, mas ele não poderá ver Sua face; apenas poderá contemplar Suas costas. Tolentino reflete: “Esta é a experiência que fazem os amigos. Por um lado, olham-se no fundo dos olhos, mas, por outro, aceitam ver o todo apenas na parte, na visão incompleta, no gesto inacabado” (Mendonça, 2013, p. 21). Na amizade, o amigo oferece uma parte de si, e aceitamos isso sem questionar. Essa entrega é o ponto de partida para a relação. “A ansiedade de querer saber tudo, de escrutinar, é projeção de uma vontade de domínio, de um desejo de poder. A amizade é um passar” (Mendonça, 2013, p. 21).

Na amizade, há duas realidades importantes: o silêncio e a inutilidade. Embora possamos reconhecer uma amizade pela forma como conversam, riem ou se abraçam, o silêncio também desempenha um papel crucial.

Os amigos podem estar juntos, em silêncio. Entre conhecidos é um embaraço, sentimos imediatamente a necessidade de iniciar uma conversa, de ocupar o espaço em branco da comunicação; ficar em silêncio traz-nos incômodo. Com os amigos o silêncio nada tem de embaraçoso. O silêncio é um vínculo que une (Mendonça, 2013, p. 23).

A inutilidade é outro traço característico da amizade. Apesar de algumas amizades poderem ter um caráter funcional, o que realmente as fortalece é a inutilidade da relação, “[...] o amigo não é o necessário: é o eleito, o gratuito. Com razão dizemos: ‘Um amigo é um irmão que escolhemos’. Eu escolho, eu me sinto escolhido: trânsito do gratuito sem porquês” (Mendonça, 2013, p. 25).

4.3.2. *Amizade no texto bíblico*

A Bíblia oferece um rico campo para refletirmos sobre a amizade, e Tolentino nos apresenta diversas histórias que ilustram relações de amizade com Deus e entre os seres humanos, como a de Deus e Abraão, Deus e Moisés, Rute e Noemi, Jônatas e Davi, Davi e Berzelai, Eliseu e a Sunamita, os amigos de Jó, Jesus e Lázaro, e Paulo com o casal Prisca e Áquila. As narrativas no livro do

Gênesis revelam como essa relação se constrói no dia-a-dia. A amizade entre Deus e Abraão, por exemplo, é caracterizada por:

[...] um conjunto de detalhes menores, marcas cotidianas, quase indizíveis, que nos introduzem no universo característico da gramática da amizade: olharem juntos na mesma direção cf. Gn 15,50; manterem uma solicitude traduzida em gestos (Diz Deus: 'Não temas, Abraão. Eu sou o teu escudo' - Gn 15,1); entregarem-se a uma prática de hospitalidade (Gn 18,1-5); [...] (Mendonça, 2013, p. 28-29).

Ao refletir sobre a amizade entre Deus e Moisés, Tolentino destaca que “[...] a revelação de Deus não é apenas a lei que se pode escrever numa pedra e aí permanece codificada. É também uma escrita interior, uma vivência, um afeto que nos atravessa, um acolhimento mútuo, uma intimidade” (Mendonça, 2013, p. 29). O texto de Êxodo 33,9-11 descreve como Deus fala com Moisés *como um homem fala com seu amigo*, evidenciando a proximidade e a familiaridade dessa amizade.

A amizade entre Davi, o humilde pastor de ovelhas, e Jônatas, filho do rei, é outro exemplo notável. Apesar de suas diferenças, eles compartilham um pacto que invoca Deus como testemunha, e se olham em pé de igualdade. Tolentino, ao comentar sobre essa amizade, afirma que “[...] a amizade é o dom que não se explica” (Mendonça, 2013, p. 31). Após a morte de Jônatas, Davi dedica um texto a ele, no qual declara: *tua amizade era mais maravilhosa*. Tolentino propõe substituir o termo *maravilhosa* por *miraculosa*, sugerindo que a amizade entre os dois foi, de fato, um milagre, algo que transcende a compreensão humana: “a amizade pode ser, como tantas vezes é, um perfeito milagre” (Mendonça, 2013, p. 33).

Outro exemplo significativo de amizade é o relacionamento entre Eliseu e a Sunamita. A amizade deles começa com um simples convite para uma refeição, e a casa da Sunamita se torna um ponto de descanso para Eliseu. Ela até prepara um quarto especialmente para ele, simbolizando “a amizade, [que] de fato, é alimentada por múltiplos encontros e regressos” (Mendonça, 2013, p. 38). Quando a Sunamita, que era estéril, recebe a promessa de fecundidade de Eliseu, Tolentino vê nessa situação uma metáfora poderosa: “os amigos ajudam-nos a vencer tantas formas de esterilidade: tornam a nossa vida irradiante” (Mendonça, 2013, p. 34).

Além disso, a amizade revela sua força ao compreender o tempo necessário para cada fase da vida. Quando enfrentamos dificuldades, a verdadeira amizade é aquela que oferece, não apenas um sorriso, mas também “[...] oferecem-nos o tempo para chorarmos o que temos de chorar” (Mendonça, 2013, p. 34). Dessa forma, a amizade se torna um apoio fundamental, que nos ajuda a superar as adversidades e nos oferece acolhimento nos momentos de dor.

4.3.3. *É possível descrever a amizade?*

Em seu livro *O Hipopótamo de Deus e Outros Textos*, Tolentino, em determinado momento, nos apresenta uma reflexão em forma de questionamento, com o subtítulo: *É possível descrever a amizade?*. A partir de dois provérbios, um de Sêneca — *ter um amigo é ter alguém por quem morrer* — e outro de origem inglesa — *viver sem amigos é morrer sem testemunhas* —, ele percebe a complexidade da amizade e a dificuldade de traduzi-la em palavras. Em seguida, Tolentino afirma:

A amizade é singularíssima e mune-se de uma desconcertante simplicidade de meios. O traço mais universal da sua gramática é, talvez, o da presença: mas esta tanto se faz de muitos encontros, como de poucos; de muitas palavras ou de um silêncio espaçado e confidente; de um telefonema por dia ou por ano; de uma ou de incontáveis atenções... O importante é que tudo isso se torne, a dada altura, uma história que nos acompanha e por onde o essencial da vida passa (Mendonça, 2010, p. 107).

Em *Rezar de olhos abertos*, Tolentino entende que essa presença, na amizade, não precisa ser necessariamente verbal; mesmo no silêncio, a relação não se enfraquece. Pelo contrário, “os amigos são aqueles junto quem podemos ficar em silêncio e isso ser uma forma extraordinária de comunhão” (Mendonça, 2020, p. 96). Tal comunhão reflete a essência da amizade, que se revela no simples ato de “[...] olhar às vezes sem palavras na mesma direção” (Mendonça, 2020, p. 151). Nesse sentido, talvez a resposta à pergunta inicial seja, em primeira instância, reconhecer que “viver como amigo é mais importante do que descrever o que um amigo é” (Mendonça, 2013, p. 45).

Em *O pequeno caminho das grandes perguntas*, Tolentino aponta que entre amigos, existe uma afinidade que permite a compreensão mútua através de olhares, gestos e até silêncios. “Os amigos falam uma língua só deles; bastam meias-palavras. Às vezes até um olhar é suficiente para compreenderem tudo o que se passa conosco” (Mendonça, 2017, p. 91). Tolentino ilustra isso com o exemplo de amigos que, ao partirem em viagem, perguntam se deseja que tragam algo. A resposta, simples e significativa, é: “traz-me uma história” (Mendonça, 2017, p. 90). Ao se reencontrarem, compartilham essa história, que se torna uma experiência sensorial. “[...] As histórias sabem tornar-se táteis, embeber-nos nos cheiros distantes, iniciar-nos na roda dos sabores, segredar-nos outras coisas naquelas que nos são ditas” (Mendonça, 2017, p. 90). Essas histórias, por sua vez, fortalecem a afinidade entre os amigos. “O QUE APROXIMA OS AMIGOS, o que os liga entre si é a descoberta de uma afinidade interior, puramente gratuita, mas suficientemente forte para fazer persistir no tempo o afeto, a cumplicidade e o cuidado” (Mendonça, 2017, p. 91).

A amizade é uma relação de proximidade, mas que não dissolve a individualidade de cada um. Embora compartilhem momentos e experiências, cada amigo permanece sendo uma pessoa distinta. “Na amizade estamos uns com os outros, mantendo porém uma exterioridade: os amigos não se diluem, não se justapõem, nem se substituem. A amizade é uma forma de exposição ao outro, mas uma exposição que não quebra a reserva, que não invade a solidão” (Mendonça, 2013, p. 49). Dessa forma, a amizade permite que as pessoas se revelem umas às outras sem invadir os limites pessoais. Ela não é apenas um espaço de respeito pelo silêncio, mas também depende desse silêncio. “A amizade é o acolhimento de um intervalo puro que, de mim a esse outro que é um amigo, mensura tudo o que há entre nós. A doçura da amizade, porém, é equivalente ao seu rigor mais infrangível: o meu amigo é este próximo que não deixa nunca de ser o mais distante” (Mendonça, 2013, p. 50).

4.3.4. Amizade com Deus

Tolentino reflete sobre a relação do ser humano com Deus e sugere que, muitas vezes, é mais fácil compreendê-lo como parte de um caminho que construímos do que como algo imprevisível. Nesse sentido, ele afirma: “corremos o risco de viver a relação com Deus não como uma amizade, mas como um hábito” (Mendonça, 2013, p. 55). Para ele, a verdadeira relação com Deus se dá pela fusão do Espírito divino com o ser humano, algo que ocorre no cotidiano. Tolentino destaca: “esta é uma experiência de amizade em Deus que brota como intimidade espiritual. Sentirmos que o Espírito nos enche, que o Espírito nos faz ser” (Mendonça, 2013, p. 58).

O autor faz referência a um trecho do Evangelho de João 3,8 — *O vento sopra onde quer e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai: assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito* — e propõe duas formas de interpretar o termo grego *pneuma*, que pode significar tanto *vento* quanto *Espírito*. Se traduzido como vento, isso sugere que a experiência do crente é imprevisível; já ao traduzir como Espírito, a imprevisibilidade é atribuída ao próprio Deus. Com base nessas duas interpretações, Tolentino afirma: “a amizade com o Espírito de Deus dá-se, na nossa vida, de duas maneiras: ou através dessa experiência de fusão, ou através da experiência oposta, a da diferenciação” (Mendonça, 2013, p. 59). Em outras palavras, a amizade com Deus se manifesta de duas formas: seja pela percepção de sua presença no ser humano, seja pelo reconhecimento de sua alteridade. Como ele diz, “ou a amizade de Deus nos enche, ou parecemos vazios dela, porque Deus é sempre o outro” (Mendonça, 2013, p. 59), ou seja, “Deus é peregrino, desloca-se, é sempre diferente” (Mendonça, 2013, p. 59).

No Evangelho de João, os discípulos de Jesus vivenciam o privilégio de serem chamados de amigos do Mestre. Um dos discípulos, o inominado *discípulo amado*, é descrito por Tolentino como um *discípulo amigo*. Quando Jesus questiona Pedro se ele o ama com amor total, Pedro responde com um amor menor, de amigo, e Jesus aceita essa resposta. Tolentino explica que, com isso, Pedro percebe “[...], que Jesus não nos pede o que nós não somos capazes de dar. Ele aceita a nossa amizade que fraqueja, os nossos sins ainda incipientes, os passos que damos vacilantes. Para fazer-nos subir até ele, Jesus desce até nós” (Mendonça, 2013, p. 68). Essa passagem reflete a compreensão de que a amizade com Deus não exige perfeição, mas abertura e disponibilidade para caminhar com ele, mesmo com nossas limitações.

4.3.5. Amizade ao redor da mesa

Já discutimos a cozinha como um espaço impregnado pela mística do cotidiano. Neste contexto, é importante ressaltar também sua função como espaço de amizade. José Tolentino Mendonça faz referência a obras como *O Livro das Fundações*, de Santa Teresa de Ávila, e destaca que Deus “[...], move-se pela nossa cozinha, entre os púcaros, entre as panelas, as vasilhas, as caçarolas e os tachos” (Mendonça, 2013, p. 76-77). O antropólogo Claude Lévi-Strauss, em *O Cru e o Cozido*, vê a cozinha como o lugar de encontro entre a natureza e a transformação, afirmando que “o cru representa o estado natural. O cozido é uma transformação operada pelos homens. A cozinha representa a construção da autonomia do homem diante da natureza, a sua capacidade de se diferenciar e de ser” (Mendonça, 2013, p. 80). O filósofo e antropólogo Michel de Certeau, que se dedicou a investigar o cotidiano, enfatiza “[...] a cozinha também é o lugar do desejo” (Mendonça, 2013, p. 82).

Essas obras ressaltam a importância da cozinha e das refeições, e, a partir delas, Tolentino explora o significado das refeições no texto sagrado, “[...] que, além da Eucaristia, os Evangelhos estão costurados pela memória de outras refeições. E estas, colocando Jesus numa situação simbólica cheia de implicações, iluminam para nós o sentido profundo da amizade de Jesus” (Mendonça, 2013, p. 90). A companhia em volta da mesa transforma a refeição em um espaço privilegiado, pois, como afirma Tolentino:

A mesa é também um pacto de linguagem, pois o hóspede traz como dom a narração da sua história. É um espaço/tempo onde o contar se realiza no contar-se. Diante dos que escutam, abre-se a possibilidade autobiográfica, que permite recompor os fragmentos, enlaçar os fios quebrados, encontrar as palavras que segredam a íntima arquitetura da vida (Mendonça, 2013, p. 91).

Jesus, frequentemente hostilizado pelos fariseus por comer e beber com pecadores e publicanos, vivia a amizade como uma oportunidade de *radical conversão*, que inaugurava, naquele momento, o tempo do Reino de Deus (Mendonça, 2013, p. 96). Para os religiosos da época, sentar-se à mesa com os pecadores era um ato controverso, mas, para Tolentino, essa atitude, fundamentada na amizade, se revela como “[...] um dispositivo fundamental de revelação cristológica” (Mendonça, 2013, p. 99).

A prática de compartilhar uma refeição transforma a simples necessidade em um momento social e de confraternização. Tolentino, ao comentar a encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, destaca a ideia de amizade social, que transcende a amizade exclusiva entre indivíduos próximos, sendo um conceito ampliado que rejeita o reducionismo. Tolentino afirma:

A experiência da amizade e do amor deve também servir para abrir o coração ao que está em redor, tornando-nos sensíveis a essa realidade, implicando-nos na sua qualificação ética, dotando-nos da generosidade para sairmos de nós mesmos e acolhermos a todos. Não existimos num vácuo, mas num contexto amplo e diversificado de relações pelo qual somos corresponsáveis (Mendonça, 2020).

Em *Rezar de olhos* abertos, Tolentino apresenta que a mesa é central para a compreensão das refeições de Jesus com os pecadores, do momento em que Cristo compartilhou a Páscoa com seus discípulos, e da Eucaristia Católica, que ocupa um papel central na liturgia. No entanto, seu significado vai além da realidade física: “se pensares bem, a mesa é a extensão da vida” (Mendonça, 2020, p. 186). Ela representa um espaço de relações e experiências. Tolentino descreve poeticamente, que a nossa “[...] primeira mesa foi, por exemplo, o colo da [nossa] mãe e os braços do [nosso] pai” (Mendonça, 2020, p. 186), sugerindo que é um lugar de acolhimento e proximidade. A mesa é o ponto de encontro onde os amigos compartilham suas histórias, sendo “[...] a concretização do cuidado fundamental pela existência. É o lugar da resposta positiva às necessidades mais elementares e também àquelas que o nosso coração, sedento de amor, exprime” (Mendonça, 2020, p. 186).

4.3.6. Amizade: outro valor ao tempo

No Evangelho de Lucas, o advérbio *hoje* aparece em várias passagens. Quando pronunciado por Jesus, ele se configura como uma possibilidade de salvação, um processo que se revela de forma misteriosa e gradual. Ao refletir sobre o uso do termo *hoje* nos Evangelhos, Tolentino destaca

que: “a amizade dá um outro valor ao tempo. Por mais modestos que sejam os meios da sua expressão, a amizade com Jesus torna o tempo uma epifania, um lugar de vida ganha, de vida salva” (Mendonça, 2013, p. 70). Mesmo quando observamos a história humana em sua simplicidade, os amigos são aqueles que constroem uma narrativa sagrada. Como diz Mendonça:

É fundamental entendermos a vida como mistério de visitação. A cada hora somos visitados e, desse reconhecimento, depende a paz do nosso cora o, depende o vigor da nossa esperança. A amizade   a aceita o de que Deus nos visita através do que nos   próximo. Com os amigos construímos uma história que é sagrada, mesmo se a nossos olhos parece apenas feita de coisas simples e muito humanas. Depende muito do que estamos dispostos a acolher, quando acolhemos os outros (Mendonça, 2013, p. 72).

Os amigos têm o dom de reconhecer nossa história no tempo e o que ela significa para nós. Eles “testemunham que somos, que fizemos, que amamos, que perseguimos determinados sonhos e que fomos perseguidos por este ou aquele sofrimento” (Mendonça, 2013, p. 102). Parafraseando Aristóteles, o amigo é uma necessidade humana essencial. Quando não temos um, adoecemos. Tolentino complementa dizendo que “o olhar do amigo é uma  ncora” (Mendonça, 2013, p. 103). Nas diversas estações da vida, são eles que recorremos, pois “a relação   o nosso princípio” (Mendonça, 2013, p. 103).

Em um momento significativo da vida de Jesus, ele é questionado sobre onde morava (João 1,38-39). Sua resposta   simples e profunda: Vinde e vereis. O evangelista conclui dizendo que eles foram até ele e permaneceram com ele. *Ficar com, permanecer, caminhar ao lado* são sin nimos de amizade, como afirma Tolentino (Mendonça, 2013, p. 104). A verdadeira amizade se constrói no cotidiano, nos pequenos gestos, nas conversas demoradas, na continuidade da relação. Como bem coloca Tolentino: “há uma qualidade de relação que só se obt m no tempo compartilhado. S  com o tempo descobrimos o sentido e a relevância da nossa marcha ao lado uns dos outros. Sem isso, tornamo-nos desconhecidos. É preciso ter testemunhado para ser testemunha” (Mendonça, 2013, p. 105).

4.3.7. Amizade espiritual

José Tolentino Mendonça, ao dialogar com importantes figuras da tradição cristã, aborda o conceito de *amizade espiritual*, um termo inicialmente utilizado pelo monge Evágrio P ntico. Para este, a prática cristã realiza o pleno significado da amizade, pois “[...] a amizade que podemos viver com Deus, em Jesus Cristo, torna-se modelo para construímos as nossas amizades humanas segundo Deus” (Mendonça, 2013, p. 110). O filósofo e teólogo do século IV, Santo Agostinho,

também dedica atenção ao tema, apontando que o desejo de amizade se transforma em um desejo de verdade, e que “amar e ser amado são faculdades tanto divinas como humanas, mas o único verdadeiro amor é o de Deus, porque tudo tem a sua origem nele” (Mendonça, 2013, p. 111).

No século XII, o monge cisterciense Elredo de Rievaulx apresenta a amizade como uma experiência que se fundamenta no conhecimento de Deus. Para ele:

A amizade não é simplesmente um instrumento ou uma mediação entre o homem e Deus. A amizade é antes o próprio lugar do encontro entre o humano e o divino, o lugar onde os amigos podem participar de Deus, podem mergulhar no seu mistério. A amizade vem percebida, assim, como um “lugar teofânico”. A amizade coloca-nos dentro de Deus. “Basta que um ser humano se torne amigo de outro para tornar-se imediatamente amigo de Deus” (Mendonça, 2013, p. 113).

Segundo Tolentino, Elredo vê o papel do amigo espiritual como sendo fundamental no processo de crescimento espiritual, designando-o como *alma custódia* e *alma gêmea*. Para Elredo, a amizade, longe de ser um simples apoio, é essencial para o amadurecimento na fé. Tolentino, ao interpretar esse pensamento, destaca que o benefício da amizade espiritual é: “encontrar a confiança de um coração com quem confrontas as tuas faltas e a quem revelas os teus progressos. O amigo espiritual é uma imagem de Cristo; o repouso no seu abraço é o abandono no Espírito Santo, que é a vida que circula em Deus” (Mendonça, 2013, p. 115).

Ao refletir sobre a amizade espiritual, Tolentino sublinha que este conceito não se limita apenas aos aspectos da fé, mas envolve também

[...] numa conformidade de coração a Cristo, mas abraçando com realismo a vida, as suas exigências, a sua diversidade de tempos e de ação. A amizade espiritual torna-nos muito presentes ao instante e à situação atuais e, do mesmo modo, não nos tranca num pequeno círculo. (Mendonça, 2013, p. 117).

A amizade, para Tolentino, é mais do que uma mera ideia ou caricatura; os riscos que ela pode envolver não são algo negativo. “A amizade espiritual é uma experiência de autenticidade necessária e continuamente buscada. O que quer dizer que a amizade precisa de prova, verificação e de critérios evangélicos claros” (Mendonça, 2013, p. 117). E, entende que:

[...] Os riscos da amizade não podem constituir um argumento para colocá-la genericamente sob suspeição e para combatê-la como se fosse um mal. Desenvolvida a partir de Cristo, a amizade espiritual poderá encontrar a sua solidez e timbre. As feridas ou os conflitos não a anulam, mas aprende de Cristo a arte maravilhosa da espera e do perdão (Mendonça, 2013, p. 118).

4.3.8. Amor à imperfeição

Tolentino aborda a amizade como uma expressão de amor à imperfeição, defendendo que, quando os amigos buscam a perfeição, a amizade se perde, transformando-se em uma mera busca por reconhecimento. De acordo com o autor, “abraçar a imperfeição é aceitar a amizade como uma história em aberto, que conta ativamente conosco. Na imperfeição é sempre possível começar e recomeçar” (Mendonça, 2013, p. 132). Ao aceitar a imperfeição da amizade, esta se torna um processo que nos humaniza. Reconhecer essa condição é essencial para a preservação da amizade. Tolentino ilustra essa ideia contraditória, que se manifesta no amor entre amigos e a busca pela perfeição, por meio do poema de Adília Lopes:

*Se tu ama por causa da beleza, então não me ames!
 Ama o Sol que tem cabelos dourados!
 Se tu amas por causa da juventude, então não me ames!
 Ama a primavera que fica nova todos os anos!
 Se tu amas por causa dos tesouros, então não me ames!
 Ama a Mulher do Mar: ela tem muitas pérolas claras!
 Se tu amas por causa da inteligência, então não me ames!
 Ama Isaac Newton: ele escreveu os
 Princípios Matemáticos da Filosofia Natural!
 Mas se tu amas por causa do amor; então sim, ama-me!
 Ama-me sempre: amo-te para sempre!*

Tolentino encontra nas narrativas bíblicas um campo fértil para explorar o tema da amizade, entendendo-a como a melhor linguagem para expressar essa realidade. O autor afirma que “a amizade é uma narrativa [...]” (MENDONÇA, 2013, p. 171), destacando a reflexão sobre a história de Judas e o encontro de Jesus, que o chama de amigo, antes de ser entregue às autoridades. Segundo Tolentino, “[...] amizade não significa assegurar-se de que nunca seremos decepcionados ou de que nunca vamos decepcionar o outro. [...] A amizade é uma experiência sustentada pelo perdão” (Mendonça, 2013, p. 189-190). A amizade está imersa nas fragilidades e turbulências da vida humana, mas, como afirma o Cardeal, “a verdadeira amizade transfigura e amplia a nossa humanidade, dá-nos competências afetivas, estimula-nos a abrir o círculo, a fazer mais, a ser melhor” (Mendonça, 2013, p. 192).

Existem duas maneiras de compreender a confiança na amizade. A primeira a considera como um tipo de abandono, onde se espera que o outro nos cuide de forma incondicional, algo que é insuficiente. A segunda, mais amadurecida, envolve a aceitação da vulnerabilidade, sendo que “as amizades mais fortes são as que aceitam os seus caminhos frágeis, as suas costuras humildes”

(Mendonça, 2013, p. 195). Esta visão, que reconhece e abraça a fragilidade, oferece uma compreensão mais realista e profunda da amizade e da confiança.

4.3.9. A amizade é uma fonte de alegria

Ao abordar o tema da alegria, Tolentino recorre ao conceito do *pequeno Evangelho da alegria*, fundamentando-se no Evangelho de Lucas, que descreve a chegada de Jesus como *uma grande alegria* (Lc 2,10), uma experiência universal que deseja alcançar a todos. Ele entende essa experiência como uma realidade singular e relembra que a alegria é um aprendizado. Para Tolentino, “a amizade é uma fonte de alegria” (Mendonça, 2013, p. 142), pois são os amigos que possuem a capacidade de compartilhar as histórias. “Um amigo é alguém capaz de olhar, mesmo que por um segundo que seja, o sorriso, desperto ou adormecido, que cada um de nós traz no fundo da alma. Um amigo é um pastor e um mestre do nosso sorriso” (Mendonça, 2013, p. 143).

Tolentino concebe a amizade como um memorial nas relações, já que “um amigo é aquele que nos recorda, muitas vezes, de que estamos prometidos à alegria” (Mendonça, 2013, p. 143). Ele alerta para a importância de direcionar os olhares ao fim das nossas trajetórias, com a perspectiva da alegria, compreendendo-a como uma vocação humana. Nesse contexto, a amizade exerce um papel fundamental, sendo que “a amizade é este olhar partilhado que diz à vida que ela está prometida à alegria” (Mendonça, 2013, p. 144). A alegria não pode ser programada; ela surge de forma inesperada. Tolentino ressalta que a hospitalidade é uma dessas surpresas, sendo que “a amizade ensina-nos [...]” (MENDONÇA, 2013, p. 145).

Além disso, Tolentino reconhece o humor como um elemento importante na amizade. Ele faz referência ao episódio bíblico no qual Deus promete um filho a Abraão e Sara, ambos já avançados em idade e Sara estéril. Quando Sara ouve a promessa de Deus de que teria um filho, ela sorri, e mais tarde o nome do filho será Isaac, que significa *Deus sorri*. Sara afirma que Deus a fez sorrir, e todos que souberam dessa história também sorriram, “um riso absolutamente novo: o da confiança nos imprevisíveis caminhos de Deus” (Mendonça, 2013, p. 149). O texto sagrado contém diversas máximas nos textos sapienciais, e Tolentino observa:

O Eclesiástico e os Provérbios estão repletos de máximas muito inspiradas pelo humor oriental, talvez em alguns aspectos um tanto divergente do nosso. Mas o importante é dar-se conta que o riso é uma forma sábia de entrarmos em nós próprios, na nossa realidade, e quebrarmos a falsa solidez das aparências, ousando ver-nos como somos. Nesse sentido, o riso tem uma função sapiencial: é um indutor de sabedoria espiritual, conduz-nos a ela (Mendonça, 2013, p. 151).

4.3.10. *A amizade é a verdadeira pátria*

A amizade exerce um impacto profundo na vida das pessoas. Em um artigo publicado no *Jornal Expresso de Portugal*, Tolentino aborda esse tema ao relatar uma carta escrita por Joseph Roth, em 1935, ao seu amigo Stefan Zweig. Com o estabelecimento do nazismo, Roth perde, de maneira irrevogável, sua conexão com a Alemanha, o que o leva a escrever a seu amigo: “por fim, a amizade é a verdadeira pátria” (Mendonça, 2020). Ao refletir sobre a amizade entre Roth e Zweig, que trocaram quase 270 cartas ao longo de uma década, Tolentino afirma que essa relação “explica igualmente porque é a amizade uma das parábolas humanas mais poderosas e inesquecíveis a que podemos aceder” (Mendonça, 2020).

Existem diversas formas de amizade, e os amigos exercem influência significativa, ensinando-nos e nos acompanhando em várias dimensões da vida, incluindo a espiritualidade. Em uma de suas orações, Tolentino expressa: “hoje, Senhor, quero te dar graças pelo dom dos amigos. Sei que, por meio deles, te tornas presente em minha vida” (Mendonça, 2016, p. 92). A amizade se revela nas situações cotidianas da vida, e é neste contexto que se pode perceber como ela “[...] amplia, revela, empurra, inaugura, aprofunda, diverte...” (Mendonça, 2017, p. 88). O Evangelho de João, capítulo 11, narra a morte do amigo de Jesus, Lázaro. Ao chegar ao túmulo, Jesus chora pela perda, mas logo celebra com a ressurreição. Tolentino, ao refletir sobre esse momento, aponta: “na amizade há sempre uma cena seguinte” (Mendonça, 2014, p. 129).

A amizade auxilia na compreensão de nós mesmos e no enfrentamento das alegrias e tristezas da vida. Quando as palavras se mostram insuficientes,

Os amigos sustentam conosco, e a nosso lado, o duro ligeiríssimo mistério da existência. Mesmo quando os dias empalidecem ou se estilhaçam, a amizade tem a capacidade de religar, a partir do fundo, as pontas decepadas e dispersas, os opostos indizíveis da alma: a noite e o dia, a dor e o riso, a ação e a contemplação, a vida e a morte (Mendonça, 2013, p. 216-217).

Ao final do livro *Nenhum caminho será longo*, Tolentino faz uma profunda reflexão sobre a amizade: “alguns amigos tornam-nos herdeiros de um lugar, outros de uma morada, outros de uma razão pela qual viver” (Mendonça, 2013, p. 216). Embora não encerre a reflexão teológica sobre a amizade, ele deixa uma provocação que se revela mais produtiva: não devemos questionar o motivo de sua partida, pois “[...] levaremos o resto da vida para responder, sempre em total gratidão, [mas], por que é que eles vieram?” (Mendonça, 2013, p. 217).

4.4 O TEMPO

*De instante para instante
identificam-se lacunas, espaços irremediáveis
distâncias:
é apenas uma parte
a experiência que fazemos
do que seja o tempo
(José Tolentino Mendonça)*

A reflexão sobre o tempo, sua percepção e gestão, é um dos temas centrais nas obras de José Tolentino Mendonça, especialmente em seu livro *Libertar o tempo* (2016), onde ele explora a relação humana com essa dimensão essencial da existência. A sociedade contemporânea, marcada pela aceleração constante e pela busca incessante por resultados, leva o autor a questionar as formas como lidamos com o tempo e suas implicações na vida cotidiana. Tolentino propõe que a verdadeira sabedoria não reside apenas em gerenciar o tempo de maneira eficiente, mas em aprender a vivê-lo de forma plena e significativa, acolhendo suas limitações e imperfeições. Por meio de conceitos como *a arte da lentidão*, *a arte do perdão*, e *a arte da perseverança*, ele desafia o ser humano a reconsiderar suas prioridades, a desacelerar a pressão do imediatismo e a valorizar o processo de vivência, não apenas o resultado. Este texto busca analisar as principais reflexões de Tolentino sobre o tempo, explorando como ele articula essas *artes* e as relaciona com uma visão mais profunda e consciente da vida.

4.4.1. *Libertar o tempo*

O tempo é um tema recorrente nas obras de José Tolentino Mendonça, particularmente em *Libertar o tempo*, publicado em 2016. Ao longo do livro, várias reflexões abordam o tempo, que se torna um elemento central na obra. Na introdução, intitulada *Resgatar o tempo*, o autor apresenta uma humanidade imersa em questões que remontam à nossa origem e que, de certa forma, “[...] se confundem com o que somos [...]” (Mendonça, 2017, p. 14). A proposta de Tolentino é sugerir que “deveríamos dedicar mais tempo a escutar essas perguntas que pulsam no nosso interior, tantas vezes atropeladas pela vertigem, omitidas pelo pragmatismo ou pelo medo, adiadas para um momento ideal que depois nunca é” (Mendonça, 2017, p. 14). O poeta e teólogo conclui que “a teologia mais útil é aquela tecida por perguntas” (Mendonça, 2017, p. 14).

Tolentino refere-se a uma indagação oculta no ser humano, que questiona o verdadeiro desejo, e responde afirmando que esse desejo é “[...] profundo, aquele que não depende de nenhuma posse ou necessidade, que não se refere a um objeto, mas ao próprio sentido” (Mendonça, 2017, p. 69). O autor retoma a reflexão e complementa, afirmando que o desejo não se coaduna com as estratégias cotidianas de consumo, mas sim com o “[...] horizonte amplo do consumir, da realização de mim como pessoa única e irrepetível, da assunção do meu rosto, do meu corpo feito exterioridade e interioridade (e ambas tão vitais), do meu silêncio, da minha linguagem” (Mendonça, 2017, p. 69-70).

Esse desejo verdadeiro carrega em seu cerne uma insatisfação, e Tolentino apresenta a razão disso: “o desejo é literalmente insaciável porque aspira àquilo que não se pode possuir: o sentido. Nessa linha, o desejo não se sacia, mas aprofunda-se” (Mendonça, 2017, p. 70). Tal indagação propõe uma introspecção no ser humano, desafiando-o a reconhecer suas fragilidades, pois “o momento da aceitação de si, com lacunas e vulnerabilidades, é uma etapa crítica, dilacerante até, mas abre-nos à transformação e fecundidade possíveis, abre-nos à enunciação do desejo” (Mendonça, 2017, p. 72).

O autor tece críticas à postura insatisfeita da humanidade diante do tempo, frequentemente interpretado como escasso, o que leva as pessoas a desejar mais horas no dia. Contudo, Tolentino aponta que “o ponto de sabedoria é aceitar que o tempo não estica, que ele é incrivelmente breve e que, por isso, temos de vivê-lo com o equilíbrio possível” (Mendonça, 2017, p. 23). A gestão do tempo, portanto, torna-se uma habilidade que deve ser aprendida.

Essa gestão, conforme o autor, é construída por meio de diversas *artes*, que são gradualmente desenvolvidas ao longo das reflexões. A *arte do inacabado* propõe que não devemos fixar o olhar nas coisas incompletas de nossas vidas, mas, sim, “aceitar que o lugar aonde chegamos é ainda uma versão provisória, inacabada, cheia de imperfeições” (Mendonça, 2017, p. 24). Assim, aprendemos também a *arte de agradecer*, que implica em ser grato até mesmo por aquilo que não nos é dado, evitando cair na tentação do ressentimento e da comparação. “Podemos facilmente continuar pela vida a dentro nutrindo o ressentimento pelo que não nos foi dado, comparando-nos e considerando-nos injustiçados, pranteando a dureza daquilo que em cada estação não corresponde ao que idealizamos” (Mendonça, 2017, p. 28). Tolentino toma como exemplo a escritora Etty Hillesum, que, em um campo de concentração, expressa que “a grandeza do ser humano, a sua verdadeira riqueza, não está naquilo que se vê, mas naquilo que traz no coração” (Mendonça, 2017, p. 28).

A *arte do perdão* é outra prática que liberta o tempo, pois “[...] a dada altura agarramo-nos à dor como se ela fosse um heroísmo e pomos-nos a expor feridas como quem exhibe condecorações” (Mendonça, 2017, p. 30). A vida não se resume a vítima e agressor; todos nós sofremos e, diante disso, “todos precisamos de perdão” (Mendonça, 2017, p. 31). O perdão, como Tolentino explica, é um processo de transformação e renovação de esperança. O que é necessário para perdoar? O autor responde: “[...] para perdoar é preciso ter uma furiosa e paciente sede do que (ainda) não há. O perdão começa por ser uma luzinha. E é bom insistir e esperar. O sol não brota de repente. Essa demora é uma condição da sua verdade” (Mendonça, 2017, p. 32).

A “arte de olhar para a vida” (Mendonça, 2017, p. 43) também contribui para a administração do tempo. Olhar para a vida em sua realidade mais pura nos exige amar a vida tal como ela se apresenta. O autor nos convida a tomar uma decisão crucial: “[...] entre o amor ilusório à vida, que nos faz adiá-la perenemente, e o amor real, mesmo que ferido, com que a assumimos. Entre amar a vida hipoteticamente pelo que dela se espera ou amá-la incondicionalmente pelo que ela é, muitas vezes em completa impotência” (Mendonça, 2017, p. 44). Tolentino reflete sobre a dureza de enfrentar a vida como ela é, e a expressão que encontra para descrevê-la é a decepção. A sabedoria, para ele, reside no reconhecimento da vida como uma totalidade, não como um intervalo entre momentos, mas como um *pacto* aceito em sua fascinante e dolorosa completude: “Não se trata apenas de viver o instante, tarefa inútil, pois a vida é duração” (Mendonça, 2017, p. 45).

A *arte da perseverança* é outra lição essencial para a gestão do tempo. Perseverar implica em suportar as dificuldades e manter o compromisso com as metas, acreditando que “[...] o presente mantém uma aliança (que não é fortuita, nem absurda) com o futuro: o gesto de semear liga-se com a racionalidade à expectativa de colher” (Mendonça, 2017, p. 48). Etimologicamente, a perseverança pode ser compreendida como constância, mas a *arte da perseverança* envolve um combate interno, pois se refere às dificuldades internas que surgem ao longo do caminho, sendo “[...] um combate de todas as horas e de todas as etapas do que percorremos” (Mendonça, 2017, p. 49).

Outro aspecto fundamental na compreensão do tempo é a *arte de morrer*. A morte, frequentemente temida na sociedade contemporânea, deve ser vista como um componente da própria vida, “a mais enigmática, impenetrável e intraduzível das expressões, certamente. Mas é no interior da vida que temos de compreendê-la” (Mendonça, 2017, p. 74). A morte não é vista como um fim, mas como um caminho que nos convida a olhar a vida de forma mais profunda. Tolentino destaca a importância de aprender a “[...] estar com os outros quando chegar o seu momento [...]” (Mendonça, 2017, p. 75), cuidando da dor e oferecendo presença e compaixão. “Temos de aprender

a embalar a fragilidade, a dos outros e a nossa própria, ajudar cada um a reencontrar-se com as coisas e com as memórias certas, a não desesperar, a encontrar um fio de sentido no que está vivendo, por ínfimo e trêmulo que seja” (Mendonça, 2017, p. 75).

Para José Tolentino Mendonça, o tempo não é apenas uma dimensão cronológica, mas adquire uma conotação simbólica e teológica dentro da tradição cristã. Referindo-se ao Evangelho de Marcos 1,15, o autor destaca que “o tempo alcançou plenitude...” (Mendonça, 2015, p. 275), indicando a qualificação messiânica do tempo, onde “[...] o cumprimento começou, é verdade, mas prossegue, pois os efeitos e as repercussões do seu significado se prolongam no futuro” (Mendonça, 2015, p. 275). Com base no pensamento de Dumais, Tolentino explica que a plenitude do tempo “permite dar uma razão ao presente e reenquadra-lo, permite reconstruir o tempo estilhaçado. O tempo torna-se orientado, finalizado” (Dumais, 2002 apud Mendonça, 2015, p. 77).

Em suas críticas à sociedade moderna, que inventou o tempo mas nunca parece tê-lo suficiente, Tolentino argumenta que, “como não temos diante de nós os séculos, renunciemos à audácia de viver plenamente o breve instante” (Mendonça, 2017, p. 18). Refletindo sobre um verso de Fernando Pessoa, ele nos propõe uma questão retórica: “sem disponibilidade para o gratuito, sem valorização da contemplação, sem oportunidade para o assombro que escancara a vida ou para o deslumbre que é o seu deleite, que altura real podemos medir?” (Mendonça, 2017, p. 30).

Por fim, diante da sensação de falha em nossas escolhas e do conflito interno que isso pode gerar, Tolentino pergunta: “O que dá sentido à vida?” (Mendonça, 2017, p. 25). Ele conclui que o sentido não reside no que fazemos, mas em “perceber que somos servos daquele que virá, que o momento mais importante não é este presente apenas, este instante encerrado em si, mas sim o tempo atravessado pela tensão de um futuro maior” (Mendonça, 2017, p. 25).

4.4.2. A arte da lentidão

As reflexões de Tolentino são marcadas por uma espécie de desaceleração. Em uma sociedade apressada, que, em sua correria, afirma não ter *tempo a perder*, o Cardeal propõe: “TALVEZ PRECISEMOS voltar a essa arte tão humana que é a lentidão” (Mendonça, 2017, p. 19). A sociedade contemporânea vive pressionada por resultados, com a sensação de que as perguntas retardam o andamento da vida. O efeito disso é que “damos por nós ofegantes, fazendo por fazer, atropelados por agendas e jornadas sucessivas que nos fazem sentir que já amanhecemos atrasados” (Mendonça, 2017, p. 20).

Em suas obras, Tolentino recorre ao escritor Milan Kundera (1929-2023), autor de *A Lentidão*, que discute a dificuldade da sociedade em apreender o real diante da velocidade do mundo moderno. Kundera afirma: “Quando as coisas acontecem depressa demais, ninguém pode ter certeza de nada, de coisa nenhuma, nem de si mesmo” (Kundera, 2011 apud Mendonça, 2017, p. 20). Tolentino conclui que a lentidão está para a memória como a pressa está para o esquecimento, refletindo que “passamos pelas coisas sem as habitar, falamos com os outros sem os ouvir, juntamos informação que nunca chegamos a aprofundar” (Mendonça, 2017, p. 20). A síntese final é de que “na verdade, a velocidade com que vivemos impede-nos de viver” (Mendonça, 2017, p. 20).

Tolentino compreende que, diante de uma sociedade acelerada, a alternativa é resgatar a relação com o tempo, o que ele considera uma necessidade. Aponta que “[...] necessitamos de uma lentidão que nos proteja das precipitações mecânicas, dos gestos cegamente compulsivos, das palavras repetidas e banais” (Mendonça, 2017, p. 21). Para o poeta, o ser humano só conseguirá “[...] reaprender o aqui e o agora da presença” (Mendonça, 2017, p. 20) por meio da arte da lentidão diluída em suas ações. Ele reconhece que “mesmo que a lentidão tenha perdido o estatuto nas nossas sociedades modernas e ocidentais, ela continua a ser um antídoto contra a rasura normalizadora” (Mendonça, 2017, p. 21). Tolentino considera “bem-aventuradas as famílias que cultivam uma arte da lentidão” (Mendonça, 2017, p. 86), pois a pressa, característica de uma sociedade orientada exclusivamente para resultados, desumaniza o indivíduo.

Em meio à aceleração da vida cotidiana, Tolentino nos recorda da *arte de esperar*, reconhecendo que “a nossa cultura, que mitifica (ingenuamente) a eficácia e o utilitarismo, há muito cancelou o valor da espera” (Mendonça, 2017, p. 34). O Cardeal sugere a seguinte reflexão:

Precisaríamos talvez dizer a nós próprios e uns aos outros que esperar não é necessariamente uma perda de tempo. Muitas vezes é o contrário. É reconhecer o seu tempo, o tempo necessário para ser; é tomar o tempo para si, como lugar de maturação, como oportunidade reencontrada; é perceber o tempo não apenas como enquadramento do sentido, mas como formulação em si mesma significativa (Mendonça, 2017, p. 35).

A vida, para Tolentino, é um processo de construção artesanal, *completamente artesanal*, como ele afirma, pois “não é possível reproduzi-la em série, nem encontrá-la feita noutro lado” (Mendonça, 2017, p. 35). Ele compara a vida à obra de um oleiro que, para produzir um vaso satisfatório, precisa criar duzentos apenas para aperfeiçoar seu gesto e sua habilidade (Mendonça, 2017, p. 35).

Diante da pressão do tempo, Tolentino observa que frequentemente respondemos com *pessimismo*, uma reação facilitada. Em resposta a essa realidade, ele propõe a *arte da alegria*, algo

que deve ser aprendido. A partir da definição de *homo faber*, “[...] o artesão, o fabricante, aquele que se realiza na ação” (Mendonça, 2017, p. 55), Tolentino esclarece que, sem a presença da alegria, essa ação se transforma em simples “ativismo”. Ele explica:

Bem-aventurados aqueles que vivem uma história e a podem contar. Bem-aventurados os que cultivam flores, mas param também diante delas, disponíveis e extasiados. O pior que pode acontecer é investir numa vida altamente produtiva, mas que perdeu a capacidade de espanto, a possibilidade da delícia. Ora, a alegria não nos vem quando interrompemos a vida: a alegria nasce quando pegamos num dos seus fios, seja ele qual for, e somos capazes de levá-lo criativamente ao seu momento culminante (Mendonça, 2017, p. 55).

No contexto das grandes transformações sociais, Tolentino reflete sobre o processo de adaptação das sociedades orais à escrita, comparando-o à transição para a era eletrônica. Ele critica o fato de que “a maior parte do conhecimento que produzimos está infelizmente desligado da experiência” (Mendonça, 2017, p. 59). Essa urgência, imposta pela busca por eficácia, coloca em risco aspectos fundamentais da vida humana. Tolentino destaca que “uma das coisas que nos arriscamos a perder é, assim, o distanciamento, a margem de tempo e a de liberdade tão necessárias à ponderação” (Mendonça, 2017, p. 60).

Em suas reflexões sobre a gestão do tempo, Tolentino louva “bem-aventuradas as famílias que não deitam fora a caixa dos brinquedos” (Mendonça, 2017, p. 88). Embora o descarte dos brinquedos seja uma etapa natural do crescimento, inicialmente, parece trazer alívio, mas logo se percebe a ausência do lúdico, essencial ao ser humano. Nessa *caixa de brinquedos*, encontram-se “[...] a arte de fazer tempo, de perdê-lo para que se torne mais nosso, permitindo a imaginação, o sentido lúdico, a alegria” (Mendonça, 2017, p. 89).

O livro *Um Deus que dança* de Tolentino é dividido em duas partes: *Livro das pausas* e *Livro dos andamentos*. A primeira parte é composta por orações numeradas como Pausa I, Pausa II, Pausa III, e assim por diante, enquanto a segunda traz o movimento de uma caminhada mais compassada. Em um momento, ele nos desafia com a oração: “Que não nos ocultemos no cômodo casulo da indiferença ou da mera correção. Nem nos esgotemos nos corredores desolados das pressões e da pressa” (Mendonça, 2016, p. 90). Essa alternância entre pausas e andamentos exemplifica a desaceleração presente em seu pensamento.

Tolentino reconhece que o repouso provoca resistência no ser humano, pois associamos o movimento à sensação de completar o tempo, mantendo-nos ocupados. Contudo, ele afirma que “aprender a repousar é também aprender a libertar-se do imediatismo das nossas expectativas e dos nossos desejos demasiados idealizados. Deus não tem expectativas. Repousar (e rezar, e viver...) é dizer no fundo do seu coração: ‘Estou aqui à espera de nada’” (Mendonça, 2017, p. 13).

Em resposta ao imediatismo da sociedade, Tolentino nos instiga a *habitar* as perguntas que nos são feitas, com base no conselho de Plutarco de evitar respostas precipitadas. Ele argumenta que “ganhamos muito em esperar, prestando uma atenção vigilante ao que nos está a ser realmente dito e que facilmente nos escapa na audição inicial” (Mendonça, 2017, p. 16). O tempo necessário para uma resposta depende da relevância da questão: “quanto mais importante for a pergunta, mais tempo precisamos de habitá-la” (Mendonça, 2017, p. 16).

Tolentino, também reflete sobre o *espanto*, uma virtude que, para Adorno, é “um longo e inocente olhar sobre o objeto” (Adorno, apud Mendonça, 2017, p. 20). Em um tempo de olhares rápidos e utilitários, ele lamenta a perda da arte do *longo olhar*, um olhar capaz de encontrar significado nas coisas ao nosso redor, em contraste com o tempo em que vivemos “[...] num tempo que nos programa para olhares breves, relances, observações fugidias e utilitárias” (Mendonça, 2017, p. 20).

Em uma oração, Tolentino revela o incômodo gerado pela pergunta: *Que fazes do teu tempo?* Ele admite que sua vida “[...] assemelha-se mais a uma corrida para o fim do que a uma sementeira” (Mendonça, 2020, p. 51) e pede a Deus sabedoria para administrar seu tempo de maneira equilibrada: “ajuda-me a realizar o meu trabalho e o meu lazer, o meu esforço e a minha pausa, como tempos de dádiva e de encontro” (Mendonça, 2020, p. 51). Ele conclui sua oração pedindo que o tempo seja vivido não apenas como uma passagem, mas como “[...] circulação de entusiasmo e afeto, circulação de vida, oportunidade oferecida à esperança, humilde hospitalidade aberta ao infinito” (Mendonça, 2020, p. 51).

Tolentino reconhece que a dificuldade humana de *estar quieto num lugar* é uma manifestação de nossa *doença do tempo*, em que sentimos a necessidade de “[...] viver sete vidas num dia só, ofegantes, ansiosos, descontraídos e meio insones” (Mendonça, 2013, p. 208). Ele alerta para a presença de *ladrões do tempo*, que, embora externos, são superados pelos problemas internos que nos impedem de viver com mais consciência. Ele aponta as *prioridades confusas*, a *incapacidade de traçar planos*, e os vícios do *ativismo* e do *perfeccionismo* como principais responsáveis pela perda de tempo (Mendonça, 2013, p. 209).

A aprendizagem do repouso, do ritmo adequado à vida, não ocorre de maneira repentina. Tolentino defende que “precisamos aprender a racionalizar e a simplificar, sobretudo as tarefas que se podem prever ou se repetem. E ganhar assim tempo para redescobrir aqueles prazeres simples que só a lentidão e o silêncio nos fazem acender” (Mendonça, 2013, p. 210). Em *O pequeno caminho das grandes perguntas*, Tolentino explica que “O TEMPO CONSTITUI FUNDAMENTALMENTE uma espécie de coreografia interior” (Mendonça, 2017, p. 159), e que a

vida exige ser escutada repetidamente, com atenção renovada. Ele interpreta a passagem do Evangelho de Marcos, *Passemos para a outra margem*, não como uma mudança geográfica, mas como uma mudança no modo de viver a vida: “às vezes tudo o que nos falta é habitar a nossa vida de outro modo. É simplesmente caminhar com outro passo pelos caminhos que já fazemos todos os dias. É abrir a cotidiana janela, mas devagar, tendo consciência de que a abrimos” (Mendonça, 2017, p. 159).

4.5 VULNERABILIDADE E FRAGILIDADE

*A vida muda de cor, ressoa dentro de nós
e é quase um farrapo
sem diques para opor
à desventura que nos arrasta
na sucessão de perdas, desacordos e fracassos
a noite muito perto, como que ampliada
a noite onde se despenham as formas
que interrogam o mundo
sem qualquer poder de consolação
uma fadiga geológica que nos fita
num ponto da cabeça, no oco dessa dobra
(José Tolentino Mendonça)*

O tema da vulnerabilidade será abordado em três seções distintas. Na primeira, será realizada uma análise aprofundada de um artigo de José Tolentino Mendonça, no qual o autor examina o uso da expressão *vulnerabilidade* à luz de duas encíclicas do Papa Francisco. Tolentino investiga o significado e as implicações desse termo, contextualizando-o dentro do pensamento Papal. No segundo bloco, será analisado um artigo que parte da reflexão sobre o texto bíblico de 1 Coríntios 1,25, com o objetivo de discutir a vulnerabilidade de Deus, explorando a tensão entre força e fraqueza na teologia cristã. Finalmente, na última seção, será apresentada a maneira como Tolentino aborda a fragilidade humana, refletindo sobre como a vulnerabilidade se manifesta nas relações humanas e no próprio contexto espiritual em seus escritos.

4.5.1. Sobre o uso do termo vulnerabilidade

Em 2021, José Tolentino Mendonça publica um artigo na Revista da Faculdade de Direito de Lisboa, intitulado *Sobre o Uso do Termo Vulnerabilidade*, no qual analisa a utilização do termo no discurso público contemporâneo, recorrendo a duas encíclicas do Papa Francisco — *Laudato Si'* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020).

O autor inicia questionando se a palavra *vulnerabilidade* ainda é um conceito instável. Sendo um termo recente, ausente no latim e com surgimento nas línguas modernas apenas entre os séculos XIX e XX, Tolentino sugere que, antes de se consolidar como vocábulo, *vulnerabilidade* descrevia primeiramente uma experiência, aplicando-se a casos concretos, como os chamados *vulneráveis* e as *feridas* associadas, e só mais recentemente passou a ser conceituada e gradualmente fixada (Mendonça, 2021, p. 72).

O autor apresenta duas críticas centrais ao uso do termo *vulnerabilidade*, especialmente em contextos sociais e de políticas públicas. A primeira crítica aponta que a palavra pode acarretar *efeitos estigmatizantes*, pois ao ser aplicada, pode reduzir o indivíduo à sua condição de vulnerabilidade, ignorando sua identidade, dignidade e potencial (Mendonça, 2021, p. 72). A segunda crítica refere-se à imprecisão do termo, que, conforme a análise de Elena Cariotti, seria excessivamente amplo, tornando-se inútil para responder às necessidades concretas de grupos específicos, dentro de contextos determinados (Cariotti, 2018 apud Mendonça, 2021, p. 72-73). Dessa forma, a vulnerabilidade, enquanto termo genérico, poderia não oferecer soluções adequadas para realidades distintas.

Tolentino, ao realizar uma pesquisa lexicográfica sobre as duas encíclicas mencionadas, confirma a indeterminação do termo, observando, contudo, que as encíclicas também abrem “[...] perspectivas de evolução que devem ser ponderadas” (Mendonça, 2021, p. 73). Em sua análise, Tolentino revela sua incompreensão inicial sobre a relação entre a *evangelização* e a *Amazônia*, mas ao publicar *Laudato Si’* em 2015, o Papa Francisco retorna às raízes do problema ecológico, e Tolentino confessa: “percorri um caminho de conversão, de compreensão do problema ecológico” (Mendonça, 2021, p. 73). Ele admite a falta de conhecimento sobre o tema, mas, posteriormente, busca o auxílio de pesquisadores para aprofundar a questão. Esse processo de conversão, que Tolentino relata, reflete uma proposta do Papa Francisco contida na *Laudato Si’*, que ultrapassa a dimensão pragmática e propõe uma mudança de perspectiva: “trata-se de ultrapassar o modelo de pensamento antropocêntrico e compreender que tudo na criação está em relação sistêmica. A situação do ser humano não pode ser perspectivada sem considerar a vulnerabilidade do planeta” (Mendonça, 2021, p. 74).

Tolentino destaca que, ao analisar as patologias do presente, seria razoável esperar que o termo *vulnerabilidade* fosse frequentemente utilizado, mas observa que, na realidade, “[...] o campo semântico da vulnerabilidade está amplamente representado, seja na recorrência dos termos ‘débeis/debilidade’ (18x), ‘ferido/feridos’ (6x), ‘frágil/frágeis/fragilidade’ (15x) e, sobretudo, ‘pobre(s)/pobreza’ (58x). ‘Vulnerabilidade’, no entanto, não aparece” (Mendonça, 2021, p. 74). A

única exceção ocorre em uma citação de um documento dos bispos norte-americanos, que afirma: “como disseram os bispos dos Estados Unidos, é oportuno concentrar-se 'especialmente sobre as necessidades dos pobres, fracos e vulneráveis, num debate muitas vezes dominado pelos interesses mais poderosos’”⁷³.

Em 2020, no auge da pandemia de COVID-19, o Papa Francisco publica *Fratelli Tutti*, uma encíclica social que aborda temas centrais da Doutrina Social da Igreja, como *os direitos da pessoa humana, a construção da justiça e da paz e a condenação do racismo*. Nessa encíclica, o campo semântico da vulnerabilidade também se faz presente, com registros lexicográficos semelhantes aos de *Laudato Si'*: “débeis/debilidade” (21x), “ferido(s)/ferida(s)” (35x), “frágil/frágeis” (16x), “pobre/pobreza” (57x) (Mendonça, 2021, p. 75). A diferença é que, em *Fratelli Tutti*, o termo *vulneráveis* aparece três vezes, e *vulnerabilidade*, uma vez.

José Tolentino Mendonça conclui seu artigo refletindo sobre o uso do termo *vulnerabilidade* à luz da pandemia de COVID-19. Ele observa que a crise sanitária global trouxe à tona a noção de vulnerabilidade, despertando uma nova consciência sobre a interdependência das comunidades globais. O Papa Francisco, em suas declarações, afirma que a pandemia *desmascara a nossa vulnerabilidade* e expõe as *falsas seguranças supérfluas* que orientavam os projetos e prioridades humanas.

Tolentino ressalta um momento simbólico em que o Papa Francisco abordou a vulnerabilidade enquanto estava na praça de São Pedro vazia, destacando que “o Papa Francisco ousou aí habitar a vulnerabilidade. Não ficou a falar da vulnerabilidade do mundo, como se estivesse isento dela. Na medida em que aceitou expor-se como mais um, emergiu como uma capacidade simbólica de representar a todos” (Mendonça, 2021, p. 75-76). Essa postura universaliza a percepção de vulnerabilidade, e Tolentino argumenta que “a pandemia implodiu fronteiras geográficas, políticas, econômicas e obrigou-nos a pensar a partir de referentes de totalidade. É verdade que a vulnerabilidade é, antes de tudo, a nossa condição ontológica” (Mendonça, 2021, p. 76).

4.5.2. A fragilidade de Deus

*A própria visão cristã de Deus
como que nos apresenta um
Deus inútil, um Deus revelado
no extremo do abandono e da*

⁷³ FRANCESCO, *Lettera Enciclica Laudato Si'*, n. 52.

Em 2015, José Tolentino Mendonça publica na revista *Didaskalia* o artigo intitulado *A fragilidade de Deus: notas sobre um paradoxo paulino (1 Cor 1,25)*. De acordo com Tolentino, o texto é desconcertante, incitando o leitor a refletir sobre questões profundas. O autor recorre ao teólogo Gordon Donald Fee, que, por sua vez, destaca: “Difícilmente podemos conceber uma passagem mais importante — ou mais difícil — do que esta para a Igreja de hoje” (Fee, 1987 apud Mendonça, 2015, p. 131).

Tolentino observa que algumas versões bíblicas, em suas traduções, tentam suavizar ou evitar expressões presentes no versículo, como *loucura de Deus* e *fraqueza de Deus*. “A verdade, porém, é que a literalidade de 1 Cor 1,25 levanta muitas e perturbadoras questões” (Mendonça, 2015, p. 132). O comentário de Teodoro de Ancira, datado do século V, é um dos mais significativos sobre esse trecho. Inicialmente, ele questiona como Deus poderia ser descrito como frágil e o que tal fragilidade significaria, para, em seguida, afirmar que Deus é frágil por ter assumido a fragilidade da humanidade sobre si (Mendonça, 2015, p. 132).

Embora existam respostas como a de Teodoro, Tolentino destaca que, ao se deparar com o texto, continuam a surgir questões. Ele desenvolve sua reflexão em três pontos. O primeiro questiona: *é possível isolar 1 Cor 1,25?* Tolentino argumenta que é necessário compreender este versículo dentro do contexto da seção que vai de 1 Cor 1,18 a 3,29. “É importante também notar que 1 Cor 1,25 faz parte de uma subseção formada por 1,18-25, que trata da loucura e da fraqueza da cruz como sabedoria e força de Deus” (Mendonça, 2015, p. 133). A crucificação do Messias insere-se em um contexto de escândalo, mas “introduz uma novidade decisiva no discurso: a cruz não é um absurdo, mas uma linguagem de ruptura que reinaugura a revelação de Deus” (Mendonça, 2015, p. 133). Tolentino reconhece que 1 Cor 1,25 possui certa autonomia, mas também vê nela uma expressão da linguagem paradoxal que permeia toda a seção, intensificada a ponto de representar uma etapa distinta dentro dessa lógica (Mendonça, 2015, p. 134).

A segunda abordagem de Tolentino trata da *Tradução e caracterização de 1 Cor 1,25*. Segundo Tolentino, Paulo não utiliza substantivos conhecidos como *loucura* e *fraqueza*, mas adjetivos como *louco* e *frágil*. Com o auxílio dos tradutores Richard B. Hays e Joseph A. Fitzmyer, ele propõe a seguinte tradução: “Na verdade, *isto que é louco* em Deus tem mais sabedoria do que os seres humanos, e *isto que é frágil* em Deus tem mais força do que os seres humanos” (Mendonça, 2015, p. 134). Nesse contexto, ao afirmar a fragilidade de Deus, Paulo, de forma paradoxal, está também afirmando Sua força. A crucificação, que resultava em uma *punição*

extrema, era vista como um castigo exemplar para os que desafiavam Roma e seus poderes. Porém, “[...] Paulo afirma em 1 Cor 1,25 que, precisamente na crucificação de Jesus, Deus triunfa sobre todos esses poderes e sistemas do mundo” (Mendonça, 2015, p. 136).

Na última parte, Tolentino levanta um novo questionamento: *em que sentido se pode falar da fragilidade de Deus?* Aqui, ele formula duas questões cruciais para refletir sobre o texto:

- 1) Como Paulo chega a esse arriscado tópico da fragilidade de Deus?
- 2) A fragilidade de Deus é realmente abordada por Paulo neste versículo ou ela serve como um elemento puramente instrumental no desenvolvimento argumentativo de outra questão mais consonante com a teologia tradicional (como, por exemplo, a questão da potência de Deus)? (Mendonça, 2015, p. 136-137).

Ao refletir sobre a primeira pergunta, Tolentino conclui que Paulo não recorre a termos convencionais da Bíblia para tratar de tais conceitos, pois tanto *loucura* quanto *fraqueza* são atribuídos aos seres humanos, associando-os às características dos ímpios e dos inúteis. Apoiado na interpretação de Maria Teresa Giordano, que analisa toda a seção, Tolentino defende que Paulo elabora esse princípio por meio de um *princípio de inferência*, chegando à conclusão de que:

Em Cristo crucificado, a assunção das qualidades dos derrotados, bem como da loucura e da fraqueza tidas como absurdas pelos homens, resulta, no entanto, enquanto expressão condensada do agir divino e contra todo juízo humano de exclusão, na afirmação do projeto vencedor e da lógica vitoriosa do Pai, sabedoria e força insuperáveis (Giordano, 2010 apud Mendonça, 2021, p. 137).

A segunda pergunta, mais complexa, aborda a afirmação de Paulo sobre a fragilidade de Deus. Tolentino argumenta que Paulo não está afirmando que Deus seja realmente *louco* ou *fraco*, pois isso seria incompatível com o pensamento de Paulo em seus escritos. Contudo, tal afirmação torna-se lógica quando se considera o raciocínio de Paulo, que vai além do argumento *lógico e sistemático* e utiliza uma linguagem emocional e paradoxal (Mendonça, 2015, p. 137). O que Paulo expressa não é a insuficiência de Deus, mas um paradoxo ardente, onde o *louco* e o *frágil* são signos de uma realidade inaudita. O evento da crucificação relança a revelação de Deus em novos moldes. Em outras palavras, a busca humana por Deus é agora reorientada, vendo no Cristo crucificado o *critério definitivo*. A assunção da fragilidade por parte de Deus, no mistério pascal de Jesus Cristo, torna-se o paradigma para todo o percurso humano de sabedoria (Mendonça, 2015, p. 138).

Tolentino conclui que o tema da fragilidade de Deus, além de nos surpreender, tem um efeito purificador, pois não só desmantela radicalmente o quadro convencional dos valores

dominantes, mas também oferece uma nova hermenêutica para a abordagem do mundo e da existência (Mendonça, 2015, p. 138).

4.5.3. *A fragilidade humana*

*Quando nos parece haver perdido tudo
a vida mantém a sua condição de sulco
mesmo quando parece prostrada
não deixa de ser descontínua
visitada, iminente
pronta a desencadear-se
esperando o resto que pode levantar-se
(José Tolentino Mendonça)*

No livro *Nenhum caminho será longo*, Tolentino reflete sobre o valor da amizade e dedica um tópico, intitulado *Amar a imperfeição*, que já foi abordado em outra oportunidade. De maneira sucinta, o autor afirma que aceitar a imperfeição presente nas relações de amizade nos humaniza. Sua reflexão parte do convite ao ser humano para perceber as coisas além das perfeições, ou seja, enxergar a fragilidade que permeia toda a condição humana. Tolentino escreve: “É verdade que as nossas fragilidades nos levam também a ver as nossas singularidades. E é o impacto da fragilidade em nós que mostra a nossa realidade mais profunda, mostra a vida de Deus e os seus vestígios” (Mendonça, 2013, p. 132).

Tolentino designa a nossa humanidade como uma *narração de Deus* e a considera como uma experiência libertadora, tanto do ponto de vista humano quanto espiritual, destacando a capacidade de agradecer a Deus. Nesse contexto, ele argumenta que “a nossa fragilidade dá a ver a força da sua compaixão. As ausências em que nos perdemos permitem que se revele ainda mais a sua amizade” (Mendonça, 2013, p. 134). Ele compara a amizade divina à postura de pais que aceitam seus filhos como são, conhecendo suas vulnerabilidades, e acrescenta que “nada há em nós que lhe seja desconhecido ou indiferente: interrupções e recomeços, frustrações e desafios, turbulências ou tempos de paz” (Mendonça, 2013, p. 134).

Ao abordar o tema da alegria, Tolentino faz referência a uma poesia de Khalil Gibran, na qual a alegria e a tristeza se olham de maneira conjunta. O autor compreende a alegria como uma espécie de balança, onde não é possível evitar suas oscilações. Ele a descreve como um dom frágil, frequentemente interligado à dor e ao sofrimento, mas afirma: “muitas vezes, é a dor que escava em nós profundidades que, depois, a alegria vai encher” (Mendonça, 2013, p. 141).

Tolentino propõe que aqueles que amam são, de certa forma, mais vulneráveis. O ser humano, muitas vezes isolado em seu próprio círculo, precisa romper essas barreiras para permitir a

alteridade. Em suas palavras, *O amor é quando a gente mora um no outro* (Mário Quintana). Refletindo sobre essa ideia, Tolentino conclui que “os que amam são, de certa maneira, mais vulneráveis” (Mendonça, 2014, p. 37), pois “o amor expõe-nos também com maior intensidade aos sofrimentos” (Mendonça, 2014, p. 38). Ao se envolver com a vida gerada pelo amor, o ser humano se depara com uma *enigmática dialética*, que Tolentino descreve como “[...] a sua estupenda vitalidade e a sua letalidade terrível” (Mendonça, 2014, p. 38).

A partir de uma cena de filme, em que uma mulher, carregando sacolas pesadas, faz pausas para trocar as sacolas de mãos, Tolentino reflete que “quando trocamos o peso que as mãos sustentam na viagem, concedemos às mãos exaustas a possibilidade de reinventar estratégias que lhes permitam persistir, e criamos assim a oportunidade para que se reencontrem” (Mendonça, 2014, p. 77). O ser humano, em sua ilusão de onipotência, eventualmente se depara com sua própria vulnerabilidade, o que o leva a reconhecer seus limites. Como afirma Tolentino:

A bem dizer, não há quem não faça a experiência da vulnerabilidade. Não há quem não sinta, a certo momento, que a porção ou a forma da existência que lhe coube é demasiado pesada para as forças que tem; que é capaz com facilidade de realizar umas coisas e outras não; que precisa de instantes para se refazer (Mendonça, 2014, p. 77).

Tolentino, ao analisar as obras de Cicely Saunders, médica e assistente social, destaca uma frase frequentemente repetida por ela: *temos de aprender*. Em suas reflexões sobre a mística do toque, ele propõe uma visão sobre o aprendizado relacionado à dor, afirmando que:

Temos de aprender a cuidar da dor e a minorá-la, mas não só com comprimidos: também com o coração, com a presença, com os gestos silenciosos, o respeito, com uma expectativa de coragem. Os doentes não estão à procura de indulgência. Temos de aprender a embalar a fragilidade, a dos outros e a nossa própria, ajudar cada um a reencontrar-se com as coisas e com as memórias certas, a não desesperar, a encontrar um fio de sentido no que está a viver, por ínfimo e trêmulo que seja. Temos de aprender a ser suporte, temos de querer eficiência técnica, mas também compaixão, temos de reconhecer o valor de um sorriso, ainda que imperfeito, em certas horas extremas. À beira do fim há sempre tanta coisa que começa (Mendonça, 2014, p. 81).

Tolentino enfatiza a importância de acolher a vulnerabilidade e reconhecer a dor, considerando o cuidado com o sofrimento uma condição essencial para compreender o sofrimento alheio. Ele escreve: “e, não o esqueçamos, quantas vezes a vulnerabilidade acolhida se torna a janela por onde entra a inesperada transparência da graça” (Mendonça, 2014, p. 103-104).

Tolentino transforma momentos de sua vida em orações. Em uma delas, relembra uma cena em que estava sentado aplicando remédios sobre suas feridas. Ao passar por ele um peregrino, comentou sobre a importância de conversar consigo próprio. Nesse momento, Tolentino refletiu

que, se não aceitasse suas próprias feridas e a jornada que percorreu, não seria possível encontrar a paz no caminho (Mendonça, 2016, p. 89). Sua oração se estende e, em um momento de profunda confiança, ele reza: “não permitas que o nosso espírito se feche no medo ou no ressentimento: ensina-nos que é possível olhar a noite não para dizer que pesa em todo lugar o escuro, mas que a qualquer momento uma luz se levantará” (Mendonça, 2016, p. 116).

Tolentino entende que a humanidade deve acolher a realidade da vida, com todas as suas incertezas, travessias e desafios. Ele reconhece o desejo utópico de uma vida perfeita, afirmando que: “por vezes, gostaríamos que ela fosse mais redonda, mais linear, não tivesse aquele solavanco, aquela ferida, não tivesse passado por aquele estremecimento, não incluísse este contraste” (Mendonça, 2017, p. 18). Aceitar essa realidade fugidia é uma oportunidade de crescimento.

Em muitos momentos, a humanidade abraça a dor, como Tolentino aponta: “[...] pomo-nos a expor feridas como quem exhibe condecorações” (Mendonça, 2017, p. 26). Isso pode refletir um certo prazer em comparar as próprias mazelas, mas a verdadeira virada acontece quando se aceita a vulnerabilidade comum a todos: “[...] quando aceitamos perceber que todos somos vulneráveis” (Mendonça, 2017, p. 26). Esse entendimento também implica reconhecer que, mesmo sendo vítima, o agressor também carrega sofrimento. Para Tolentino, a vulnerabilidade não é exclusiva de quem sofre, mas é importante reconhecer que “[...] naqueles que nos ferem (ou feriram) há também bloqueios, mazelas e opacos novos” (Mendonça, 2017, p. 26).

A vida está repleta de possibilidades de ferir-se, o que é uma expressão da fragilidade humana. Contudo, Tolentino afirma que essa vulnerabilidade não é um fim, mas um acontecimento que pode conduzir à redenção: “[...] descobriremos, no entanto, que através dela nos chega também o que nos redime, à maneira de uma dança em que a gravidade é vencida pela graça” (Mendonça, 2017, p. 34).

Tolentino convida o ser humano a reconhecer sua dor na dor de Jesus Cristo crucificado, compreendendo que, por meio de Seu sofrimento, Ele se solidarizou com a fragilidade humana. Assim, ele afirma: “não há nenhuma dor humana, nenhuma, que não tenha expressão nas dores de Cristo crucificado. Não há solidão humana, não há silêncio, atropelo, perseguição, violência ou tortura que não possam ser aproximados do intensíssimo sofrimento que Jesus provou” (Mendonça, 2017, p. 47). Essa realidade traz consigo a esperança, pois “[...] quando atravessamos o desabrigo do tempo, sabemos que ele está conosco” (Mendonça, 2017, p. 47).

Tolentino entende que Deus cura a dor humana ao conectá-la com algo maior, como exemplificado no Salmo 146 (147): *O Senhor sarou os corações dilacerados e ligou as suas feridas. Fixou o número das estrelas e deu a cada um o seu nome*. Ele observa: “não deixa de

espantar-me o movimento surpreendente que o poeta desenha: começa a falar de feridas e de repente já está a falar de estrelas” (Mendonça, 2017, p. 50). Para Tolentino, a fé inicia-se não na manifestação de força, mas na exposição radical da nossa fragilidade: “o ponto de partida da fé não é, portanto, uma manifestação de força, mas a radical exposição da nossa fragilidade” (Mendonça, 2017, p. 54).

Em o *Elogio da Sede*, Tolentino recorda um jogo de palavras da mística cristã — *O Deus onipotente é impassibilis, mas não incompassibilis* —, explicando que “[...] Deus não está sujeito à vulnerabilidade, mas abraça voluntariamente, e até o fim, a nossa vulnerabilidade por vontade da sua compaixão” (Mendonça, 2018, p. 124).

A compaixão, para Tolentino, envolve escuta, responsabilidade, solidariedade e a suspensão do julgamento sobre a vulnerabilidade do outro. Ele argumenta que a compaixão não é uma *simbiose*, mas uma presença que acolhe o sofrimento alheio: “sabemos que não nos cabe curar, mas que tão ou mais importante do que a cura é estarmos presentes” (Mendonça, 2017, p. 51).

Diante da paixão de Cristo, o questionamento de Jesus: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?* se torna central. Tolentino observa que a interrogação *onde está Deus?* surge nos momentos mais dramáticos da história da humanidade, e ele acrescenta: “quantas vezes o impacto devastador de um sofrimento que irrompe numa hora inesperada do caminho nos leva a repetir, em completo desamparo, essa interrogação!” (Mendonça, 2017, p. 56). Tolentino convida o ser humano, nesses momentos de sofrimento, a descobrir a presença de Deus.

Ao falar sobre a sede humana como uma expressão de vulnerabilidade, Tolentino reflete sobre o Salmo 42 e a busca incessante pela presença de Deus. Para ele, “[...] a ausência de Deus torna-se uma espécie de templo, pois ativa o desejo, a nostalgia, os gemidos, a procura. E a sede torna-se uma espécie de prece ininterrupta” (Mendonça, 2018, p. 51). Ele sugere que talvez seja necessário “[...] nos reconciliarmos melhor com a nossa vulnerabilidade” (Mendonça, 2018, p. 52), e que “abraçar a nossa vulnerabilidade é aceder ao desejo de ser reconhecido e tocado [...]” (Mendonça, 2018, p. 53).

Tolentino lembra as passagens paulinas que afirmam que “a força manifesta-se na fraqueza”, e que o ser humano deve reconhecer sua vulnerabilidade enquanto percorre o caminho espiritual. Ele escreve: “o caminho espiritual não nos impermeabiliza em nenhuma etapa em relação à vulnerabilidade, da qual temos de estar conscientes” (Mendonça, 2018, p. 97). Tolentino conclui que as dificuldades da vida estão sempre presentes, mas o que muda com o processo de maturação humana e espiritual é a forma como acolhemos essas dificuldades, com sabedoria e liberdade interior, desafiando determinismos (Mendonça, 2018, p. 98).

Para Tolentino, o sofrimento não impede a vivência de uma relação com Deus, sendo a humanidade, muitas vezes, limitada à superfície da existência quando se dedica à busca pela perfeição. De acordo com o autor, “o grande obstáculo a uma vida de Deus não é a fragilidade e a fraqueza, mas a dureza e a rigidez. Não é a vulnerabilidade e a humilhação, mas o seu contrário: o orgulho, a autossuficiência, a autojustificação, o isolamento, a violência, o delírio de poder” (Mendonça, 2018, p. 99).

Tolentino apresenta a periferia como um espaço de vulnerabilidade e exclusão, destacando Jesus como um *periférico*, que oferecia salvação e atuava no presente, promovendo a dignificação da vida de todos e a capacidade de reconciliar os marginalizados, sejam doentes, endemoninhados, pobres ou estrangeiros. Ele os descreve como “[...] esse coral de segregados das várias culturas inscritas naquele microterritório dos confins” (Mendonça, 2018, p. 131). De forma análoga, o autor se refere à Igreja, parafraseando Andrea Riccardi, ao afirmar que, para a Igreja, “a periferia não é um problema, mas um horizonte” (Mendonça, 2018, p. 133). Complementa dizendo que “a Igreja do século XXI será certamente mais periférica e desafiar-nos-á a descobrir que as periferias não são um vazio do religioso, mas são novos endereços de Deus” (Mendonça, 2018, p. 134).

Diante disso, Tolentino considera que é necessária uma conversão do coração e da visão da Igreja, para que esta não permaneça *autocentrada* e *autorreferencial*. Em sua reflexão como membro da Igreja, o autor afirma:

O que nos enfraquece não é, de fato, a escassez, mas a sobreabundância; não é a vulnerabilidade, mas o poder mal compreendido na sua finalidade; não é a frugalidade, mas sim o desperdício. O que nos enfraquece é não termos escutado até o fim o apelo que está por detrás da fome e da sede (Mendonça, 2018, p. 135).

Tolentino insiste na metáfora da fragilidade como força, comparando-a à fragilidade dos recém-nascidos, que é “[...] como estrutura fundante da vida” (Mendonça, 2020, p. 55). A fragilidade, segundo ele, é um meio para alcançar a reconciliação, e não um obstáculo; ela nos convida a compreender que “as nossas feridas não são obstáculo, são um apelo a vivermos a comunhão com Deus e com os outros” (Mendonça, 2020, p. 78). Em uma de suas orações, o autor expressa: “livra-nos da impotência, pois uma das coisas mais urgentes a aprender é o poder da nossa vulnerabilidade” (Mendonça, 2020, p. 101).

O livro *Rezar de olhos abertos* foi escrito durante a pandemia que causou a morte de milhares de pessoas em todo o mundo. Em determinado ponto da obra, Tolentino reflete sobre os caminhos necessários para o aprendizado da dor e afirma que ninguém se arrisca a dizer a alguém que sofre que a dor será útil. Ele menciona: “não apenas a dor física, mas sobretudo a outra, a dor

da fragilidade, a dor antiquíssima para a qual não temos palavras, a dor dos medos que nos mastigam, a dor do abandono primordial, a dor das nossas íntimas derrocadas” (Mendonça, 2020, p. 107). Por fim, o autor conclui: “seria preciso, talvez, começar por ver a dor não como um obstáculo, mas como um caminho” (Mendonça, 2020, p. 107).

4.5.4. Amar pela Fragilidade

Em *O que é amar um país*, José Tolentino Mendonça evoca em seu discurso o ensaio *O enraizamento (L'Enracinement)* de Simone Weil. Esse trecho do texto de Weil se encontra na segunda parte do livro, quando ela está fundamentando o desenraizamento, o qual, segundo ela, “se poderia chamar de geográfico, isto é, em relação às coletividades que correspondem aos territórios” (Weil, 2022, p. 123). O sentido de coletividade aqui é de nação: “só a nação desempenha o papel que constitui por excelência a missão da coletividade com relação ao ser humano, o que quer dizer assegurar por meio do presente uma ligação entre o passado e o porvir (Weil, 2020, p. 123). Ou seja, a nação desempenha um papel crucial em relação aos seres humanos, levando consigo a responsabilidade contínua entre o passado, o presente e o futuro. Isso implica que a nação tem um papel na preservação da história e da cultura, garantindo sua transmissão às gerações futuras. Weil discorre, ainda, em sua argumentação, que somente a nação possui a capacidade de cumprir essa missão de conectar passado e futuro. O texto no discurso de Tolentino se apresenta assim:

A pensadora Simone Weil, num instigante ensaio destinado a inspirar o renascimento da Europa sob os escombros da Segunda Guerra Mundial, de cujo o desfecho estamos agora a celebrar o 75º aniversário, escreveu o seguinte: um país pode ser amado por duas razões, e estas constituem, na verdade, dois amores distintos. Podemos amar um país idealmente, emoldurando-o para que permaneça fixo numa imagem de glória, e desejando que esta não se modifique jamais. Ou podemos amar um país como algo que, precisamente por estar colocado dentro da história, sujeito aos seus solavancos, está exposto a tantos riscos. São dois amores diferentes. Podemos amar pela força ou amar pela fragilidade. Mas, explica Simone Weil, quando é o reconhecimento da fragilidade a inflamar o nosso amor, a chama deste é muito mais pura (MENDONÇA, 2020, p.16-17).

No texto de Weil, lê-se:

Pode-se amar a França pela glória que parece assegurar-lhe uma larga existência no tempo e no espaço. Ou se pode amá-la como algo que, sendo terreno, pode ser destruído e cujo valor é ainda mais sensível.
São dois amores distintos; talvez, provavelmente, incompatíveis, embora a linguagem os misture. Aqueles cujos corações são levados a viver o segundo podem, por força do hábito, empregar a linguagem que só convém ao primeiro.
Só o segundo é legítimo para um cristão, pois ele tem a cor da humildade cristã. Só ele pertence à espécie de amor que se pode chamar de caridade (WEIL, 2022, p. 195).

A pandemia de COVID-19, contexto do discurso *O que é amar um país*, e a Segunda Guerra Mundial, contexto do ensaio *O enraizamento* de Simone Weil, representam dois períodos de crise global que, apesar de distantes em suas naturezas e causas, compartilham semelhanças em seus impactos sobre a sociedade e a condição humana. Na Segunda Guerra Mundial, a Europa enfrentou um abalo dos valores e estruturas sociais. Analogamente, a pandemia de COVID-19 expôs a vulnerabilidade das sociedades modernas: “abateu-se sobre nós uma imprevista tempestade global, que condicionou radicalmente as nossas vidas e cujas as consequências estamos ainda longe de mensurar” (Mendonça, 2020, p. 18).

José Tolentino Mendonça adapta o texto de Simone Weil em seu discurso para reforçar a mensagem sobre o amor pelo país em tempos de crise e fragilidade. Weil menciona a França e a possibilidade de sua destruição para valorizar o amor cristão, que reconhece a vulnerabilidade. Mendonça adapta essa ideia ao contexto português, destacando que o amor verdadeiro a um país se manifesta na aceitação de sua fragilidade, especialmente relevante no cenário pandêmico. Enquanto Weil se refere à França e às consequências da Segunda Guerra Mundial, Mendonça traz essa reflexão para Portugal, ligando-a à crise provocada pela pandemia de COVID-19 e a necessidade de um amor fraterno. Estas adaptações presentes no discurso no *Dia de Portugal* não trocam o sentido original do texto de Weil, mas contextualizam e ampliam suas ideias para se adequarem ao momento específico em que Portugal vivia em 2020.

A obra *O enraizamento* reflete sobre os riscos de destruição da civilização, ou seja, do desenraizamento. Mendonça, por sua vez, utiliza dois termos, que ele denomina de raízes: *compaixão* e *fraternidade*. Referindo-se à empatia pelos outros, respondendo às suas fragilidades, e também à atitude fraternal, criando laços de solidariedade e responsabilidade coletiva. Esses dois termos são utilizados por Weil. Para ela, “a compaixão pela fragilidade está sempre ligada ao amor pela verdadeira beleza, porque sentimos vivamente que as coisas verdadeiramente belas deveriam ter assegurada uma existência eterna e não a têm” (Weil, 2022, p. 195), ou seja, quando apreciamos algo verdadeiramente belo, não é apenas pela sua aparência, mas também pela sua natureza efêmera. Há uma sensação de que coisas verdadeiramente belas merecem durar para sempre. No entanto, a realidade é que elas não têm uma existência eterna. A fraternidade para Weil está ligada à ideia de união entre os seres humanos e à ideia de justiça: “A igualdade é uma exigência vital da alma humana. Ela consiste no reconhecimento público, geral, efetivo, realmente expresso pelas instituições e pelos costumes, de que a mesma quantidade de respeito e consideração é devida a todo ser humano, sem gradações” (Weil, 2022, p. 29).

Tolentino em *O que é amar um país*, apresenta um trecho da poesia de Camões presente no livro *Os Lusíadas*. O grande poeta português é, certamente, também um símbolo que reiteradamente tem servido ao propósito de construção da identidade lusitana. Basta notar que a data em que se comemora o *Dia de Portugal*, é o aniversário de sua morte, ocorrida em 10 de junho de 1580 (Bueno, 2018, p. 19). *Os Lusíadas*, termo que se refere aos lusitanos, é um poema que está dividido em 10 cantos, com 1102 oitavas. Camões e Vasco da Gama são os narradores principais das aventuras marítimas em busca de novas terras (Nascimento, 2016). O termo ‘raiz’ está presente na estância 79 do sexto canto. Abaixo, o trecho do poema:

*Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias indignadas!
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca para o Céu fossem viradas,
Nem as fundas areias, que pudessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem*

Os Lusíadas, de Camões, é usada metaforicamente para representar a jornada do país. A viagem dos marinheiros e a tempestade que enfrentam são paralelos às crises e desafios que a nação enfrenta ao longo do tempo. Camões é convocado não apenas como um poeta, mas como um símbolo cultural que carrega o peso da história, das tradições e da identidade nacional. A imagem das raízes arrancadas pela tempestade destaca a vulnerabilidade das raízes e, por extensão, das tradições e identidades nacionais. Essa imagem serve para lembrar que, apesar de profundas e fortes, as raízes também são suscetíveis a crises e mudanças. Tolentino, por sua vez, escreve: “as raízes, que julgamos inabaláveis, são também frágeis, sofrem os efeitos da turbulência da máquina do mundo” (Mendonça, 2020, p. 16).

Enquanto Camões usa a imagem da raiz principalmente para destacar a força e a vulnerabilidade frente às forças da natureza, Mendonça aplica essa vulnerabilidade às crises contemporâneas, como a pandemia. Simone Weil reflete sobre a diferença do amor idealizado e o amor pela fragilidade de um país, o qual, abraçar essa vulnerabilidade fortalece o amor pela nação. Tolentino amarra essas diferentes perspectivas, utilizando a metáfora da raiz para construir a ideia de comunidade, cuidado e identidade nacional portuguesa.

4.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO

O quarto capítulo *Sistematização das Ideias-Chave na obra de José Tolentino Mendonça*, abordou as principais ideias da obra de José Tolentino Mendonça, organizando-as em torno de temas centrais, como a teologia dos sentidos, a espiritualidade contemplativa e a interpretação do tempo, e sobre a vulnerabilidade e fragilidade humana. A análise enfatiza como a espiritualidade de Tolentino está intimamente relacionada à literatura e à experiência cotidiana, propondo uma conexão entre a oração e a vida diária. Elementos como o silêncio e a vulnerabilidade são destacados como fundamentais para entender sua abordagem teológica. A reflexão acessível e engajada de Tolentino sobre as crises contemporâneas, aliada à sua visão de espiritualidade como um compromisso ativo com a justiça social, evidencia a relevância de sua obra no diálogo entre fé e sociedade.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa, intitulada *Entre o Evangelho e a cultura: percurso intelectual de José Tolentino Mendonça*, analisa a intersecção entre literatura e teologia, evidenciando o impacto significativo e multifacetado do autor. A problematização inicial destacou a necessidade de uma investigação crítica sobre como a formação acadêmica de Tolentino influencia sua produção literária e teológica, além de ressaltar a relevância de sua obra diante das crises existenciais e sociais contemporâneas. Nesse sentido, questões centrais foram formuladas, permitindo um exame minucioso das contribuições de Tolentino, que abrangem desde a espiritualidade até o engajamento social.

Na busca de atingir os objetivos propostos, cada capítulo percorreu seu caminho, desde uma visão panorâmica da obra do autor, passando por suas bases teológico-literárias e identificando alguns aspectos centrais de seu pensamento.

O primeiro capítulo, dedicado ao mapeamento da obra de Mendonça, evidenciou a extensão e a importância de sua produção literária e acadêmica. A análise dos temas recorrentes e das influências que moldam sua escrita permitiu compreender a singularidade de sua obra, que consegue articular diferentes esferas do saber, incluindo a teologia e a literatura. Além disso, destacou-se a importância de sua figura tanto no meio acadêmico quanto na sociedade em geral. Nesse capítulo, foi possível extrair do pensamento de Tolentino uma reflexão sobre a linguagem, que, segundo ele, não é apenas um meio de comunicação, mas um conjunto de práticas sociais e culturais, capazes de moldar a compreensão e a intenção subjacente às palavras. O autor também ressalta que o texto bíblico não deve ser encarado apenas como um documento religioso, mas como uma obra literária, rica em estética e expressividade. A recepção integral do texto sagrado se dá pela leitura, visualização e contemplação, processos que inspiram a arte e a cultura, sendo um reflexo do caráter estético da própria Revelação. As narrativas bíblicas, compostas por diversos gêneros, ilustram a pluralidade da experiência humana. O mapeamento de suas principais obras abriu caminho para a análise de temas recorrentes e facilitou o desenvolvimento dos capítulos seguintes.

No segundo capítulo, uma abordagem lacunar foi adotada, permitindo ao leitor uma interação crítica com as ideias iniciais de Tolentino. Essa metodologia não só estimulou uma reflexão mais profunda, mas também proporcionou um espaço para que as experiências pessoais dos leitores se entrelaçassem com as reflexões do autor, enriquecendo a compreensão de sua obra. Ao analisar a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Tolentino, foi possível aproximar-se

de sua metodologia narrativa, na qual ele investiga as parábolas e as narrativas presentes no Evangelho de Lucas. Esse exame revelou dois elementos centrais do pensamento de Tolentino: o papel do leitor na interpretação do texto e o convite à interação com o texto através das indeterminações – ou seja, os espaços em branco deixados pelo autor. As indeterminações não estão apenas presentes nos textos que Tolentino analisa, mas também em seus próprios escritos, convidando o leitor a ser um complemento da obra. Em suas próprias palavras, Tolentino afirma: *o leitor constrói o Evangelho. O Evangelho constrói o leitor* (Mendonça, 2004, p. 230). Influenciado pelo pensamento de Paul Ricoeur, o autor desenvolve a ideia de que não é apenas o leitor que interpreta o texto, mas o próprio texto também faz uma leitura do leitor, à medida que este se abre para a obra.

No terceiro capítulo, a sistematização dos principais conceitos e ideias de Tolentino buscou criar um modo de explicitar algumas das principais linhas de força desenvolvidas pelo autor em sua abordagem dos desafios contemporâneos. Essa organização permitiu destacar as conexões entre espiritualidade e questões sociais, como o consumismo e a busca por justiça social, revelando o potencial transformador da fé na ação social. Tolentino propõe uma teologia do corpo, segundo a qual a espiritualidade é vivida através dos sentidos no cotidiano, e, parafraseando o autor, por meio da *mística do instante*. Essa espiritualidade, que denominamos em nossa pesquisa como espiritualidade contemplativa, é caracterizada pelo silêncio e pela teologia apofática, caracterizando-se pela busca do sagrado no cotidiano. Além disso, a oração, para Tolentino, vai além das palavras, sendo uma oração do ser, uma expressão mais profunda e essencial do indivíduo.

Outro aspecto fundamental na obra de Tolentino é a maneira como ele aborda o conceito de tempo, particularmente a ideia de lentidão, essencial em uma sociedade marcada pela aceleração. A pausa, em sua obra, emerge como um conceito central, especialmente quando a humanidade se vê confrontada por questionamentos profundos. Para o autor, é necessário que o ser humano não apresente respostas apressadas, mas que saiba habitar as perguntas. Outra chave interpretativa na obra de Tolentino é o conceito de vulnerabilidade, frequentemente abordado por ele, que associa a fragilidade humana a uma condição inerente à experiência humana. O reconhecimento dessa fragilidade, para Tolentino, pode gerar forças transformadoras.

Em síntese, esta dissertação não apenas mapeou o campo de estudos sobre José Tolentino Mendonça, mas também ressaltou a relevância de sua obra como um ponto de reflexão sobre a condição humana contemporânea. Através de uma análise crítica de suas contribuições, foi possível evidenciar como a literatura pode funcionar como uma ferramenta de exploração espiritual e resistência, fundamental para a construção de uma identidade coletiva que respeite a diversidade em

um mundo globalizado. Notou-se que a obra de Tolentino é, sobretudo, dialógica, falando para a Igreja Católica, mas ultrapassando barreiras confessionais e mesmo religiosas. Afirma-se, assim, que há, em Tolentino, uma teologia em diálogo com a Igreja, a academia e a sociedade, intercambiando temas e sempre buscando compreender a existência humana diante das crises concretas do tempo atual. Assim, o trabalho cumpre uma função de serviço à área, lançando questões e fornecendo materiais que podem ser utilizados em investigações futuras.

REFERÊNCIAS

OBRAS DE JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

MENDONÇA, José Tolentino. A construção de Jesus: a dinâmica narrativa de Lucas. São Paulo: Paulinas, 2018.

MENDONÇA, José Tolentino. A construção de Jesus: uma leitura narrativa de Lc 7,36-50. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2004.

MENDONÇA, José Tolentino. A fragilidade de Deus: Notas sobre um paradoxo Paulino (1 Cor 1,25). Revista Didaskalia XLV, II, pp. 131-138, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. A leitura infinita: a bíblia e a sua interpretação. São Paulo: Paulinas, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. A mística do instante: o tempo e a promessa. Prior Velho, Portugal: Paulinas, 2014.

MENDONÇA, José Tolentino. A noite abre meus olhos. 3ª edição. Porto, Portugal: Assírio & Alvim, 2014.

MENDONÇA, José Tolentino. A noite abre meus olhos. 5ª edição. Porto, Portugal: Assírio & Alvim, 2024.

MENDONÇA, José Tolentino. A Palavra representada: Escritura e estética. Theologica, 2ª série, 38,1, p. 41-53, 2003.

MENDONÇA, José Tolentino. A sexualidade na Bíblia: morfologia e trajectória. Theologica, 2ª série, 42, 2, p. 237-248, 2007.

MENDONÇA, José Tolentino. *A vida em nós*. Lisboa, Portugal: Quetzal, 2024.

MENDONÇA, José Tolentino. *Ammonire i peccatori. Dio non desiste da nessuno*. Portugal: EMI, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. *As estratégias do desejo — Corpo e identidades: um discurso bíblico*. Lisboa, Portugal: Edições Cotovia, 2003.

MENDONÇA, José Tolentino. *Bíblia e literatura: a reconstrução da evidência*. *Perspectiva Teológica*, 42, p. 171-186, 2010.

MENDONÇA, José Tolentino. *Chiamate in attesa*. Milano, Itália: Vita e Pensiero, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. *Corrigir os que erram*. Portugal: Paulinas, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. *Creio na nudez da minha vida – onde a mística e a literatura se encontram*. In: BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex (orgs.). *Teopoética: mística e poesia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Puc-Rio/Paulinas, 2020, pp. 21-34.

MENDONÇA, José Tolentino. *Die Kunst, zur eigenen Mitte zu finden. Glaube und Persönlichkeit*. Alemanha: Herder, 2012.

MENDONÇA, José Tolentino. *Elogi de la Set*. Espanha: Paulus, 2019

MENDONÇA, José Tolentino. *Elogio da Sede*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MENDONÇA, José Tolentino. *Elogio de la Sed*. Espanha: Paulus, 2019.

MENDONÇA, José Tolentino. *Elogio della sete*. Itália: Vita e Pensiero, 2018.

MENDONÇA, José Tolentino. *Encontrar y poseer el tesoro escondido. El arte de la búsqueda*. Espanha: Paulinas Editorial, 2011.

MENDONÇA, José Tolentino. Escuela del silencio. Bogotá, Colômbia: Tragaluz, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. Esperar contra toda a esperança. Lisboa, Portugal: UCP, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. Gesù. La sorpresa di un ritratto. Itália: San Paolo, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. Hacia una espiritualidad de los sentidos. Espanha: Fragmenta Editorial, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. Identidade e enigma: a interacção dos personagens na secção galilaica de Lucas. Didaskalia, XXXV, pp. 175-200, 2005.

MENDONÇA, José Tolentino. Il tesoro nascosto. Per un'arte della ricerca interiore. Itália: Paoline, 2011.

MENDONÇA, José Tolentino. Jesus and the woman: Revealing God's marcy. USA: Paulist Press, 2017.

MENDONÇA, José Tolentino. La construcción de Jesús: la sorpresa de un retrato. Espanha: Editorial Sal Terrae, 2017.

MENDONÇA, José Tolentino. La lettura infinita: La Bibbia e la sua interpretazione. Itália: San Paolo Edizioni, 2017.

MENDONÇA, José Tolentino. La mistica dell'istante. Itália: Vita e Pensiero, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. La notte apre i miei occhi. Itália: Edizioni ETS, 2006.

MENDONÇA, José Tolentino. Le temps et la promesse: pour une spiritualité de l'instant presente. França: Béatitudes, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. Liberiamo il tempo. Piccolo manuale sull'arte di vivere. Itália: EMI, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. *Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente*. São Paulo: Paulinas, 2017.

MENDONÇA, José Tolentino. *L'ippopotamo di Dio: Farsi domande vale più' che darsi rapide risposte*. Itália: Vaticana, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. *Metamorfose necessária: reler São Paulo*. Lisboa, Portugal: Quetzal, 2022,

MENDONÇA, José Tolentino. *Método pragmático de interpretação da Bíblia*. Didaskalia, XXVII, p. 137-146, 1997.

MENDONÇA, José Tolentino. *Nenhum caminho será longo: para uma teologia da amizade*. São Paulo: Paulinas, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. *Nessun cammino sarà lungo. Per una dell'amicizia*. Itália: Paoline, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. *Ningún camino sera largo*. Espanha: San Pablo, 2012.

MENDONÇA, José Tolentino. *Ningún camino será largo. Para una teología de la amistad*. México: Dabar, 2014.

MENDONÇA, José Tolentino. *No journey will be too long. Friendship in Christian life*. USA: Paulist Press, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. *Notre Père qui es sur la terre*. França: Novalis-Cerf, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. *O acto de ler como acto de justiça*. Didaskalia, XLI, p. 257-269, 2011.

MENDONÇA, José Tolentino. *O centro da terra*. Porto, Portugal: Assírio & Alvim, 2024.

MENDONÇA, José Tolentino. O estado do bosque. Porto, Portugal: Assírio & Alvim, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. O fascínio do constraste na narração lucana. Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n. 7/8, p. 281-287, 2005.

MENDONÇA, José Tolentino. O hipopótamo de Deus e outros textos. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2010.

MENDONÇA, José Tolentino. O outro que me torna justo: uma leitura pragmático-linguística da parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,0-14). Didaskalia, XXIV, p. 49-86, 1994.

MENDONÇA, José Tolentino. O pequeno caminho das grandes perguntas. Lisboa, Portugal: Quetzal, 2017.

MENDONÇA, José Tolentino. O que é amar um país: o poder da esperança. Lisboa, Portugal: Quetzal, 2020.

MENDONÇA, José Tolentino. O que resta de Deus. Didaskalia, XLIII, p. 285-293, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. O relato da experiência missionária nas cartas de Paulo. Estudos Bíblicos, LXXIV, p. 197-216, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. O tesouro escondido: para uma busca interior. São Paulo: Paulinas, 2012.

MENDONÇA, José Tolentino. Otce náš, jenž jsi na zemi. República Tcheca: Karmelitánské Nakladatelství, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. Our Father, Who Art on Earth: The Lord's Prayer for Believers and Unbelievers. USA: Paulist Press, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. Padre Nostro che sei in terra. Itália: Qiqajon, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. Padre Nuestro que estás na la tierra. El Padre nuestro para creyentes y no creyentes. Espanha: Paulinas Editorial, 2012.

MENDONÇA, José Tolentino. Pai Nosso que estais na terra: o Pai-Nosso aberto a crentes e não crentes. São Paulo: Paulinas, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. Pequeña teología de la lentitud. Barcelona: Fragmenta Editorial, 2017.

MENDONÇA, José Tolentino. Petit traité de l amitié. França: Salvator, 2014.

MENDONÇA, José Tolentino. Perdoar Helena. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2005.

MENDONÇA, José Tolentino. ¿Por qué el Nuevo Testamento habla de los poetas? Una lectura de Hechos, 17,28. Almogaren 69, p. 45-50, 2022.

MENDONÇA, José Tolentino. Přátelství je víc než láska. Na cestě k teologii přátelství. Republika Tchecha: Pórtal, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens. Portugal: Empresa Publishing, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: 10 perguntas para o pós-covid-19. Revista Expresso. Semanário #2477, 18/04/20.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: A amizade é uma pátria. Revista Expresso. Semanário #2485, 13/06/20.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: A amizade social. Revista Expresso. Semanário #2502, 10/10/20.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: À espera do Natal. Revista Expresso. Semanário #2355, 16/12/17.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: A esperança digna de espanto. Revista Expresso. Semanário #2411, 11/01/19.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: A interrupção. Revista Expresso. Semanário #2406, 07/12/18.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: A quaresma como terapia. Revista Expresso. Semanário #2251, 19/02/21.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: A solidão do Natal. Revista Expresso. Semanário #2460, 21/12/19.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: A solidão própria do Natal. Revista Expresso. Semanário #2408, 21/12/18.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: A vida cotidiana. Revista Expresso. Semanário #2452, 27/10/19.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Advento. Revista Expresso. Semanário #2510, 04/12/20.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Advento. Revista Expresso. Semanário #2562, 04/12/21.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Agora nasce Tu. Revista Expresso. Semanário #2617, 22/12/22.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Breve introdução à arte do abraço. Revista Expresso. Semanário #2256, 21/01/16.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Chegar a Fátima a pé. Revista Expresso. Semanário #2532, 07/05/21.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Contemplar o crucificado. Revista Expresso. Semanário #2319, 07/04/17.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Cuidar da esperança. Revista Expresso. Semanário #2342, 15/09/17.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Desembrulhar o Natal. Revista Expresso. Semanário #2302, 09/12/16.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Entrar na Semana Santa. Revista Expresso. Semanário #2580, 07/04/22.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Este sentimento oceânico. Revista Expresso. Semanário #2564, 18/12/21.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Não é uma mentira a primavera. Revista Expresso. Semanário #2474, 28/03/20.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: O advento e a indústria dos chocolates. Revista Expresso. Semanário #2301, 02/12/16.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: O futuro da ética: dos entreves à esperança? Revista Expresso. Semanário #2464, 17/01/20.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: O pouco que sabemos da esperança. Revista Expresso. Semanário #2379, 01/06/18.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: O verbo rezar. Revista Expresso. Semanário #2333, 15/07/17.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Os abraços não-dados. Revista Expresso. Semanário #2517, 22/01/21.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Redescobrir o poder da esperança. Revista Expresso. Semanário #2473, 22/03/20.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Somos analfabetos do silêncio. Revista Expresso. Semanário #2224, 12/06/15.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Tempo de quaresma. Revista Expresso. Semanário #2208, 20/02/15.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Uma educação pela sede. Revista Expresso. Semanário #2363, 09/02/18.

MENDONÇA, José Tolentino. Que coisas são as nuvens: Uma pergunta de Natal. Revista Expresso. Semanário #2356, 22/12/17.

MENDONÇA, José Tolentino. Radicalidade da vocação cristã e comunhão eclesial: Interpelações das comunidades paulinas. Didaskalia, XLV, p. 21-31, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. Retiro Aberto. *Para uma mística do quotidiano*. A sabedoria e o Tempo: a Arte da Esperança. Portugal: Mosteiro de Santa Maria, 2001.

MENDONÇA, José Tolentino. Rezar de olhos abertos. Lisboa, Portugal: Quetzal, 2020.

MENDONÇA, José Tolentino. Ser misericordiosos con los pecadores. Dios no se aparta de nadie. Espanha: San Pablo, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. Sobre o Uso do Termo Vulnerabilidade. Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, LXII, n. 1, Tomo 1, p. 71-76, 2021.

MENDONÇA, José Tolentino. The Hidden Treasure: The Art of Searching Within. Usa: Alba House, 2014.

MENDONÇA, José Tolentino. The reactivation of Paul: A critical dialogue on Giorgio Agamben. *Didaskalia*, XLI, p. 53,63, 2011.

MENDONÇA, José Tolentino. *Ukryty pokład. Umení duchovního hledání*. Republika Čecha: Paulínsky, 2012.

MENDONÇA, José Tolentino. *Um Deus que dança: itinerários para a oração*. São Paulo: Paulinas, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. *Vater unser auf Erden. Das Gebet Jesus für Glaubende und Zweifler*. Alemanha: Herder, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. *Vers una espiritualitat dels sentits*. Espanha: Fragmenta Editorial, 2016.

OBRAS DE JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA EM COAUTORIA COM OUTROS AUTORES

MENDONÇA, José Tolentino; SIZA, Álvaro. *A questão sobre Deus é o não saber explicar: uma conversa sobre arte, arquitetura e espiritualidade*. Portugal: Letras e Coisas, 2022.

MENDONÇA, José Tolentino; TAGLE, Luis Antonio. *As coisas podem mudar. Conferências de abertura e de encerramento do ano *Laudato Si'**. Lisboa, Portugal: UCP, 2022.

MENDONÇA, José Tolentino; DAVID', Ilda. *Bíblia Ilustrada. Vol. 1. Génesis - Levítico*. Trad. João Ferreira Annes d'Almeida. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2006.

MENDONÇA, José Tolentino; DAVID', Ilda. *Bíblia Ilustrada. Vol. 2. Números - Juízes*. Trad. João Ferreira Annes d'Almeida. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2006.

MENDONÇA, José Tolentino; DAVID', Ilda. Bíblia Ilustrada. Vol. 3. Rute - 2º Reis. Trad. João Ferreira Annes d'Almeida. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2007.

MENDONÇA, José Tolentino; DAVID', Ilda. Bíblia Ilustrada. Vol. 4. 1º Crônicas - Jó. Trad. João Ferreira Annes d'Almeida. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2007.

MENDONÇA, José Tolentino; DAVID', Ilda. Bíblia Ilustrada. Vol. 5. Salmos - Isaías. Trad. João Ferreira Annes d'Almeida. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2007.

MENDONÇA, José Tolentino; DAVID', Ilda. Bíblia Ilustrada. Vol. 6. Jeremias - Malaquias. Trad. João Ferreira Annes d'Almeida. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2007.

MENDONÇA, José Tolentino; DAVID', Ilda. Bíblia Ilustrada. Vol. 7. Mateus - Atos dos Apóstolos. Trad. João Ferreira Annes d'Almeida. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2007.

MENDONÇA, José Tolentino; DAVID', Ilda. Bíblia Ilustrada. Vol. 8. Romanos - Apocalipse. Trad. João Ferreira Annes d'Almeida. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2007.

MENDONÇA, José Tolentino; DAVID', Ilda. Histórias escolhidas da Bíblia. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2009.

MENDONÇA, José Tolentino; CONDADO, Filipe. Nos passos de Etty Hillesum. Portugal: Documenta, 2019.

MENDONÇA, José Tolentino; BELO, Duarte. Os rostos de Jesus: uma revelação. Lisboa, Portugal: Temas e Debates, 2009.

MENDONÇA, José Tolentino; DAVID' Ilda. Pentateuco. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2007.

OUTROS AUTORES

ADÃO, Francys Silvestrini. Sabedoria gastronômica: José Tolentino Mendonça e a gramática culinária humano-divina. São Paulo: Edições Loyola, 2024.

BIANCHI, Enzo. Apresentação. In: MENDONÇA, José Tolentino. Pai Nosso que estais na terra: o Pai-Nosso a crentes e não crentes. São Paulo: Paulinas, 2013b, p. 5-8.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Prefácio. In: MENDONÇA, José Tolentino. Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 9-12.

CAMÕES, Luís de. Os lusíadas. Organização, introdução e notas (Alexei Bueno). 2ª edição, revista e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CAPPELLI, Márcio. A Bíblia em devir: contribuições da estética da recepção e da epistemologia do rizoma aos estudos Bíblicos. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 370-383, 2019.

CAPPELLI, Márcio; VILLAS BOAS, Alex. A literatura como exercício espiritual em José Tolentino Mendonça. Revista Teoliterária, v. 13, n. 31, p. 96-117, 2023.

CAPPELLI, Márcio; VILLAS BOAS, Alex. A poesia de José Tolentino Mendonça como exercício espiritual: elementos para uma aproximação conceitual em sua obra. In: MANZATTO, Antônio; XAVIER, Donizete José (orgs.). Michel Henry e José Tolentino Tolentino na Teologia. São Paulo: Editora Recriar, 2024, p. 119-139.

CAPPELLI, Márcio. “Quando as palavras ganham febre”: entrevista com o Cardeal José Tolentino Mendonça. *Reflexão*, v. 49, e2412624, 2024.

[https://doi.org/ 10.24220/2447-6803v49a2024e2412624](https://doi.org/10.24220/2447-6803v49a2024e2412624)

CASTILLO, José María. *Jesus: a humanização de Deus. Ensaio de cristologia*. Petrópolis: Vozes, 2015.

ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FARIA, Paulo Antônio Couto. A mística do desencanto em José Tolentino Mendonça. Capítulo 4. Corporeidade dos místicos (as) do cotidiano 2. In: MORI, Geraldo (org.). Esses corpos que me habitam no sagrado do existir. São Paulo: Edições Loyola: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2022, pp. 125-142.

HONRADO, Alexandre. José Tolentino Mendonça. Da espiritualidade como ato poético (ou de como a poesia pode ser uma profunda alegria). Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n. 21, 2018, p. 431-441.

ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Vol. 1. São Paulo: 34, 1996.

ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Vol. 2. São Paulo: 34, 1999.

JEANROND, Werner G. Theology of love. New York, T&T Clark, 2010.

LISPECTOR, Clarice. A hora da Estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

MARTINS, José Carlos de Oliveira. Antropologia literária de José Tolentino de Mendonça: para uma poética da amizade na cultura pós-moderna. In: GREENFIELD, John; TOPA, Francisco. Textualidade e memória: permanência, rotura, controvérsia. Porto, 2018.

MORI, de Geraldo (org.) Esses corpos que me habitam no sagrado do existir. São Paulo: Edições Loyola, 2022.

NASCIMENTO, Robson Rafael de Oliveira. As leituras de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, como instrumento político-ideológico no Brasil dos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2016.

OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira. Prefácio. In: MENDONÇA, José Tolentino. A construção de Jesus: a dinâmica narrativa de Lucas. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 7-12.

OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira. Apresentação à edição brasileira. In: MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: a bíblia e a sua interpretação*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 7-15.

PREVEDELLO, Tatiana. O lugar do tempo na gênese lírica de José Tolentino Mendonça. *NAU LITERÁRIA*, v. 12, p. 18-34, 2017.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2013.

RADCLIFFE, Timothy. Apresentação. In: MENDONÇA, José Tolentino. *Nenhuma caminho será longo: para um teologia da amizade*. São Pauli: Paulinas, 2013, p. 9.

RODRIGUES, José da Cunha. *A mística do instante*, de José Tolentino Mendonça: uma leitura infinita em tempos pós-modernos. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa). Universidade Católica Portuguesa (UCP). Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Braga, 2017.

SANTOS, Ana Claudia Costa dos. Uma poética do corpo: análise de dois poemas de José Tolentino Mendonça. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras - UFC - ENTRELACES*. N.2, V.12, p. 62-73, 2022.

SIMPLICIO, Eliabe; ZEFERINO, Jefferson. A humanidade de Deus; uma aproximação entre José María Castillo e José Tolentino Mendonça. *Revista de Cultura Teológica*, n. 109, V. 33, Set - Dez, 2024, p. 67-87.

SCHÖKEL, Luis Alonso; BRAVO, José María. *Apuntes de hermenéutica*. Roma: Trotta, 1992.

SINNER, Rudolf von; ZEFERINO, Jefferson. *Teologia Pública: história, fundamentos e perspectivas*. Curitiba, PR: InterSaberes, 2024.

SOUSA, Marcelo Rebelo de. Apresentação. In: MENDONÇA, José Tolentino. *Nenhuma caminho será longo: para um teologia da amizade*. São Pauli: Paulinas, 2013, p. 7-9.

TEIXEIRA, Alfredo; MENDONÇA, José Tolentino (orgs.) *Desporto, Ética, Transcendência*. Porto, Portugal: Afrontamento, 2016.

TEIXEIRA, José Rui. Eutopia, distopia e outros deslocamentos da temporalidade em *Os dias contados* de José Tolentino Mendonça. In: BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex (orgs.). *Teopoética: mística e poesia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Puc-Rio/Paulinas, 2020, pp. 227-229.

WEIL, Simone. *O enraizamento: prelúdio a uma declaração de deveres com relação ao humano*. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2022.

APÊNDICE

Inventário das obras de José Tolentino Mendonça

O objetivo de incluir, ao final desta dissertação, um apêndice contendo tabelas é proporcionar ao leitor uma visão geral e contextualizada acerca dos escritos relacionados ao objeto de estudo — José Tolentino Mendonça —, permitindo uma compreensão mais aprofundada da produção crítica e literária associada ao autor. O mapeamento realizado buscou compilar um levantamento abrangente, embora não exaustivo, das principais fontes relacionadas à sua obra.

As tabelas a seguir apresentam um levantamento detalhado dos artigos e capítulos de livros dedicados à análise de Tolentino Mendonça, bem como dos artigos produzidos pelo próprio autor. Também estão inclusas as crônicas publicadas no Jornal Expresso, entre 9 de maio de 2014 e 5 de janeiro de 2023, com a devida indicação dos títulos, datas de publicação e números dos semanários. Além disso, a obra poética do autor, bem como outros escritos importantes, como ensaios, peças teatrais e textos de natureza teológica, também são mapeados.

Esse apêndice visa facilitar a consulta do leitor, caso haja interesse em localizar algum material específico, e ao mesmo tempo, demonstrar a extensão do corpus de fontes que foram consultadas durante o desenvolvimento da dissertação. Dessa forma, o mapeamento contribui para uma melhor compreensão do contexto em que a obra de José Tolentino Mendonça se insere, além de evidenciar a riqueza e a diversidade da produção que fundamenta este estudo.

Artigos e capítulos de livro publicados sobre José Tolentino Mendonça

Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO
1	José Tolentino Mendonça: “certas manhãs o pensamento do tempo encoraja o rosto”	Joaquim Pinheiro	2010
2	O lugar do tempo na Gênese lírica de José Tolentino Mendonça	Tatiana Prevedello	2016
3	Antropologia literária de José Tolentino Mendonça: para uma poética da amizade na cultura pós-moderna	José Cândido de Oliveira Martins	2018
4	José Tolentino Mendonça da espiritualidade como ato poético (Ou de como a poesia pode ser uma profunda alegria)	Alexandre Honrado	2018

5	O Verbo se fez poesia: a Revelação de Deus na abordagem poética de José Tolentino Mendonça	Pedro Rubens Ferreira Oliveira	2020
6	Eutopia, distopia e outros deslocamentos da temporalidade em <i>Os dias contados</i> de José Tolentino Mendonça	José Rui Teixeira	2020
7	Refúgio, exílio e hospitalidade em <i>Agora vai ser assim</i> , de Leonardo Tonus e <i>Teoria da fronteira</i> , de José Tolentino Mendonça	Keli Cristina Pacheco	2021
8	A mística do desencanto em José Tolentino Mendonça	Paulo Antônio Couto Faria	2022
9	A poética do silêncio e da sede de Deus em José Tolentino Mendonça	Samuel Dimas	2022
10	Nenhum nome serve para dizer o fogo: espiritualidade e poesia em José Tolentino Mendonça	Marcio Cappelli	2022
11	Uma poética do corpo: análise de dois poemas de José Tolentino Mendonça	Ana Claudia dos Santos	2022
12	A literatura como exercício espiritual em José Tolentino Mendonça	Alex Villas Boas; Marcio Cappelli	2023
13	A revelação divina a partir da sede na perícopes da samaritana (Jo 4,1-15): a perspectiva poética de José Tolentino Mendonça	Luis Gustavo da Silva Joaquim	2023
14	Le Dieu implicite dans la poésie de José Tolentino Mendonça	Maria José Vaz Pinto	2023
15	A construção de uma proposta de espiritualidade sensível-libertadora a partir de José Tolentino Mendonça e Gustavo Gutiérrez	José Antônio Boareto	2024
16	A poesia de José Tolentino Mendonça como exercício espiritual: elementos para uma aproximação conceitual em sua obra	Alex Villas Boas; Marcio Cappelli	2024
17	Humanização e amizade: uma proposta de vida evangélica	Glauco Alberto Faria de Souza	2024
18	Tolentino e a espiritualidade da encarnação	Reginaldo Marcolino	2024
19	A mudança da instrumentalização espiritual para uma espiritualidade dos sentidos a	Fabio Luiz Ribeiro	2024
20	Encarnação, interpretação, atualização da Palavra de Deus à luz do Vaticano II e do pensamento poético de José Tolentino Mendonça	Elton da Silva Santana	2024
21	Um belo itinerário poético na oração do Pai-Nosso do Breviário Caldeu	Alex da Silva Mendes	2024
22	A Poesia da Encarnação em José Tolentino Mendonça	João Melo e Silva Junior	2024
23	A humanidade de Deus: uma aproximação entre José María Castillo e José Tolentino Mendonça	Eliabe Simplicio da Silva; Jefferson Zeferino	2024

Artigos de José Tolentino Mendonça

Nº	TÍTULO	ANO
1	Jesus Cristo, Palavra definitiva do Pai	1996
2	A pessoa como valor absoluto na Bíblia	1997
3	O Espírito Santo: Senhor que dá a Vida	1997
4	Método pragmático de interpretação da Bíblia	1997
5	Os caminhos marítimos de Deus	1998
6	A providência como ternura de Deus	2002
7	La providencia como ternura de Dios. La fe bíblica y la herencia clásica	2002
8	Opatrzność jako Bożą tkliwość	2002
9	Uma poética do apagamento	2003
10	A Palavra representada: Escritura e estética	2003
11	O espaço como categoria cristológica em Lc 7,36-50	2003
12	O espaço social da refeição	2004
13	Identidade e enigma: a interacção dos personagens na secção galilaica de Lucas	2005
14	O fascínio do contraste na narração lucana	2005
15	O Cântico do Cânticos pode servir a uma educação dos afetos?	2005
16	Como que a alma. Exercício de aproximação a uma metáfora	2005
17	A mediação cultural. Um novo contexto para a transmissão religiosa?	2006
18	A construção de Jesus: uma leitura narrativa de Lc 7,36-50	2006
19	A qualificação messiânica do tempo. O caso de uma fórmula temporal no primeiro Evangelho do Cânone cristão	2007
20	A sexualidade na Bíblia: morfologias e trajectórias	2007
21	Poémes	2007
22	A radical Humanidade de Jesus	2007
23	As declinações do amor - uma curiosidade do texto lucano	2007
24	A poesia ou A arte de varrer o pátio	2008
25	De que espírito somos	2008
26	Eu sou o Belo Pastor	2008

27	A Bíblia e o Fantástico	2009
28	La poesia che ci salva	2009
29	Poética da Escrit (ur) a	2009
30	Emaús, laboratório da fé pascal	2010
31	Bíblia e literatura: a reconstrução da evidência	2010
32	O acto de ler como acto de justiça	2011
33	O vazio verde. Evocação de José Augusto Mourão	2011
34	The reactivation of Paul: A critical dialogue on Giorgio Agamben	2011
35	Vocabulário e gestos rituais no NT. Pequeno guia para viajar aberto	2013
36	O que resta de Deus	2013
37	É por um mapa secreto que se chega ao coração de um lugar	2014
38	Pace e silenzio	2014
39	A fragilidade de Deus: notas sobre um paradoxo paulino (1 Cor 1,25)	2015
40	Radicalidade da vocação cristã e comunhão eclesial: interpelações das comunidades paulinas	2015
41	What are we talking about when are talking	2015
42	La misericórdia ha bisogno di uno specchio. Tornare alla parabola del Figliol Prodigo (Lc 15,11-32)	2016
43	O relato da experiência missionária nas cartas de Paulo	2016
44	La lectura infinita: Escritura e interpretación	2017
45	In che senso si può parlare di fragilità di Dior?	2017
46	Creio na nudez da minha vida - onde a mística e a literatura se encontram	2020
47	Sobre o uso do termo vulnerabilidade	2021
48	Por qué el Nuevo Testamento habla de los poetas?	2022

Revista Expresso

Nº	TÍTULO	SEMANÁRIO	DATA
1	O testemunho de Jesus Christo	#2167	09/05/14

2	O que é feito do nosso desejo?	#2168	16/05/14
3	Cantar	#2169	22/05/14
4	O cidadão Charles Péguy entrará no panteão	#2170	30/05/14
5	Louvor de H. H.	#2171	06/06/14
6	Olhar para a vida	#2172	12/06/14
7	A velhice ofendida	#2173	20/06/14
8	O elogio da frugalidade	#2174	27/06/14
9	O elogio da perseverança	#2175	04/07/14
10	O Messias vem ao sábado	#2176	11/07/14
11	Sobre uma carta de Rosa Luxemburgo	#2177	18/07/14
12	O homem que inventou a roda	#2178	25/07/14
13	O que se passa com a Igreja católica?	#2193	07/11/14
14	Pensar o uso como alternativa	#2194	14/11/14
15	Habitar, cuidar	#2195	21/11/14
16	Habeas corpus	#2196	28/11/14
17	A resposta	#2197	05/12/14
18	A nossa mesa de Natal	#2198	12/12/14
19	Há um dia em que Deus vem	#2199	19/12/14
20	O tempo da compaixão	#2200	26/12/14
21	A alegria também se aprende	#2201	02/01/15
22	Uma gota a cair no mar	#2202	09/01/15
23	O humor é a liberdade	#2203	16/01/15
24	Eu falo às paredes	#2204	23/01/15
25	O que se passa convosco?	#2205	30/01/15
26	A espiritualidade clandestina de Saramago	#2206	06/02/15
27	Natureza-morta com batatas	#2207	13/02/15
28	Tempo de quaresma	#2208	20/02/15
29	Mário Soares e Deus	#2209	27/02/15
30	Isso um workaholic não sabe	#2210	06/03/15
31	Literatura e sofrimento	#2211	13/03/15

32	Adília	#2212	20/03/15
33	Uma semana para ouvir Bach	#2213	27/03/15
34	Aproximações a Jesus	#2214	02/04/15
35	Que a tua mão esquerda saiba o que faz a direita	#2215	10/04/15
36	Hóspedes do grande mistério do mundo	#2216	17/04/15
37	A tigela de Poussin	#2217	24/04/15
38	Um sem-abrigo entre os príncipes	#2219	08/05/15
39	Sobre a educação	#2220	15/05/15
40	O elogio da carta	#2221	22/05/15
41	A religião do futebol	#2222	29/05/15
42	Stanca Luce ou os benefícios do cansaço	#2223	05/06/15
43	Somos analfabetos do silêncio	#2224	12/06/15
44	A encíclica verde do Papa Francisco	#2225	19/06/15
45	Saudades para Alberto Vaz da Silva	#2226	26/06/15
46	Paragem em Inhotim	#2227	03/07/15
47	Montevideu	#2228	10/07/15
48	A vida sem mais	#2236	04/09/15
49	Refugiados	#2237	11/09/15
50	Voltar a casa	#2238	18/09/15
51	Carrie & Lowell	#2239	25/09/15
52	Até agora não houve resposta	#2240	01/10/15
53	Aprender com fragilidade	#2241	09/10/15
54	Teresa	#2242	16/10/15
55	Frankfurt	#2243	23/10/15
56	Funeral em vida	#2244	30/10/15
57	Mobilização total	#2245	06/11/15
58	O Pacto das Catacumbas	#2246	13/11/15
59	A desconhecida voz do real	#2247	20/11/15
60	Carta ao Pai Natal	#2248	27/11/15
61	A misericórdia como caminho	#2249	04/12/15

62	Amanhã	#2250	11/12/15
63	Natal na frente de luta	#2251	18/12/15
64	Deus	#2252	23/12/15
65	Que é pois o tempo?	#2253	30/12/15
66	A Bíblia e os escritores	#2254	08/01/16
67	Petição ao Papa pela abolição do inferno	#2255	15/01/16
68	Breve introdução à arte do abraço	#2256	21/01/16
69	O turista do século XXI	#2257	29/01/16
70	Este país não é para escritores	#2258	05/02/16
71	O grito	#2259	12/02/16
72	Tarkovski	#2260	19/02/16
73	Não matarás	#2261	26/02/16
74	O céu e o inferno	#2262	04/03/16
75	Como viajar com um salmão	#2263	11/03/16
76	Semana santa	#2264	18/03/16
77	Cartas a um jovem poeta	#2265	24/03/16
78	A arte de corrigir	#2266	01/04/16
79	Abril	#2267	08/04/16
80	“Amoris Laetitia”	#2268	15/04/16
81	Constrói para ti um jardim	#2269	22/04/16
82	Por uma contemplação afetiva do real	#2270	29/04/16
83	Carlos Pontes Leça	#2271	06/05/16
84	A teologia de Bruce Springsteen	#2272	13/05/16
85	A herança de meu pai	#2273	20/05/16
86	O que nos salva é o olhar	#2274	27/05/16
87	Cara Maria Filomena Molder	#2275	03/06/16
88	A bicicleta de Cioran	#2276	09/06/16
89	O verbo cozinhar	#2277	17/06/16
90	O verbo sonhar	#2278	24/06/16
91	O verbo plantar	#2279	01/07/16

92	O verbo ver	#2280	08/07/16
93	O verbo repousar	#2281	15/07/16
94	O verbo regressar	#2282	22/07/16
95	O verbo dançar	#2283	29/07/16
96	O verbo relatar	#2285	12/08/16
97	O verbo rir	#2286	19/08/16
98	O verbo aventurar-se	#2287	26/08/16
99	O inapagável som do silêncio	#2288	02/09/16
100	O tempo como dom	#2289	09/09/16
101	O escadote da Senhora Reiche	#2290	16/09/16
102	As pirâmides	#2291	23/09/16
103	O espírito de Assis	#2292	30/09/16
104	Quem tem medo de Elena Ferrante?	#2293	07/10/16
105	Cartas ao pai	#2294	14/10/16
106	Meteorologia	#2295	21/10/16
107	Tudo começa pelo espanto	#2296	28/10/16
108	Uma outra voz da América	#2297	04/11/16
109	Precisamos da imaginação	#2298	11/11/16
110	Católicos à esquerda	#2299	18/11/16
111	Desconversar	#2300	25/11/16
112	O advento e a indústria dos chocolates	#2301	02/12/16
113	Desembrulhar o Natal	#2302	09/12/16
114	O sagrado segundo Álvaro Siza	#2303	16/12/16
115	Esse desconhecido chamado Jesus	#2304	22/12/16
116	Levanta-te e dança	#2305	30/12/16
117	A gorda	#2306	06/01/17
118	A imbecilidade é uma coisa séria	#2308	20/01/17
119	Sessão de cinema	#2309	27/01/17
120	Salário mínimo	#2310	03/02/17
121	Eurico Carrapatoso	#2311	10/02/17

122	Rádio Aurora, a outra voz	#2312	17/02/17
123	Quarta-feira de cinzas	#2313	24/02/17
124	O direito a desconectar-se	#2314	03/03/17
125	Primavera	#2315	10/03/17
126	Voltar a Raul Brandão	#2316	17/03/17
127	Os amigos	#2317	24/03/17
128	Quando os filhos não leem	#2318	31/03/17
129	Contemplar o crucificado	#2319	07/04/17
130	Pietà	#2320	13/04/17
131	A sobrevivência do anjo	#2321	21/04/17
132	Do bom uso do fracasso	#2322	28/04/17
133	O (des)aparecimento da Virgem	#2323	05/05/17
134	O Papa Francisco não é um óvni	#2324	12/05/17
135	Carta aberta a Henrique Raposo	#2325	19/05/17
136	Pais ou amigos dos filhos	#2326	26/05/17
137	O tempo, maldito e bendito	#2327	02/06/17
138	Sabemos o que é um livro?	#2328	09/06/17
139	A aventura de não ir a parte nenhuma	#2329	16/06/17
140	O lago	#2330	23/06/17
141	Ramadão	#2331	30/06/17
142	O verbo parar	#2332	07/07/17
143	O verbo rezar	#2333	15/07/17
144	O verbo repetir	#2334	21/07/17
145	O verbo contrabalançar	#2335	28/07/17
146	O verbo fotografar	#2336	04/08/17
147	O verbo desembarcar	#2337	11/08/17
148	O verbo saudar	#2338	18/08/17
149	O verbo milagrar	#2339	25/08/17
150	O verbo romancear	#2340	01/09/17
151	O elogio do desencontro	#2341	08/09/17

152	Cuidar da esperança	#2342	15/09/17
153	Diário Italiano	#2343	22/09/17
154	A fome que nos mantém	#2344	28/09/17
155	O coração no sítio certo	#2345	06/10/17
156	Mudar o paradigma do trabalho	#2346	14/10/17
157	Mudar o paradigma de viagem	#2347	20/10/17
158	Nélida Piñon	#2348	27/10/17
159	Padre Henrique Noronha Galvão	#2349	03/11/17
160	Dignos de ser amados	#2350	10/11/17
161	Da nossa necessidade de consolação	#2351	17/11/17
162	Novos mapas do território	#2352	24/11/17
163	O que um computador não pode fazer	#2353	30/11/17
164	As folhas	#2354	07/12/17
165	À espera do Natal	#2355	16/12/17
166	Uma pergunta de Natal	#2356	22/12/17
167	Porque há tantos migrantes e refugiados?	#2357	29/12/17
168	O ruído que se faz a voar	#2358	05/01/18
169	Troco tudo	#2359	12/01/18
170	Um berro que se oiça	#2360	19/01/18
171	O cristianismo reencontra as periferias	#2361	26/01/18
172	Os 50 anos da Universidade Católica	#2362	02/02/18
173	Uma educação pela sede	#2363	09/02/18
174	Vamos ao degelo?	#2364	16/02/18
175	As tentações de Jesus	#2365	23/02/18
176	A voz humana	#2366	02/03/18
177	Francisco	#2367	09/03/18
178	A oração muçulmana	#2368	16/03/18
179	O direito à solidão	#2369	23/03/18
180	O grito de Jesus	#2370	29/03/18
181	Um prego de luz	#2371	06/04/18

182	A classe média da santidade	#2372	13/04/18
183	A felicidade dos outros	#2373	20/04/18
184	Demasiados velhos para voar?	#2374	27/04/18
185	Canaletto	#2375	04/05/18
186	Instruções para fracassar melhor	#2376	11/05/18
187	Os Maios de Clara Menéres	#2377	18/05/18
188	São sempre os mesmos que morrem	#2378	25/05/18
189	O pouco que sabemos da esperança	#2379	01/06/18
190	Do que nos atinge	#2380	08/06/18
191	Manuel Rosa, a fresta do mundo	#2381	15/06/18
192	Souto de Moura: uma capela no bosque	#2382	23/06/18
193	A sopa e as nuvens	#2383	29/06/18
194	Andar a pé	#2388	03/08/18
195	Andar para trás	#2389	10/08/18
196	Andar junto ao chão	#2390	18/08/18
197	Algumas notas sobre a gentileza	#2391	24/08/18
198	Contrariar os tempos sombrios	#2392	31/08/18
199	Preciso do teu rosto esta manhã	#2393	07/09/18
200	Quando o verão chegar ao fim	#2394	14/09/18
201	A felicidade que não existe	#2395	21/09/18
202	O longo caminho para chegar a si	#2396	28/09/18
203	Como se víssemos o invisível	#2397	04/10/18
204	Uma aliança entre gerações	#2398	12/10/18
205	A pequena música do outono	#2399	19/10/18
206	De que lado está o coração?	#2400	26/10/18
207	O dever de transmitir	#2401	02/11/18
208	Farmácia da alma	#2402	09/11/18
209	The game	#2403	16/11/18
210	Retornar à beleza	#2404	23/11/18
211	Teoria da História	#2405	30/11/18

212	A interrupção	#2406	07/12/18
213	Conto de Natal	#2407	12/12/18
214	A solidão própria do Natal	#2408	21/12/18
215	A luz de uma benção	#2409	28/12/18
216	A vida a nascer	#2410	04/01/19
217	A esperança digna de espanto	#2411	11/01/19
218	Os gestos de cada dia	#2412	18/01/19
219	A justiça como tarefa	#2413	25/01/19
220	O infinito não é uma mercadoria	#2414	01/02/19
221	O que é escutar?	#2415	08/02/19
222	A beleza da família	#2416	15/02/19
223	A perfeita alegria	#2417	22/02/19
224	O sabor de Deus	#2418	01/03/19
225	É possível fazer alguma coisa	#2419	08/03/19
226	O conhecimento da dor	#2420	15/03/19
227	O humor do cardeal	#2421	22/03/19
228	Voltaremos às aldeias?	#2422	29/03/19
229	Viste já o Leopardo-das-neves?	#2423	05/04/19
230	Salvos pela fraqueza	#2424	12/04/19
231	Esvaziamento e glória	#2425	18/04/19
232	Ajuda-me a ver	#2426	26/04/19
233	A profissão de viver	#2427	03/05/19
234	A mais antiga flor do mundo	#2428	10/05/19
235	O sentido do coração	#2429	17/05/19
236	Tesouros Portugueses	#2430	23/05/19
237	Um abraço a José Mattoso	#2431	31/05/19
238	Daniel	#2432	07/06/19
239	O peixe	#2433	14/06/19
240	A cicatriz	#2435	28/06/19
241	A diáspora Portuguesa	#2438	21/07/19

242	Férias	#2439	29/07/19
243	Emergência ecológica	#2442	17/08/19
244	Conversem uns com os outros	#2443	24/08/19
245	Arte involuntária	#2448	28/09/19
246	Escutar o futuro	#2449	05/10/19
247	Passe-vite	#2451	19/10/19
248	A vida cotidiana	#2452	27/10/19
249	A curva da estrada	#2453	02/11/19
250	O burro do presépio e todos os outros	#2454	10/11/19
251	Os pobres	#2455	16/11/19
252	Utopias Vocais	#2456	23/11/19
253	A clínica do vazio	#2457	30/11/19
254	O quarto do filho	#2458	07/12/19
255	A palavra do ano	#2459	14/12/19
256	A solidão do Natal	#2460	21/12/19
257	Tempo e conta	#2461	28/12/19
258	O abraço	#2462	04/01/20
259	A arrábida	#2463	10/01/20
260	O futuro da ética: dos entraves à esperança?	#2464	17/01/20
261	Xarabanda	#2464	18/01/20
262	Não só de números	#2465	25/01/20
263	Estranho mundo novo	#2466	01/02/20
264	10 razões civis contra a eutanásia	#2467	08/02/20
265	Os selfistas	#2468	15/02/20
266	Querida amazónia	#2469	22/02/20
267	Pensar a cidade	#2470	29/02/20
268	Libroterapia	#2472	14/03/20
269	Amarcord	#2473	21/03/20
270	Não é uma mentira a primavera	#2474	28/03/20
271	A pergunta decisiva	#2476	10/04/20

272	10 perguntas para o pós-covid-19	#2477	18/04/20
273	Honra os teus velhos	#2478	25/04/20
274	Rua Moraes Soares	#2479	01/05/20
275	Normalidade	#2480	09/05/20
276	Karol Wojtyła	#2481	16/05/20
277	A solidão não se mede a palmos	#2482	23/05/20
278	Vamos à escola	#2483	31/05/20
279	Tzimtzum	#2484	06/06/20
280	A amizade é uma pátria	#2485	13/06/20
281	O santo António de Agostina	#2486	20/06/20
282	Capacidade negativa	#2487	26/06/20
283	As cigarras	#2488	04/07/20
284	Um dia esta dor vai nos ser útil	#2489	10/07/20
285	Que fazes tu no céu, ó lua?	#2490	17/07/20
286	Férias	#2491	25/07/20
287	O tomista gentil	#2492	01/08/20
288	Crianças feitas para grandes férias	#2493	08/08/20
289	Quatro razões para ler Esquirol	#2494	15/08/20
290	Cesare Pavese e o Verão	#2495	22/08/20
291	O desejo de uma benção	#2496	29/08/20
292	A minha professora	#2497	05/09/20
293	Conheces a montanha?	#2498	12/09/20
294	Ventos de intolerância	#2499	19/09/20
295	O interruptor	#2500	26/09/20
296	Todos irmãos	#2501	03/10/20
297	A amizade social	#2502	10/10/20
298	Falemos de cartas	#2503	17/10/20
299	O livro como património	#2504	24/10/20
300	A morte é uma flor	#2505	01/11/20
301	Lidar com a repetição	#2506	07/11/20

302	A máscara	#2507	13/11/20
303	Cogumelos, música e silêncio	#2508	20/11/20
304	Esfregar o segundo degrau	#2509	27/11/20
305	Advento	#2510	04/12/20
306	Que horas são aí?	#2511	11/12/20
307	Ensaio sobre a dádiva	#2512	18/12/20
308	Para não matarmos a alma	#2513	24/12/20
309	Contar os nossos dias	#2514	31/12/20
310	O que aprendemos com o ano que passou	#2515	08/01/21
311	O patrimônio da dúvida	#2516	15/01/21
312	Os abraços não dados	#2517	22/01/21
313	Resiliência	#2518	29/01/21
314	Cuidar da vida frágil	#2519	05/02/21
315	Dostoiévski, nosso contemporâneo	#2520	12/02/21
316	A quaresma como terapia	#2521	19/02/21
317	Boa vizinhança	#2522	26/02/21
318	Qualquer coisa de diferente	#2523	05/03/21
319	A mala de viagem é o planeta	#2524	12/03/21
320	O que é um pai?	#2525	19/03/21
321	As lágrimas de Pedro	#2526	26/03/21
322	Aleluia	#2527	01/04/21
323	Os hospitais do século XX	#2528	09/04/21
324	Os mestres do inútil	#2529	16/04/21
325	Milagres de todos os dias	#2530	23/04/21
326	O pessimismo dos jovens	#2531	30/04/21
327	Chegar a Fátima a pé	#2532	07/05/21
328	Sobre o bom uso dos estudos	#2533	14/05/21
329	Pentecostes	#2534	21/05/21
330	Como viveremos juntos	#2535	28/05/21
331	A aprendizagem da alegria	#2536	04/06/21

332	A casca e a pérola	#2537	11/06/21
333	Tempo de férias	#2538	18/06/21
334	Ontologia Portuguesa	#2539	25/06/21
335	Edgar Morin	#2540	02/07/21
336	Veneza e livros	#2541	09/07/21
337	Viajantes	#2542	16/07/21
338	Interessar-se pela Humanidade	#2543	23/07/21
339	Jogos infinitos	#2544	30/07/21
340	Comunicação e solidão	#2545	06/08/21
341	O que fez São Domingos	#2546	13/08/21
342	Recomeçar	#2551	17/09/21
343	Os dias de Dante	#2552	24/09/21
344	O barco vazio	#2553	01/10/21
345	Nós e os outros	#2554	09/10/21
346	Caminho Sinodal	#2555	16/10/21
347	A síndrome da cabana	#2556	23/10/21
348	Irmã morte	#2557	30/10/21
349	A fotografia	#2558	06/11/21
350	O cristianismo precisa da imaginação	#2559	13/11/21
351	Laços de família	#2560	20/11/21
352	Cantigas de ninar	#2561	27/11/21
353	Advento	#2562	04/12/21
354	Universo e metaversos	#2563	11/12/21
355	Este sentimento oceânico	#2564	18/12/21
356	Hoje valemos mais	#2565	23/12/21
357	O caminho do não sei	#2566	30/12/21
358	O herbário da infelicidade	#2576	11/03/22
359	Este momento da História	#2577	18/03/22
360	Aprender a cuidar	#2578	25/03/22
361	O poema da terra	#2579	31/03/22

362	Entrar na Semana Santa	#2580	07/04/22
363	Tudo será aleluia	#2581	13/04/22
364	A possibilidade de conversar	#2582	21/04/22
365	Um cão parado no parque	#2583	28/04/22
366	A dificuldade de ser	#2584	05/05/22
367	Um viajante na noite	#2585	12/05/22
368	Um ministério para as crianças	#2586	19/05/22
369	Encruzilhadas da Europa	#2587	26/05/22
370	Yves Klein e Santa Rita	#2588	02/06/22
371	Finalmente um pouco de luz	#2589	08/06/22
372	Tonar ao espanto	#2590	16/06/22
373	Cidades futuras	#2591	23/06/22
374	Vida maravilhosa	#2592	30/06/22
375	A vida que sabe de si	#2593	07/07/22
376	O verão como parábola	#2595	21/07/22
377	Conversar	#2596	29/07/22
378	Falar de gerações	#2597	04/08/22
379	O azul deveras	#2602	08/09/22
380	Recomeçar	#2603	15/09/22
381	Jornada mundial da juventude	#2604	22/09/22
382	Um tempo que nos é dado	#2605	29/09/22
383	Iron Brothers	#2606	06/10/22
384	A terra gasta	#2607	13/10/22
385	O violino que chegou do mar	#2608	20/10/22
386	Misericórdia	#2609	27/10/22
387	Aprender a morrer	#2610	03/11/22
388	Jorge Martins e a alegria	#2611	10/11/22
389	O que nos dá o outono	#2612	17/11/22
390	A regra	#2613	24/11/22
391	A substância das coisas esperadas	#2614	01/12/22

392	“Aniki Bóbó”	#2615	08/12/22
393	Calendário de Advento	#2616	15/12/22
394	Agora nasce tu	#2617	22/12/22
395	O que é que aprendemos	#2618	29/12/22
396	Amanhecer	#2619	05/01/23

Poesias

Nº	TÍTULO	ANO	AUTOR
1	Os dias contados	1990	José Tolentino Mendonça
2	Longe não sabia	1997	José Tolentino Mendonça
3	A que distância deixaste o coração	1998	José Tolentino Mendonça
4	Baldios	1999	José Tolentino Mendonça
5	De igual para igual	2001	José Tolentino Mendonça
6	A estrada branca	2005	José Tolentino Mendonça
7	Tábuas de pedra	2006	José Tolentino Mendonça
8	La notte apre i miei occhi	2006	José Tolentino Mendonça
9	O viajante sem sono	2009	José Tolentino Mendonça
10	Estação central	2012	José Tolentino Mendonça
11	A papoila e o monge	2013	José Tolentino Mendonça
12	Teoria da fronteira	2017	José Tolentino Mendonça
13	Introdução à pintura rupestre	2021	José Tolentino Mendonça
14	A noite abre meus olhos	2024	José Tolentino Mendonça
15	O centro da terra	2024	José Tolentino Mendonça

Outras obras

Nº	TÍTULO	ANO	AUTOR
1	As estratégias do desejo	1994	José Tolentino Mendonça
2	Se eu quiser falar com Deus	1996	José Tolentino Mendonça
3	Cântico dos cânticos	1999	José Tolentino Mendonça
4	Retiro aberto. Para uma mística do cotidiano. A sabedoria e o tempo: a Arte da Esperança	2001	José Tolentino Mendonça
5	Histórias escolhidas da Bíblia	2002	José Tolentino Mendonça
6	A construção de Jesus: uma leitura narrativa de Lc 7,36-50	2004	José Tolentino Mendonça
7	Perdoar Helena	2005	José Tolentino Mendonça
8	Bíblia ilustrada, vl. I	2006	José Tolentino Mendonça; Ilda David'
9	Bíblia ilustrada, vl. II	2006	José Tolentino Mendonça; Ilda David'
10	Bíblia ilustrada, vl. III	2007	José Tolentino Mendonça; Ilda David'
11	Bíblia ilustrada, vl. IV	2007	José Tolentino Mendonça; Ilda David'
12	Bíblia ilustrada, vl. V	2007	José Tolentino Mendonça; Ilda David'
13	Bíblia ilustrada, vl. VI	2007	José Tolentino Mendonça; Ilda David'
14	Bíblia ilustrada, vl. VII	2007	José Tolentino Mendonça; Ilda David'
15	Bíblia ilustrada, vl. VIII	2008	José Tolentino Mendonça; Ilda David'
16	Pentateuco	2007	José Tolentino Mendonça; Ilda David'
17	A leitura infinita: a bíblia e a sua interpretação	2008	José Tolentino Mendonça
18	O hipopótamo de Deus e outros textos	2010	José Tolentino Mendonça
19	Pai-nosso que estais na terra: o Pai-Nosso aberto a crentes e não crentes	2011	José Tolentino Mendonça
20	Encontrar y poseer el tesoro escondido	2011	José Tolentino Mendonça
21	Il tesoro nascosto. Per un'arte della ricerca interiore	2011	José Tolentino Mendonça
22	Nenhum caminho será longo: para uma teologia da amizade	2012	José Tolentino Mendonça
23	Ningún camino sera largo.	2012	José Tolentino Mendonça

24	Padre Nuestro que estás na la tierra. El Padre Nuestro para creyentes y no creyentes	2012	José Tolentino Mendonça
25	Ukryty poklad. Umení duchovního hledání	2012	José Tolentino Mendonça
26	O tesouro escondido: para uma busca interior	2012	José Tolentino Mendonça
27	Die Kunst, zur eigenen Mitte zu finden. Glaube und Persönlichkeit	2012	José Tolentino Mendonça
28	O estado do bosque	2013	José Tolentino Mendonça
29	Nessun cammino sarà lungo. Per una dell'amicizia	2013	José Tolentino Mendonça
30	Padre Nostro che sei in terra	2013	José Tolentino Mendonça
31	Os rostos de Jesus: uma revelação	2013	José Tolentino Mendonça; Duarte Belo
32	Our Father, Who Art on Earth: The Lord's Prayer for Believers and Unbelievers	2013	José Tolentino Mendonça
33	Otce náš, jenž jsi na zemi	2013	José Tolentino Mendonça
34	Notre Père qui es sur la terre	2013	José Tolentino Mendonça
35	Přátelství je víc než láska. Na cestě k teologu přátelství	2013	José Tolentino Mendonça
36	Vater unser auf Erden. Das Gebet Jesus für Glaubende und Zweifler	2013	José Tolentino Mendonça
37	A mística do instante	2014	José Tolentino Mendonça
38	Petit traité de l'amitié	2014	José Tolentino Mendonça
39	The Hidden Treasure: The Art of Searching Within	2014	José Tolentino Mendonça
40	Ningún camino será largo. Para una teología de la amistad	2014	José Tolentino Mendonça
41	Esperar contra toda esperança	2015	José Tolentino Mendonça
42	No journey will be too long. Friendship in Christian life	2015	José Tolentino Mendonça
43	Que coisas são as nuvens	2015	José Tolentino Mendonça
44	Religion and Culture in the Process of Global Change: Portuguese Perspectives	2015	José Tolentino Mendonça
45	La mistica dell'istante	2015	José Tolentino Mendonça
46	L'ippopotamo di Dio: Farsi domande vale più che darsi rapide		
47	Liberiamo il tempo. Piccolo manuale sull'arte di vivere	2016	José Tolentino Mendonça
48	Desporto, ética e transcendência	2016	José Tolentino Mendonça
49	Le temps et la promesse: pour une spiritualité de l'instant présente	2016	José Tolentino Mendonça
50	Corrigir os que erram	2016	José Tolentino Mendonça
51	Um Deus que dança: itinerários para a oração	2016	José Tolentino Mendonça

52	Ammonire i peccatori. Dio non desiste da nessuno	2016	José Tolentino Mendonça
53	Escuela del silencio	2016	José Tolentino Mendonça
54	Gesù. La sorpresa di un ritratto	2016	José Tolentino Mendonça
55	Ser misericordiosos con los pecadores. Dios no se aparta de nadie	2016	José Tolentino Mendonça
56	Hacia una espiritualidad de los sentidos	2016	José Tolentino Mendonça
57	Vers una espiritualitat dels sentis	2016	José Tolentino Mendonça
58	Jesus and the woman: Revealing God's mercy	2017	José Tolentino Mendonça
59	Libertar o tempo: para uma espiritualidade do presente	2017	José Tolentino Mendonça
60	Chiamate in attesa	2017	José Tolentino Mendonça
61	O pequeno caminho das grandes perguntas	2017	José Tolentino Mendonça
62	La lettura infinita: La Bibbia e la sua interpretazione	2017	José Tolentino Mendonça
63	La construcción de Jesús: la sorpresa de un retrato	2017	José Tolentino Mendonça
64	Pequeña teología de la lentitud	2017	José Tolentino Mendonça
65	Elogio da sede	2018	José Tolentino Mendonça
66	Requiem da aurora da amanhã	2018	José Tolentino Mendonça
67	A construção de Jesus: a dinâmica narrativa de Lucas	2018	José Tolentino Mendonça
68	Elogio della sete	2018	José Tolentino Mendonça
69	Elogio de la Sed	2019	José Tolentino Mendonça
70	Nos passos de Etty Hillesum	2019	José Tolentino Mendonça; Filipe Condado
71	Uma beleza que nos pertence	2019	José Tolentino Mendonça
72	Elogi de la Set	2019	José Tolentino Mendonça
73	O que é amar um país: o poder da esperança	2020	José Tolentino Mendonça
74	Rezar de olhos abertos	2020	José Tolentino Mendonça
75	A questão sobre Deus é o não saber explicar: uma conversa sobre arte, arquitetura e espiritualidade	2022	José Tolentino Mendonça; Álvaro Siza
76	Metamorfose necessária: reler São Paulo	2022	José Tolentino Mendonça
77	As coisas podem mudar. Conferências de abertura e de encerramento do ano <i>Laudato Si'</i>	2022	José Tolentino Mendonça; Luis Antonio Tagle
78	A vida em nós	2024	José Tolentino Mendonça